HEATHER MORRIS



Baseado em uma história real de amor, coragem e esperança

A VIAGEM DE CILKA

A incrível sequência do best-seller
#1 do The New York Times
O TATUADOR DE AUSCHWITZ



Planeta

A VIAGEM DE
CILKA

HEATHER MORRIS

A VIAGEM DE CILKA

Tradução
Petê Rissatti

Planeta

Copyright © Heather Morris, 2019
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020
Todos os direitos reservados.
Título original: *Cilka's Journey*

Preparação: Laura Folgueira
Revisão: Barbara Parente e Mariana Rimoli
Diagramação: Maria Beatriz Rosa
Capa: adaptada do projeto gráfico original de Nick Stearn
Imagem de capa: Sputnik/Alamy Stock Photo
Adaptação para eBook: Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Morris, Heather
A viagem de Cilka / Heather Morris; tradução de Petê Rissatti. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.
304 p.

ISBN: 978-65-553-5000-5
Título original: Cilka's Journey

1. Ficção inglesa 2. Auschwitz (Campo de concentração) - Ficção 3. Guerra Mundial, 1939-1945 - Ficção I. Título II. Rissatti, Petê

20-1383 CDD 823

2020
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Para meus netos Henry, Nathan, Jack, Rachel e Ashton. Nunca se esqueçam da coragem, do amor, da esperança que recebemos daqueles que sobreviveram e daqueles que não sobreviveram.

NOTA DA AUTORA

Esta é uma obra de ficção baseada naquilo que conheci a partir do testemunho em primeira mão de Lale Sokolov, o tatuador de Auschwitz, sobre Cecilia "Cilka" Klein, que ele conheceu em Auschwitz-Birkenau, no testemunho de outros que a conheceram e em pesquisas feitas por mim. Embora mescle fatos e trabalho investigativo com experiências de mulheres sobreviventes do Holocausto e experiências de mulheres enviadas ao sistema soviético de gulag no fim da Segunda Guerra Mundial, é um romance e não representa todos os fatos da vida de Cilka. Além disso, contém uma mistura de personagens: algumas inspiradas por figuras reais, em alguns momentos representando mais de uma pessoa, outras completamente imaginadas. Há muitos relatos factuais que documentam essas épocas terríveis de nossa história, e eu incentivaria quem tiver interesse a procurá-los.

Para mais informações sobre Cecilia Klein e sua família e sobre os gulagui, confira o final deste romance. Espero que mais detalhes sobre Cilka e aqueles que a conheceram continuem a vir à tona assim que o livro for publicado.

Heather Morris, outubro de 2019

1

Campo de concentração de Auschwitz, 27 de janeiro de 1945

Cilka encara o soldado em pé a sua frente, parte do Exército que havia entrado no campo. Ele fala alguma coisa em russo, depois em alemão. O soldado está diante da garota de dezoito anos. "*Du bist frei.*" Você está livre. Ela não sabe se realmente ouviu as palavras dele. Os únicos russos que Cilka tinha visto antes daquele momento, no campo de concentração, eram macilentos, mortos de fome – prisioneiros de guerra.

Seria possível que a liberdade existisse? Seria possível aquele pesadelo terminar?

Como ela não reage, ele se curva e pousa as mãos nos ombros dela. Ela se encolhe.

Ele rapidamente afasta as mãos.

— Desculpe, não quis assustá-la — ele continua, em alemão hesitante. Balançando a cabeça, parece concluir que ela não o compreende. Faz um gesto largo e lentamente

repete as palavras. — Você está livre. Está em segurança. Somos o Exército Soviético e estamos aqui para ajudá-la.

— Entendi — sussurra Cilka, apertando o casaco que esconde sua compleição pequenina.

— Você entende russo?

Cilka meneia a cabeça, concordando. Ela cresceu falando um dialeto eslavo oriental, o ruteno.

— Qual é o seu nome? — ele pergunta com gentileza.

Cilka ergue os olhos e fita os do soldado, dizendo em voz clara:

— Meu nome é Cecilia Klein, mas meus amigos me chamam de Cilka.

— Que nome bonito — comenta ele. É estranho estar olhando um homem que não seja um de seus captores e que esteja tão saudável. Seus olhos claros, as maçãs do rosto cheias, o cabelo claro saindo debaixo do quepe. — De onde você é, Cilka Klein?

As lembranças de sua antiga vida haviam esvanecido, ficado turvas. Em algum momento, tornou-se doloroso demais lembrar que sua vida antiga, com sua família, em Bardejov, existiu.

— Vim da Tchecoslováquia — diz ela com voz trêmula.

Campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, fevereiro de 1945

Cilka está sentada no barracão, o mais perto possível de uma fornalha que emana calor. Ela sabe que já chamou atenção.

As outras mulheres saudáveis, inclusive suas amigas, tinham sido forçadas pela SS a marchar para fora do campo semanas antes. Os prisioneiros remanescentes estão esqueléticos e adoentados ou são crianças. E há Cilka. Todos deveriam ter sido fuzilados, mas, na pressa de escaparem, os nazistas os abandonaram à própria sorte.

Outros oficiais uniram-se aos soldados – agentes da contrainteligência, segundo Cilka ouviu, embora não tenha certeza do que isso significa – para administrar uma situação para a qual o soldado comum não tinha treinamento. A agência soviética recebeu a tarefa de manter a lei e a ordem, especialmente no que dizia respeito a qualquer ameaça ao Estado Soviético. Seu papel, assim ela soube pelos soldados, é questionar cada prisioneiro para determinar sua situação quanto à prisão, em especial se colaboraram ou trabalharam com os nazistas. O Exército Alemão batendo em retirada é considerado inimigo do Estado da União Soviética, e qualquer um que possa estar ligado a ele é, por sua vez, inimigo da União Soviética.

Um soldado entra no barracão.

— Venha comigo — diz ele, apontando para Cilka. Ao mesmo tempo, uma mão agarra seu braço direito, puxando-a para ficar em pé. Várias semanas se passaram, e ver os outros sendo levados para interrogatório havia se tornado parte da rotina do bloco. Para Cilka, é apenas "sua vez". Ela tem dezoito anos e só espera que possam enxergar que ela não teve escolha a não ser fazer o que fez para sobreviver.

Não havia escolha a não ser a morte. Pode apenas esperar que logo consiga voltar para casa na Tchecoslováquia, que encontre um caminho a seguir.

Quando é levada para o prédio que o Exército Soviético está usando como quartel-general, Cilka tenta sorrir para os quatro homens sentados diante dela do outro lado da sala. Eles estão ali para punir seus captores malvados, não a ela. É um tempo bom, não haverá mais perdas. Ninguém retribui seu sorriso. Ela nota que os uniformes são um pouco diferentes daqueles dos soldados lá de fora. Há dragonas azuis no alto dos ombros, e os quepes pousados sobre a mesa à sua frente têm uma fita no mesmo tom azul, com uma faixa vermelha.

Um deles acaba sorrindo para ela e fala em uma voz gentil.

— Você poderia nos falar seu nome?

— Cecilia Klein.

— De onde você vem, Cecilia? Seu país e a cidade.

— Sou de Bardejov, na Tchecoslováquia.

— Sua data de nascimento?

— Dezessete de março de 1926.

— Há quanto tempo está aqui?

— Cheguei aqui no dia 23 de abril de 1942, logo depois de fazer dezesseis anos.

O agente faz uma pausa, examinando-a.

— Faz bastante tempo.

— Uma eternidade aqui dentro.

— O que tem feito aqui desde abril de 1942?

— Tenho sobrevivido.

— Sim, mas como sobreviveu? — Ele inclina a cabeça para ela. — Você não parece subalimentada.

Cilka não responde, mas corre a mão pelos cabelos, que ela tosquiou sozinha semanas atrás, depois de suas amigas terem sido levadas do campo.

— Você trabalhou?

— Trabalhei para sobreviver.

Os quatro homens trocam olhares. Um deles pega um pedaço de papel e finge lê-lo antes de falar.

— Temos um relatório sobre você, Cecilia Klein, que diz que você na verdade sobreviveu se prostituindo para o inimigo.

Cilka não diz nada, engole em seco, olha de um homem para outro, tentando imaginar o que estão dizendo, o que esperam que ela responda.

Outro deles fala.

— É uma questão simples. Você fodia com nazistas?

— Eles eram meus inimigos. Eu era prisioneira aqui.

— Mas você fodia com nazistas? Disseram que sim.

— Como muitas outras aqui, fui forçada a fazer o que mandavam aqueles que me aprisionaram.

O primeiro agente se levanta.

— Cecilia Klein, vamos enviá-la para Cracóvia e lá seu destino será determinado.

Nesse momento, ele se recusa a olhá-la.

— Não — diz Cilka, levantando-se. Não pode estar acontecendo. — Vocês não podem fazer isso comigo! Sou prisioneira aqui.

Um dos homens, que não tinha falado antes, pergunta em voz baixa:

— Você fala alemão?

— Sim, um pouco. Estou aqui faz três anos.

— E você fala muitas outras línguas, pelo que soubemos, embora seja tchecoslovaca.

Cilka não protesta, franze a testa, sem entender o que aquilo significa. Ela tinha aprendido alguns idiomas na escola, outros havia adquirido estando ali.

Os homens trocam olhares.

— Como fala outros idiomas, acreditamos que você seja uma espiã, presente aqui para fazer relatos a quem pagasse por suas informações. Isso será investigado em Cracóvia.

— Pode esperar uma longa sentença de trabalhos forçados — diz o primeiro oficial.

Leva um momento para Cilka reagir, e em seguida ela é agarrada pelo braço pelo soldado que a levara até aquela sala e arrastada para fora, gritando sua inocência.

— Eu fui forçada, fui estuprada! Não! Por favor!

Mas os soldados não reagem; parecem não ouvir. Seguem para a próxima pessoa.

Prisão de Montelupich, Cracóvia, julho de 1945

Cilka está agachada no canto de uma cela úmida e fedorenta.

Luta para registrar o passar do tempo. Dias, semanas, meses.

Não conversa com as mulheres ao redor. Qualquer uma que converse e seja ouvida pelos guardas é levada para fora e trazida de volta com escoriações e as roupas rasgadas. *Fique quieta, fique pequenina*, ela diz a si mesma, até saber o que está acontecendo e quais são as coisas corretas a dizer ou fazer. Ela rasga um pedaço de seu vestido para amarrar ao redor do nariz e da boca em uma tentativa de minimizar o fedor de detritos humanos, umidade e podridão.

Um dia, eles a levam para fora da cela. Desmaiando de fome e exausta pelo esforço da vigília, as figuras dos guardas e a parede e o assoalho, tudo lhe parece incorpóreo, como em um sonho. Ela está em pé em um corredor, em uma fila atrás de outras prisioneiras, lentamente se movendo na direção de uma porta. Consegue recostar-se por um momento contra uma parede morna e seca. Eles mantêm os corredores aquecidos para os guardas, mas não as celas. E embora o clima lá fora deva estar ameno no momento, a prisão parece reter o frio da noite e mantê-lo durante o dia seguinte inteiro.

Quando é a sua vez, Cilka entra em uma sala onde um oficial está sentado atrás de uma mesa, seu rosto banhado pela luz esverdeada de uma única luminária. Os oficiais ao lado da porta indicam que ela tem que ir até a mesa.

O oficial olha para um pedaço de papel.

— Cecilia Klein?

Ela olha ao redor. Está sozinha na sala com três homens corpulentos.

— Sim?

Ele olha de novo para baixo e lê no papel.

— Você foi condenada por trabalhar com o inimigo, como prostituta, e, além disso, como espiã. Foi sentenciada a quinze anos de trabalhos forçados. — Ele assina o pedaço de papel. — Deve assinar este documento para confirmar que entendeu.

Cilka entendeu todas as palavras do oficial. Ele falava alemão, e não russo. *Então, é um truque?*, pensa. Ela sente os olhos dos homens à porta sobre ela. Sabe que precisa fazer alguma coisa. Parece não ter escolha além de seguir em frente.

O oficial vira o papel e aponta para uma linha pontilhada. As letras acima estão em cirílico, o alfabeto russo. De novo, como Cilka havia vivenciado várias vezes em sua jovem vida, ela se vê com duas opções: uma, o caminho estreito que se abre diante dela; a outra, a morte.

O oficial entrega a caneta para ela, e em seguida olha na direção da porta, entediado, esperando a próxima pessoa na fila – está apenas fazendo seu trabalho.

Com mão trêmula, Cilka assina o pedaço de papel.

Somente quando é tirada da prisão e empurrada para dentro de um caminhão, ela percebe que o inverno terminou, a primavera nunca existiu e é verão. Embora o calor do sol seja um bálsamo para seu corpo frio, seu corpo

ainda vivo, o brilho fere os olhos. Antes que ela tenha a chance de ajustá-los, o caminhão para bruscamente. Ali, diante dela, há outro vagão em um trem de gado pintado de vermelho.

2

Um trem para o gulag de Vorkuta, Sibéria, 160 km a norte do Círculo Polar Ártico, julho de 1945

O assoalho do vagão de trem fechado está coberto de palha, e cada prisioneira tenta garantir um pequeno espaço para se sentar. Mulheres mais velhas gemem, bebês choramingam. O som de mulheres sofrendo – Cilka esperava nunca ter de ouvi-lo de novo. O trem está parado na estação há horas, o calor do dia transformando o compartimento em um forno. O balde de água que elas compartilham logo se esvazia. Os gritos de crianças se tornam deploráveis e secos; às velhas resta balançar-se para a frente e para trás em um transe. Cilka posta-se contra a parede e se conforta com filetes de ar que passam por pequenas fissuras. Uma mulher recosta-se nela de um lado, as costas batendo com força contra seus joelhos dobrados. Cilka deixa que ela fique ali. Não há motivo para brigar por um espaço que não existe.

Cilka sente que a noite caiu quando o trem dá o primeiro sacolejo, sua locomotiva lutando para puxar um número

desconhecido de vagões para longe de Cracóvia, para longe, ao que parece, de qualquer esperança de voltar para casa.

Então, ela se permite apenas um momento de esperança, sentada naquele bloco, naquele *outro lugar*, esperando. Ela não devia ter ousado. Está destinada a ser punida. Talvez seja o que merece. Mas, quando o trem ganha velocidade, ela jura que nunca, nunca vai terminar em um lugar como o Bloco 25 novamente.

Deve haver mais maneiras de sobreviver que não testemunhando tanta morte.

Será que algum dia ela saberá se suas amigas, que foram forçadas a marchar para fora do campo, foram levadas para um lugar seguro? Tem que ter sido assim. Ela não suporta pensar que não.

Enquanto o ritmo do trem embala as crianças e os bebês até que eles durmam, o silêncio é rompido pelo uivo de uma mãe jovem segurando um bebê macilento nos braços. A criança morreu.

Cilka imagina o que as outras mulheres fizeram para acabar aqui. São judias também? As mulheres na prisão, em sua maioria, não eram, conforme as informações que ela recolheu ao espreitar várias conversas. Ela imagina aonde estão indo. Por algum milagre, cochila.

Uma freada repentina do trem lança as passageiras para todos os lados. Cabeças batem, membros se torcem e suas donas gritam de dor. Cilka segura-se à mulher que passou a noite recostada nela.

— Chegamos — alguém diz.

Mas aonde?

Cilka ouve as portas dos vagões se abrindo com clangores, mas ninguém sai dos compartimentos. A porta do vagão é aberta com tudo. De novo, o brilho forte do sol fere os olhos de Cilka.

Dois soldados estão em pé do lado de fora. Um entrega um balde de água para mãos estendidas. O segundo joga vários pedaços de pão antes de fechar a porta com estrondo. A penumbra envolve-as de novo. Uma luta irrompe enquanto as mulheres se debatem por um pedaço de pão. Uma cena familiar demais para Cilka. A gritaria intensifica-se até que, finalmente, uma mulher mais velha se levanta e ergue as mãos, sem dizer nada, e mesmo na semiescuridão sua postura preenche o espaço e é poderosa. Todas se calam.

— Vamos dividir — diz ela com uma voz de autoridade. — Quantos filões temos?

Cinco mãos estão erguidas, indicando o número de filões de pão que têm para compartilhar.

— Deem primeiro às crianças, e o restante vamos compartilhar. Aquelas que ficarem sem serão as primeiras a comer da próxima vez. De acordo?

As mulheres com o pão começaram a parti-lo em porções menores, entregando-os às mães. Cilka fica sem. Ela fica preocupada. Não sabe se é boa ideia dar comida às crianças se o lugar aonde elas estão indo for como onde ela esteve. Será um desperdício. Ela sabe que é um pensamento terrível.

O trem fica parado por várias horas. As mulheres e crianças ficam de novo em silêncio.

O silêncio é rompido pelos gritos de uma garota. Enquanto todas ao redor dela tentam aquietá-la para descobrir o que está errado, ela soluça, erguendo a mão coberta de sangue. Cilka consegue vê-la à luz trêmula que passa pelas frestas.

— Estou morrendo.

Uma mulher perto dela olha para o sangue que mancha seu vestido.

— São as regras — diz. — Ela está bem, não está morrendo.

A garota continua a soluçar.

A moça que está recostada nas pernas de Cilka, um pouco mais jovem que ela e usando um vestido de verão parecido com o seu se move para se levantar e pergunta.

— Qual seu nome?

— Ana — choraminga a garota.

— Ana, sou Josie. Vamos cuidar de você — diz ela, olhando ao redor no compartimento. — Não vamos?

As mulheres murmuram seu consentimento, meneando a cabeça.

Uma das mulheres segura o rosto da garota entre as mãos e a puxa para perto do seu.

— Você nunca teve um sangramento mensal antes?

A garota faz que não com a cabeça. A mais velha puxa-a contra o peito, balançando-a, acalmando-a. Cilka

experimenta uma pontada estranha e nostálgica.

— Você não está morrendo, está virando mulher.

Algumas das mulheres já estão rasgando pedaços de suas vestimentas, tirando partes da barra dos vestidos e passando-as adiante para a mulher que cuida da menina.

O trem sacode para a frente, levando Josie ao chão. Uma risadinha escapa dela. Cilka não consegue evitar e ri também. Elas fitam os olhos uma da outra. Josie parece um pouco com sua amiga Gita. Olhos e cílios castanhos, uma boca pequena, bonita.

Muitas horas depois, elas param de novo. Água e pão são lançados para dentro. Dessa vez, a parada inclui uma análise adicional, e a jovem mãe é forçada a entregar a criança morta aos soldados. Precisam segurá-la para que não tente deixar o compartimento com o filho morto. A batida da porta faz com que ela silencie enquanto a ajudam a chegar a um canto para chorar sua perda.

Cilka nota como Josie observa tudo atentamente, com a mão cobrindo a boca.

— Josie, não é? — pergunta Cilka à garota que está recostada nela desde que entraram no trem. Ela pergunta em polonês, o idioma que ouviu a garota usando.

— Sim. — Josie manobra devagar para girar o corpo de forma que fiquem joelho a joelho.

— Sou Cilka.

Aquele início de conversa parece incentivar outras mulheres. Cilka as ouve perguntando o nome das vizinhas, e

logo o compartimento se enche com conversas sussurradas. Idiomas são identificados, e uma troca de lugares acontece para juntar as nacionalidades. Histórias são partilhadas. Uma mulher foi acusada de ajudar os nazistas por permitir que eles comprassem pão de sua padaria na Polônia. Outra foi presa por traduzir propaganda alemã. Outra ainda foi capturada pelos nazistas e, ao ser pega com eles, foi acusada de ser sua espiã. Por incrível que pareça, há estouros de risadas entre as lágrimas quando cada mulher compartilha como acabou naquela aflição. Algumas mulheres confirmam que o trem está a caminho de um campo de trabalhos forçados, mas não sabem onde.

Josie diz a Cilka que é de Cracóvia e que tem dezesseis anos. Cilka abre a boca para falar sua idade e seu local de nascimento, mas, antes que consiga, uma mulher próxima declara em voz alta:

— Eu sei por que ela está aqui.

— Deixe-a em paz — vem da mulher mais velha e forte que sugeriu compartilhar o pão.

— Mas eu a vi, vestida em um casaco de peles no meio do inverno, enquanto nós estávamos morrendo de frio.

Cilka permanece em silêncio. Um calor sobe por seu pescoço. Ela ergue a cabeça e encara sua acusadora. Um olhar que a mulher não consegue enfrentar. Ela a reconhece vagamente. Não era uma de suas antigas companheiras em Birkenau? Não tinha um trabalho confortável no aquecido prédio da administração?

— E você, você que quer acusá-la — diz a mulher mais velha —, por que está aqui, neste vagão luxuoso conosco em nossas férias de verão?

— Nada, não fiz nada — responde ela, baixinho.

— Ninguém fez nada — diz Josie com veemência, defendendo a nova amiga.

Cilka cerra os dentes enquanto se afasta da mulher.

Consegue sentir os olhos gentis e tranquilizadores de Josie em seu rosto.

Cilka lança um sorriso esmaecido para ela antes de virar a cabeça para a parede, fechando os olhos, tentando bloquear a lembrança repentina, que a inunda, de Schwarzhuber – o oficial responsável por Birkenau –, em pé sobre ela, naquele quartinho, desafivelando o cinto, com os sons de mulheres chorando do outro lado daquela parede.

* * *

Na parada seguinte do trem, Cilka recebe sua porção de pão. Instintivamente, come metade e esconde o restante dentro do vestido. Olha ao redor, temerosa de que alguém a possa estar observando e tente tirá-lo dela. Ela se vira de volta para a parede, fechando os olhos.

De algum jeito, ela dorme.

Quando volta a acordar, surpreende-se com a presença de Josie bem diante dela. Josie estende a mão e toca os cabelos de Cilka, cortados bem rentes à cabeça. Cilka tenta resistir à vontade automática de empurrá-la para longe.

— Amei seu cabelo — diz Josie com voz triste, cansada.

Relaxando, Cilka estende a mão e toca o cabelo tosquiado da garota mais jovem.

— Gosto do seu também.

Cilka havia raspado os cabelos e tirado os piolhos na prisão fazia pouco tempo. Para ela, é um processo familiar, pois via acontecer com muita frequência com as prisioneiras daquele *outro lugar*, mas acha que é novidade para Josie.

Desesperada para mudar de assunto, ela pergunta:

— Você está aqui com alguém?

— Com minha avó.

Cilka segue os olhos de Josie para a mulher mais velha e corajosa que havia falado antes, ainda com um braço ao redor da menina Ana. Está observando as duas com atenção. Elas trocam um meneio de cabeça.

— Talvez você queira ficar mais perto dela — diz.

No lugar para onde elas estão indo, a mulher mais velha talvez não dure muito.

— Eu deveria. Talvez ela esteja assustada.

— Você tem razão. Eu também estou — diz Cilka.

— Sério? Você não parece assustada.

— Ah, eu estou. Se quiser conversar de novo, estarei aqui.

Josie caminha com cuidado, desviando das mulheres que estão entre Cilka e sua avó. Cilka olha através dos feixes de luz que entram na carruagem. Um pequeno sorriso abre-se quando ela vê e sente as mulheres se remexerem para acomodar sua nova amiga.

* * *

— Já são nove dias, eu acho. Estava contando. Quanto tempo mais? — murmura Josie para ninguém em particular.

Há mais espaço no compartimento agora. Cilka fez a contagem de mortas, doentes, esfaimadas ou feridas em seus interrogatórios anteriores, os corpos removidos quando o trem para por pão e água. Onze adultas, quatro crianças. Às vezes, alguma fruta é lançada com as cascas secas de pão, que Cilka viu as mães amaciarem na boca para as crianças.

Josie agora está deitada e enrodilhada ao lado de Cilka, a cabeça pousada em seu colo. Seu sono é agitado. Cilka conhece as imagens que devem estar passando por sua mente. Alguns dias antes, a avó de Josie faleceu. Parecia forte e corajosa, mas começou a tossir cada vez pior, a tremer, e em seguida recusou sua porção de comida. E então a tosse parou.

Cilka observou Josie em pé, emudecida, à porta do compartimento enquanto o corpo da avó era bruscamente entregue para guardas que o esperavam. Sentiu uma dor física tão intensa que teve que se curvar, perdendo todo o fôlego. Mas nenhum som nem lágrimas brotaram.

Auschwitz, 1942

Centenas de garotas são conduzidas de Auschwitz a Birkenau em um dia quente de verão. Quatro quilômetros. Uma marcha lenta, aflita para muitas que calçavam botas inadequadas, ou pior,

estavam sem calçado. Quando passam pela grande e imponente arcada de tijolos, veem a construção de blocos. Homens que trabalham ali param para encarar horrorizados as recém-chegadas. Cilka e sua irmã Magda estavam em Auschwitz havia três meses, trabalhando entre outras garotas eslovacas.

Elas são desviadas da estrada principal através do campo até uma área cercada com vários prédios completos e outros em construção. São paradas e mantidas em filas enquanto o sol se abate sobre elas pelo que parecem horas.

Elas ouvem uma comoção. Cilka olha para trás, para a entrada do campo das mulheres, e vê um oficial sênior, seguido por um séquito de homens, caminhar até as fileiras de garotas. A maioria delas mantêm a cabeça abaixada. Menos Cilka. Ela quer ver quem garante a proteção de um grupo de garotas desarmadas e indefesas.

— Obersturmführer Schwarzhuber — diz um guarda, cumprimentando o oficial sênior. — O senhor vai supervisionar a seleção hoje?

— Vou.

O oficial sênior Schwarzhuber continua a caminhar pelas fileiras de garotas e mulheres. Para por um instante quando passa por Cilka e Magda. Quando chega à frente da fila, ele se vira e volta. Dessa vez, consegue ver os rostos abaixados. Às vezes, usa sua varinha de equitação para empurrar um queixo e erguer o rosto de uma garota.

Ele está se aproximando. Para ao lado de Cilka, Magda está atrás dela. Ergue a varinha. Cilka empurra a varinha e ergue o

queixo para o alto, olhando diretamente para ele. Se ela puder atrair a atenção dele, ele vai ignorar sua irmã. Ele estende a mão e ergue o braço esquerdo dela, aparentemente para olhar os números que estão desaparecendo da pele. Cilka ouve a inspiração forte de Magda atrás dela. Schwarzhuber solta o braço dela, volta para a frente da fila, e Cilka percebe como ele fala com o oficial da SS ao seu lado.

* * *

Elas foram ordenadas de novo. Esquerda, direita; corações palpitando, corpos curvados de medo. Cilka e Magda foram escolhidas para viver mais um dia. Agora estão em fila para serem dolorosamente marcadas de novo – terem suas tatuagens refeitas para que nunca se apaguem. Estão próximas, mas não se tocam, embora queiram desesperadamente confortar uma à outra. Sussurram enquanto esperam, consolando-se, questionando-se.

Cilka conta o número de garotas à sua frente. Cinco. Logo será sua vez, e depois a de Magda. De novo, ela entregará o braço esquerdo para alguém marcar os números azuis borrados em sua pele. Primeiro ela foi marcada ao entrar em Auschwitz, três meses antes, agora de novo, depois de ser mais uma vez selecionada para o novo campo, Auschwitz II: Birkenau. Ela começa a tremer. É verão, o sol se despeja sobre ela, escorchante. Ela teme a dor que logo vai sofrer. Da primeira vez, ela gritou em choque. Dessa vez, diz a si mesma que vai permanecer em silêncio. Embora tenha apenas dezesseis anos, não pode mais se comportar como uma criança.

Espreitando a fileira de garotas, ela enxerga o Tätowierer. *Ele fita os olhos da garota cujo braço está segurando. Ela o vê pousando um dedo sobre os lábios, psiu. Ele sorri para ela. Abaixa os olhos para o chão quando a garota se afasta, em seguida ergue os olhos para observá-la seguindo em frente. Ele toma o braço da próxima garota na fila e não vê que a garota anterior se vira para olhá-lo.*

Quatro. Três. Duas. Uma. É sua vez agora. Ela olha para Magda lá atrás, de forma rápida e tranquilizadora, em seguida avança. Fica diante do Tätowierer, *seu braço esquerdo junto à lateral do corpo. Ele estende a mão e, com suavidade, ergue o braço dela. Ela se surpreende ao soltar-se dele, uma reação quase inconsciente, fazendo com que o tatuador olhe para ela, para dentro de seus olhos, que ela sabe que estão cheios de ódio, nojo por ter que ser maculada de novo.*

— Desculpe, desculpe — sussurra ele gentilmente para ela. — Por favor, me dê seu braço.

Momentos se passam. Ele não tenta tocá-la. Ela ergue o braço e o oferece para ele.

— Obrigado — ele fala sem emitir som. — Vai acabar rápido.

Com sangue pingando do braço, embora não tanto quanto da última vez, Cilka sussurra: "Seja gentil com a minha irmã", antes de continuar tão lentamente quanto pode para que Magda possa alcançá-la. Curiosa, ela procura a garota que estava à sua frente. Olha para o Tätowierer *lá atrás. Ele não notou quando ela se afastou. Ela vê a garota que estava cinco lugares à sua frente na fila em pé diante do Bloco 29 e se junta a ela e às outras que*

aguardam para serem admitidas em seu novo "lar". Examina a garota. Mesmo com a cabeça raspada, com o vestido largo escondendo as possíveis curvas que tem ou alguma vez teve, ela é bonita. Seus grandes olhos escuros não mostram sinais do desespero que Cilka tinha visto em tantas mulheres. Ela quer conhecer aquela garota que o Tätowierer *encarou. Logo Magda se junta a ela, encolhendo-se pela dor da tatuagem. Elas ficam por um tempo fora da visão dos guardas, e Cilka pega a mão da irmã.*

Naquela noite, enquanto as garotas do Barracão 29 encontram um espaço em um beliche dividido entre muitas e cuidadosamente perguntam umas às outras: "De onde você é?", Cilka fica sabendo que o nome da garota é Gita. Ela vem de um vilarejo na Eslováquia, não muito longe da cidade de Cilka e Magda, Bardejov. Gita apresenta Cilka e Magda a suas amigas, Dana e Ivanka.

No dia seguinte, depois da chamada, as garotas são enviadas para a área de trabalho. Cilka é separada, e não enviada para trabalhar no Kanada como as outras, onde elas separam pertences, joias e relíquias familiares trazidos a Auschwitz pelos prisioneiros e preparam grande parte deles para devolvê-los à Alemanha. Em vez disso, por um pedido especial, ela deve se apresentar no prédio da administração, onde vai trabalhar.

3

Gulag de Vorkuta, Sibéria

A temperatura está despencando. Não foi de repente, mais uma mudança gradual percebida à noite, quando Cilka e as demais mulheres se viram aconchegadas umas nas outras. Estavam todas em roupas de verão. Cilka não sabe em que mês estão, embora imagine que seja agosto ou setembro, e não sabe aonde estão indo, embora o idioma em cada parada seja o russo.

Um dia escorre para dentro do próximo. A doença esgueira-se pelo vagão. A tosse deplorável drena o pouco de energia que as mulheres têm. As conversas ficam cada vez mais esparsas e curtas. Nas últimas poucas paradas, os homens tinham ficado com pena da carga, tirado do corpo seus *kal'sony*, como o chamavam, e jogado para dentro. Cilka e Josie vestiram as roupas de baixo largas e ainda mornas sobre as pernas arrepiadas, acenando sem forças para agradecer.

Já faz três dias desde a última parada quando o trem freia com um guincho alto e as portas pesadas são abertas com toda força. Uma paisagem vasta e erma de terra e grama verde-amarelada estende-se diante delas.

Desta vez, não há um ou dois guardas para recebê-las. Dezenas de homens uniformizados, com rifles em riste, estão alinhados ao longo do trem.

— *Na vykhod!* — eles gritam. — *Saiam!*

Enquanto as mulheres lutam para se erguer, e muitas despencam, pois suas pernas não aguentam mais o peso; a gritaria continua.

Cilka e Josie juntam-se às outras do lado de fora pela primeira vez em semanas. Dão os braços para duas mulheres mais velhas que se esforçam para ficar em pé. Não precisam que lhes digam o que fazer; com uma fila se formando diante delas, sabem que lado encarar. Conseguem ver alguns prédios rústicos a distância, na planície ampla, reta. Outro campo, pensa Cilka, cercado pelo nada. Mas o céu ali é diferente – um azul-acinzentado impossivelmente vasto. Elas arrastam os pés com o fluxo das outras na direção dos prédios distantes. Cilka tenta contar o número de vagões. Avista alguns homens vomitando, algumas mulheres e crianças; as pessoas de diferentes idades, em vários estados de saúde e sofrimento. Alguns que estavam no trem desde o início, alguns que tinham sido embarcados no caminho.

Ela percebe que o tempo para quando ela se lembra do enfileiramento para ir ao *outro lugar*. Aquela fileira levava a

uma existência que não tinha data para terminar. Desta vez, ela conhece sua data final, caso sobreviva para vê-la. Quinze anos. Ter uma data final torna o trabalho mais suportável? Deve-se mesmo acreditar nessa data final?

Logo Cilka está em pé, na frente de uma mulher grande vestida com um pesado uniforme cáqui. As roupas de Cilka ainda são leves demais para aquele clima. Devem estar bem ao norte. Ela mal consegue sentir as mãos e os pés.

— *Imya, familya*? — a mulher berra para Cilka, olhando uma lista em uma prancheta. *Nome, sobrenome.*

— Cecilia Klein.

Seu nome é marcado, Cilka segue a fila até um bunker grande de concreto. Imediatamente olha para o teto para buscar sinais reveladores de chuveiros. Serão de água ou gás? Seu alívio por não ver nada ameaçador é palpável, e ela se apoia em Josie para se equilibrar.

— Você está bem? — pergunta Josie.

— Sim, sim, estou bem. Pensei que estávamos indo tomar banho.

— Eu adoraria uma ducha... É do que precisamos.

Cilka força um sorrisinho. Não parece haver nenhum motivo para explicar o que ela temia. Olhando a perplexidade nos rostos ao redor dela, lhe ocorre que poucas delas passaram por algo assim antes. Apenas sobreviventes daquele *outro lugar*, ou aquelas de outros campos, carregam o fardo de saber o que o futuro lhes pode reservar.

Quando o espaço se enche, vários guardas entram.

— Tirem as roupas. Agora.

As mulheres olham ao redor procurando orientação. As palavras são sussurradas em diferentes idiomas, e elas entendem quando várias lentamente começam a se despir.

Cilka sussurra para Josie:

— Você precisa tirar as roupas.

— Não, Cilka, eu não posso, não na frente de homens.

Parece que Josie teve apenas a cabeça raspada na prisão, não passou por todo o martírio. Cilka sabe que todo o cabelo de seus corpos será raspado.

— Ouçam. Vocês precisam fazer o que dissermos.

Cilka começa a desabotoar a frente do vestido de Josie. Josie empurra as mãos dela, confusa, olhando ao redor para as outras mulheres em vários estágios de nudez. As mulheres já nuas cobrem o púbis com uma das mãos e os seios com o braço. Devagar, Josie começa a se despir.

— Rápido — diz Cilka. — Deixe as roupas onde estão.

Cilka olha os homens que estão gritando instruções em pé na frente das portas. Os sorrisinhos e cutucadas entre eles a deixam enjoada. Ela abaixa a cabeça e vê a pilha de roupas a seus pés. Sabe que nunca mais as verá de novo.

Os homens diante das portas saem quando quatro outros guardas entram, cada um arrastando consigo uma grande mangueira. O jorro de água congelante faz as mulheres chocarem-se umas nas outras, gritando, berrando enquanto são derrubadas, empilhadas pela força da água. O cheiro de

cloro predomina, e os gritos se transformam em engasgos e tosses.

Cilka é lançada contra uma parede de azulejos rachados, arranhando o braço enquanto desliza para o chão. Ela observa quando os guardas, de modo sádico, miram mulheres mais velhas, frágeis, que tentam resistir ao firmarem-se em pé. Caem lutando. Cilka curva-se em posição fetal e fica lá até que as mangueiras são desligadas, e os guardas saem, gargalhando.

* * *

Quando as mulheres se levantam e se arrastam na direção da porta, várias pegam as peças de roupa pingando para se cobrirem. Saem do prédio e recebem uma toalha cinza fina para se enrolarem. De pés descalços no chão frio de cascalho, caminham até um prédio de concreto próximo, idêntico àquele do qual tinham acabado de sair.

Cilka olha Josie na frente dela e se apressa para alcançá-la.

— Eles vão nos dar roupas novas agora? — pergunta Josie.

Cilka olha para o rosto de Josie, retorcido e desesperado. *Coisas muito piores estão por vir*, pensa. Talvez, por um momento, ela possa animá-la.

— Espero que sim... Cinza não combina comigo.

Cilka fica contente quando Josie segura uma risadinha.

Elas são empurradas bruscamente em quatro fileiras, e gritos de protesto dentro do prédio são ouvidos por aquelas que esperam para entrar. Várias mulheres que, aterrorizadas com os gritos vindos lá de dentro, saem da fila, tornam-se alvos para os vigias atirarem. Os tiros não as acertam, mas fazem as mulheres correrem de volta para a fila. Uma fonte de entretenimento.

Cilka sente Josie tremer ao lado dela.

Cilka e Josie entram no prédio e veem o que está acontecendo com as mulheres à frente delas. Quatro homens estão em pé atrás de quatro cadeiras. Várias mulheres fortes e grandes, também vestidas em uniformes cáqui, estão por perto.

Cilka observa quando a mulher na frente dela aproxima-se da cadeira e é forçada a se sentar. O cabelo da mulher é reunido de forma rude e cortado com agilidade bem rente à cabeça com tesouras grandes. Sem perder o ritmo, o homem troca as tesouras por uma navalha e raspa o couro cabeludo da mulher. Sangue escorre pelo rosto e pela nuca. Uma das mulheres próximas é erguida com um solavanco, virada e colocada com um pé sobre a cadeira. Josie e Cilka observam com horror quando o homem, sem sinal de emoção ou cuidado, raspa os pelos pubianos. Quando ele ergue a cabeça, indicando que está pronto, a guarda empurra a mulher para longe e acena para Josie se aproximar.

Cilka rapidamente se move para a fila ao lado para ser a próxima a ter os pelos raspados. Assim ela pode, ao menos,

estar ao lado de Josie quando essa humilhação acontecer; já passou por tudo isso antes. Juntas, elas caminham até as cadeiras. Sem instrução, elas se sentam. Cilka mantém os olhos em Josie o máximo que pode, oferecendo um apoio mudo, seu coração apertado quando vê as lágrimas de impotência escorrendo pelo rosto da amiga. Dessa forma, sabe que é a primeira vez que Josie passa por algo tão brutal.

Com a cabeça raspada, Josie demora a se levantar, e a vigia lhe dá um tapa com as costas da mão enquanto a ergue. Cilka põe o pé sobre a cadeira e encara o homem à sua frente. Seu olhar raivoso encontra um sorriso fino e desdentado, e ela percebe que cometeu um erro.

Quando Cilka e Josie se afastam, tendo como cobertura apenas as toalhas cinza, o sangue escorre por dentro da coxa de Cilka como punição por ousar ser valente. Josie começa a vomitar. Com ânsia, tudo que consegue expelir é bile e um líquido aquoso.

Elas seguem as outras por um longo corredor.

— E agora? — Josie soluça.

— Não sei. Seja o que for, não discuta, não brigue com eles; tente ficar invisível e fazer o que mandam.

— Esse é seu conselho? Simplesmente aceitar, seja o que for, aceitar? — A voz de Josie se ergue, a raiva substituindo a vergonha.

— Josie, eu já estive nessa situação antes, confie em mim.

Cilka suspira. Mas também sente alívio com a demonstração de força e resistência de Josie. Ela precisará dessa paixão em um lugar como este.

— Isso tem a ver com os números em seu braço? — pergunta Josie.

Cilka olha o braço esquerdo, que está segurando a toalha sobre o corpo, a tatuagem exposta para todos verem.

— Sim, mas nunca mais me pergunte sobre isso de novo.

— Tudo bem — concorda Josie. — Confio em você. Ao menos ninguém está gritando lá na frente, então não pode ser tão ruim, certo?

— Vamos torcer para recebermos algo quente para vestir. Estou congelada. Não consigo sentir meus pés. — Cilka tenta trazer leveza ao seu tom.

Quando se aproximam de um salão no fim do corredor, veem pilhas de toalhas cinza jogadas na entrada. De novo, guardas mulheres com rosto indiferente estão por perto. À frente delas, ouvem vozes masculinas.

— *Ty moya*. — "Você é minha", Cilka ouve um guarda gritar para uma das mulheres bem à frente delas na fila. A mulher atrás dela, mais velha, continua andando, arrastando os pés. Cilka e Josie estão se aproximando.

— Pode ir, bruxa velha — um guarda grita para a mulher.

O coração de Cilka está palpitando. O que está acontecendo?

— Ô, Boris, o que está esperando?

— Vou saber quando eu a vir.

A mulher na frente de Cilka se vira para as garotas mais jovens com um olhar de pena e sussurra:

— Os desgraçados estão escolhendo aquelas com quem querem foder. — Ela olha de cima a baixo para Cilka e Josie. — Vocês não terão problema.

— O que ela está falando, vamos ser escolhidas? — pergunta Josie.

Cilka balança a cabeça, incrédula. Será que pode estar acontecendo de novo?

Ela se vira para Josie, fitando seus olhos.

— Ouça bem, Josie. Se um dos homens escolher você, vá com ele.

— Por quê? O que ele vai querer?

— Vai querer seu corpo.

Ela espera ser capaz de explicar para Josie mais tarde que ele pode ter o corpo dela e só isso; ele não pode ter sua mente, seu coração, sua alma.

— Não, não, eu nunca estive com um rapaz. Cilka, por favor, não me obrigue a fazer isso. Prefiro morrer.

— Não, não prefere. Precisa viver. Precisamos viver. Você me ouviu? Você entendeu?

— Não, eu não entendo. Eu não fiz nada, não deveria estar aqui.

— Tenho certeza de que a maioria de nós não deveria estar aqui, mas estamos. Se você for escolhida para ser propriedade de apenas um homem, os outros vão deixar você em paz. Agora você me entendeu?

O rosto de Josie se contorce, perplexo.

— Acho que sim. Ah, Cilka, isso aconteceu com você antes, não foi?

— Erga a cabeça, não mostre medo.

— Um momento atrás você me disse para ficar invisível.

— Naquela hora, sim, agora é diferente; as coisas podem mudar rápido.

Cilka ergue os olhos na direção dos homens.

Bloco de Administração de Birkenau, 1942

Cilka está sentada ao lado de Gita, cada uma trabalhando diligentemente, os olhos se encontrando de forma fugidia, sorrisinhos compartilhados. Cilka foi tirada da linha de seleção e escolhida para aquele trabalho, em vez do trabalho no Kanada. E ela fica feliz, pois Gita também está trabalhando com ela agora. Mas espera que possa de alguma forma também levar Magda para aquele calor. Os cabelos de Gita ainda estão muito curtos, mas, por algum motivo, Cilka recebeu permissão para deixar que os dela crescessem. Ele cai sobre pescoço e orelhas.

Ela não vê os dois oficiais da SS aproximarem-se delas e, sem aviso, é agarrada pelo braço e erguida com um solavanco. Enquanto é arrastada para longe, olha para Gita lá atrás, seus olhos suplicantes. Todas as vezes que são separadas, pode ser a última vez que se veem. Vê uma oficial aproximar-se de Gita e lhe dar um tapa na cabeça.

Ela tenta resistir quando é arrastada para fora e através do campo das mulheres. Ela não é páreo para os dois homens. Está

silencioso no campo – todas as mulheres estão fora, trabalhando. Eles passam pelos barracões onde as mulheres dormem até chegar a um prédio idêntico, mas cercado por um muro de tijolos. Cilka sente a bile subindo pela garganta. Tinha ouvido que ali era o lugar aonde as mulheres iam para morrer.

— Não... por favor... — diz ela. — O que está acontecendo?

Há um carro brilhante estacionado na estrada de terra ao lado. Os oficiais abrem o portão e entram no pátio. Um dos oficiais bate com força na porta do prédio à esquerda, e quando a porta se abre, eles a jogam lá dentro, batendo-a atrás dela. Cilka está caída em um chão de terra batida, e em pé, na frente dela, na frente de fileiras de catres de madeira crua vazios, está o homem que ela reconhece da fila de seleção, o oficial sênior, Schwarzhuber.

É um homem imponente que raramente é visto no campo. Ele bate o chicote de equitação na bota de couro alta e encara o alto da cabeça de Cilka com seu rosto inexpressivo. Ela recua até a porta, tateando em busca da maçaneta. Em um estalo, o chicote de equitação voa pelo ar e atinge a mão dela. Ela grita de dor e desliza até o chão.

Schwarzhuber caminha até ela e pega o chicote. Ele fica sobre ela, diminuindo-a. Ele suspira pesadamente enquanto olha para ela, enfurecido.

— Este vai ser seu novo lar — diz ele. — Levante-se.

Ela se levanta.

— Siga-me.

Ele a leva para trás de uma parede onde há um quarto pequeno e uma cama individual com um estrado e um colchão sobre ela.

— Você sabe que cada bloco tem um líder de bloco? — pergunta ele.

— Sim.

— Bem, você será a líder do Bloco 25.

Cilka não fala, mal respira. Como ela poderia – como qualquer uma poderia – *esperar ser a líder daquele bloco? Aquele é o bloco onde as mulheres passam suas horas finais antes de serem enviadas à câmara de gás. E ela nunca mais verá nem Magda, nem Gita? É o momento mais aterrorizante de sua vida.*

— Você tem muita sorte — comenta Schwarzhuber.

Tirando o chapéu, ele o joga através do cômodo. Com a outra mão, continua a bater forte na própria perna com o chicote de equitação. A cada estalo, Cilka se encolhe, esperando ser atingida. Ele usa o chicote de equitação para erguer a camisa dela. Ah, *pensa Cilka.* É por isso. *Com mãos trêmulas, ela abre os dois botões de cima. Então, ele encaixa o chicote de equitação sob o queixo dela. Os olhos dele parecem não enxergar nada. É um homem cuja alma morreu e o corpo está querendo se rebelar contra ela.*

Ele estende os dois braços, e Cilka interpreta esse gesto como "me dispa". Ela se aproxima, ainda à distância de um braço, e começa a abrir os muitos botões da jaqueta dele. Uma batida em suas costas com o chicote de equitação a apressa. Schwarzhuber é forçado a soltar a varinha para que ela possa tirar sua jaqueta. Tomando-a dela, ele a joga ao lado do chapéu. Ele tira a camiseta de baixo. Devagar, Cilka começa a abrir seu cinto e os botões logo abaixo. Abaixando-se, ela puxa as botas que estão sobre as calças.

Ao puxar a segunda bota, ela se desequilibra, caindo com tudo sobre a cama quando ele a empurra. Ele monta sobre ela. Aterrorizada, Cilka tenta se cobrir enquanto ele arranca sua camisa. Ela sente as costas da mão dele estapearem seu rosto quando ela fecha os olhos, cedendo então ao inevitável.

* * *

— São os homens de confiança — sibila uma guarda com um cigarro preso entre os dentes.

A voz traz Cilka de volta ao presente.

— Como?

— Os homens aos quais você está prestes a se apresentar. São os homens de confiança, prisioneiros mais velhos que têm posições elevadas no campo.

— Ah, não são soldados?

— Não, são prisioneiros como você, que estão aqui há muito tempo e desempenham trabalhos qualificados com os administradores. Mas também *são criminosos. Têm sua própria rede de poder.*

Cilka entende. Uma hierarquia entre antigos e novos.

Ela entra na sala, Josie atrás dela, as duas nuas e trêmulas. Ela para e observa as fileiras de homens que precisa atravessar. Dezenas de olhos a encaram também.

O homem na primeira fila à direita dá um passo adiante, e ela se vira para encará-lo, medindo-o com ousadia, acreditando que ele seja o líder da gangue, seja lá de onde venha. Não é muito mais alto que ela, mas é encorpado, sem

dúvida não está morrendo de fome. Ela acha que ele deve ter quase trinta ou trinta e poucos anos. Ela examina o rosto dele, enxergando além da linguagem corporal que ele está lançando para ela. Seu rosto o trai. Olhos tristes. Por algum motivo, ela não o teme.

— Finalmente — alguém grita entre os homens.

— Já não era sem tempo, Boris.

Boris estende a mão para Cilka. Ela não aceita sua mão, mas se aproxima dele. Virando-se, ela incentiva Josie a ir adiante.

— Venha cá, pequena — diz outro homem. Cilka vê o homem que crava os olhos em Josie. Um brutamontes grande, mas corcunda. Sua língua entra e sai da boca, revelando dentes descorados e quebrados. Tem uma energia mais selvagem que a de Boris.

E Josie é escolhida.

Cilka olha o homem que se identificou como Boris.

— Qual seu nome? — pergunta ele.

— Cilka.

— Vá buscar algumas roupas, e eu a encontro quando precisar de você.

Cilka continua a caminhar pela fileira de homens. Todos sorriem para ela, vários fazendo comentários sobre sua pele, seu corpo. Ela alcança Josie, e elas saem novamente do prédio, sendo conduzidas para outro bunker de concreto.

Por fim, roupas são jogadas sobre elas. Uma camisa com botões faltando, calças do tecido mais grosseiro que Cilka já

havia sentido, um casaco pesado e uma boina. Tudo cinza. As botas na altura do joelho vários tamanhos maiores vão vir a calhar assim que ela enrolar os pés nos trapos que conseguir arranjar para ajudar com o frio.

Vestida, elas saem do bunker. Cilka cobre os olhos contra a claridade da luz do sol. Observa que o campo parece uma cidade. Há barracões para dormir, mas eles não são perfeitamente alinhados como os de Birkenau. São diferentes em tamanho e formato. Além do perímetro, ela vê uma pequena colina com um equipamento grande, parecido com uma grua, dando ré sobre ela. A cerca ao redor delas tem várias torres de observação, nem de perto tão ameaçadoras quanto as que ela vira no passado. Cilka olha com atenção para o topo da cerca. Não vê os isoladores que indicam que é eletrificada. Olhando para além da cerca para o terreno árido e desolado que se estende até o horizonte, ela entende que não há necessidade de cerca elétrica. É impossível haver sobrevivência fora dali.

Enquanto avançam na direção dos prédios que serão seu lar, seguindo as pessoas à frente, sem ciência de quem as está liderando ou orientando, uma mulher com rosto largo e envelhecido se aproxima furtivamente delas. O sol talvez esteja tentando brilhar, mas o vento gélido morde a pele exposta – estão tão ao norte que, mesmo sendo fim de verão, há neve no chão. A mulher está usando camadas de casacos, botas de aparência robusta, e tem um chapéu

enfiado na cabeça e amarrado embaixo do queixo. Ela lança um olhar malicioso para Cilka e Josie.

— Bem, vocês são as sortudas! Soube que conseguiram homens para protegê-las.

Cilka abaixa a cabeça, sem querer entabular ou incentivar uma conversa com a mulher. Ela não vê a perna estendida diante dela para fazê-la tropeçar, então, com as mãos nos bolsos, cai de cara no chão.

Josie abaixa para ajudá-la, mas é atingida nas costas e despenca também. As duas garotas ficam caídas no chão úmido e congelado, lado a lado.

— Sua aparência não vai levar vocês a lugar nenhum comigo. Agora, saiam daqui.

Cilka ergue-se primeiro. Josie fica caída no chão, por fim aceitando a mão de Cilka enquanto é auxiliada para se pôr de pé.

Cilka arrisca olhar ao redor. Entre as centenas de mulheres vestidas da mesma forma, cabeças raspadas, rostos enterrados em casacos, é impossível identificar as outras de seu vagão de trem.

Quando entram em um barracão, elas são contadas por uma mulher estúpida. Cilka pensava que talvez fosse uma guarda, mas a mulher não está de uniforme e, quando passa por Cilka, ela nota o número costurado em seu casaco e chapéu. *Deve ser uma líder de bloco*, pensa Cilka.

A sala tem camas de solteiro enfileiradas de cada um dos lados e, um espaço no meio com uma fornalha emanando

um tanto de calor. As mulheres à frente delas haviam corrido até a fornalha, empurrando-se e se acotovelando, as mãos estendidas na direção dela.

— Sou a brigadeira, e vocês são minhas — diz a líder. — Meu nome é Antonina Karpovna. An-to-ni-na-Kar-pov-na — repete ela lentamente, apontando para si mesma para que ninguém possa interpretar o significado de forma errônea. — Certo, suas *zechkas* sortudas. Espero que percebam que vocês têm um dos melhores barracões de prisioneiras do campo. — Cilka imagina que ela deve estar certa. Não há beliches, mas camas individuais. Colchões de verdade. Um cobertor para cada uma. — Vou deixar que vocês se organizem — diz a brigadeira com um sorriso sarcástico antes de sair do barracão.

— O que é uma *zechka*? — sussurra Josie.

— Não sei, mas não deve ser uma palavra boa. — Cilka dá de ombros. — Provavelmente significa prisioneira ou algo assim.

Cilka olha ao redor. Nenhuma das camas havia sido reivindicada; as mulheres à frente delas tinham corrido direto para o fogo. Agarrando o braço de Josie, Cilka a puxa para a outra ponta do barracão.

— Espere, vamos encontrar as camas primeiro. Sente-se nesta daí.

Cilka pega a última cama, empurrando Josie para a que estava ao lado.

As duas examinam o lugar sobre o qual estão sentadas. Um cobertor cinza fino em cima de um lençol encardido cobrindo um colchão cheio de serragem.

Sua pressa para encontrar um lugar para dormir não passa despercebida pelas outras mulheres, que agora também se debatem pelas camas, empurrando-se e acotovelando-se enquanto escolhem um lugar para dormir naquela noite e por quantas noites mais sobreviverem.

Fica óbvio que há camas para todas. Chapéus são tirados e colocados onde um travesseiro estaria, caso tivesse sido fornecido.

Cilka encara o espaço aos pés das camas.

Dois baldes vazios a encaram de volta. Servirão de penicos. Ela suspira. Enquanto permanecer naquele barracão, ela se lembrará da ânsia para garantir o que considerava o melhor lugar para dormir. Pensou que teria um pouco de privacidade: uma parede de um lado, Josie do outro. Sempre há um senão para uma boa posição, para o conforto. A essa altura, ela já deveria saber.

Tendo estabelecido seu lugar, Cilka cutuca Josie, e elas seguem na direção da fornalha com as mãos estendidas. Cilka sente que já fez alguns inimigos no primeiro dia.

Josie é empurrada pelas costas por uma mulher grande de olhar durão, sua idade indeterminada. Ela despenca para a frente, esmagando o rosto no chão duro de madeira. O sangue escorre pelo nariz.

Cilka ajuda Josie a se levantar, puxando a camisa da garota para o rosto, cobrindo seu nariz para estancar o sangue.

— Por que fez isso? — pergunta uma voz.

— Preste atenção, vagabunda, ou vai ter o mesmo fim — diz a valentona, procurando o rosto da outra garota.

As demais mulheres observam a conversa.

Cilka quer reagir, defender Josie, mas ainda precisa saber mais como o lugar funciona e quem são essas mulheres, se há uma possibilidade de elas se entenderem.

— Tudo bem — balbucia Josie para a garota que a defendeu, uma jovem frágil de pele clara e olhos azuis. — Obrigada.

— Você está bem? — pergunta a garota em polonês com sotaque russo. Ela toca a cabeça raspada o tempo todo.

— Ela vai ficar — responde Cilka.

Preocupada, a garota examina o rosto de Josie.

— Sou Natalya.

Josie e Cilka apresentam-se.

— Você é russa? — questiona Josie.

— Sim, mas minha família vivia na Polônia. Há muitas décadas. Somente agora decidiram que é crime. — Ela abaixa a cabeça por um instante. — E você?

O rosto de Josie se contorce.

— Queriam saber onde meus irmãos estavam. E não acreditaram em mim quando eu disse que não sabia.

Cilka faz sons tranquilizadores para Josie.

— Sinto muito — diz Natalya. — Não precisamos falar disso agora.

— Nem nunca mais — diz a valentona de sua cama, afastada do restante delas. — Todas são variações da mesma história triste. Não importa se fizemos algo ou não, éramos inimigas marcadas do Estado e estamos aqui para sermos corrigidas pelo trabalho forçado.

Ela vira o rosto para não encará-las. Suspiros.

O fogo estala na fornalha.

— E agora? — pergunta alguém.

Ninguém está preparada para aventar uma resposta. Algumas das mulheres voltam às camas escolhidas e se deitam, enrodilhadas, mergulhando em seus pensamentos silenciosos.

Cilka pega Josie pelo braço e a leva até sua cama. Puxando o cobertor, ela pede à garota que tire os sapatos e se deite. Seu nariz havia parado de sangrar. Cilka volta à fornalha. Com cuidado, Natalya está colocando mais carvão, que estava em um balde próximo, dentro da cavidade quente e vermelha, usando a ponta do casaco para abrir e fechar a portinhola.

Cilka olha para a pilha de carvão.

— Não há o suficiente para passarmos a noite — diz ela, mais para si mesma que para Natalya.

— Vou pedir mais — comenta Natalya em um sussurro suave. Ela tem bochechas rosadas e braços e pernas delicados, mas aparência forte. Cilka consegue ver em seus

olhos que ela acha que tudo vai dar certo. Cilka sabe como essa sensação pode ser rapidamente roubada.

— Podíamos talvez apenas observar e ver o que vão fazer. Se não pedir nada, você diminui o risco de ser espancada.

— Com certeza não vão deixar a gente congelar aqui — fala Natalya com as mãos na cintura. O sussurro desaparece. Várias outras mulheres erguem o corpo nas camas onde estão deitadas para ouvir a conversa.

Cilka espera um instante e olha ao redor para todos os rostos que agora estão virados para ela. Não consegue dizer com precisão a idade de todas as mulheres, mas acredita que ela e Josie estão entre as mais jovens. Ela se lembra das próprias palavras ditas apenas poucas horas antes. Não se destaque, fique invisível.

— Bem? — A palavra é lançada para ela, vinda da valentona na frente do barracão.

Todos os olhos estão sobre ela.

— Não sei nada mais que você. Estou só imaginando. Mas acho que deveríamos ir devagar com o que nos resta de carvão caso não recebamos mais hoje.

— Faz sentido — diz outra mulher, que está deitada e vira o rosto.

Cilka volta devagar ao final do barracão, até sua cama. A pequena diferença de temperatura do meio do salão até os fundos, a apenas poucos metros, fez Cilka repensar a decisão de preferir a aparente privacidade ao calor. Ela dá uma

olhada em Josie, que parece estar dormindo, antes de se deitar.

A luz do sol continua a brilhar. Cilka não tem noção de que horas são. Observa quando Natalya se aproxima do fogo, que está diminuindo, e joga um pouco de carvão dentro da fornalha. Engraçado como as pessoas naturalmente se encaixam em certos papéis.

Ela cai no sono em algum momento, embora ainda esteja claro, ou esteja claro de novo... ela não sabe ao certo.

Cilka acorda assustada pelo clangor alto do lado de fora. A porta do barracão se abre, e a brigadeira, Antonina Karpovna, está de volta.

— Levantem-se e saiam, *zechkas*. — Ela aponta com a cabeça, as mãos permanecem entrincheiradas com firmeza nos bolsos do casaco.

Cilka conhece a rotina. Ela é a primeira a se levantar, mas não se move, esperando que as que estão na frente do barracão saiam primeiro. Sabe que o lugar no meio é o mais seguro. Ela ajuda Josie, com aparência de drogada, a se levantar e puxar os cobertores sobre a cama.

Abrindo caminho, guia Josie com ela para fora do prédio.

Veem outras como elas saindo dos barracões ao redor.

Onde estavam quando chegaram? As mulheres do barracão de Cilka amontoam-se lá fora, hesitantes, até observarem as fileiras ordenadas de mulheres caminhando ao redor delas. Copiando o exemplo, formam duas fileiras de dez.

Com o barracão vazio, seguem a direção das outras que arrastam os pés em meio à lama grossa até um prédio maior. O tecido grosseiro de suas novas roupas está irritando a pele de Cilka. Os mosquitos picam o pescoço exposto.

Ela percebe os olhares, tanto os aflitos quanto os ameaçadores. Ela entende. Outro barracão cheio de prisioneiras, mais bocas para alimentar, mais pessoas para lutar por trabalhos melhores. São as recém-chegadas que terão mais dificuldade de se ajustar e encontrar um lugar na hierarquia, até não serem mais recém-chegadas. Ela era uma veterana naquele *outro lugar* – ela e as outras garotas eslovacas sobreviventes. Viram isso tudo. Tinham sobrevivido. Ela se pergunta se conseguirá encontrar um caminho para melhorar seu prestígio e o de Josie sem se destacar. Ou talvez esteja aqui por causa de pensamentos como esse. Talvez o trabalho forçado seja o que ela merece.

Elas entram no prédio do refeitório, observando a tradição estabelecida de se enfileirar, aceitar o que lhes for dado, encontrar um banco para se sentar. *Olhos baixos, não se destaque.*

Empurram uma caneca de estanho nas mãos dela. Ela dá uma olhada em Josie. O nariz está inchado, as escoriações começaram a aparecer. Quando passa arrastando os pés, algo que lembra sopa, cheio de umas coisinhas não identificáveis, é derramado na caneca, e um pedaço de pão duro é empurrado para ela. A mão de Josie treme, e ela derrama metade da comida em sua tentativa de pegá-la. Sopa e pão

espalham-se pelo chão. Lentamente, Josie se abaixa e pega o pão. Cilka tem uma vontade horrível de berrar com ela. Quanto valem essas pequenas porções!

Não há mesas e bancos suficientes para todas se sentarem. Muitas mulheres ficam em pé recostadas às paredes, esperando alguém terminar e um banco ficar vago. Várias comem em pé, famintas demais para dar importância para as maneiras à mesa.

Uma das mulheres do barracão de Cilka vê um espaço ficando vago e se apressa para alcançá-lo. Ela encontra as costas da mão da pessoa que está ao lado do lugar vago, fazendo a caneca voar, seu conteúdo caindo no chão e nas prisioneiras próximas.

— Espera sua vez, *novichok*! Você não ganhou o direito de se sentar conosco.

A hierarquia está à mostra para as recém-chegadas observarem e aprenderem. Como em Birkenau, com os rebanhos de recém-chegadas. Ela, Gita e as outras garotas eslovacas sobreviveram entre milhares, tendo perdido todas as suas amigas e familiares. E as novas não entendiam, não conseguiam compreender pelo que seus corpos e mentes tinham passado, o que tinham feito para sobreviver.

— Tome sua sopa, depois coma o pão ou guarde para mais tarde — Cilka diz para Josie. — Às vezes, é melhor guardá-lo, como fizemos no trem, até sabermos quando vamos ser alimentadas novamente e quanto receberemos.

Ela consegue ver pelos rostos encovados das mulheres que a comida não será frequente nem nutritiva.

As duas meninas bebericam lentamente o líquido marrom. Ao menos ele está quente. Não tem sustância. Josie observa outras sentadas à mesa com colheres, pescando o que parecem pedaços de batata ou, possivelmente, de peixe.

— Não nos deram uma colher.

— Acho que talvez seja algo que precisamos conseguir sozinhas — diz Cilka, vendo os utensílios gastos que algumas veteranas estão usando —, quando e do jeito que pudermos.

Logo, Cilka e as outras recém-chegadas estão reunidas ao lado da brigadeira. Antonina Karpovna arrebanha as mulheres e as leva de volta ao seu barracão.

Quando a última entra no salão, Antonina observa-as caminhar ou para a cama ou para a fornalha a fim de ficarem confortáveis.

— No futuro, quando eu entrar aqui, vocês vão se levantar imediatamente e ficar à frente de sua cama. Fui clara?

As mulheres erguem-se com um salto da cama ou correm até ela, e todas abaixam a cabeça.

— Vocês também vão se virar para mim e me olhar. Vou dar instruções uma vez só e quero olhar vocês nos olhos e saber que todas entenderam. Quem entende o que estou falando?

Várias mãos levantam-se de um jeito submisso, inclusive a de Cilka. O restante aparentemente imitou o que as outras mulheres estavam fazendo.

— Então, aquelas que entenderam melhor que expliquem para as outras, e rápido.

Ela faz uma pausa para observar as mulheres olhando a pessoa em pé ao lado delas, e algumas passam o que havia sido dito, em grande parte em outros idiomas eslavos.

— Essas são as regras com que vão viver enquanto estiverem aqui. Já determinamos quando e como vocês vão trabalhar, receber comida e quanto tempo vão dormir. As luzes se apagam às nove horas da noite, se bem que no verão vocês nem vão perceber... Nesse período, vocês limpam o chão aqui, abastecem o depósito de carvão para o dia seguinte, tiram a neve da frente do prédio, remendam as roupas, o que quer que seja necessário para viverem aqui. Não vou tolerar este lugar parecendo uma pocilga... Quero poder comer no chão. Ouviram? Vocês vão ouvir o chamado para acordar, não conseguirão dormir com ele. Duas de vocês vão limpar os baldes, não me importa quem seja, só não deixem de limpar. Ninguém vai comer até que estejam limpos.

Nem uma palavra é dita, mas todas as cabeças se movem, concordando.

— Se vocês deixarem de fazer qualquer uma dessas coisas, mas especialmente se deixarem de fazer sua parte do trabalho, decepcionando *minha* brigada, vão ser jogadas no

buraco. — Ela funga. — O buraco é a cela de confinamento solitário no *lagpunkt*. É um lugar úmido e mofado onde seu corpo é forçado a ficar torto, quer vocês fiquem em pé, sentadas ou deitadas. Não há fornalha, e a neve vai cair sobre vocês através de uma janela gradeada aberta. Vão ter sorte se tiverem um balde para suas necessidades, pois há uma fossa pronta no chão. Vocês vão receber menos que um terço da ração normal... e um pedaço de pão preto duro para acompanhar. Entenderam?

As cabeças assentem de novo. Um calafrio percorre a espinha de Cilka.

De uma bolsa pendurada sobre o ombro, Antonina tira trapos e um pedaço de papel amassado do bolso.

— Quando eu chamar seu nome, vocês vêm até aqui e pegam seu número. Vocês terão dois números, um para colocar na boina, outro em qualquer vestimenta externa que estiverem usando. Nunca devem ser vistas lá fora sem seu número visível em ao menos uma vestimenta.

Quando os nomes são chamados, as mulheres respondem e pegam os dois trapos entregues a elas, examinando os números escritos grosseiramente com tinta.

Outro número. Cilka esfrega o braço esquerdo inconscientemente. Escondida sob as roupas está sua identidade daquele *outro lugar*. Quantas vezes uma pessoa pode ser reduzida, apagada? Quando seu nome é chamado, ela pega o tecido estendido a ela e observa sua nova identidade. 1-B494. Josie mostra o dela para Cilka. 1-B490.

— Costurem os números nas roupas, e façam isso hoje à noite, todas vocês. Quero ver todos amanhã. — Ela faz uma pausa, deixa que as traduções sejam feitas, observa os olhares confusos. — Espero ver algumas costuras interessantes, isso vai me dizer muito sobre vocês — zomba ela.

Uma voz corajosa ergue-se.

— O que vamos usar como agulha e linha?

Da bolsa, a brigadeira tira um pedacinho de tecido com duas agulhas enfiadas nele. Parecem ter sido feitas com um fio lixado até ficarem pontudas. Ela as entrega à mulher mais próxima.

— Então, mãos à obra. Volto de manhã. Amanhã, vocês vão trabalhar. Acordem às seis.

— Desculpe — diz Natalya —, onde conseguimos carvão?

— Se virem.

Quando a porta se fecha atrás dela, as mulheres se reúnem ao redor da fornalha. Cilka está aliviada por ninguém ter sido espancada por fazer perguntas.

Josie sugere:

— Se formos lá fora, talvez vejamos as outras pegando carvão, daí vamos saber aonde ir.

— Vai lá, mesmo — diz a valentona, Elena, deitando-se na cama. — Talvez seja nosso *último dia de folga.*

— Vou com você — comenta Cilka.

— Eu também — fala Natalya. — As outras podem começar a costurar.

— Sim, senhora — retruca Elena com frieza.

Josie coloca os poucos pedaços de carvão restantes ao lado da fornalha e pega o balde vazio.

As três saem cautelosamente do barracão, olhando ao redor. A escuridão está chegando, e os holofotes iluminam o pátio. Está frio. Elas conseguem ver os prisioneiros correndo de um lado para o outro entre os prédios, e um grupo de jovens caminhando rapidamente na direção do barracão próximo delas, carregando baldes transbordantes de carvão.

— Por aqui — diz Cilka.

Natalya põe-se diante das mulheres.

— Podem nos dizer onde fica o carvão, por favor?

— Ache sozinha. — É a resposta.

Natalya revira os olhos.

— Elas vieram de lá — informa Josie, apontando para um prédio. — Lá atrás, vamos até lá dar uma olhada.

Elas voltam para o barracão depois de se revezarem para carregar o balde pesado. Natalya caminha para deixá-lo no chão. Suas mãos macias escorregam da alça, o carvão se derrama ao chão. Ela olha para as mulheres, em sua expressão um pedido de desculpas.

— Tudo bem, eu varro — Josie se voluntaria.

Duas mulheres estão costurando com agilidade seus números na boina e no casaco.

— Onde vocês arranjaram a linha? — pergunta Natalya antes que Cilka consiga fazê-lo.

— Dos nossos lençóis — responde a mulher mais velha, falando um idioma eslavo hesitante, próximo do eslovaco, e repetindo em russo. Possivelmente a mais velha no barracão, uma vida inteira de trabalho duro que se evidenciava nas palavras abruptas. Ela diz que seu nome é Olga.

Cilka olha ao redor e vê outras mulheres arrancando cuidadosamente fios da ponta de seus lençóis.

— Rápido. Por que estão demorando tanto com a agulha, Olga? — questiona Elena, aproximando-se da mulher mais velha.

— Estou tentando fazer um bom trabalho. Se você fizer direito da primeira vez, não vai ter que refazer.

— Passe-me a agulha agora, sua vaca idiota. Tem tempo e lugar para mostrar suas habilidades no bordado, e não é aqui.

Elena estende a mão, impaciente.

— Estou quase acabando — diz Olga, tranquila. Cilka admira o jeito como Olga lida com a destemperada Elena, mas também compreende a vontade de descontar a raiva em alguém quando as coisas não estão indo conforme o planejado. Deve ser o primeiro campo de Elena. Olga aumenta a velocidade da costura, cortando a ponta da linha com os dentes antes de entregar a agulha. — Aí está, *tuk krava.*

Cilka segura uma risada. Olga acabou de chamar Elena de vaca gorda em eslovaco com voz carinhosa. Ela pisca para Cilka.

— Meu pai era eslovaco — diz ela.

Elena faz uma careta, arrancando a agulha da mão da outra.

Cilka senta-se na cama, olhando para Josie, que mexe com tristeza em seus remendos numerados. Ela parece ir de talentosa a arrasada em questão de segundos.

— Deixe comigo — diz ela.

Josie parece aflita.

— Um dia por vez — fala Cilka. — Tudo bem?

Josie concorda com a cabeça.

Cilka começa a tirar fios do lençol. Quando uma agulha lhe é entregue, rapidamente costura os números nas vestimentas de Josie e nas dela.

Cada vez que ela crava a agulha no tecido, sente como se a estivesse cravando em seu braço esquerdo. Outro número. Outro lugar. Ela faz uma careta.

Ter perdido tudo. Ter precisado suportar o que suportou e ser punida por isso. De repente, a agulha parece tão pesada quanto um tijolo. Como ela conseguirá continuar? Como poderá trabalhar para um novo inimigo? Viver para ver as mulheres ao seu redor se exaurirem, morrerem de fome, diminuírem, morrerem. Mas ela – ela *sobreviverá*. Não sabe por que sempre teve certeza disso, por que sente que pode persistir – continuar segurando a agulha embora ela esteja tão pesada quanto um tijolo, continuar costurando, continuar fazendo o que precisa fazer –, mas ela pode. Começa a se sentir raivosa, furiosa. E a agulha parece leve de

novo. Leve e rápida. É esse fogo, então, que faz com que ela continue. Mas também é uma maldição. Faz com que ela se destaque, seja apartada. Ela precisa contê-lo, controlá-lo, direcioná-lo.

Para sobreviver.

4

O clangor espantoso de um martelo batendo em metal desperta as recém-chegadas no Gulag de Vorkuta às seis da manhã. Antonina tinha razão – é um sinal de despertar que não pode ser ignorado. As mulheres precisam se revezar na colocação de carvão na fornalha durante toda a noite, colocando apenas o suficiente para mantê-la acesa. Embora o sol tivesse brilhado durante quase a noite toda, havia geada no chão quando elas voltaram de sua escassa refeição noturna no refeitório. Todas dormiram com as roupas que haviam recebido no dia anterior.

As portas abrem-se, deixando entrar uma lufada de ar frio. Antonina Karpovna segura a porta aberta, observando as mulheres correrem para ficarem em pé na ponta das camas, os olhos virados para ela. Ela meneia a cabeça, aprovando.

Ela caminha pelo barracão, inspecionando os números recém-costurados nos casacos das mulheres. Parando em Elena, berra:

— Faça de novo hoje à noite. É a pior costura que já vi.

Quando ela volta para a porta, vira-se para as duas garotas mais próximas.

— Peguem os baldes que vou mostrar onde esvaziar. Amanhã, uma de vocês pega outra *zechka* para mostrar onde ir e assim por diante, entenderam?

As duas garotas saem cambaleando até os baldes de necessidades no fundo do barracão, bem em frente à cama de Cilka.

Enquanto Antonina e as duas garotas desaparecem com os baldes, as outras mulheres ficam paradas, nenhuma preparada para se mexer. Quando as garotas voltam, pálidas, Antonina diz a todas elas para rumarem para o refeitório para tomar café da manhã e voltar às sete para a chamada.

Lá fora, as duas garotas que esvaziaram os baldes com as necessidades se inclinam e esfregam as mãos na geada, em uma tentativa de limpar o fedor e a urina.

Se é o fim do verão, pensa Cilka enquanto caminha com Josie até o barracão do refeitório, e já há uma neve fina no chão e o ar é como gelo, nenhuma delas estará preparada para o que está por vir. Trabalhar ao ar livre será insuportável.

O café da manhã é um mingau grosso e insosso. Josie lembra-se de colocar seu precioso pedaço de pão na manga. Como no dia anterior, não há lugares em nenhuma das mesas. Dessa vez, as recém-chegadas sabem o que fazer e se recostam nas paredes.

É óbvio que o mingau não pode ser bebido. As mulheres olham ao redor. Há outras usando dois dedos como colher. Por ora terá de ser assim.

* * *

Chamada. Muito familiar para Cilka. Ela só espera que, como são apenas vinte, seja rápido. Que ninguém tenha se perdido à noite. Lembra-se de uma noite acordada no frio – a noite toda – até uma prisioneira ser encontrada. A dor nos joelhos, nos ossos dos tornozelos. E não foi nem a pior noite no *outro lugar*. Nem de perto. Antonina Karpovna começa a chamar nomes. *Nomes. Não sou um número. E, ainda assim, eu tenho um número.* Cilka olha para seu braço esquerdo encoberto e para o número agora costurado em seu casaco marrom e áspero. *Eu tenho um nome.* Ela responde em voz alta, "sim", quando é chamada. Elas são instruídas a formarem quatro fileiras de cinco.

Os grupos de mulheres enfileiram-se, cada uma liderada por uma brigadeira. Os grupos de homens também estão chegando do outro lado do campo. Eles passam por Cilka e seu barracão enquanto marcham até os portões que levam para fora do complexo. Pelo que Cilka tinha observado na chegada, havia apenas uma entrada e uma saída. Uma cerca simples de arame farpado define a fronteira. Grupos de homens e mulheres avançam.

Eles diminuem a velocidade, parando quando se aproximam da saída e veem pela primeira vez o ritual de ir

ao trabalho de cada dia. Quando chega a vez de Antonina, Cilka a observa se aproximando de um guarda ou administrador e mostrando para ele a lista de nomes. Antonina então acena para a primeira fileira de mulheres se aproximar. O guarda caminha pela fileira, contando cinco, revistando-as de forma grosseira e, em seguida, as empurra para a frente antes de fazer o mesmo com as próximas três fileiras. Ele meneia a cabeça para Antonina, que acompanha as mulheres, dizendo para continuarem andando atrás das outras. Elas seguem até um trilho de trem, às vezes tropeçando nos dormentes, pensando que será mais fácil caminhar neles do que arrastar os pés pela lama que afunda e drena sua energia, da qual sabem que vão precisar para o trabalho.

Os guardas caminham pelas fileiras de homens e mulheres que andam com dificuldade até a grande mina que se agiganta à frente deles. Parece uma montanha preta com uma abertura que desaparece no inferno. Pilhas de carvão elevam-se por trás dos pequenos prédios decrépitos. No alto da boca da mina, eles conseguem ver a roda que está trazendo o carvão lá das profundezas. Vagonetes abertos alinham-se no trilho quando as mulheres se aproximam.

Quando chegam à mina, aqueles que estão na frente se destacam, indo para trabalhos e áreas que já lhes são familiares. Antonina entrega as recém-chegadas para um guarda antes de seguir com algumas das mulheres dos outros barracões, que também fazem parte de sua brigada.

Caminhando entre as mulheres, o guarda empurra várias para um lado, separando-as.

— Ei, Alexei — ele grita —, venha e pegue este lote. Elas parecem que podem levantar uma picareta.

Outro guarda se aproxima e acena para as quinze mulheres o seguirem. Cilka, Josie e Natalya ficam para trás. O guarda olha para elas.

— Vocês não conseguem erguer uma porcaria de uma picareta nem se todas se juntarem. Venham comigo.

Eles sobem uma das montanhas de carvão, chegando bem quando uma grua despeja uma carga no alto. Tomam um banho de pó e pequenos pedaços de carvão duro e pontudo.

— Peguem um balde cada uma e comecem a encher. Quando estiver cheio, leve até um dos carrinhos e despejem lá — diz ele, apontando o vagonete nos trilhos. Outros já estão trabalhando, e, de novo, parece uma questão de seguir o exemplo.

Cada mulher pega um balde e começa a enchê-los com pedaços de carvão.

— É melhor vocês irem rápido ou vão ter problemas — diz uma das mulheres. — Vejam como se faz.

A mulher pega o balde vazio e usa como uma pá, enchendo-o até a metade. Firmando-o no chão, ela usa as mãos juntas para enchê-lo até a borda. As novatas tentam copiá-la, com níveis variados de sucesso. Todas enchem os baldes antes de tentar levantá-los. Nenhuma consegue; estão pesados demais.

Alguém diz para elas:

— Esvaziem um pouco e coloquem apenas o que conseguem carregar. Vocês vão ficar mais fortes quanto mais fizerem.

Cilka e Josie conseguem apenas lidar com baldes pela metade, o que não passa despercebido pelo guarda que está em pé no vagonete. Uma coisa era carregá-los, outra, tentar erguê-los para esvaziá-los.

O guarda que as monitorava olha para os baldes meio cheios.

— Sua turma não vai ter pausa. Como vocês são umas vagabundas fracas, precisam compensar. Então, mexam-se.

Em vários pontos, Cilka vê Antonina escrevendo em uma caderneta, conversando com os guardas, perguntando sobre a produtividade de sua brigada.

* * *

O trabalho é tão sofrido que Cilka, Josie e Natalya estão começando a gemer e bufar alto. Observam com inveja quando as outras deixam as ferramentas de lado por dez minutos e fazem uma pausa. Cilka sente os ombros, o pescoço e as costas queimarem. Quando o próximo sino ressoa várias horas depois, os baldes, as picaretas e as outras ferramentas são largados onde estão. Homens e mulheres caminham devagar até os trilhos do trem, dividindo-se quando encontram os outros de sua brigada – aqueles com quem dividem um barracão e aqueles dos barracões ao redor.

Eles param, esperando ser guiados pelas suas brigadeiras, esperando pelo sinal para caminhar.

Assim que recebem permissão, silenciosamente caminham com esforço pelo trilho, parando de novo do lado de fora dos portões do complexo. Antonina Karpovna entrega seu pedaço de papel ao guarda-administrador, que conta as mulheres. Arrastando os pés, doloridas, elas seguem Antonina de volta ao barracão, onde algumas brasas brilham sem emanar nenhum calor. Natalya joga um pouco de carvão na fornalha para reacendê-la. Cilka fica surpresa por ela ainda conseguir encontrar forças para olhar para o carvão, quem dirá erguer uma pazinha dele. Todas caem na cama, puxando os cobertores sobre a cabeça. Ninguém fala.

O que passa por jantar não contribui para restaurar sua energia. Voltando ao barracão, muitas vão para a cama, mas algumas se põem ao redor da fornalha.

— O que você está olhando?

Cilka, deitada na cama, reconhece a voz. Elena.

— Não é sua cara feia — ela ouve Natalya responder.

Cilka ergue o corpo apoiando-se em um cotovelo para ver onde a conversa vai parar.

— Acabo com você, vagabunda, se não sair da minha frente.

— Me deixe em paz, valentona. Deixe todas nós em paz — ralha uma Natalya desafiadora, levantando-se da cama.

— Natalya, sente-se. Não vale a pena — diz Olga.

Ela solta um chiado.

A exaustão esmaga Cilka. Ela entende a raiva, a partida para o ataque. Quando a fúria não pode ser voltada aos captores, por medo da morte, ela encontra outros caminhos para sair. Ela imagina quantos anos Elena tem, o que se passou com ela. Talvez o problema seja que nada tenha acontecido com ela antes. Como com Cilka, antes daquele *outro lugar*. Tinha todo o amor, comida, roupas, conforto de que precisava. Quando isso tudo foi tirado dela da noite para o dia... Bem, ninguém sabe como se reage a isso.

Ela precisa parar de pensar no passado. Amanhã... Amanhã será uma repetição do hoje, do dia seguinte e da semana seguinte e, para Cilka, dos próximos quinze anos.

O desespero a deixa desolada.

Auschwitz-Birkenau, 1943

Envolvida em um casaco quente e longo, Cilka está em pé na neve diante do Bloco 25. Como ela temera, seu bloco contém mulheres que estão passando seus últimos dias na Terra, não raro doentes demais para se mexer, a vida já tendo sumido de seus olhos. Esse é o mundo de Cilka, e ela existe dentro dele para ficar viva. Kapos *vestidas da mesma forma aproximam-se dela com mulheres e garotas atrás delas – emaciadas, figuras fantasmagóricas, muitas segurando outras em pé. Cada* kapo *diz às mulheres que escoltou que Cilka é a líder de seu bloco, devem fazer o que ela disser. São instruídas a esperar lá fora, no frio, pelo oficial da SS que fará a chamada.*

Cilka sente-se tão inanimada quanto a neve. Seus olhos marejam sobre os corpos ossudos, encurvados, mas seus sentimentos foram roubados. Começou quando Schwarzhuber a colocou naquele quartinho na frente do Bloco 25 e começou suas visitas regulares. Ela descobriu que podia se tornar uma série de membros, apenas osso, músculo e pele. Ela não escolheu aquilo. Só aconteceu. Ela acha que talvez seja um pouco como quando ela era criança e esfolava o joelho – embora visse o sangue, levava um bom tempo para registrar o ferimento.

Cilka está lá, sem dizer nada enquanto espera para que lhe digam que todas as mulheres que chegaram ao Bloco 25 naquela noite estão presentes. Amanhã, ou talvez no dia seguinte, se os nazistas decidirem que têm algo melhor a fazer, elas todas serão levadas à câmara de gás, que parece uma casinha branca. E elas serão mortas.

Um oficial sênior da SS aproxima-se junto com o último grupo de dez mulheres. Ele bate com o cassetete de equitação, atingindo aleatoriamente mulheres insuspeitas. Algo rompe o estado vidrado de Cilka, que se apressa para se encontrar com elas.

— Rápido, suas putas preguiçosas imprestáveis! — ela grita. — Já juntei as mulheres — diz ela para o oficial da SS, parando na frente deles quando ele estava prestes a descer o cassetete na cabeça de uma garota próxima. Cilka lhe dá um empurrão, fazendo com que ela caia na neve.

— Levante-se e junte-se às outras! — ela grita para a garota.

O oficial da SS observa, meneia a cabeça para Cilka e se afasta. Ele não vê Cilka curvar-se e levantar a garota por baixo do braço,

ajudando-a a ficar em pé.

— Rápido, siga as outras — diz ela com mais gentileza.

Cilka vê o oficial da SS virar-se para trás e grita com as mulheres.

— Entrem agora! Estou aqui fora, congelando, porque vocês são lerdas e preguiçosas demais para se mover. Vão, vão! — berra ela.

Virando-se para o oficial da SS, ela abre um grande sorriso.

Ela segue as mulheres lá para dentro, fechando a porta.

As mulheres haviam encontrado lugares para se sentarem e deitarem, embora houvesse pouco espaço. Às vezes, elas se espalhavam no pátio, empilhadas como animais. Rostos emaciados encaram Cilka – olhares de terror e desespero. Ela anseia por explicar que se gritar com elas, os SS não entrarão.

As palavras não chegam.

Ela tem dezesseis anos. Possivelmente a pessoa mais jovem ali naquele momento. E viverá mais tempo que todas elas.

Ela vê uma mulher com uma crosta nauseante no rosto.

Qualquer que tenha sido o sentimento que ela permitiu entrar um momento antes, terminava ali. Ela está tão apática e pálida quanto a neve, quanto as paredes. Quando os ruídos das mulheres aumentam – o lamento e o choro e o bater das palmas nas paredes, a reza e os gritos dos nomes dos entes amados e perdidos, Cilka se vira e vai para a frente do bloco, para seu quarto, e se deita.

* * *

Os dias são longos e dolorosamente difíceis. Cilka precisa extrair reservas de força física que nunca soube que tinha. Cilka e Josie vinham testando diferentes métodos de como dividir sua ração de pão durante o dia para uma melhor eficiência de energia. À noite, as mulheres com frequência falam sobre comida. Quando trazem à tona assuntos como família e lar, se concentram nisso – refeições compartilhadas. Chucrute e cogumelos, queijo *cottage*, salsichas, *pierogi*, frutas frescas. Cilka precisa voltar anos em suas lembranças para acompanhar e tem de lutar contra uma sensação de inveja que surge de saber que essas lembranças estão muito mais próximas das mulheres a seu redor.

Parece que nenhuma delas está pronta para entrar em grandes detalhes sobre suas prisões, sobre eventos recentes, sobre onde estão suas famílias agora. Ou talvez não tenham decidido se podem realmente confiar uma na outra. Ainda assim, se perguntam em voz alta sobre os desaparecidos. Margarethe, em particular, uma jovem russa de rosto redondo e covinhas, de quem Cilka gosta instintivamente, não consegue parar de se preocupar com o marido. Josie pensa em seus irmãos; e Olga, embora saiba onde estão os filhos, preocupa-se, pois não os ouvirá nem saberá se estão bem. Cilka pensa em todos aqueles que perdeu, mas não consegue sequer começar a expressá-lo.

Uma noite, Olga diz para Cilka:

— Klein... É um sobrenome judeu bastante comum, não é?

Cilka faz que sim com a cabeça.

— Acho que sim. — Ela se levanta. — Vou lá buscar carvão.

* * *

Quando as mulheres voltam do trabalho, uma semana após a sua chegada, Elena anuncia que Natalya tem que esvaziar os baldes de merda no dia seguinte, pelo segundo dia consecutivo. A primeira neve pesada havia começado e, quando Elena diz isso, se aconchega mais em seu casaco.

— Eu vou — diz Josie. — Faz um tempo desde a minha vez.

— Eu estou no comando aqui — retruca Elena, levantando-se. — Eu digo quem faz o quê.

— Não, não está — revida Josie. — Ninguém colocou você no comando. Vamos dividir o trabalho.

Cilka fica surpresa quando Elena não continua a bater boca. Simplesmente estreita os olhos e se senta, encolhida no casaco.

As mulheres estão em pé ao redor da fornalha, deixando que o calor alivie os músculos doloridos, esperando o clangor do metal para indicar que é hora de ir para o refeitório jantar.

Lá atrás, Josie é violentamente empurrada pelas costas.

Ela reage erguendo a mão, buscando algo em que se apoiar, e acaba segurando a chaminé da fornalha. Seu grito ecoa pelas paredes.

Josie estende o braço, como se fosse algo de que quer se livrar. Milhares de pensamentos passam pela cabeça de Cilka, imagens de mulheres doentes e feridas e o que acontece com elas. Não, não com Josie. Cilka a agarra, empurrando-a para fora do barracão e enterrando sua mão queimada na neve que agora cobre pedaços do chão do lado de fora. Josie chia entredentes e começa a chorar alto.

— Quieta — diz Cilka, um pouco mais rude do que deseja.

Depois de alguns minutos, ela puxa a mão da amiga da neve e examina os danos. A palma e os quatro dedos da mão direita de Josie têm um tom de vermelho forte, o polegar é a única parte incólume.

Cilka empurra a mão de Josie de volta para a neve e puxa o rosto da companheira para ela. Está muito pálido, tão branco quanto o chão.

— Fique aqui, eu já volto.

Cilka volta para dentro, parando, olhando as mulheres reunidas em volta da fornalha.

Um "como ela está?" lamurioso fica sem resposta.

— Quem fez isso? Quem a empurrou? — Cilka só tinha visto o rápido movimento de Josie sendo jogada para fora do grupo, caindo. Mas tinha suas desconfianças.

A maioria das mulheres desvia o olhar, mas Cilka nota que Natalya olha para a culpada.

Cilka caminha até Elena, sentada confortavelmente em sua cama.

Elena rosna para Cilka.

— Eu poderia quebrar você em duas.

Cilka entende a diferença entre uma ameaça vazia – uma demonstração de poder nascida do desamparo – e uma verdadeira intenção de prejudicar os outros.

— Muitas pessoas mais assustadoras que você tentaram me quebrar — retruca Cilka.

— E eu lutei com homens com dez vezes o seu tamanho — fala Elena.

As mulheres ao redor afastam-se, dando-lhes espaço, certas de que uma briga está prestes a começar.

— Levante-se — exige Cilka.

Elena continua encarando-a, desafiadora. Um fogo queima dentro de Cilka.

— Vou pedir mais uma vez. Levante-se.

As duas mulheres encaram-se por vários momentos antes de Elena se levantar devagar, fazendo beicinho como uma criança.

— Elena, vou levantar seu cobertor, torcer para que o lençol embaixo dele não esteja cheio de piolhos e rasgar a ponta. Você não vai tentar me impedir. Entendeu?

Elena bufa, mas meneia a cabeça devagar, concordando. As outras mulheres aproximam-se de novo, ficando em pé atrás de Cilka, agora que a dinâmica revelou estar a favor dela.

Com um olho em Elena, Cilka puxa o cobertor. Ela pega a ponta do lençol, leva-o à boca e o puxa com os dentes até fazer um pequeno rasgo. Usando as mãos, arranca uma tira.

— Obrigada, Elena. Você pode refazer sua cama.

Cilka vira-se para a porta.

Antonina Karpovna está parada ali, com o braço contra o batente da porta, impedindo a saída de Cilka.

— Vou ter problemas com você? — pergunta ela.

— *Nyet* — responde Cilka em russo.

Antonina retira o braço. Cilka sai de novo e vai até onde Josie está sentada na neve enquanto o sol se põe, seu corpo balançando com o frio e a dor. Cilka limpa a neve da mão machucada de Josie antes de envolvê-la no pedaço de lençol. Ajudando a amiga a se levantar, o braço em volta dela, ela a leva de volta para dentro. Parece estranho estar tão perto de alguém. A última pessoa que ela voluntariamente tocou assim foi Gita. Aquelas que estão reunidas ao redor da fornalha se afastam para deixá-las chegar o mais perto possível do calor.

O sinal para o jantar soa. Josie recusa-se a sair da cama. Cilka sente uma pontada de frustração, de raiva, pelo desamparo da outra. Quase a deixa lá. Então, pensa em quanto será pior se Josie não comer, se perder as forças.

— Vamos lá, Josie — pede ela e a ajuda a se levantar.

No refeitório, Cilka entrega a Josie uma caneca de sopa. Ela a pega com a mão esquerda. Quando um pedaço de pão

velho é empurrado para ela, Josie não consegue aceitá-lo, e ele cai no chão.

Um guarda do refeitório observa, esperando para ver o que Cilka, a próxima da fila, fará. Se ela ajudar Josie, poderá mesmo esperar ser punida. Caso contrário, Josie perderá as forças. Josie se abaixa, segurando firme a caneca, pedindo com o olhar que Cilka a ajude. Com os olhos fixos nos de Josie, Cilka coloca o próprio pedaço de pão entre os dentes, segurando-o ali – uma instrução silenciosa. Josie cuidadosamente coloca a caneca no chão, pega o pedaço de pão e o aperta entre os dentes antes de pegar a caneca e seguir em frente.

Assim que encontram um lugar para ficar, longe do olhar do guarda, Cilka tira o pedaço de pão da boca de Josie e a ajuda a escondê-lo na manga do casaco.

* * *

De volta ao barracão, todas as mulheres, desanimadas, perguntam a Josie como está sua mão. Ela lhes diz com bravura que vai dar tudo certo. Cilka está feliz por ver que comer a deixou mais esperançosa.

Sentada em sua cama, Cilka observa enquanto a neve vira água do lado de fora da janela, lágrimas escorrendo pelo vidro. Ela pede a Josie que lhe mostre a mão queimada. Com cuidado, Josie desenrola o curativo improvisado, a última camada grudando na pele com bolhas. Ela morde a outra mão para não gritar de dor.

— Parece melhor — diz Cilka, tentando confortar Josie com palavras em que ela mesma não acredita. Ela sabe o quanto é importante não desistir.

Natalya aproxima-se e se senta ao lado de Cilka, olhando o ferimento.

— Amanhã vou perguntar a Antonina se há um hospital ou enfermaria por aqui. Se houver, eles vão poder ajudá-la e colocar um curativo adequado aí.

Cilka sabe que qualquer uma que queira sair do trabalho não será vista de forma amistosa. Mas, se a mão de Josie não se curar, as coisas ficarão muito piores. Ela concorda com a cabeça.

— Obrigada, Natalya — diz Cilka.

Todas acomodam-se nas camas. A noite as envolve, mas o amanhecer chega cedo, e Cilka acorda com um sobressalto, com o coração acelerado, antes que o silêncio e a tranquilidade a ponham de novo para dormir.

* * *

Antonina chega pela manhã, parecendo cansada. Ela indica sem palavras que todas se mexam. Natalya vai dizer algo sobre Josie, mas flagra o negar de cabeça de Cilka. Enquanto andam, Cilka sussurra:

— Deixe que ela tome café primeiro, caso contrário, pode ficar sem. — Ela também está muito consciente do humor de Antonina. Aprendeu a ler o rosto de captores, guardas, daqueles com poder sobre os demais.

Quando todos os nomes já foram marcados na chamada, Natalya olha para Cilka. Cilka e Josie tomaram seu mingau e estão com os pães escondidos nas mangas. O rosto de Antonina também está um pouco mais corado. Cilka meneia a cabeça para Natalya.

— Com licença, Antonina Karpovna — diz Natalya. Cilka ouve o uso formal do nome com o patronímico.

A brigadeira dá a Natalya plena atenção.

— Como a senhora deve saber, por sua visita ontem à noite, Josie sofreu uma lesão na mão direita. Existe uma enfermaria aonde ela possa ir?

— Como isso aconteceu? — questionou Antonina.

Natalya parece relutante em revelar quem é a culpada. Apesar da maldade do ato, elas não querem que nenhuma delas seja jogada no buraco – a cela de punição. Poderia resultar em fome, doença, loucura. Apesar da fúria de Cilka com Elena – especialmente por sua covardia: um empurrão pelas costas –, ela acha que a mulher merece outra chance.

Parece que Josie também acha.

— Tropecei perto da fornalha — explica Josie — e estendi a mão para impedir a queda.

Com queixo erguido, Antonina acena para Josie se aproximar.

Josie aproxima-se da brigadeira com a mão enfaixada estendida.

— Como sei que não está apenas tentando se safar do trabalho?

Josie entende. Começa a desenrolar o curativo. Não consegue impedir as lágrimas que acompanham a dor enquanto remove a última camada, revelando a mão cheia de bolhas.

Cilka dá um passo à frente e fica ao lado de Josie, sem querer se destacar, mas desejando que ela saiba que está lá para confortá-la. Antonina olha para as duas, avaliando-as.

— Não resta muito para vocês duas, não é, *zechkas*? — Ela olha para Cilka. — Leve-a de volta para dentro. Volto para falar com vocês.

Cilka fica assustada. Preocupada. Mas faz o que Antonina disse. Elas correm de volta para dentro do barracão, Cilka lançando um olhar para as outras, enquanto elas se arrastam para o trabalho. A neve as chicoteia, envolvendo-as, e elas desaparecem de vista. O que ela fez agora?

Cilka e Josie aconchegam-se ao lado da fornalha, cobertores enrolados nos corpos trêmulos. Cilka espera desesperadamente que elas se aclimatem. Ainda não é nem inverno. Uma explosão gelada arranca-as de sua contemplação. Antonina está parada à porta.

Cilka cutuca Josie, elas andam rapidamente até a porta e seguem Antonina até lá fora. Cilka garante que a porta fique bem fechada atrás dela.

Ela costumava ver Antonina com outra brigadeira – com quem compartilhava um barracão no grupo de barracões que compõem a brigada –, então supõe que devem dividir a responsabilidade pelas mulheres. Ou talvez a outra mulher

fosse assistente de Antonina. De qualquer maneira, ela deve ser a pessoa que acompanha a brigada em campo enquanto Antonina assume este dever.

Embora a distância para a enfermaria e o hospital não seja muito longa, as condições da nevasca tornam a caminhada lenta e dolorosa, pois a neve é tão profunda que elas são forçadas a arrastar as pernas por ela em vez de caminhar. Cilka tenta entender o tamanho do complexo pelo número de barracões que se assemelham ao delas. Os outros edifícios maiores, um pouco afastados, devem ser administração ou armazéns, mas não há nada que indique seu uso. O prédio do hospital que Antonina aponta para elas também não tem sinal externo de sua utilidade.

Um guarda está diante do prédio. Antonina, com olhos quase invisíveis, é forçada a remover o lenço enrolado no rosto e gritar na cara dele. Cilka imagina o que ele poderia ter feito para ser punido com esse dever. Não parece muito melhor do que ser prisioneiro, embora provavelmente tenha alojamentos melhores e mais comida. Com aparente relutância, ele abre a porta e, sem cerimônia, empurra as três mulheres para dentro. Aparentemente, ele tem instruções de não deixar que a neve entre.

O calor do prédio as envolve imediatamente, e elas tiram os lenços, Josie usando a mão boa.

— Esperem aqui — ordena Antonina. Estão diante da porta, dando uma primeira olhada na sala em que acabaram de entrar.

É um tipo de sala de espera. Alguns prisioneiros – homens e mulheres – sentam-se nas poucas cadeiras disponíveis, outros acomodam-se no chão, encolhidos, a dor estampada no rosto. Outros, ainda, estão enrodilhados, dormindo, inconscientes, mortos – não está evidente quem é quem. Vários gemem baixinho, um som angustiante, muito familiar para Cilka. Ela desvia o olhar deles para o retrato de Stálin na parede.

Antonina está junto à mesa adiante na sala, falando baixinho com uma matrona sentada atrás dela. Com um aceno de cabeça, ela se volta para Cilka e Josie.

— O seu número será o 509. — Ela repete os números lentamente em russo: — *Pyat' sot dievyat*.

Sem dizer mais nada, Antonina volta para a porta e em seu lugar fica uma lâmina de neve fresca, que rapidamente derrete em uma poça no chão.

Cilka pega o braço de Josie e a leva até um pequeno pedaço de parede nua em que podem se apoiar. Quando deslizam para se sentar no chão, Cilka percebe várias cabeças se levantarem, e olhos temerosos avaliam as recém-chegadas. Existe uma hierarquia aqui? Cilka enfrenta seus olhares. Eles são os primeiros a desviar o olhar.

* * *

Cilka ouve o número delas, acompanhado por alguns gritos.

Ela se assusta, saindo de um atordoamento.

— Última chance! — está dizendo a matrona.

Desorientada, vê Josie dormindo, a cabeça apoiada nas pernas estendidas de Cilka.

— Aqui! Estamos indo! — grita ela o mais alto que pode.

Balança Josie, e elas se levantam, indo rapidamente até a mesa e a mulher carrancuda atrás dela.

Ela se levanta, empurra uma prancheta para Josie e caminha até uma porta que leva ao fundo da sala. Cilka e Josie a seguem.

Pela porta, a mulher as conduz para além das camas que se alinham nos dois lados da sala. Uma ala. Cilka olha para as camas. Os lençóis são brancos. Os cobertores são cinza, mas parecem mais grossos que os do barracão. Os travesseiros estão escondidos sob a cabeça de homens e mulheres deitados ali.

Atravessando a enfermaria, elas entram em uma área clínica isolada do restante da sala. O cheiro de desinfetante invade suas narinas.

Josie é empurrada para uma cadeira ao lado de uma mesa coberta de frascos, ataduras e instrumentos.

A mulher aponta a prancheta que Josie está segurando e entrega uma caneta para Cilka, que entende que elas devem preencher a ficha. A mulher se afasta e vai embora.

— Não vou conseguir — sussurra Josie. — Sou destra.

— Eu preencho — diz Cilka.

Ela pega a prancheta, empurra alguns dos instrumentos da mesa para um lado e pousa a prancheta sobre ela.

E então vê que a ficha está em cirílico. As letras são como túneis e portões, com curvas e floreios surpreendentes. Faz muito tempo que não lê naquele alfabeto. Escrever será difícil.

— Muito bem — diz ela. — A primeira informação é sempre seu nome. Qual é o seu sobrenome, Josie?

— Kotecka, Jozefína Kotecka.

Cilka escreve o nome devagar, da melhor maneira possível, esperando que os médicos consigam lê-lo.

— Vejamos, acho que aqui vai a data de nascimento.

— Vinte e cinco de novembro de 1930.

— E aqui pede seu local de residência.

— Não tenho mais endereço. Eles prenderam meu pai depois que ele perdeu um dia de trabalho. Trabalhava na floresta e foi procurar meus irmãos, que estavam desaparecidos havia três dias. Prenderam minha mãe em seguida. Minha avó e eu ficamos sozinhas, com muito medo e juntas em nossa casa. Daí eles vieram e nos prenderam também. — Josie parece magoada. — Ninguém da minha família mora lá agora.

— Eu sei, Josie. — Cilka pousa a mão no ombro de Josie. Tinha a mesma idade quando todos foram levados para longe dela.

— Eles me colocaram na prisão. — Josie começa a chorar. — Eles me bateram, Cilka. Me bateram e queriam saber onde estavam meus irmãos. Eu disse a eles que não sabia, mas não quiseram acreditar em mim.

Cilka meneia a cabeça para mostrar que está ouvindo. *É estranho como e quando o passado quer se revelar*, pensa ela. Mas não para ela. Não consegue encontrar as palavras.

— Então, um dia, eles me botaram junto com a minha avó em um caminhão e nos levaram à estação de trem, foi quando eu conheci você.

— Desculpe por trazer isso à tona, Josie. Vamos... — Ela olha para o formulário.

— Não, está tudo bem — diz Josie. Ela olha para Cilka. — Você vai me dizer por que está aqui? Tudo o que sei é que você é eslovaca. E aquela mulher no trem disse que esteve com você em algum lugar... Sua família também foi presa?

O estômago de Cilka se aperta.

— Talvez outro dia.

— E você sabia o que fazer quando chegamos aqui. — A testa de Josie se franze, intrigada.

Cilka a ignora, finge que voltou a examinar o formulário.

Cilka e Josie ouvem alguém atrás delas e se viram para ver uma mulher alta, magra e atraente, usando um jaleco branco e um estetoscópio pendurado no pescoço. Tranças douradas envolvem a parte de trás da cabeça dela, e seus olhos azuis se enrugam nas laterais quando ela sorri.

Ela olha para o rosto das duas jovens e imediatamente as aborda em polonês, um idioma que as duas entendem.

— Como posso ajudá-las? — Seu sotaque é diferente de qualquer um que Cilka já ouvira.

Josie faz que vai se levantar.

— Não, sente-se, fique sentada. Acredito que você seja a paciente.

Josie concorda com a cabeça.

— E você é?

— Sou amiga dela. Me pediram para ficar com ela.

— Está tendo problemas com o formulário?

— Estávamos tentando preenchê-lo — responde Cilka. E então ela não consegue evitar e pergunta: — Como a senhora decidiu que idioma usar conosco?

— Sou médica há muito tempo nos campos e aprendi a adivinhar. — A médica sorri calorosamente e com confiança, o primeiro rosto franco que Cilka vê desde que chegou ali.

— Deixe-me dar uma olhada — diz ela, pegando a prancheta de Cilka. — Muito bem.

Cilka enrubesce.

— Por que não acaba de preencher? Vou ler as perguntas para você.

— Em russo?

— Você sabe russo?

— Sei falar, mas escrever é um pouco mais difícil.

— Tudo bem, neste caso, acho que deveria continuar em russo, sim. Aqui, quanto mais rápido aprender, melhor. Quais outros idiomas você fala?

— Eslovaco, checo, polonês, húngaro e alemão.

A médica inclina a cabeça.

— Estou impressionada. — Mas ela diz isso em voz baixa. — A próxima pergunta no formulário é: qual é o objetivo de

sua visita ao hospital? — Ela pergunta em russo.

Cilka começa a escrever alguma coisa.

A médica olha por cima do ombro dela.

— Hum, quase. Por que não tenta perguntar à paciente e depois escreve o que ela diz?

Cilka fica em pânico. Não tem certeza se a médica está jogando com ela. Por que sempre se destaca, não importa quanto tente não fazer isso? Ela pergunta a Josie em russo. Josie olha para ela, intrigada.

Cilka tenta escrever "mão queimada" em cirílico no formulário.

— Nada mal — diz a médica. — Chega disso por enquanto. Posso cuidar do resto. É melhor eu dar uma olhada na paciente.

Josie estende a mão. A médica puxa uma cadeira próxima à sua frente e começa a remover a bandagem.

— Quem fez esse curativo para você?

— Cilka fez.

A médica vira-se para Cilka.

— E você é Cilka.

— Fiz ela manter a mão na neve por um tempo primeiro, depois peguei um pedaço de lençol e enrolei o melhor que pude.

— Muito bem, Cilka. Agora vamos dar uma olhada nos ferimentos.

Com o curativo removido, a médica vira a mão de Josie, examinando-a de perto.

— Mexa os dedos para mim.

Josie faz uma tentativa dolorosa de mexer os dedos, o inchaço impedindo muito do movimento.

— Foi muita sorte ter alguém que soubesse colocar algo frio na queimadura imediatamente. Salvou-a de uma lesão muito pior. Do jeito que está, você parece ter uma queimadura de primeiro grau em cinquenta por cento da mão e oitenta por cento dos quatro dedos. Seu polegar parece bem. — Ela olha para o rosto de Josie. — Vai precisar de curativos diários por duas semanas, e não vai poder trabalhar nem interna nem externamente.

Ela se vira para Cilka.

— Me passe aquela bisnaga... Aquela com *maz ot ozhogov*. Creme de queimadura.

Cilka entrega a bisnaga de creme, tirando a tampa enquanto o faz.

Gentilmente, a médica aplica o creme na mão de Josie.

— Agora, vá até a prateleira atrás de você e encontre uma atadura grande para mim.

Cilka obedece, levando até a médica o item.

A atadura é enrolada na mão de Josie com maestria, a ponta colocada entre os dentes da médica enquanto ela rasga uma pequena parte ao meio, amarrando as extremidades para juntá-las com firmeza.

— Agora, me passe esse bloco e a caneta em cima da mesa. É melhor eu escrever um bilhete.

Cilka observa enquanto a médica escreve, dobra a nota e a entrega para Josie.

— Escrevi aqui exatamente o que eu disse. Você não deve trabalhar interna nem externamente e deve vir aqui todos os dias ao menos pelas próximas duas semanas para trocar o curativo. Veremos como vai evoluir após esse período. Agora, Cilka... — diz a médica. — Estou impressionada por você ter sido tão prestativa com sua amiga, e sua escrita não é tão ruim quanto você pensa. — Ela examina Cilka. — Você tem habilidade com idiomas. Sabe, estamos com falta de pessoal aqui no hospital, com essas novas entradas. Você gostaria de trabalhar aqui?

Cilka percebe a oportunidade. Em um campo, existem os trabalhos ruins – ao ar livre, braçais – e os trabalhos bons. No *outro lugar*, um trabalho "bom" significava mais comida e calor, mas, no caso de Cilka, também significava ser usada repetida e incessantemente, e testemunhar as piores condições do campo. Seu papel como líder do Bloco 25 foi uma punição, uma pela qual ela ainda sente que precisa se arrepender. Por sobreviver. Por trocar comida por cigarros e esses por roupas quentes. Enquanto as mulheres entravam e saíam para morrer. E entravam e saíam, entravam e saíam sem cessar.

Ela fica abismada. Mais uma vez, ela se pergunta por que sempre se destaca. Ela olha para Josie, sentindo que, se disser que sim, trairá a amiga. Trairá todas as mulheres do barracão.

Josie diz:

— Claro que ela gostaria.

Cilka olha para ela. Josie meneia a cabeça, encorajando-a.

— Eu... — Se Cilka recusar, vai ser enviada para o buraco? Ao menos, talvez o trabalho signifique que ela poderá contrabandear mais alimentos para quem precisa ou trocá-los por cigarros, botas, casacos para as outras.

A médica parece confusa. Cilka imagina que ninguém jamais diria não.

— Não acho que consigo — responde ela.

— Como? — questiona a médica. — Todos precisamos trabalhar.

— E estou feliz em trabalhar na mina — confessa ela, mas ouve como sua voz fica apática. Antes ela pensava que merecia mais ou melhor, mas sabe que sempre há um custo grande demais.

— Bem — diz a médica. — Quem sabe nas próximas duas semanas, quando Josie vier para o tratamento dela, você possa me ajudar, e aí poderá decidir.

Josie ergue as sobrancelhas para Cilka, encorajando-a.

Cilka concorda devagar com a cabeça.

— Sim, obrigada, doutora. Mas e a Josie?

— Vamos nos preocupar com Josie daqui a duas semanas. Tenho certeza de que poderemos encontrar um trabalho adequado para ela. Enquanto isso, vou escrever uma nota para você dar a sua brigadeira. Você deve vir aqui todos os

dias para trazer Josie; ela vai voltar ao barracão depois que tivermos feito o curativo, mas você ficará para trabalhar.

A médica rabisca outra nota, arranca a folha do bloco e entrega a Cilka.

— Agora, vocês duas, voltem para seu barracão e descansem.

— Com licença — pergunta Cilka —, mas qual é o nome da senhora?

— Sou a doutora Kaldani, Yelena Georgiyevna. Pode me chamar de qualquer um dos dois — diz ela.

— Obrigada, Yelena Georgiyevna — as duas garotas dizem em coro.

Elas a seguem de volta pela enfermaria. Os gemidos e gritos dos pacientes fazem os cabelos da nuca de Cilka se arrepiarem.

Ela fará o que lhe disseram.

Passam pela recepção, voltam ao frio e à sua jornada até o barracão.

5

— Eu sei que você está com frio — Cilka diz para Josie. — Mas acho que devemos economizar carvão até as outras voltarem. Vou acrescentar apenas o suficiente para manter a fornalha acesa. — Ela imagina se já está tentando compensar, de alguma forma, o fato de que ficará mais aquecida que as outras mulheres nas próximas duas semanas.

Cilka leva Josie para a cama, diz para ela enrolar o cobertor com firmeza em torno de si. Depois de despejar uma pequena quantidade de carvão na fornalha, Cilka se deita e olha além daquele pequeno espaço que a separa de Josie. Estuda o rosto da jovem. Frio, medo, dor e confusão distorcem suas feições.

— Chegue para lá.

Cilka se senta e depois se deita ao lado de Josie, sabendo que será reconfortante para ela.

Dentro de instantes, ela e Josie estão dormindo.

São despertadas por uma rajada de ar frio e os gemidos das outras voltando da mina. As mulheres acotovelam-se para chegar perto da fornalha, removendo as botas molhadas e mexendo os dedos dos pés diante do calor.

— Bem, veja quem passou o dia todo na cama — diz Elena.

Todas as mulheres olham na direção delas com cara cheia de fuligem. Cilka consegue sentir sua raiva, seu cansaço, sua inveja.

Natalya se aproxima.

— Como está a mão dela?

Cilka afasta-se da cama, enfia a mão debaixo do cobertor e puxa a mão de Josie para Natalya ver.

— A médica disse que ela vai precisar trocar o curativo todos os dias por duas semanas.

— Significa que ela não precisa trabalhar? — Hannah, uma recém-chegada magra que está ficando próxima de Elena, grita lá do grupo que circunda a fornalha.

— Claro — responde Cilka. — Ela nem consegue se alimentar direito. Como espera que ela trabalhe?

— Bem, pelo menos *você* não vai ter desculpa — retruca Hannah. — Vai voltar a ter um balde de carvão nas mãos amanhã. Não vai ser uma delícia?

Elena diz:

— Estou tão cansada que só quero dormir e nunca mais acordar.

A porta se abre antes que Cilka possa dizer alguma coisa, e Antonina está lá, parada.

Todos os olhos voltam-se para a porta. As mulheres correm para os pés de suas camas. Josie levanta-se, tomando seu lugar.

Antonina passa pelas mulheres e vai até as camas de Josie e Cilka. Todos os olhos seguem seu caminho.

— Bem?

Cilka diz:

— Com licença, Antonina Karpovna, posso pegar os bilhetes debaixo do travesseiro?

Ela concorda com a cabeça.

Cilka pega os bilhetes e os entrega. Antonina primeiro lê o que descreve o problema de Josie e sua necessidade de curativos diários e de não trabalhar. Faz uma pausa, aperta os olhos para a mão de Josie e meneia a cabeça. Então, lê o segundo bilhete, olha para Cilka e lê novamente.

— Você acabou de conseguir os melhores lugares da casa. Parabéns. — Ela devolve os bilhetes para ela, com confusão em seu rosto largo. — Todas para fora, façam fila.

As mulheres se encaminham para fora, em duas fileiras. Seguem Antonina até o refeitório. O jantar as aguarda. A neve parou de cair, mas no chão está espessa. Elas avançam com dificuldade. Cilka mantém a cabeça abaixada e o chapéu baixo. Mas Elena e Hannah a alcançam.

— Você vai ter que nos dizer o que tem no bilhete — Elena sibila através do cachecol.

Cilka não fala nada.

E então Natalya comenta, em um tom mais educado:

— Estamos curiosas, Cilka...

— Bem, eu não disse que sim — diz Cilka —, mas estão com falta de pessoal no hospital e me pediram para trabalhar lá.

Elena arfa.

— Que vadia sortuda.

Hannah olha feio para Cilka.

— Ela disse que não — comenta Josie —, mas a médica está fazendo com que ela passe por um período de teste.

— Por que não aceitou? — questiona Natalya.

— Medo de agulhas? — Cilka tenta contar uma piada para reduzir a tensão.

Olga, que está observando o tempo todo a distância, dá uma risadinha.

Josie fala:

— Ela não quis ficar em uma posição mais alta que nós... Sinceramente, eu ouvi a tentativa dela de recusar.

— Isso é loucura — diz Natalya. — Qualquer uma de nós diria que sim.

Elas estão quase no refeitório.

Cilka sente que todas estão entendendo a situação, inclusive Elena e Hannah, sabem que agora ela terá acesso a melhores alimentos, mais calor e materiais. Por acaso, de novo, Cilka está em uma posição indesejada de mais poder.

— Vou tentar guardar as ataduras de Josie — diz ela —, quando elas forem trocadas. Aí, vocês vão poder enrolar os pés e a cabeça, para trabalhar.

— É melhor fazer isso mesmo — comenta Elena.

No refeitório, todas as mulheres afastam-se e tomam sua sopa aguada com pão velho. Ela percebe que Elena continua olhando para ela, sussurrando para Hannah.

Josie diz para Cilka:

— Vai dar tudo certo. Talvez todas nós encontremos bons trabalhos. — Ela está olhando para o vazio, sem dúvida imaginando um futuro melhor. Cilka está feliz por ela conseguir preservar o otimismo. Isso a manterá forte.

* * *

As nove horas se anunciam com as luzes se apagando; as mulheres já estão deitadas.

O holofote do lado de fora avança para dentro do barracão, junto com uma pancada de neve. A porta é aberta. Várias mulheres levantam a cabeça para ver o motivo. Meninos e homens, velhos e jovens estão entrando no barracão. Muitas mulheres gritam, enterrando-se debaixo do cobertor. *Se você não puder me ver e eu não puder ver você, não estou aqui.*

— Pensamos em dar um tempo para vocês se instalarem — diz o homem que Cilka reconhece como Boris, aquele que a escolheu. — Mas está muito frio e precisamos de um pouco de calor. Onde está você? Onde está minha linda?

Estive esperando o dia todo pela minha foda. Vamos, se mostre para que a gente possa começar.

Ele está caminhando na direção dela, puxando os cobertores de todas as mulheres enquanto se aproxima.

— Estou aqui — grita Cilka.

— O que você está fazendo? — berra Josie. — Cilka, o que está acontecendo? Isso está me assustando.

Boris está de pé sobre Cilka, sorrindo.

— Cilka! — grita Josie.

— Cale a boca, sua puta, antes que eu cale você — diz ele a Josie.

— Está tudo bem, Josie, está tudo bem — diz Cilka, embora esteja tremendo.

— Ei, Vadim, a sua está do lado da minha — diz Boris. — Venha buscá-la.

Josie tenta sair da cama, gritando.

Boris empurra-a de volta de forma grosseira e a segura, enquanto Vadim se aproxima de Josie.

Então, cambaleando, Boris se senta na beira da cama de Cilka e começa a tirar as botas. Ele exala cheiro de vodca. Josie está chorando baixinho, um som que parte o coração de Cilka. Ela põe a mão no peito de Boris.

— Se você me deixar dar uma palavrinha com ela, eu posso acalmá-la — pede ela, sem rodeios. Todas as outras mulheres estão gritando e xingando quando são forçadas a sair da cama e levadas, mas Cilka se sente responsável por

Josie. Estava lá quando ela foi escolhida para aquilo. Tem que fazer o que puder para protegê-la.

Boris encolhe os ombros de um jeito desinteressado, o que diz a Cilka que ela pode tentar acalmar Josie. Vadim está com a mão sobre a boca de Josie, rasgando suas roupas.

— Espere um minuto — diz Cilka com firmeza. Ele para, surpreso. — Josie, me ouça. Ouça. — Cilka se inclina para mais perto da garota e fala baixinho. — Eu sinto muito... Não há nada que você ou eu possamos fazer para impedir isto. Ou, se houver, ainda não consegui descobrir. — Ela pisca devagar. O tempo está se distorcendo, como acontece quando ela fica apática. Apenas membros.

— Cilka, não, não podemos deixar que eles...

— Eu mataria todos eles se pudesse — sussurra Cilka. Ela se vira para Vadim. — Por favor, ela está com a mão machucada. Seja cuidadoso. — Ela se volta para Josie. — Josie, estou bem aqui. — Ainda que saiba que não está. Não de verdade. — Sinto muito...

Ela olha para Boris.

— Ela é apenas uma criança, não pode deixá-la em paz?

— A decisão não é minha. De qualquer forma, Vadim gosta de jovens. Eu também. Você não é muito mais velha que ela, é?

— Não.

Cilka começa a desabotoar a blusa. Ela sabe o que fazer. O barulho de mulheres gritando e homens berrando, determinados concluir o que foram fazer ali é esmagador.

Por um momento, Cilka se pergunta se o barulho trará guardas, salvadores. Ninguém chega. Provavelmente estão fazendo a mesma coisa.

Enquanto Boris explora o corpo dela com mãos calejadas, falando com empolgação, Cilka olha para Josie. À luz bruxuleante da fornalha, vê o rosto de Josie virado para ela – um novo nível de medo em seus olhos. Cilka estende a mão. A mão fortemente enfaixada é colocada sobre a dela. De mãos dadas, com Josie soluçando em silêncio, uma sem tirar os olhos dos da outra, elas sobrevivem a sua provação.

Enquanto Boris está vestindo as calças e calçando as botas, ele sussurra para Cilka:

— Ninguém mais vai tocar em você. E posso providenciar para que apenas Vadim toque em sua amiga.

— Faça isso.

— Vamos, rapazes, se ainda não conseguiram transar até agora, não vão conseguir fazer as coisas levantarem hoje à noite. Para fora... Deixem as senhoras terem seu sono de beleza! — grita Boris do outro lado do barracão.

Os gemidos dos homens malsucedidos misturam-se com as risadinhas e as gargalhadas dos conquistadores, apenas para serem substituídos pelos soluços das mulheres feridas e angustiadas. Ninguém fala. O fedor de homens sujos e encharcados de vodca é tudo que resta no ar.

* * *

Enquanto as batidas metálicas do lado de fora arrastam os prisioneiros para um novo dia, as mulheres se levantam devagar. De cabeça baixa, ninguém faz contato visual. Sem conversas. Cilka arrisca um rápido olhar para Josie. O inchaço e os hematomas na bochecha e ao redor dos olhos mostram obviamente onde Vadim a apertou. Ela pensa em dizer alguma coisa, perguntar como ela está, olhando mais de perto as escoriações em seu rosto, imaginando se há outras. Josie vira-se de costas para ela. Ela entende a mensagem.

O café da manhã decorre no refeitório em silêncio. As veteranas lançam um rápido olhar para as recém-chegadas, registrando os ferimentos, sabendo o que os causou. Recuam em sua vergonha, agradecidas pelos corpos novos que trarão algum alívio para os ataques sofridos por elas.

Enquanto as outras saem para o trabalho, Cilka e Josie permanecem no barracão. Foram instruídas a não saírem até Antonina voltar e escoltá-las ao hospital. Josie volta para a cama e se encolhe, com o rosto enterrado no cobertor.

Gelo se forma no interior das janelas quando a fornalha esfria. O tempo delas a sós é piedosamente curto. Cilka não aguenta a tensão entre elas.

Quando entram na sala de espera do hospital, Antonina as leva para a recepção.

— Esta aqui veio para trabalhar — diz, apontando Cilka, que percebe a intenção de suas palavras. — A outra terá que

ficar aqui até o final do dia. Não vou voltar só para pegar uma delas.

A mulher à mesa lê os bilhetes entregues a ela.

— Venha comigo. — Ela acena.

Elas a seguem pela enfermaria até a área de tratamento. Josie senta-se na cadeira indicada, Cilka fica atrás dela.

Cerca de uma dúzia de camas estão ocupadas, além de várias cadeiras com aqueles que conseguem sentar-se. Gemidos de dor escapam de vários pacientes. Parecem ser principalmente homens, mas há algumas mulheres. Cilka desafia-se a examinar essas pessoas, tentando descobrir onde estão feridas ou o que poderia estar errado com elas. Em muitos, é óbvio: há ferimentos visíveis, o sangue vaza através de pedaços de material que fazem as vezes de atadura ou torniquete. Sente a indiferença pairar sobre ela, fria como a neve.

— Ah, aqui está você. — Cilka e Josie veem Yelena Georgiyevna aproximando-se. Josie ergue os olhos antes de voltá-los para o chão.— Como você está hoje? Como está a dor?

Josie dá de ombros.

A médica olha de Josie para Cilka, que se afasta. Yelena gentilmente coloca os dedos sob o queixo de Josie, forçando-a a erguer a cabeça. A lesão no rosto dela parece pior, tendo sido aguilhoada pela gélida caminhada até o hospital. A médica passa os dedos sobre a área ferida. Josie estremece.

— Pode me dizer o que aconteceu?

Josie força a cabeça, obrigando Yelena a soltá-la.

— A culpa é dela — solta Josie. — Ela me fez fazer isso, me fez concordar. Ela diz que é minha amiga e não fez nada para me ajudar, apenas deixou eles...

— Os homens visitaram nosso barracão ontem à noite — sussurra Cilka.

— Ah, entendo. — Yelena suspira. — Você está com outros ferimentos, Josie?

Josie faz que não com a cabeça.

— E você, Cilka?

— Não.

— Claro que não, ela só o deixou fazer, não lutou, não disse não.

A médica se levanta.

— Fique aqui. Vou tentar encontrar um consultório aonde eu possa levar vocês duas, quero examiná-las melhor.

Cilka e Josie esperam em silêncio. Cilka pensa na médica. As pessoas são designadas para esse trabalho nos campos? Ou escolhem? Ela não consegue imaginar que alguém queira estar aqui. Yelena volta e as leva para um consultório próximo, o ocupante que está sendo retirado está brigando, dizendo que deveria estar em um quarto sozinho; ele é um oficial sênior, não devia ser tratado como prisioneiro.

A cama do quarto está com o lençol e o cobertor amassados pelo ex-ocupante e tem cheiro de homem sujo, álcool rançoso e cigarros. Yelena faz as duas garotas sentarem-se lado a lado na cama.

— Este lugar é brutal... — diz a médica.

— Eu sei — sussurra Cilka. Ela se vira para Josie. — Josie, me desculpe, eu deveria ter avisado, falado o que você devia esperar, ajudado a entender...

— Você ficou lá. Você... olhou para mim. Cilka, como você pôde?

Cilka ainda não consegue acessar nenhum sentimento, mas percebe, distante, que começou a tremer, os joelhos subindo e descendo na cama. Ela encaixa as mãos embaixo deles.

— Tenho certeza de que ela não teve escolha — responde Yelena.

— Ela poderia ter tentado; uma amiga teria tentado. — A voz de Josie diminui e desaparece.

Sempre há outras coisas que as pessoas pensam que ela deveria ter feito. Mas é mais difícil ouvir isso de alguém com quem ela está tentando estreitar laços, de quem quer se aproximar.

— Só esperava que não acontecesse — diz Cilka. — Eu sabia que aconteceria, mas não sabia quando, e esperava que não acontecesse.

Ela se sente realmente arrependida, mas também não sabe o que mais deveria ter feito, o que poderia ter feito.

A médica parece sentir a tensão.

— Por ora, quero examinar Josie, trocar o curativo, então preciso preparar você para o trabalho aqui, Cilka.

Cilka desliza para fora da cama.

— Devo esperar lá fora?

Yelena olha para Josie.

— Pode ficar — a garota responde, ainda com frieza na voz.

Cilka desvia o olhar, segurando uma mão na outra, tentando reprimir o tremor, enquanto Josie é examinada.

Bardejov, Checoslováquia, 1940

Cilka e sua irmã, Magda, andam por uma rua em Bardejov, sua cidade natal, em um dia perfumado de primavera. Magda sorri para dois meninos que caminham na direção delas. Ela é dois anos mais velha que Cilka, e Cilka admira a maneira como anda, os pulsos elegantes com o relógio brilhando à luz do sol, os quadris balançando suavemente.

— Os dois gostam de você — comenta Cilka. — De qual deles você gosta mais?

— São só garotos — diz Magda.

Os meninos param na frente de Cilka e Magda, forçando as meninas a parar ou desviar. Magda para, e Cilka segue seu exemplo.

— Olá, Lazlo, Jardin — cumprimenta Magda.

— Então, quem é essa coisinha bonita com você? — pergunta Lazlo, seus olhos medindo Cilka de cima a baixo.

— É minha irmã, minha irmã mais nova. Tire os olhos dela — ralha Magda.

— Nenhum garoto ou homem vai querer tirar os olhos dela — zomba Lazlo.

O estômago de Cilka aperta-se de um jeito confuso. Ela abaixa a cabeça.

— Vamos embora, Cilka, vamos. — Magda pega a mão de Cilka e a leva para longe.

— Ei, Cilka, solte sua irmã e venha me encontrar — diz Lazlo.

Magda aperta o braço de Cilka.

— Ai! Pare com isso, me deixe ir. O que há de errado com você? — diz Cilka, sacudindo o braço para se soltar.

— Você só tem catorze anos, Cilka — retruca Magda.

— Eu sei quantos anos eu tenho — fala a outra, desafiadora. — Ele é muito bonito. Você o conhece bem?

Magda para, aproxima o rosto do de Cilka.

— Não seja idiota, Cilka. Você é só uma criança. Ele é um... bem, ele não é um homem, mas também não é um garoto. Você precisa ter cuidado.

Cilka cruza os braços sobre o peito.

— Então, nunca vou poder falar com um garoto, é isso que você está dizendo?

— Não, não é isso que estou dizendo. Um dia você vai crescer e saber...

— Saber o quê? O que você sabe sobre garotos? Nunca vi você sozinha com um garoto.

Magda desvia o olhar, uma nuvem escura turva seu rosto lindo. Cilka nunca a viu assim, com sombras por trás dos olhos.

— Magda, você está bem?

— Venha, vamos fazer as compras e voltar para casa antes do toque de recolher.

— Não, por que não podemos ficar aqui fora? Não quero obedecer a uma regra tão idiota. Não fizemos nada de errado.

— Como você pode ser tão criança, Cilka? Quer colocar o papai em apuros porque não obedece ao que dizem? Isso é bem do seu feitio, sempre querendo as coisas do seu jeito. Desta vez, irmãzinha, você vai fazer o que eu digo, e nós vamos para casa antes do toque de recolher.

— E se não formos? O que vão fazer conosco?

Cilka fica parada na rua quente e perfumada. O que poderia acontecer com elas em um dia tão suave de primavera?

— Os alemães? Nem queira saber.

— Pode ficar pior?

— Ah, Cilka, por favor, apenas desta vez acredite em mim quando digo que precisamos fazer o que papai manda.

* * *

Cilka e Josie seguem a médica, Yelena Georgiyevna, até o final da ala e são apresentadas a duas enfermeiras, duas russas, Raisa Fyodorovna e Lyuba Lukyanovna. São instruídas a ensinar a Cilka o que é necessário para preencher os registros dos pacientes, fazer anotações e buscar remédios. Raisa é alta e surpreendentemente pálida, com lábios grandes e cheios, e Lyuba é mais baixa, com olhos amendoados e maçãs do rosto altas e pontudas. As duas têm cabelos escuros compridos, indicando que não são prisioneiras. Cilka pergunta-se novamente se elas escolhem estar aqui ou se receberam suas posições. O cabelo de Cilka e

Josie ainda está curto, começando a ficar levemente ondulado pelo ar úmido. Raisa e Lyuba também falam vários idiomas, e Cilka é informada de que serão suas principais supervisoras durante aquelas duas semanas. Dizem a Josie que ela terá de ficar sentada no canto da sala e esperar até o final do dia.

Dois médicos são apresentados a Cilka e informados de que ela está em treinamento para poder registrar suas anotações enquanto eles examinam e avaliam pacientes. Cilka nota os olhares que lhe lançam, gostando do que veem. Ela se encolhe. Será que aquele lugar é tão ameaçador quanto o Barracão 29? Só o tempo dirá.

Josie senta-se no chão, atrás do grande balcão de trabalho que tem quatro cadeiras. Uma das mulheres oferece-lhe uma cadeira, que ela recusa. Ela logo está enrodilhada, dormindo. Cansada. Traumatizada. Em choque. Uma combinação dos três.

Cilka é uma aprendiz rápida. Reconhece o formato e o ritmo de identificar cuidadosamente as notas corretas para cada paciente e registrá-las. É levada a um pequeno cômodo na parte de trás da ala e é apresentada à variedade de medicamentos que ela terá de anotar ou coletar corretamente. Eles a deixam lá para estudar os nomes e a grafia de cada um, e ela descobre seus variados benefícios medicinais.

Quando Raisa vem buscar Cilka na farmácia para uma pausa para refeição, Cilka pede que ela confirme o que havia

aprendido sozinha. Raisa diz que está muito impressionada, principalmente com sua pronúncia.

Outra enfermeira entra e, com raiva, exige saber o que elas estão fazendo. Sem esperar uma explicação, ordena que elas saiam dali.

Cilka ainda não entende a hierarquia, mas percebe que no hospital, como em qualquer lugar, terá de aprender em quem confiar e quem evitar.

Sentando-se ao balcão, ela recebe um prato de estanho com um pãozinho doce, um pedaço de batata e uma pequena quantidade de feijão verde seco.

— Isso é para mim? — pergunta ela.

— Sim, coma tudo — responde Raisa. — Podemos comer o que os pacientes não comem. Isso foi o que restou. Muitos deles estão doentes demais para se alimentar.

— Eles não precisam melhorar?

— Alguns deles não vão melhorar, e não podemos forçá-los. Se mandarmos de volta para a cozinha, os porcos gananciosos só vão comer ou vender. — Os lábios de Raisa estreitam-se em uma linha fina de repugnância.

De repente, o estômago de Cilka se contrai. Não seria a primeira vez que ela comia a refeição de um defunto.

— Posso dividir com minha amiga?

— Se quiser. — Raisa dá de ombros.

Cilka pega o prato e se senta ao lado de Josie, que está descansando contra a parede. Ela a sacode para acordá-la

gentilmente. Josie senta-se, tentando se lembrar de onde está.

— Aqui, coma um pouco.

— Não quero sua comida. Não quero nada de você. — Josie volta a se deitar e fecha os olhos.

Cilka parte o pão em dois e coloca metade no chão, na frente de Josie.

Lyuba, a outra enfermeira, vem e se senta ao lado dela.

— É ótimo ter ajuda.

— Ah... Ainda não sei quanto vou ajudar.

— Você vai chegar lá. Raisa disse que você aprende rápido e já consegue pronunciar os nomes dos remédios melhor que ela.

— Sou boa com idiomas.

— Excelente. Ao começar a escrever seus relatórios, você vai precisar estar com a ortografia cem por cento. Em geral não importa, mas de vez em quando somos auditados, e todos temos problemas se encontrarem grafias incorretas ou algo fora do lugar.

— Não quero meter ninguém em problemas. Posso mostrar o que escrevo antes que vá para o prontuário?

— Claro... É isso que estou sugerindo. Raisa e eu vamos lhe ensinar e supervisionar, e acho que Yelena Georgiyevna gosta de você, então vai ficar bem. — Ela olha para o relógio na parede. — Hora de voltar ao trabalho.

Cilka olha para Josie e o pedaço de pão não consumido. É bom, pensa ela, que Josie não aceite sua situação. É um tipo

de força. Ainda assim, Cilka sente a pontada da distância.

* * *

Naquela tarde, quando Cilka e Josie são devolvidas ao barracão antes que as outras voltem, elas o encontram completamente desarrumado. Todas as camas ficaram sem lençol e cobertor e, em muitos casos, viradas de cabeça para baixo ou de lado. Os escassos pertences das mulheres estão amontoados no chão.

Josie, Cilka e Antonina param à porta, examinando a bagunça.

— Hum, parece que Klavdiya Arsenyevna esteve aqui — diz Antonina.

Entrando no barracão, Cilka pergunta calmamente:

— Podemos limpar?

— Você pode arrumar sua cama.

Antonina fica de pé com as mãos nos quadris, e Cilka percebe como ela é forte, embora tenha um corpo pequeno. Os músculos – braços, peito, coxas – elevam-se das articulações.

— E as outras? Podemos arrumar tudo enquanto esperamos que você traga as mulheres de volta?

— É melhor elas mesmas verem o que acontece sem aviso prévio.

— Mas por quê? Por que alguém faria isso?

— Klavdiya Arsenyevna é a guarda-sênior deste barracão e da maior brigada; ela está procurando coisas que vocês não

deveriam ter.

— Tiraram tudo de nós; como poderíamos ter algo que não deveríamos ter? — pergunta Josie.

— Ela sabe disso. Este é o aviso dela para vocês. E pode ser porque ela descobriu seu trabalho, Cilka. Agora, você tem acesso a coisas que as outras não têm. Se ela encontrar algo de que não gostar, pode esperar que vai ser mandada para o buraco como punição.

Antonina vira-se e sai do barracão, deixando a porta aberta, o ar gelado sendo soprado para dentro. Josie fecha a porta. *Mas o que Klavdiya não quer encontrar?*, Cilka pensa. Parecem ter permissão para ter algumas posses. As regras aqui mudam de um dia para outro, considera ela. E, embora este campo tenha um propósito diferente – fazê-las trabalhar para a União Soviética, em vez de matá-las por serem judias –, nessas condições, e com estupros recorrentes, a constante ameaça de violência e o "buraco", Cilka consegue ver que passou de um lugar cruel e desumano para outro.

Ela vai até a fornalha e tenta incitá-la a voltar à vida, colocando delicadamente pequenas quantidades de cinzas de carvão do balde em cima das brasas. Pergunta-se o que deveriam fazer com o quarto virado de cabeça para baixo.

— Acho que ela está certa — diz ela a Josie. — Devemos deixar para as outras verem e podemos contar o que Antonina disse.

Josie ignora-a e vai para a cama, lutando para arrumá-la com uma mão só.

— Ora, me deixe ajudar — diz Cilka.

— Não preciso da sua ajuda.

— Tudo bem — diz Cilka, ríspida. Ela desvia o olhar.

Por fim, ela se vira para ver Josie enterrada debaixo do cobertor de costas para ela.

* * *

O dia vira noite; a fornalha está emanando o máximo de calor que Cilka consegue provocar quando a porta se abre e as outras mulheres entram cambaleantes. A lamparina solitária lança sombras assustadoras sobre o caos, dificultando, a princípio, que as mulheres vejam o que receberam ao chegar. Aos poucos, à medida que se dirigem para suas camas, fica evidente. Várias delas se viram para Cilka, que está em pé ao lado da fornalha.

— Que porra é essa que você fez? — questiona Elena.

Cilka percebe que ela e Josie estão prestes a ser culpadas.

— Não, não. Não fomos nós. — Ela luta contra o desejo de gritar com a mulher. — Veja, minha cama está igual. Foi assim que encontramos o lugar.

— Então, quem fez isso? — pergunta Hannah.

— Foi uma guarda, uma guarda chamada Klavdiya Arsenyevna. Antonina nos falou sobre ela.

— E por quê?

Cilka explica rapidamente.

Hannah parece muito pálida.

— Ai, não.

— O que foi? — Elena pergunta a ela. Hannah revira o lençol, o cobertor e o colchão, procurando alguma coisa

Elena dá um tapa nela, forte e repentino.

— É só uma casca, Hannah!

Hannah solta um soluço.

— Eu estava guardando para você.

As outras mulheres desviam o olhar, começando a arrumar as camas, esperando a chamada para o jantar.

* * *

Depois do jantar, retornam ao barracão reluntantes em ir para a cama, o que fica claro pela maneira com que se demoram até nas tarefas mais desagradáveis. Sob a luz mais forte do refeitório, Cilka havia visto outros ferimentos da noite anterior nos rostos de algumas das mulheres e notado que uma delas segurava o braço direito, apoiando um pulso dolorido.

Josie ainda evita Cilka, preferindo conversar com Natalya. A fissura na amizade delas deve estar óbvia para as outras mulheres, mas ninguém comenta.

— Você acha que eles voltarão? — sussurra Olga enquanto passa agulha e linha por um pequeno pedaço de tecido, com as mãos tortas pelo cansaço e pelo frio. Ela desfaz os pontos e os fará de novo, aperfeiçoando seu trabalho várias vezes antes de dormir.

Ninguém tenta dar uma resposta.

Com a luz apagada, o holofote externo lança uma sombra difusa que dança ao redor do ambiente, enquanto a neve cai, brilhando dentro dos feixes de luz. As mulheres vão lentamente para as próprias camas. Já sabem que precisam estar o mais descansadas possível para o trabalho que terão de aguentar no dia seguinte.

6

As duas semanas de tratamento para a mão de Josie passam rapidamente.

Com as administrações de Yelena Georgiyevna, ela se cura além do ponto em que deveria ter voltado ao trabalho normal. O frio continua a se intensificar, assim como as horas de escuridão. As mulheres do Barracão 29 já se conhecem, ou ao menos se acostumaram umas com as outras. Amizades formaram-se, mudaram e se reformaram. Brigas aconteceram. Josie permanece distante, e Cilka aceita a situação. Entende que seu papel no hospital pode distanciá-la em caráter permanente de suas companheiras de barracão. Acredita que deveria aceitar o emprego e sobreviver. A reação das pessoas ao seu redor é algo com que ela precisa lidar. Algumas delas, como Olga e Margarethe, expressaram gratidão e já dizem que estão contando com os pedaços extras de comida que ela traz, com as ataduras e o tecido para mantê-las mais aquecidas. Até agora, apenas Elena expressou hostilidade. Mas, embora tenha gritado e

rosnado para Cilka, não pôs a mão nela. Os homens ainda as visitam à noite. As mulheres são estupradas, abusadas, feridas. E há outras humilhações. Duas foram enviadas para o "buraco" por infrações, inclusive Hannah, a puxa-saco de Elena, por simplesmente olhar a guarda Klavdiya Arsenyevna do jeito errado. Quando voltou, dias depois, nem conseguiu falar.

* * *

Yelena passa o creme e coloca a mão de Josie de volta no colo. A garota olha para baixo.

— Desculpe, Josie, já está curada. Não posso continuar enrolando a atadura. Na verdade, posso prejudicá-la se continuar a fazer isso, pois a pele precisa respirar agora.

Josie olha ao redor da sala, pousando os olhos em Cilka, que está em pé ao lado da médica.

Yelena percebe.

— Sinto muito, Josie. Se eu pudesse lhe dar trabalho aqui, daria, mas permitem apenas esse número de prisioneiros trabalhando conosco. — Ela parece realmente entristecida. Cilka soube, nas últimas duas semanas, que Yelena é uma boa pessoa, sempre fazendo o melhor para todos, mas também tendo que tomar decisões difíceis. Por exemplo, não pode ser vista defendendo pacientes presos na frente de outros médicos, pois seria considerada favorável a contrarrevolucionários, espiões, criminosos. Com Cilka, sempre pode parecer que Yelena a está instruindo em seu

trabalho. Raisa e Lyuba também. Mas Cilka percebe que frequentemente conversam com ela em voz baixa, longe dos outros.

Ela já viu outras enfermeiras e auxiliares prisioneiros na ala, que conversam com ela quase sempre de maneira educada, profissional e direta.

— Se algo mudar, prometo que Antonina Karpovna trará você para mim.

— Yelena Georgiyevna — pergunta Cilka —, por favor, não tem como ela ficar?

— Precisamos ser muito cuidadosas, Cilka — responde Yelena, olhando ao redor. — Os administradores não olham com gentileza para o que chamam de *shirkers*... pessoas que querem parar de fazer seu trabalho.

Cilka olha para Josie.

— Sinto muito.

Josie bufa.

— Podem parar de dizer que sentem muito por eu poder usar minha mão agora? É ridículo. Deveríamos estar felizes. Deveríamos estar felizes. — Lágrimas rolam de seu rosto.

Assustada com o tom da voz de Josie, Lyuba se aproxima.

— Você está bem?

Josie mostra a mão para Lyuba.

— Entendi. Curou-se muito bem.

Josie deixa escapar uma risadinha.

— É, Lyuba, está bem curada e, a partir de agora, ficarei feliz em poder usar as duas mãos.

Ela se levanta, puxa o casaco para perto do corpo e se vira para encarar a porta.

— Estou pronta para ir.

Quando Cilka abre a porta para ela, um homem alto entra correndo com um pedaço de papel na mão. Ele aperta o ombro dela.

— Com licença — diz ele, olhando para Cilka com uma expressão de desculpas quando passa correndo. Tem olhos castanhos escuros e um rosto pálido e elegante. Cilka não está acostumada com um homem sendo educado com ela e não responde, mas fita os olhos dele por um momento antes de se virar para a mesa, para sua tarefa. Ele está com roupas de prisioneiro. Enquanto ela e Josie saem pela porta, Cilka olha mais uma vez para as costas do homem.

* * *

Naquela noite, a visão da mão direita de Josie livre das ataduras recebe reações variadas das outras mulheres. Satisfeitas. Indiferentes. Algumas ficam contentes por terem uma pessoa extra para ajudar na tarefa de mover o carvão escavado das minas para os vagonetes que o levam até os caminhões à espera e a outros lugares.

Na escuridão. Na neve.

No jantar, Josie faz um alarde por segurar um pedaço de pão em uma mão e a caneca de lata na outra. Ela se oferece para buscar o carvão e pega um balde para sair pela porta. É detida por Natalya, que lhe diz para esperar alguns dias –

elas não a querem se esforçando e desperdiçando o precioso suprimento de calor.

Quando os homens invadem o barracão naquela noite, Vadim percebe que sua mão não está mais enfaixada. Pergunta a Josie sobre isso, a acaricia suavemente, a beija. Cilka ouve essa demonstração de ternura. Esses homens tratam as pessoas com cuidado apenas para melhorar a própria imagem, para que fiquem mais abertas a eles. Não passa de um ato egoísta, um truque.

7

Cilka sai arrastando os pés na manhã seguinte, caminhando na escuridão na direção do hospital. Ela dirá mais uma vez a Yelena que está muito grata por essa oportunidade, mas deve voltar a trabalhar nas minas, nas escavações ou na construção – algo tão difícil quanto o trabalho que suas companheiras de barracão estão sendo forçadas a fazer.

Ela viu Josie afastar-se do campo naquela manhã, seu corpo trombando com o de Natalya. Elas se aproximaram. Uma pontada de ciúmes acometeu Cilka. O pequeno alívio da tensão de Josie no dia anterior, enquanto mostrava sua mão curada, lhe dera a esperança de que pudessem recuperar a proximidade que tinham.

Na verdade, o trabalho no hospital vem sendo desafiador e desgastante, apesar de sua sorte por estar em ambiente fechado. Cilka não apenas precisa se comunicar em russo e em cirílico e aprender a entender a ética, os relacionamentos e as hierarquias estabelecidas, mas, acima de tudo, precisa lidar com as reações inesperadas de seu corpo e mente por

estar perto de doentes e moribundos. Conseguiu esconder – ou ao menos espera ter conseguido – o que está acontecendo, mas Raisa havia comentado outro dia que era incrível como Cilka não era nada melindrosa. Que era capaz de ficar perto de sangue, ossos e dejetos sem se contorcer. Raisa, que tinha sido enviada até lá depois de se formar, como Cilka descobrira, disse que levara meses para se acostumar a ver corpos nesses vários estados de doenças, lesões e desnutrição. Cilka odiava a mistura de horror e fascínio no rosto de Raisa. Ela deu de ombros, afastou-se e disse em tom monótono:

— Acho que algumas de nós somos assim.

Mas o trabalho também a distrai de sua miséria. Sempre há um novo problema para resolver, algo novo para aprender. Se continuasse trabalhando ali, quase pareceria vida, uma maneira de se manter afastada das lembranças do passado e do horror de sua situação atual.

Yelena está ocupada quando Cilka entra, e Lyuba e Raisa entendem seu humor e combinam de mantê-la ocupada e afastar sua mente de Josie. Cilka fica grata pelos esforços delas.

— Venha comigo — Lyuba chama Cilka para segui-la até onde um médico está em pé ao lado da cama de um paciente. Ela o viu trabalhando na ala e ele foi brevemente apresentado pelo primeiro nome e pelo patronímico: Yury Petrovich.

O paciente está inconsciente, as feridas óbvias, a atadura ao redor da cabeça encharcada de sangue. Cilka fica em silêncio atrás do médico e da enfermeira, olhando ao redor para assistir ao exame.

O cobertor é puxado do fundo da cama. Uma agulha é firmemente enfiada no calcanhar de um dos pés pálidos e sem vida do doente; o sangue jorra, cobrindo o lençol. Não há reflexos no homem. O médico vira-se para Cilka, entregando-lhe uma prancheta, ignorando Lyuba. Lyuba meneia a cabeça de forma encorajadora e fica ao lado dela.

— Nenhum movimento do pé na picada da agulha.

Cilka escreve, depois de olhar pela primeira vez para um relógio ao fundo da enfermaria para registrar a hora exata de sua anotação. Lyuba sussurra para ela sempre que para, incerta. Cilka está muito concentrada.

O pé sangrando é coberto, o médico caminha até a cabeceira da cama, arregala o olho direito do paciente com aspereza e depois cobre o rosto.

— Pupilas fixas e dilatadas — ele diz, e Cilka escreve a seguir. — Pulso leve, irregular. — Mais uma vez, anotado. Voltando-se para Cilka, Yury Petrovich fala baixinho: — Você sabe como sentir a pulsação no pescoço?

— Sim — responde Cilka com confiança.

— Ótimo, ótimo, me mostre.

Cilka puxa o cobertor para longe do rosto do homem, imitando o que tinha visto. Ela coloca dois dedos sob a curva

da mandíbula, aplicando pressão. Sente a vibração de um pulso fraco.

— Verifique-o a cada quinze minutos e, quando não puder mais sentir nada, declare-o morto e informe a recepção. Não deixe de anotar a hora no prontuário.

— Sim, Yury Petrovich, farei isso.

Ele se vira para Lyuba.

— Ela é uma aprendiz rápida, talvez a usemos também. Eles não nos mandam enfermeiros suficientes para que verifiquem os pacientes que enchem as camas e demoram muito para morrer. Não deixe de verificar a que horas ela vai registrar. — Ele acena com a cabeça para Cilka e Lyuba e depois vai para outra parte da ala.

— Preciso checar um paciente — diz Lyuba. — Você vai ficar bem.

Ela se afasta.

Cilka olha o relógio, verificando exatamente quando chegarão os quinze minutos desde que anotou as palavras "pulso leve, irregular". Ainda está de pé ao lado da cama quando Yelena caminha até ela e pergunta o que ela está fazendo. Quando ela explica, Yelena sorri de forma tranquilizadora.

— Não precisa esperar ao lado da cama. Pode ir fazer outras coisas. Volte de vez em quando e não se preocupe se não forem exatamente quinze minutos, certo?

— Ah, obrigada... Pensei que tinha de ficar aqui até ele morrer.

— Você realmente não tem medo da morte, não é?

Cilka abaixa a cabeça, a imagem de uma pilha de corpos emaciados lampejando em sua mente. Seus sons finais, desesperados. O cheiro deles.

— Não tenho, já estive bem próxima dela. — As palavras escapam.

— Sinto muito por ouvir isso. — Yelena faz uma pausa. — Quantos anos você tem, mesmo?

— Dezenove.

A testa de Yelena franze-se.

— Um dia, se ou quando se sentir à vontade, saiba que pode conversar comigo sobre isso.

Antes que Cilka possa responder, Yelena se afasta.

Em sua terceira visita ao paciente moribundo, um prisioneiro que havia sofrido um acidente enquanto trabalhava ao ar livre, Cilka escreve o horário e as palavras "sem pulso". Ela leva um momento para fazer uma pausa e se forçar a olhar o rosto do homem que acaba de declarar morto. Folheia a papelada, procurando seu nome.

Curvando-se enquanto cobre o rosto dele, ela sussurra:

— Ivan Détochkin... *Alav ha-shalom.* — Que a paz esteja com ele. Fazia tempo que ela não pronunciava essas palavras.

Auschwitz-Birkenau, verão de 1943

— *O que ele disse para você? Queremos ouvir cada palavra. E ele olhou para você enquanto conversava? Diga, Gita, precisamos*

ouvir.

Cilka está sentada na grama ao lado do Bloco 25 com suas amigas Gita e Dana. Magda está descansando lá dentro. É uma tarde de domingo, um verão sem vento para transportar as cinzas dos crematórios próximos. Cilka, em sua posição de líder de bloco, conseguiu alguma liberdade de movimento, mas Lale é o único prisioneiro que elas já tinham visto dentro do campo das mulheres. Naquela manhã, ele apareceu. As meninas sabiam o que fazer para diminuir o risco de seus amigos – cercam Gita e Lale, dando-lhes privacidade suficiente para uma conversa sussurrada. Cilka esforçou-se e ouviu trechos; agora queria os detalhes.

— Ele estava me perguntando sobre a minha família — responde Gita.

— E o que você falou? — pergunta Cilka.

— Não quis falar sobre eles. Acho que ele entendeu. Então me contou sobre a dele.

— E? Ele tem irmãos e irmãs? — quer saber Dana.

— Ele tem um irmão mais velho chamado Max...

— Amo esse nome. Max — diz Cilka, com uma voz sentimental e feminina.

— Desculpe, Cilka, Max é casado e tem dois filhos pequenos — diz Gita.

— Ah, bem, deixa para lá. O que mais ele disse?

— Ele tem uma irmã. O nome dela é Goldie e é costureira. Acho que ele ama de verdade a mãe e a irmã. Isso é bom, não é?

— Isso é muito bom, Gita. Todo mundo quer amar alguém que seja bom com as outras mulheres em sua vida — diz Dana,

madura para a sua idade.

— Quem falou de amor aqui? — retruca Gita.

— Gita ama Lale... — cantarola Cilka para as amigas, deixando a luz do sol e a amizade bloquearem momentaneamente o horror que as cercava.

— Parem com isso, vocês duas — diz Gita, mas está sorrindo.

Exauridas pela esperança, as três jovens se deitam na grama e fecham os olhos, deixando o calor do sol transportá-las para longe de onde estão.

* * *

Naquela tarde, enquanto Cilka está vestindo o casaco, preparando-se para sair do calor do hospital e enfrentar as temperaturas congelantes do lado de fora, ela avista Yelena.

— Yelena Georgiyevna, preciso conversar com você...

— Cilka! Estava procurando por você. Sim, vamos conversar.

Antes que Cilka possa dizer algo, Yelena continua:

— Meus colegas estão impressionados com você. Perguntaram se você tinha alguma experiência em enfermagem.

— Não, eu disse para você... Nunca fui enfermeira.

— Foi o que eu disse a eles. Conversamos sobre você e ficamos imaginando se gostaria de ser treinada para ser enfermeira.

Tudo estava acontecendo muito rápido.

— Eu... Como posso fazer isso? Sou prisioneira aqui.

— Que melhor maneira de aprender enfermagem do que praticando enfermagem? Eu serei sua professora. Tenho certeza de que as outras enfermeiras ajudarão e ficarão felizes pela ajuda extra no trabalho. O que você me diz?

— Não sei... Yelena Georgiyevna. Não sei se pertenço a este lugar.

Yelena pousa a mão no ombro de Cilka, que tenta não se encolher com a intimidade do toque.

— Sei que não conheço você muito bem, Cilka. Mas você é boa nisso, e gostaríamos de ter sua ajuda. Pode pensar sobre isso?

Yelena sorri calorosamente, como uma irmã. Cilka engole em seco. Mal consegue aguentar. A culpa que sente é assoladora. Pensa em suas companheiras de barracão chegando, aconchegando-se junto à fornalha, desembrulhando o tecido molhado de seus pés congelados, gemendo. Mas também pensa no rosto de Olga quando lhe entrega chá de verdade que acabou de ferver na fornalha. É uma decisão terrível, e ela não sabe por que foi escolhida de novo.

— Posso perguntar, Yelena Georgiyevna, por que a senhora está aqui?

— Sua pergunta é: o que eu fiz para ter sido enviada para esse cargo em Vorkuta?

Cilka meneia a cabeça lentamente, assentindo.

— Acredite ou não, Cilka, eu me ofereci para estar aqui. — Ela reduz a altura da voz. — Minha família sempre

acreditou em um... bem maior. — Ela aponta para o céu com a cabeça. É proibido falar sobre religião, mas Cilka entende do que está falando. — Meus pais devotaram a vida a ajudar os outros. Aliás, meu pai morreu fazendo isso, combatendo um incêndio. Tento honrá-los cumprindo sua missão.

— Isso é muito bom da sua parte — diz Cilka. Ela fica impressionada.

— Embora — diz Yelena, franzindo a testa — deva admitir que acreditei de um jeito amplo no projeto da União Soviética... a chamada da Mãe Pátria e tudo mais... mas é bem diferente de *estar* aqui.

Cilka olha as pessoas deitadas nos leitos atrás delas.

— É melhor eu parar de falar agora — diz ela e volta a abrir um sorriso.

— Obrigada, Yelena Georgiyevna, por me contar. E só espero que as mulheres no meu barracão também encontrem um trabalho melhor. E logo.

— Entendo. Eu também — diz Yelena. — Vejo você amanhã.

Yelena tira a mão do ombro de Cilka e vai embora. Cilka continua de frente para ela.

— Mais alguma coisa, Cilka?

— Josie... Josie poderia fazer meu trabalho administrativo?

Yelena pensa por um momento.

— Ainda não. Talvez, se pudermos usar você em tempo integral como enfermeira, tragamos Josie para cá. Mas ela

vai conseguir aprender...?

— Vou ensiná-la. Ela vai se sair bem. — É um risco, pensa Cilka. Se Josie não conseguir pegar as tarefas, o idioma, tão rapidamente quanto Cilka, ela será punida? Uma punição ainda pior do que voltar ao trabalho externo?

— Vamos ver — diz Yelena e se afasta.

8

Longos dias e noites de escuridão. A temperatura cai bem abaixo de tudo que Cilka já havia experimentado. Ela continua trabalhando no hospital, sem se distanciar de sua culpa, tentando amenizá-la ao contrabandear comida para as mulheres no barracão. Pão, legumes, margarina. Chá de verdade. Apenas o suficiente para comerem em uma noite, caso haja outra invasão de Klavdiya Arsenyevna. Toda noite, Antonina Karpovna recebe uma porção maior que as colegas de barracão de Cilka.

Nos meses seguintes, Cilka absorve tudo que lhe mostram e dizem no hospital como se fosse uma esponja. Ela fica tão boa em aplicar injeções que os pacientes começam a solicitá-la. Costumam esperar, desesperados, até que ela esteja livre para cuidar deles. O fato de estar minimizando a dor em vez de exacerbá-la é uma maravilha para Cilka. Ainda tenta se lembrar, à medida que a enfermaria se enche de pacientes desesperados e queimados pelo frio, que não consegue fazer mais do que pode. E, ainda assim, muitas

vezes sua mente se esvazia, e ela funciona automaticamente, como um motor. Yelena percebe e diz para ela fazer uma pausa, mas, se Cilka pudesse ficar no hospital vinte e quatro horas por dia, acha que ficaria.

Retornar todas as noites ao seu barracão traz emoções conflitantes. Sem querer deixar "seus" pacientes, ela precisa ver Josie e as outras mulheres para saber se passaram outro dia carregando, empilhando, levantando, catando, com olhos escorrendo lágrimas pelo vento gelado que bate no tecido enrolado no rosto. Cilka sai mais cedo que as outras mulheres e volta mais tarde, para não precisar ficar sentada à toa enquanto elas se enrolam e se desenrolam, doloridas da cabeça aos pés.

E há ainda as frequentes visitas noturnas dos homens. Sempre em menor número, as outras mulheres têm poucas "noites de folga", os homens que entram em suas cabanas mudam frequentemente. A situação protegida de Cilka e Josie como "esposas" de Boris e Vadim impede que sejam brutalizadas por outros, embora não as proteja dos gritos de suas companheiras de barracão. Uma noite, Josie lamenta com Cilka que fica infeliz quando Vadim não aparece, enciumada, pois talvez ele tenha outras mulheres a quem ele prefira. Cilka acha isso difícil de ouvir. Não quer dizer a Josie como se sentir – ela sabe como esse abuso pode afetar uma mulher, uma garota, de maneiras muito imprevistas. Mas diz que, se fosse ela, sentiria apenas alívio quando ele fica longe.

Após uma ausência de cinco dias, Boris e Vadim entram no barracão.

Josie levanta-se de um pulo, gritando com Vadim, acusando-o de ser infiel. Vadim lhe dá um tapa na cara antes de empurrá-la sobre a cama. Cilka fica chocada – Josie está perdendo a cabeça? Não quer que Josie seja assassinada. Ela quer bater em Vadim, sente o fogo queimando por dentro, porém, mais tarde, simplesmente adverte Josie para ter cuidado. Parece errado e inadequado, mas não sabe mais o que fazer. Nos dias seguintes, Josie afasta-se dela, fazendo comentários às outras sobre a vida fácil que Cilka leva no hospital. O relacionamento delas volta a ficar frio. Certa noite, Elena diz em voz alta para Josie crescer – todas estão se beneficiando da comida extra que Cilka lhes traz do hospital, das refeições não consumidas dos pacientes, que ela esconde nas roupas como uma especialista.

De fato, toda noite ela entra e esvazia o bolso à beira da cama, dividindo rapidamente a comida para que ninguém o faça e seja acusada de porções desiguais. Depois, se afasta quando as mulheres avançam e pegam a comida. Se Antonina não está lá, ela devolve a parte dela para o bolso, pois é grosseiro deixar a tentação diante dos olhos famintos.

Ela se afasta porque é muito difícil ver os dedos ossudos e desenrolados das mulheres estalando. Seus lábios rachados e incrustados abrindo-se. Suas pálpebras cheias de veias fechando-se enquanto levam o máximo de tempo possível para provar e mastigar a comida.

Cilka abre um sorrisinho surpreso para Elena por ter saído em sua defesa. Embora as palavras de Josie doam. Sim, Cilka é estranhamente sortuda. Mas também amaldiçoada. Se soubessem onde ela estivera, por todos esses anos, enquanto elas ainda tinham abundância de comida, bebida e calor. Enquanto ainda tinham famílias e casas.

Para Cilka, Elena continua tendo um caráter complexo. Irritada, muitas vezes indiferente – gritando com o mundo e com todos que estão nele –, mas também mostrando compaixão e ternura em ocasiões em que é pega de surpresa. Cilka sempre pensou que está apenas sobrevivendo. Não há apenas um jeito de fazê-lo.

Hannah, a amiga de Elena, falando novamente agora que se recuperou de sua estada no buraco, continua sendo a mais antagônica. Cilka descobriu que as duas mulheres são próximas porque lutaram juntas na resistência – o Exército da Polônia. Combateram os nazistas e os soviéticos. Cilka fica intimidada pela coragem de Hannah. E isso a deixa ainda menos disposta a compartilhar seu passado.

* * *

No dia seguinte, Josie entrega a Cilka duas pequenas flores de primavera que conseguiu colher ao voltar da mina. Pétalas roxas brilhantes com um centro vermelho e preto. Folhas verdes e finas cercam a delicada floração. Cilka viu-as pontilhando o gelo perto do hospital, um sinal de que a primavera está chegando. A possibilidade de alívio do

congelamento constante, do vento cortante e da neve dão uma sensação de esperança de que a vida se torne um pouco mais fácil para todos eles.

Cilka tenta não pensar muito no gesto de Josie. A verdade é que, pela primeira vez desde que chegou, ela sente um incômodo na garganta, como se estivesse prestes a chorar. Engole em seco. As flores são deixadas em um copo lascado, agora o orgulho de cada mulher no barracão. Todas elas aprenderam a arte de roubar qualquer coisa que não estivesse presa: contrabandear canecas do refeitório, uma mesinha descartada do barracão de oficiais com uma perna quebrada apoiada em pedaços aleatórios de madeira, uma chaleira amassada com água fervendo permanentemente na fornalha. Antonina, compartilhando os alimentos não consumidos que Cilka traz do hospital, optou por ignorar os "extras". Parece que, qualquer que seja o contrabando que Klavdiya esteja procurando, não são esses itens. O barracão está assumindo uma aparência acolhedora. Olga, a bordadeira que conseguiu não devolver as agulhas na primeira noite, tem ensinado sua arte a várias outras. Fios das pontas dos lençóis são arrancados e transformados em lindos adereços que são amarrados ao redor da cabana. Cilka continua a se servir de ataduras descartadas, limpando-as em água fervente e entregando-as ao grupo de bordado. Vários lenços que cobrem a cabeça das mulheres têm as bainhas com delicados bordados.

Em suas visitas mensais ao barracão de banho, as mulheres entregam seus lenços com bordas rendadas junto com outras roupas para tirarem os piolhos, enquanto rapidamente passam uma lasca de sabão pelo corpo e, felizmente, enxaguam-se em um barril de água quente. Os pelos pubianos não foram depilados de novo depois daquela primeira vez, e elas puderam deixar os cabelos crescerem novamente, a menos que sejam infestados de piolhos. A maioria das mulheres corta os cabelos durante as sessões de banho. Cilka deixa os dela crescerem um pouco mais. As roupas voltam, quentes e rigidamente penduradas em uma trave, e elas precisam agarrá-las antes de serem jogadas no chão sem cerimônia. Às vezes, as mulheres mais fortes se acotovelam para pegar um novo cachecol ou um casaco mais quente, e assim os detalhes rendados começam a se espalhar por toda a brigada.

* * *

A primavera é doce, mas curta demais. A neve que cobre o chão praticamente desde que Cilka chegou derrete rapidamente à medida que as temperaturas diurnas aumentam. Agora, o sol brilha, refletindo nas colinas próximas.

Quando o verão chega, a escuridão diminui até que, um dia, não há noite. Não há necessidade de luzes de busca no pátio, a menos que esteja muito nublado. Algumas das mulheres no barracão vindas do sul da Europa reagem a esse

fenômeno com pânico – parece ir contra a natureza. Os homens entram no barracão, e agora as mulheres são obrigadas a enxergá-los nitidamente, com a claridade. Várias mulheres não se refreiam, dizendo a eles que são porcos feios, e são punidas por ousarem dizer isso.

O sono fica difícil para algumas: elas lutam para fechar os olhos com uma luz tão brilhante quanto a do dia. Os ânimos se acirram, e a harmonia do barracão é abalada por brigas verbais e físicas.

Quando Cilka é flagrada por Yelena quase dormindo, a médica pergunta como ela está lidando com as noites brancas.

— Com o quê? — pergunta Cilka.

— As noites brancas. Ficaremos à luz do dia por vinte e quatro horas durante um tempo. Cada um ajusta-se de maneira diferente.

— Não consigo dormir e, quando adormeço, é apenas por breves períodos.

— E as outras em seu barracão?

— Algumas estão bem, a maioria, não. As brigas parecem surgir por nada. Como a senhora lida com isso? — Embora ela imagine que, nos aposentos onde Yelena dorme, deve haver cortinas adequadas.

— O primeiro verão é o pior. Bem, para muitos é o pior. Há outros que nunca se ajustam e lutam ano após ano; alguns simplesmente enlouquecem. Não conseguem lidar

com a privação do sono, a mudança nos ritmos do corpo... causa alguma coisa na cabeça deles.

Cilka pensa: *ela parece falar de forma muito casual sobre isso*.

— Isso poderia acontecer comigo?

— Você vai ficar bem, Cilka. — Cilka não havia se acostumado à fé permanente de Yelena nela. — Precisa fazer uma venda, cobrir os olhos e lentamente deixar seu corpo se acostumar. Diga às outras mulheres para fazerem o mesmo — diz ela. — Tenho certeza de que, se você procurar na rouparia, encontrará alguns cobertores velhos que foram jogados fora. Faça uma pausa, pegue uma tesoura, vá até lá e corte tiras suficientes para as mulheres. Tudo que você pode fazer é oferecer as tiras.

Yelena não precisa falar duas vezes. Na rouparia, Cilka testa cobertores e outros materiais que encontra até achar um tecido confortável para ser enrolado na cabeça. Que não cause coceira demais nem cheire muito mal. Vinte tiras são cortadas e enfiadas em suas roupas. É incrível até mesmo usar uma tesoura. No barracão, as mulheres às vezes cortam tecido correndo por ele um palito de fósforo recém-assoprado.

Uma noite de domingo em que tiveram apenas meio dia de trabalho, Cilka distribui as vendas e as mulheres começam a se acomodar em suas camas, o barracão ainda iluminado pela luz do dia. Elas ouvem o som das vozes lá fora. Esperam os homens chegarem, mas a porta permanece fechada. As vozes continuam. Várias mulheres saem da cama

e cuidadosamente colocam a cabeça do lado de fora. Elena abre a porta, e as vozes ficam mais altas.

— O que está acontecendo? — pergunta Cilka em voz alta.

— Tem gente andando e conversando, parece uma festa lá fora!

Todas pulam da cama e correm para a porta e para as janelas. Cada uma luta para dar uma olhada. Lentamente, aventuram-se lá fora.

— O que está acontecendo? — pergunta Elena a um grupo de mulheres que passam conversando.

— Nada. Como assim?

— Por que vocês estão aqui fora no meio da noite? — questiona Elena.

— Ainda não é meio da noite, e estamos do lado de fora porque podemos. É seu primeiro verão? — devolve a pergunta uma das mulheres.

— É — responde Elena. — Bem, a maioria de nós chegou bem no final do último.

— Se você tem energia, pode aproveitar para ficar do lado de fora por um tempo sem ter alguém em cima de você, forçando-a a trabalhar.

— Não achava que era permitido.

— Bobagem. Você fica lá dentro no inverno porque está frio e escuro demais para sair. Seria possível ler um livro aqui fora se houvesse um livro para ler, então por que não aproveitar? Não vai durar muito.

As mulheres afastam-se.

— Achei que... — gagueja Josie.

— Acho que isso é outra coisa que nossa amada Antonina Karpovna não nos contou — diz Elena. — Venham, vamos sair e dar uma boa olhada em nossa prisão.

Pela primeira vez em muito tempo, Cilka vê sorrisos no rosto de algumas mulheres. Apesar do cansaço da semana de trabalho, elas andam de braços dados do lado de fora do barracão. Cilka imagina que isso só acontecerá aos domingos, quando o meio dia de folga lhes permitirá ficar um pouco menos exaustas. Os prisioneiros olham o céu, vendo as montanhas de carvão escurecendo o horizonte. Respiram o ar fresco, seu inimigo no inverno, quando queima a garganta e os pulmões. Pela primeira vez, elas veem homens andando juntos na área central, onde os campos de homens e mulheres se encontram, sem representar uma ameaça para elas. Algumas reagem aos sorrisos com uma risadinha feminina. Uma sensação de liberdade toma conta delas.

— Venha comigo, Cilka. Temos que encontrá-los. — Josie solta um gritinho animado.

— Encontrar quem?

Cilka fica surpresa com o primeiro rosto que vem à sua mente: o mensageiro que ela viu na estranha ocasião no hospital, o homem de olhos castanhos que tinha sido educado quando acidentalmente trombou com ela. Eles não

se falaram, embora ele tenha acenado com a cabeça para cumprimentá-la algumas vezes.

— Vadim e Boris. Vamos encontrá-los e passear com eles. Como seria agradável simplesmente andar e conversar com eles, conhecê-los, não apenas...

— Não quero encontrar Boris. Por que não podemos simplesmente ficar juntas? Não precisamos deles, Josie. — Cilka tenta entender a ingenuidade de Josie, sua necessidade de pensar nisso como uma conexão real, mas aquilo a perturba bastante.

— Mas eu *quero* ver Vadim. Você vem ou eu vou sozinha? — diz uma petulante Josie.

— Não estou interessada — responde Cilka friamente.

— Bem, se você se sente assim... — Josie sai pisando duro. Cilka a observa partir, antes de se afastar sozinha.

Cilka enfrenta a liberdade – é tão nova para ela. Fica olhando o perímetro com suas torres de vigilância, procurando guardas que possam derrubá-los com suas armas. Era assim que se sentiam naquele *outro lugar*. Ela ainda não conhece as regras aqui. É uma das primeiras a voltar ao que, para ela, é a segurança do Barracão 29. Espera com paciência até que todas voltem, principalmente Josie, que ela se arrepende de ter deixado sozinha. Cilka não dorme até ter certeza de que todas voltaram. Então, põe a venda. As mulheres continuam a murmurar com alegria enquanto se acomodam, essa pequena liberdade lhes dá um instante de contentamento.

* * *

Durante oito semanas, o sol não deixa o céu. Cilka começa a relaxar e se unir adequadamente aos passeios pelo acampamento nas noites de domingo. Juntamente com outras mulheres de seu barracão, explora o entorno. Elas mantêm todo o corpo coberto e envolvem lenços no rosto para afastar os mosquitos. Cilka se esforça para convencer Josie de que não precisa encontrar Vadim e ficar com ele, que ele não é o futuro dela.

Uma noite, Hannah começa a andar ao lado de Cilka, afastando-a de Josie com um aperto firme logo acima do cotovelo. De perto, Cilka sente o cheiro do suor velho de suas roupas, da gordura em seus cabelos.

— O que você quer? — pergunta Cilka.

— Sabia que, na guerra, pessoas como eu e Elena trabalhávamos para resistir a todas as forças opressoras... os nazistas, os soviéticos...

— Eu sei. Você é uma heroína.

— Enquanto algumas pessoas se deitam e se entregam a eles, até se beneficiando dessa *união*, e observando todos à sua volta morrerem. — Ela aperta com mais força o braço de Cilka. Cilka sente-se nauseada. Hannah continua andando, forçando Cilka a continuar colocando pé ante pé.

— Não sei do que você está falando — diz Cilka, fria.

— Não vou revelar minha fonte... mas esse é um segredinho desagradável que você escondeu de nós.

Cilka engole em seco, sentindo medo, raiva. Deve ter sido aquela mulher do trem, que também estivera naquele *outro lugar.*

— Então, é verdade o que essa mulher estava dizendo? Ela parecia desesperada para contar a alguém. Não parecia ter muito tempo neste mundo.

— Não tenho nada a dizer para você.

Cilka pensa por um momento naquela mulher que, como ela, havia sobrevivido àquele *outro lugar* apenas para acabar aqui. E, pior ainda, que talvez nunca mais saísse.

— Então, é verdade. Você é apenas uma puta barata que consegue o que quer dormindo com a escória da humanidade. Ora, ora, ora.

— Você não pode me atingir, Hannah. Nem tente — retruca Cilka, encarando a outra.

— Aposto que você não quer que suas amigas saibam. Quer que eu guarde seu segredo?

— Quero que você vá se foder. Não dou a mínima para o que vai fazer ou dizer. — Cilka está blefando para deixar seu segredo menos atraente para Hannah, mas sabe que Hannah deve ser capaz de senti-la tremer sob o aperto firme da mão.

— Posso guardar esse segredo por um preço...

— Com que frequência os homens entram em nosso barracão e estupram você, Hannah?

Hannah não responde. Mantém as sobrancelhas franzidas, ofegando.

— Eu não ouvi — diz Cilka, levantando a voz. — Um homem, vários homens... Quantos homens diferentes estupraram você desde que chegamos aqui?

— É só o que acontece aqui.

— Isso. É só o que acontece aqui. Foi o que aconteceu *lá* comigo. Eu era mantida escondida para que os oficiais não fossem vistos se *poluindo*. Sabe o que é isso? Você, sua família e seus amigos, toda a sua raça sendo tratada como animais de abate?

Hannah desvia o olhar, mantém o rosto inexpressivo.

— E essa pessoa que afirma saber tanto sobre mim disse por que *ela* veio para cá? — questiona Cilka.

— Sim, eu arranquei isso dela. Os russos disseram que não gostavam de pessoas que deduravam os outros sem solicitação, então a mandaram para cá também. Parece que vocês todas foram fracas no final, uma dedurando a outra.

— Ninguém pode nos julgar — diz Cilka entredentes. — Você não tem ideia de como era. Havia apenas duas opções: uma delas era sobreviver. A outra era a morte.

Hannah ri baixinho. De tanta raiva, Cilka começa a ver dobrado. Ela já deveria estar acostumada com isso – pessoas criando hierarquias de bem e mal, decidindo onde o outro se encaixa.

— Mas não é só isso, certo? — questiona Hannah.

Cilka olha para ela.

— Você realmente gostaria que eu contasse às outras, Josie, Natalya, Olga, Elena, sobre seu papel no bloco da

morte?

Cilka se esforça para não deixar sua expressão vacilar.

— Foi o que pensei — continua Hannah. — Vou dizer o que preciso em breve, e você vai me dar. — Ela se afasta, atravessando a terra com grama irregular.

Cilka olha para as mulheres em círculo, compartilhando um raro momento de lazer. Josie vira-se e sorri para Cilka. Cilka força um sorriso para ela. Não quer voltar, em sua mente, para aquele *outro lugar*; quer aproveitar todos os dias e fazer o melhor que pode, com suas novas amigas. Não quer que Hannah estrague isso. Suas entranhas reviram-se.

* * *

Cedo demais, as mulheres acordam com gelo no chão. O ar na garganta fica espesso e úmido. Cilka já está aqui há um ano. Seus lenços são deixados de lado; os chapéus e casacos pesados, retirados de debaixo do colchão, onde passaram os últimos dois meses.

Hannah ainda não parece ter decidido seu "preço" para ficar quieta. Mas frequentemente lembra Cilka do que sabe com um olhar ou um gesto. Cilka tenta, na maioria das vezes, bloquear de sua mente o medo de as mulheres descobrirem.

A transição do outono para o inverno é rápida. A chuva sazonal umedece o chão e os humores. Os passeios noturnos terminam, e as mulheres lutam para se adaptar a apenas ter a própria companhia mais uma vez.

A chuva transforma-se em granizo, o granizo transforma-se em neve. A escuridão é constante.

A descoberta de Hannah faz com que o barracão pareça pequeno e claustrofóbico.

9

Um dia para fazer planos. Um dia para pensar no futuro. Para a maioria das pessoas, mas não para Cilka.

Hoje, pela primeira vez, ela escreve no arquivo de um paciente:

1º de janeiro de 1947.
Paciente fazendo bom progresso, alta prevista para amanhã.

Ela ouve as palavras ditas pelo médico, transcreve-as, força um sorriso enquanto olha para o homem deitado na cama à sua frente com os olhos cheios de lágrimas.

— Por favor, só mais um pouco. Posso ficar mais um pouco? Mais dois dias. Ainda estou fraco.

O médico olha para o homem sem compaixão. Voltando-se para Cilka:

— O que você acha, Cilka? Vamos deixar esse merda mal-intencionado ocupar o leito que algum companheiro de prisão doente deveria ocupar? Ou despachá-lo daqui amanhã?

Cilka aprendeu o jogo que alguns médicos gostam de fazer, envolvendo-a. Fazendo dela a pessoa que determina se um paciente fica ou não mais vinte e quatro horas em um leito de hospital quente com comida nutritiva. Também aprendeu quais médicos concordam com sua sugestão de que um paciente podem ficar mais um dia e quais fazem o contrário.

Este médico geralmente concorda com o que Cilka diz. Com cuidado, ela concede aos doentes e enfermos dias que, em sua vida anterior, nunca poderia. Embora tenha estado em todos esses lugares, é sempre uma pessoa por outra. O conforto de uma pessoa, a comida de uma pessoa. Nada é justo.

— É o primeiro dia de um novo ano. Talvez, nesse espírito... — Ela olha para o prontuário nas mãos antes de continuar. — Georgii Yaroslavovich se beneficiaria de mais um dia conosco. Devo alterar o prontuário dele para informar a alta em dois dias?

— Altere. — O médico se afasta.

Cilka olha para o pôster na parede acima da cama. Um trabalhador sorridente em um campo ensolarado. *Libertação pelo trabalho honesto*.

Ela altera o prontuário.

— Obrigado, Cilka Klein, obrigado, obrigado. Você é um anjo enviado do céu.

Cilka pisca para ele. Desta vez, o sorriso dela é genuíno:

— Tudo bem, Georgii Yaroslavovich, você sabe que vou cuidar de você.

Enquanto ela volta para a escrivaninha para deixar o prontuário de Georgii e pegar outro, Yelena está esperando, depois de assistir ao jogo até o fim.

— Cilka, tenho boas notícias para você.

O sorriso retorna ao rosto de Cilka. Está quase assustada demais para perguntar o que é. Ela aguarda.

— Falei com o chefe do hospital e o convenci de que agora você se qualifica para ser chamada de enfermeira.

— Sério? Isso é maravilhoso, muito obrigada — comenta Cilka. Mas se sente entorpecida. Sua posição faz uma diferença mínima na vida de suas companheiras de barracão, mas, ainda assim, ela deseja poder fazer mais. Atrás de Yelena, do lado de fora da janela coberta de geada, há uma escuridão uivante. — Nem sei o que dizer.

— Não precisa me agradecer. Você trabalhou duro... Conquistou o direito de ser reconhecida por isso.

As entranhas de Cilka se agitam. Ela sente algo parecido com vergonha. Yelena se sentiria diferente se soubesse tudo sobre o passado de Cilka?

— Não vou decepcioná-la — afirma Cilka.

— Sei que não vai. E, Cilka, mais uma coisa. — Ela entrega um bilhete para Cilka. — Entregue isso a Antonina Karpovna hoje à noite. É meu pedido para que Josie comece a trabalhar aqui amanhã como assistente de escritório. Ela vai

aprender algumas de suas antigas obrigações e liberá-la para a enfermagem.

Pegando o bilhete com mão trêmula, Cilka se vira para se recompor. *Finalmente.* Ela não sossegava à espera de que isso acontecesse desde que havia entrado no hospital. Coloca o bilhete no bolso do avental do hospital; com um aceno de cabeça em agradecimento, pega outro prontuário e caminha rapidamente, determinada, até outro paciente.

Pela primeira vez em muito tempo, Cilka volta ao seu barracão antes das outras. Ela anda pelo pequeno local, com o nariz ainda ardendo pelo frio da caminhada, esperando Josie e Antonina para compartilhar a notícia com elas. Não é a novidade de ser chamada de enfermeira que a empolga; Josie não estará mais trabalhando ao ar livre, mas no conforto e no calor do hospital. Ela sabe que isso se origina de um desejo egoísta; quer estar fisicamente mais próxima de Josie. Para poder cuidar dela.

As mulheres entram no barracão em estado de medo e pânico. O primeiro pensamento de Cilka é Hannah, o que ela sabe – ou pensa que sabe. Será que ela contou às mulheres, e elas vão atacá-la? Mas então percebe que é algo completamente diferente. Uma das mulheres está chorando e gemendo ao mesmo tempo. Está sendo apoiada por outras duas, cada uma segurando-a por um braço enquanto ela se dobra de dor. As outras parecem confusas, dando instruções sobre o que fazer sem que ninguém escute, ninguém assuma o controle.

Cilka agarra Elena, puxando-a para longe do grupo. Vê agora que a mulher que geme é Natalya, os cabelos loiros sujos de suor e fuligem colados à testa.

— O que está acontecendo? O que houve?

Antonina a segue. As mulheres que seguravam Natalya a deixam na cama e se afastam para que a brigadeira possa vê-la.

— Está de quanto? — Antonina pergunta.

Natalya balança a cabeça com dor e medo.

— Não sei. — Seu cachecol ainda está enrolado no pescoço. Suas mãos enluvadas agarradas nele.

— Semanas ou meses?

— Meses, cinco ou seis, não sei! Me ajude, por favor, me ajude.

— O que há de errado com ela? — pergunta Cilka novamente a Elena.

— Está sangrando, e está grávida. Achamos que está tendo o bebê.

Antonina ergue a cabeça e vê Cilka se afastando.

— Venha cá — diz ela. — Você trabalha no hospital... assuma o comando. As outras podem se preparar para o jantar.

Cilka abre a boca para contestar, mas muda de ideia. Ela não sabe como conduzir um parto, mas quer estar lá para ajudar Natalya.

— Com licença, Antonina Karpovna, Josie e Elena podem ficar para me ajudar? Tenho um bilhete para você da médica,

Yelena Georgiyevna.

Cilka desdobra-o e coloca o bilhete nas mãos enluvadas de Antonina. Antonina lê e olha ao redor para encontrar Josie, dizendo em tom monótono:

— Bem, outra de vocês está ganhando um prêmio, parabéns. — Ela olha para Cilka. — As duas podem ficar com você. Vou mandar algumas toalhas e lençóis. Todas as outras, saiam. — Ela cobre o rosto com o lenço, apenas os olhos aparecendo.

Antes de as mulheres saírem para o refeitório, Cilka diz:

— Posso perguntar se alguém aqui teve um bebê ou assistiu alguém dando à luz?

A brigadeira olha para as mulheres e empurra de novo o lenço para baixo.

— Alguém?

— Ajudei no parto de muitas vacas, mas não de humanos — diz Margarethe sem rodeios.

— Você pode ficar também.

Os gritos de Natalya da cama reorientam a atenção delas. A doce e linda Natalya, pensa Cilka. Josie ajoelha-se ao lado dela, afasta o cabelo loiro e molhado do rosto.

— Está sangrando muito? — pergunta Cilka.

— Havia muito sangue quando fui à latrina lá do trabalho. Me ajude, Cilka, por favor, salve meu bebê.

Ela quer o bebê, observa Cilka. Há algo dentro de Cilka que entende; se isso acontecesse com ela, também conseguiria se apegar a essa ideia de vida. Mas isso não vai

acontecer com Cilka. Ela não acha que seu corpo seja capaz de engravidar.

Josie olha suplicante para Cilka.

— Você sabe o que fazer?

Cilka mantém o rosto inexpressivo, sério.

— Faremos tudo o que pudermos, Natalya. Precisamos tirar sua roupa para ver como você está, está bem?

Quinze mulheres se reúnem na porta, embrulhadas em suas roupas, ansiosas para se afastar, desejosas por não testemunhar a tragédia. Cilka, Josie, Elena e Margarethe auxiliam Natalya da melhor maneira possível.

Um guarda entrega duas toalhas e dois lençóis. Recebido pelos gritos de Natalya, ele os joga no barracão sem dizer palavra.

Enquanto o restante do barracão está jantando, Natalya dá à luz um menino. Ele não chora, não se movimenta. Pegando uma das toalhas, Cilka envolve seu corpinho e o coloca nos braços de Natalya. As quatro mulheres ficam olhando para ela enquanto a mulher chora até dormir, segurando o filho junto ao peito pelo que será a única noite deles juntos. Josie fica ao lado da cama a noite toda.

Na manhã seguinte, Antonina diz a Elena e Margarethe para ficarem com Natalya. Cilka e Josie devem levar o bebê e se apresentar no hospital para trabalhar. Josie parece triste.

— Vamos cuidar de Natalya, Josie — diz Elena.

Tirar o bebê morto dos braços da mãe é uma das coisas mais difíceis que Cilka já fez em todos os seus vinte anos.

* * *

No hospital, Josie demora a entender as coisas. Cilka passa a dedicar mais tempo ensinando e fazendo ela mesma o trabalho da amiga em vez de suas obrigações como enfermeira. Ela persevera, e Yelena finge não ver o que está acontecendo, enquanto Josie aprende lentamente a arte de distinguir quais informações de um médico precisam estar em um prontuário de paciente do que era apenas um comentário e não um apontamento para registro. Ela sabe agora falar bem russo, mas luta muito com a escrita em cirílico, com os nomes e a grafia dos remédios. É tímida diante da equipe médica e de enfermagem, preferindo interromper Cilka em busca de ajuda em vez de pedir que alguém repita as instruções.

Cilka, por sua vez, é excelente em todas as tarefas. Agora é especialista em tirar sangue; sua sutura, embora não esteja no nível de Olga e das outras mulheres das aulas de bordado, é admirada por seus colegas mais experientes. Combina sem esforço o cuidado das necessidades emocionais de seus pacientes com as práticas.

Josie fica agradecida e está mais calorosa com Cilka agora, sussurrando para ela no barracão enquanto deitam lado a lado nas noites em que Boris e Vadim não as visitam. Está ansiosa e sobrecarregada. “Como vou aprender? Como vou acompanhar?”

Às vezes, Cilka não tem energia para tranquilizá-la, embora queira ser boa para ela. Só sabe que é possível que as

coisas fiquem ainda mais difíceis, que precisam aproveitar cada momento do jeito como ele vier.

Um dia, voltam do trabalho e Natalya desapareceu. Antonina Karpovna recusa-se a dar respostas, o que Cilka sabe que não é bom. Geralmente, elas sabem quando uma mulher foi para o buraco, pois é um aviso para todas as outras. Cilka não consegue se impedir de ver as imagens de mulheres pulando em cercas elétricas naquele *outro lugar*, preferindo uma morte rápida ao inferno na terra que era o campo ou a câmara de gás que sabiam esperar todas elas. O vazio domina Cilka, frio e plano como a neve no chão, e ela só quer se deitar. Mas sabe o que Natalya significava para Josie. Ela se senta ao lado da amiga e silenciosamente oferece a mão para ela segurar até adormecer.

O inverno parece implacável, consome tudo em sua escuridão gelada, e as semanas se transformam em meses. As estações fazem suas mudanças dramáticas, e mais uma vez as pequenas flores abrem caminho através da neve e do gelo derretidos. A luz no barracão apaga-se, e o sol permanece alto no céu.

Um segundo verão de noites brancas chegou.

Há mais algumas mudanças no barracão além da partida de Natalya. Duas das veteranas envolvem-se em uma briga. Quando um guarda tenta apartá-las, é atingido. As mulheres são enviadas para o buraco e não retornam. Três jovens ucranianas chegam e dormem nas camas delas. Olga, Elena, Margarethe e Hannah permanecem.

As paredes do barracão estão cobertas por artesanato feminino. Quando uma peça se deteriora devido à umidade, é rapidamente substituída. A renda adorna as golas dos casacos das mulheres, dos vestidos, dos bolsos, dos chapéus e dos cachecóis. É uma pequena recuperação da identidade, da feminilidade, uma expressão de algo diferente de um corpo funcional posto em prática diariamente.

* * *

Cilka consegue evitar ficar sozinha com Hannah por meses até uma noite, quando todas estão voltando do refeitório para o barracão. Cilka diminui a velocidade, dizendo a Josie que chegará em breve.

— Você está bem? — pergunta Josie, franzindo a testa para Hannah ao lado de Cilka.

— Sim, claro — diz Cilka, forçando um sorriso.

Josie dá de ombros e continua caminhando, deixando Cilka e Hannah sozinhas.

Cilka respira fundo.

Para sua surpresa, Hannah não parece ameaçadora, mas vulnerável. Lambe os lábios secos, os olhos se voltando para todos os lados.

— No hospital... — diz ela, hesitante — ... você tem remédios para dor, certo?

— Sim, mas são limitados. Só os usamos quando realmente precisamos.

— Bem, você precisa me arrumar um pouco — diz Hannah. Os olhos dela cintilam nas órbitas, desesperados.

— Não há suficiente — diz Cilka.

— Você sabe das consequências — rosna Hannah, enterrando os dedos na carne do braço de Cilka até doer. — Se você não me conseguir um suprimento constante, vou falar a todas que estão lá — ela meneia a cabeça na direção do barracão — que você não só trepou com os nazistas, mas ficava como um anjo da morte de casaco de pele, observando sem fazer nada enquanto milhares de sua raça eram mortos diante de seus olhos.

Apesar do clima ameno, o interior de Cilka enregela-se. Ela começa a tremer. Quer explicar a Hannah: *eu tinha dezesseis anos! Eu não escolhi nada disso. Eu simplesmente sobrevivi.* Mas não consegue pronunciar nenhuma palavra. E sabe também como tais palavras soariam vazias e desesperadas a suas companheiras de barracão. As outras não seriam capazes de ficar perto dela. Cilka pareceria amaldiçoada, errada. Não quer roubar para Hannah drogas que são tão necessárias para os pacientes. Mas também não pode perder suas amigas – seu único conforto. E se Yelena descobrisse também sobre o bloco da morte? E Raisa e Lyuba? Ela pode perder as duas e sua posição. Não poderia mais trazer comida extra para suas companheiras de barracão, ajudando a mantê-las fortes o bastante para fazer seu trabalho exaustivo. Tudo se desvendaria.

Ela vê no rosto de Hannah que havia adivinhado os pensamentos de Cilka.

— Vou ver o que posso fazer — responde Cilka em uma voz monótona, derrotada.

Quando ela está prestes a voltar ao barracão, para deitar-se e tentar fechar a mente para esse dilema e tudo que ele trouxe à tona, ela ouve uma voz chamar seu nome.

— Cilka, Cilka! — É Boris.

Ela se vira quando o russo atarracado e de rosto avermelhado se aproxima. Como vai lidar com ele agora? O relacionamento deles mudou aos poucos. Ele costuma dizer a Cilka que se importa com ela. Ela se obriga a dizer o mesmo, para sua segurança, mas nunca com sinceridade. Muitas vezes, quando ele a visita, só quer ser abraçado, acarinhado. Ele lhe conta sobre sua infância de rejeição, sobre como nunca conheceu o amor e o conforto de pais carinhosos. Ela tem pena dele. Pergunta-se se seus sentimentos pelos homens devem ser apenas medo e piedade. Sua infância foi cheia de amor e atenção, seus pais sempre se interessaram pelo que ela dizia, admirando a filha obstinada e voluntariosa que estavam criando. Há um remanescente desse senso de família e pertencimento escondido lá no fundo, que não pode ser tocado. O pai dela era um bom homem. Deve haver outros homens como ele. Como o Lale de Gita. O amor é possível mesmo diante de terríveis probabilidades. Talvez apenas não para ela.

Ela pensa novamente no mensageiro que viu no hospital. Seus olhos escuros gentis. Mas um olhar de aparente bondade pode realmente ser confiável? Ela nem sabe o nome dele. É melhor que não saiba.

— Vamos passear — diz Boris com firmeza. Ela não sabe o que vai acontecer se contestar. Então, aceita. Ele a leva para uma parte do campo que ela e as outras evitam, uma área cheia de homens que estão sempre discutindo, sempre brigando.

Boris diz que quer que ela conheça alguns de seus amigos. Ele quer exibi-la. Pela primeira vez desde sua chegada a Vorkuta, Cilka fica realmente assustada. Ela sabe que Boris é poderoso no campo, mas os comentários vis dos homens que tentam agarrá-la e tocá-la enquanto ela passa por eles a fazem temer que ele não consiga protegê-la. Um dos outros está fazendo sexo selvagem com uma jovem na frente de seus companheiros. Os gritos para Boris provar sua masculinidade e possuir Cilka da mesma maneira fazem com que ela se afaste dele e corra. Alcançando-a, Boris insiste que nunca faria algo assim. Oferece um sincero pedido de desculpas, confirmando o que ela suspeitava. Ele se importa com ela. Mas como pode se importar com ela se não a conhece? Ele só a conhece como corpo: rosto, cabelo, membros.

Enquanto eles se afastam dos outros, os gritos da garota os seguem.

Cilka implora a Boris que a deixe voltar para seu barracão. Ela quer ficar sozinha. Está ficando vazia e entorpecida. Garante a ele que não é nada que tenha dito ou feito, tentando não deixar o medo transparecer na voz; ela precisa de tempo sozinha.

Só, encolhida na cama, de frente para a parede, mesmo com a venda, o sono não chega. Imagens absurdas aparecem e se distorcem em sua cabeça. Um oficial da SS, seu rifle adornado com bordados rendados; Gita e Josie sentadas ao lado de uma montanha de carvão moído, procurando na grama um trevo de quatro folhas, rindo e compartilhando um segredo, enquanto Cilka olha a distância; Yelena levando a mãe de Cilka para longe do caminhão, enquanto outras mulheres estão empilhadas, quase cadáveres, rumando para a morte; Boris vestido com o uniforme de comandante da SS, os braços estendidos, flores mortas sendo oferecidas a ela. Ela chora em silêncio com a desesperança que, de repente, sente pelo seu futuro e pelas pessoas que nunca estarão nele.

Auschwitz-Birkenau, 1944

Cilka sai do Bloco 25. Quatro oficiais da SS estão perto do caminhão parado, do lado de fora dos portões do pátio de tijolos, esperando para levar as residentes de pernoite do bloco para a morte. As mulheres estão lentamente saindo pelo portão, mulheres mortas andando. Ela abre caminho para se aproximar dos dois oficiais da SS mais próximos.

— Duas morreram da noite para o dia. Quer que seus corpos sejam levados para o carro da morte?

Um dos oficiais assente com a cabeça.

Cilka para as próximas quatro mulheres.

— Voltem para dentro e tragam as duas que escaparam da câmara de gás — rosna ela.

As quatro mulheres voltam para o bloco. Cilka segue-as, puxando a porta atrás de si, sem fechá-la.

— Escutem, vou ajudar vocês — diz ela. As mulheres olham para ela como se fosse um truque. Cilka faz uma careta. — Eles enfiariam os rifles na barriga de vocês e as arrastariam de volta para cá se eu não dissesse algo antes.

As mulheres meneiam a cabeça, entendendo. Uma delas havia morrido e fora deitada em um beliche. Cilka sobe até ela e, com o máximo de gentileza, a desce nos braços de duas das mulheres que esperam. O corpo não pesa nada. Cilka desce e ajuda a colocá-la adequadamente nos braços finos delas, depois ajusta as roupas esfarrapadas da mulher para lhe dar um pouco de dignidade na morte.

Depois que as duas mulheres mortas são carregadas para fora, Cilka observa o caminhão se afastar. Fica sozinha com o chiado e os arranhões de ratos famintos. Ela entrará em um momento e vestirá meias de náilon limpas, trocadas por pão. E se ele *vier visitá-la, gosta dela limpa. E ela tem um favor para pedir a ele, para sua amiga Gita, com relação ao homem que a amiga ama. Cilka acha que "amor" é uma palavra estranha – ela ricocheteia ao redor da mente, mas não pousa. Mas, se Gita é capaz de senti-*

lo, Cilka fará o que puder para preservá-lo. Antes de entrar, olha na direção das câmaras de gás e dos crematórios. Quando começou ali, naquele inferno na terra, sempre fazia uma oração. Mas agora as palavras não vêm.

* * *

Em seu barracão, desesperada para afastar as lembranças, Cilka quer dormir.

Faltam treze anos.

10

Uma criança pequena grita. Pacientes e funcionários viram-se quando a porta da ala se abre de uma vez e uma mulher entra segurando uma garotinha. O sangue cobre o rosto e o vestido da criança; o braço esquerdo pende em um ângulo impossível. Dois guardas seguem, gritando por um médico.

Cilka observa quando Yelena corre até a mulher. Ela está bem vestida com um casaco quente e usando chapéu; não é prisioneira. Com o braço em volta dos ombros da mulher, Yelena a leva até o fundo da ala. Quando passa por Cilka, ela a chama:

— Venha comigo.

Cilka vai atrás do grupo, a criança ainda grita. Na sala de tratamento, Yelena gentilmente toma a criança nos braços, colocando-a sobre a cama. A menina parece quase desmaiada. Seus gritos diminuem até virarem um gemido.

— Ajude-a, ajude-a! — implora a mãe.

— Qual o nome dela? — pergunta Yelena com calma.

— Katya.

— E qual o seu nome?

— Sou Maria Danilovna, mãe dela.

— São a esposa e a filha do comandante Alexei Demyanovich Kukhtikov — comenta um dos guardas. — O hospital dos oficiais está lotado por causa da reconstrução da ala, então a trouxemos direto para cá.

Yelena assente e pergunta à mãe:

— O que aconteceu?

— Ela seguiu o irmão mais velho até o telhado de nossa casa e caiu.

Yelena vira-se para Cilka.

— Pegue alguns panos molhados e me ajude a limpar o sangue para que eu possa ver a extensão dos ferimentos.

Uma pequena pilha de toalhas repousa sobre uma cadeira ao lado de uma bacia. Cilka encharca duas delas. Não há tempo para esperar que a água esquente, a fria terá que bastar. Entregando uma a Yelena, ela segue o exemplo da médica e limpa o sangue do rosto da menina. A toalha molhada e fria parece reavivá-la, e seus gritos recomeçam.

— Por favor, ajude minha *malyshka*, por favor — choraminga Maria.

— Estamos ajudando — diz Yelena com suavidade. — Precisamos limpar um pouco do sangue para ver onde ela está ferida. Tenha cuidado com o braço dela, Cilka, está quebrado e precisará ser imobilizado.

Cilka olha para o braço pendurado sobre a cama ao lado dela e se reposiciona para não encostar nele. Abaixando-se,

ela fala com Katya em uma voz calma e suave, dizendo que não vai machucá-la, está apenas limpando seu rosto. Katya reage, seus gemidos agora acompanhados de arrepios que assolam seu corpinho.

— Pegue um cobertor, rápido, e cubra-a. Precisamos mantê-la aquecida. — Cilka pega um cobertor na ponta da cama. Dobrando-o em dois, ela cuidadosamente o coloca sobre Katya, novamente murmurando para ela o que está fazendo.

— Posso ver o local da ferida, está na cabeça, aqui do meu lado... É um corte grande. Continue limpando o rosto dela, Cilka. Vou pegar algumas coisas. Yelena coloca a ponta de uma toalha sobre o lado direito da cabeça de Katya, cobrindo o olho direito.

Maria põe-se diante de Yelena.

— Você não pode deixá-la, você é a médica. Diga para ela buscar.

O coração de Cilka dispara. Naquele dia, em algum momento, ela precisa chegar à farmácia que contém todos os medicamentos e materiais médicos necessários à enfermaria, embora tenha pavor do que planeja fazer.

— Ela não vai saber o que pegar. Volto já. Enquanto isso, Katya, e você também, Maria Danilovna, estarão em boas mãos com Cilka.

Yelena sai da sala.

— Talvez você queira segurar a mão dela — diz Cilka a Maria, que assente e segura a mão não ferida de Katya.

Cilka molha uma toalha limpa.

Quando Yelena volta, Cilka está conversando com Katya.

— Katya, meu nome é Cilka Klein. A doutora Kaldani e eu vamos cuidar de você. Entendeu?

Vem um pequeno grunhido da menina.

— Boa garota. Agora, Katya, você pode me dizer onde se machucou? Sabemos que sua cabeça e seu braço estão doendo, mas dói em outro lugar?

— Minha... Minha perna — resmunga Katya.

— Boa garota. Em mais algum lugar?

— Minha cabeça dói. *Mumma*, *mumma*!

— Estou aqui, minha *malyshka*, estou aqui. Você é uma garotinha corajosa, vai ficar bem.

Yelena pousa a bandeja que trouxe sobre a mesa de cabeceira. Ela levanta a ponta do cobertor devagar para olhar as pernas de Katya. Estão cobertas com meias grossas, e não há nenhuma lesão visível.

— Cilka, me ajude a tirar as meias dela para que possamos examinar as pernas.

Qualquer dor que Katya esteja sentindo nas pernas não é significativa o bastante para que ela reaja, pois Yelena e Cilka tiram uma bota e uma meia. Yelena examina as pernas. A direita mostra sinais de inchaço precoce e contusões ao redor do joelho. Yelena movimenta-a com cuidado; Katya não reage.

— Acho que não é sério. Vamos voltar à cabeça.

— E o braço dela? — pergunta Cilka.

— Vamos chegar lá. Você está indo muito bem, Cilka, obrigada por perguntar a ela sobre outros ferimentos. Muitas vezes, crianças tão jovens não reagem. A gente precisa encontrar os ferimentos, então, muito bem. Desculpe-me, Maria Danilovna, mas quantos anos tem Katya?

— Tem quase quatro anos.

— Que idade linda — comenta Yelena em voz baixa, tanto para si mesma quanto para Maria.

Yelena retira a toalha da cabeça de Katya. A ferida aberta parou de esguichar sangue, mas as bordas vermelhas em carne viva parecem sérias. Ela ouve Maria ofegar.

Yelena derrama antisséptico em uma atadura enrolada e gentilmente a pousa sobre a ferida. Cilka continua tentando lavar o sangue dos cabelos de Katya.

— Você tem um cabelo bonito, Katya. Combina com seu rosto lindo.

— Continue falando com ela, Cilka. Maria Danilovna, eis o que precisamos fazer. Não posso cuidar dos ferimentos de Katya enquanto ela estiver acordada. Vou lhe dar uma injeção para adormecê-la, examiná-la melhor, depois a levarei para uma sala mais estéril para dar pontos no ferimento da cabeça e cuidar do braço. Ele está quebrado entre o cotovelo e o pulso e vai precisar ser puxado para o lugar correto antes de poder ser engessado. Entendeu?

— Acho que sim. Tem certeza de que precisa colocá-la para dormir? E se ela não acordar? Já ouvi falar de pessoas

que foram adormecidas por médicos e não acordaram.

— Ela precisa estar dormindo, Maria Danilovna, você precisa confiar em mim.

— De onde você é? Onde recebeu seu treinamento? — Maria pergunta a Yelena, e Cilka sente a ansiedade em sua ousadia.

— Sou da Geórgia e fui treinada lá.

— Também sou da Geórgia... Eles têm bons hospitais lá.

— Podemos conversar um pouco mais, mas, por enquanto, preciso cuidar de Katya — comenta Yelena, e, em seguida, com calma: — Quer dizer a ela que vai receber uma injeção para dormir ou posso falar?

Virando-se para Cilka, Maria diz:

— Deixe que ela fale, ela parece ser capaz de acalmar Katya.

Embora Cilka tenha ouvido a conversa, espera que Yelena repita exatamente o que ela deve dizer a Katya. Não quer errar e assustar a garota. Ela acaricia o rosto de Katya enquanto lhe diz o que vai acontecer. Katya não vacila quando Yelena injeta o anestésico, e ela e Cilka observam os olhos de Katya piscarem e se fecharem.

Quando Yelena está convencida de que Katya está profundamente adormecida, remove o cobertor e começa a cortar suas roupas. Camada por camada é descartada no chão. Ao ver apenas uma camisetinha e roupas de baixo na menina, Cilka se dá conta dos dois guardas na sala.

— Saiam — diz Cilka com firmeza.

Eles não precisam ouvir a ordem duas vezes.

Quando a porta se fecha, escutam um berro vindo da enfermaria.

— Onde ela está, onde está minha *malyshka,* Katya?

— Meu marido — sussurra Maria. Cilka observa como o alívio no rosto dela ao ouvir a voz do marido é substituído pelo que parece ser medo. Maria afasta-se da cama.

A porta abre-se, e o comandante Alexei Demyanovich Kukhtikov entra na sala. Cambaleando atrás dele, um médico sênior entra, gritando:

— Alexei Demyanovich, Alexei Demyanovich, eu estou no comando.

O comandante chega à cama e registra o corpo alquebrado e ensanguentado da filha. Ele olha para a esposa.

— O que aconteceu, Masha?

— Alyosha...

Yelena vem em defesa de Maria.

— Ela estava apenas brincando, Alexei Demyanovich, e caiu. Parece pior do que é. Coloquei-a para dormir para que eu possa cuidar dela, mas garanto que ficará bem.

O comandante ouve sem interromper, mas o médico que o seguiu intervém.

— Alexei Demyanovich, eu estou no comando. Sinto muito por não saber que sua filha estava aqui. — Virando-se para Yelena, ele grita: — Ninguém me disse que a filha do comandante estava aqui! Agora vou assumir.

Maria caminha com cuidado em direção ao marido.

— Esses dois anjos cuidaram de nossa menininha. Deixem que terminem o que começaram.

Alexei olha para a esposa.

— E você está bem?

— Com licença — diz o médico. — Sou o médico mais experiente aqui, e é meu dever cuidar de sua filha, Alexei Demyanovich.

Sem olhar para ele, o comandante responde.

— Se minha esposa diz que confia nas duas para cuidar de Katya, elas o farão, com meus agradecimentos.

Ele vira-se para Yelena.

— Você parece a médica.

— Sim, Alexei Demyanovich. Sou Yelena Georgiyevna, ou doutora Kaldani.

Virando-se para Cilka.

— E você, a enfermeira?

— Ela nem é enfermeira, ela é... — interrompe o médico.

— Uma enfermeira em treinamento, Alexei Demyanovich, mas muito boa — intervém Yelena.

O comandante tenta correr as mãos pelos cabelos emaranhados e ensanguentados de Katya. Ele abaixa-se e a beija suavemente na bochecha.

— Volto ao meu gabinete e a deixo em suas mãos. Peça a alguém que me informe quando terminar, e eu organizarei onde ela ficará; não vai ficar aqui. — Ele se vira para Maria. — Fique com ela, minha querida.

— Eu nunca sairia daqui.

Cilka e Maria seguem a maca com Katya, enquanto ela é empurrada por Yelena para a sala de operação. Cilka não tinha estado naquela parte do hospital antes. A porta no final da enfermaria sempre lhe parecera um território proibido. Um pequeno corredor leva a duas pequenas antessalas que dão para uma sala um pouco maior com uma grande luz no teto. Cilka ouvia falar desses quartos em Auschwitz. Calafrios a dominam, sua respiração acelera.

— Está tudo bem, Cilka — garante Yelena —, é aqui que operamos. Vamos lá, preciso de sua ajuda.

Enquanto Yelena costura e enfaixa a cabeça de Katya, manipula e engessa o braço, examina as escoriações que agora apareceram nas pernas e no corpo pequeno, que não requerem atenção médica, Cilka fica com Maria. Ao som dos ossos no braço da garota estalando para voltar ao lugar, Maria enterra a cabeça no ombro de Cilka. Cilka respira fundo e abraça a mãe angustiada.

Na sala de recuperação, Cilka fica em pé ao lado da cadeira enquanto Maria se senta com a cabeça no leito ao lado da filha. Quando Katya acorda, chorando, sua mãe a conforta enquanto Cilka corre para buscar Yelena.

Um rápido exame por Yelena determina que Katya passou bem por seus procedimentos. Cilka observa que Katya está olhando para ela com perplexidade, como se não soubesse quem ela é.

— Olá, Katya, eu sou a Cilka.

Katya registra sua voz; um sorrisinho cruza seus lábios.

— Estes são os dois anjos que cuidaram de você — diz Maria à filha.

Katya continua olhando Cilka com um olho aberto, o outro parcialmente coberto pelo grande curativo que envolve sua cabeça. Cilka sente-se desconfortável com a atenção da garota. Agora que a ação terminou, ela está muito mais consciente da pequenez da criança, de sua vulnerabilidade, de como tudo poderia ter dado errado.

— Tem uma caminhonete lá fora esperando para levar a garota para casa — diz um guarda da porta. Cilka está feliz por não conseguir ouvir a caminhonete parada, um som de seus pesadelos, um som que ela ouviria de seu quarto no Bloco 25: a carruagem da morte esperando seus passageiros. O guarda afasta-se quando dois homens entram carregando uma padiola entre eles. Yelena levanta Katya da cama. A padiola é colocada sobre a maca, e Yelena volta a abaixar Katya, colocando cuidadosamente o braço quebrado sobre o corpinho. Cobertores são empilhados em cima do físico pequenino e delicado.

Quando os homens levantam a maca e caminham em direção à porta, Maria se volta para Cilka.

— Se houver algo que eu possa fazer por você, apenas peça. De verdade.

— Obrigada — diz Cilka. *Minha liberdade.* É um pedido impossível, ela sabe. — Obrigada por me deixar cuidar de Katya.

— Não deixaria ninguém mais cuidar de meus filhos ou de mim que não fosse você e Yelena Georgiyevna. — Ela sorri.

Cilka sorri de volta.

— Adeus — diz Maria.

Enquanto ela sai, Cilka examina a mulher elegante com quem passou as últimas horas. A delicada gola de renda em seu vestido, o medalhão e a corrente de prata pendurados no pescoço. O cinto colorido que ajusta o vestido à cintura finíssima e as fivelas brilhantes nos sapatos. Faz muitos anos desde que viu pela última vez uma mulher vestida com tanta beleza. Imagens de sua mãe vestida de maneira semelhante vêm à cabeça de Cilka. Uma lembrança à qual se prender. Mas ela é seguida pelos pensamentos de sua mãe no final. Uma lembrança que ela não consegue suportar.

Apenas na hora final de seu turno Cilka encontra uma desculpa para ir à farmácia. Pega um frasco de pílulas, enfia-o no bolso extra costurado em sua saia, onde normalmente coloca comida para levar de volta ao barracão. *É apenas um frasco*, pensa ela. Não sabe como aceitar essa paz relativa – essa posição, esses amigos – sendo perdida.

Quando ela sai depois do seu turno, olha para o prédio da administração. Vê o mensageiro, o homem educado com olhos castanhos, andando pela grama iluminada. Ele leva um cigarro aos lábios, faz uma pausa na caminhada, fecha os olhos e respira. Apesar de suas camadas de roupas, seu cachecol e chapéu, as botas gastas, há uma elegância nele,

no pequeno prazer que ele transpira na fumaça inalada, exalada, erguendo-se acima dele e dos dedos enluvados diante da boca. Cilka sente algo mudar dentro dela.

Ela continua caminhando.

11

Nome: Stepan Adamovich Skliar

Data: 14 de setembro de 1947. Hora da morte: 10h44.

Pousando o cobertor sobre a cabeça de Stepan, Cilka volta à área da escrivaninha, folheando lentamente o prontuário dele. Algumas entradas recentes chamam sua atenção, e ela continua lendo.

Prisioneiro ucraniano, apresentou-se três dias antes com dor de estômago. Nada identificado no exame. Observar e aguardar. Idade: trinta e sete anos.

Ela procura o plano de tratamento. Não existe. Exames: nenhum. Alívio da dor: ocasional.

Um médico está sentado à mesa próxima. Ela entrega o prontuário para ele.

— Anotei a hora da morte deste paciente, Gleb Vitalyevich.

— Obrigado, apenas deixe ali. — Ele aponta uma pilha próxima.

— Se o senhor o assinar, posso arquivá-lo imediatamente.

O médico pega o registro dela e o folheia rapidamente. Ele rabisca alguma coisa na primeira página e devolve o prontuário.

— Obrigada, vou arquivá-lo.

De costas para o médico, Cilka olha para o registro. A assinatura ilegível do médico ao lado de sua anotação. Depois, para as palavras "*Causa mortis*: desconhecida".

Cilka olha de novo para o médico, observando o quanto ele escreve pouco em todo prontuário, como não lê os registros anteriores, e como a pilha de prontuários que estava diante dele quando ela se aproximou está agora reduzida a três ou quatro.

Com a raiva crescendo dentro dela, Cilka só vê Yelena se aproximar quando para diante dela, bloqueando seu caminho.

— Tem algo errado, Cilka?

Cilka leva alguns momentos para pensar em como reagir.

— Por que a senhora se esforça ao máximo para salvar algumas pessoas, e outros não? Como vocês decidem quem deve viver e quem deve morrer?

Yelena faz uma careta.

— Tentamos salvar todos.

— A senhora sabe que nem todo médico aqui faz isso.

Yelena pega o prontuário de Cilka, examinando as últimas entradas.

— Hum, entendo o que quer dizer. É possível que os exames tenham sido feitos e simplesmente não registrados.

— É possível, mas acho que não.

Yelena olha para Cilka com seriedade.

— Você precisa ter cuidado, Cilka. A administração precisa de corpos funcionais para trabalhar, e dizer que alguém estava deliberadamente impedindo que doentes melhorassem para que pudessem servir à Mãe Rússia é uma acusação mais séria do que você imagina.

Cilka pega o prontuário de volta com um pouco mais de força do que deveria.

Na pequena sala cheia de caixas, ela deixa o prontuário de Stepan na última caixa aberta. Retirando os dois últimos prontuários, ela olha os registros rapidamente. As duas causas da morte parecem válidas para seu cérebro não treinado. Guardará aquelas ideias para si e seguirá o conselho de Yelena de não bisbilhotar. Afinal, ela também não está fazendo tudo certo pelos pacientes. Embora se esforce ao máximo, há um frasco de comprimidos entrando em seu bolso de vez em quando.

* * *

— Você é religiosa? — Yelena pergunta a Cilka um dia, em pé, perto de um paciente inconsciente no canto da ala, que acaba de ser examinado por Gleb Vitalyevich. Está escuro e nevando lá fora.

— Não — responde Cilka com rapidez, embora não seja a resposta completa. — Por quê?

— Bem... — Ela mantém a voz baixa. Como Cilka lembra, não se fala de religião na União Soviética. De nenhuma religião. — Estamos na época em que algumas religiões comemoram... Eu não sabia se significava algo para você.

— Não, para mim, não. — Cilka olha o paciente. Falar sobre isso significa falar sobre muitas outras coisas. Falar sobre a aniquilação de seu povo. Sobre o quanto é difícil ter fé da maneira que podia. — E a senhora?

— Bem, na Geórgia, era sempre um momento em que nos reuníamos com a família, fazíamos comida e ouvíamos música... — É a primeira vez que Cilka vê Yelena parecer bastante triste e melancólica. Ela é sempre direta, prática, concentrada. — Você não é... cristã?

— Não, não sou cristã.

— Posso perguntar qual sua religião?

Cilka faz uma pausa longa demais.

— Está tudo bem. Não precisa responder. Sabe que se quiser conversar sobre sua origem... Saiba que não vou julgá-la.

Cilka sorri para ela.

— Há muito tempo, minha família celebrava... mais ou menos nessa época do ano. Também com comida, muita comida, luzes, bênçãos e canções... — Ela olha ao redor, temendo que alguém possa ouvir. — Mas é difícil lembrar.

Profunda e instintivamente, Cilka ainda faz orações. Sua religião está ligada a sua infância, família, tradições e conforto. A uma outra época. É uma parte de quem ela é. Ao mesmo tempo, sua fé fora contestada. Tem sido muito difícil para ela continuar acreditando quando parece que as ações são razoavelmente recompensadas ou punidas, quando parece que os acontecimentos são, na verdade, aleatórios e que a vida é caótica.

— Entendo — comenta Yelena com carinho.

— Imagino se alguém vai acender uma vela hoje à noite para esse pobre coitado — diz Cilka, querendo tirar o foco de si.

— Espero que sim — diz Yelena. — Por todos esses desgraçados. Mas você não me ouviu dizer isso.

Cilka meneia a cabeça e se afasta da cama antes de se voltar a Yelena.

— Se eu fosse falar sobre meu passado, gostaria que fosse com a senhora.

Ela se surpreende ao dizer isso. É arriscado e difícil demais. E mesmo que Yelena – a pessoa mais compassiva que Cilka já conheceu – pudesse lidar com isso, e se ela dissesse aos outros? Nem os pacientes do hospital desejariam que ela estivesse por perto. Alguém que acompanhou tantas mortes.

— Quando estiver pronta, é só me procurar — afirma Yelena.

A ala fica quieta, estranhamente quieta por um momento. Cilka está em pé ao lado da janela, observando a neve revoar no céu azul-escuro. Ao fechar os olhos, vê sua família sentada ao redor da mesa. O amado pai recitando bênçãos, a iluminação do *menorah*, a pura alegria de estarem juntos. Ela consegue sentir o cheiro e o gosto dos *latkes*, panquecas de batata fritas em óleo, que serão consumidas pelos próximos oito dias. Lembra-se da emoção de ser uma jovem garota que acendeu a primeira vela. Como atazanava o pai muitas vezes para ser a primeira a acender. Como nunca aceitou sua explicação de que era o homem da casa que fazia isso. Então, a lembrança da época em que ele cedeu, dizendo que a menina tinha a coragem e a determinação de qualquer garoto e, desde que fosse um segredo de família, ela poderia acender a primeira vela. Em seguida, se lembra de quando foi isso. Na última vez em que se sentou com a família para receber e celebrar o Hanukkah.

— *Hanukkah sameach* — sussurra para si mesma. — Feliz Hanukkah, família: *Ocko, Mamicka.* Magda.

Bardejov, Tchecoslováquia, 1942

— Feliz aniversário. Leve o casaco novo que mumma e papa te deram de presente, Cilka. Talvez você precise dele — sussurra Magda enquanto as irmãs fazem uma pequena mala.

— Aonde estamos indo?

— Para Poprad. Temos que pegar o trem lá para Bratislava.

— E mumma e papa?

— Eles nos levarão à estação de trem, e os veremos quando voltarmos para casa. Temos que ser corajosas, irmãzinha, vamos trabalhar para os alemães para manter mamãe e papai em segurança.

— Sempre sou corajosa — diz Cilka com firmeza.

— Sim, mas amanhã, quando nos despedirmos, você vai ter que ser especialmente corajosa. Vamos ficar juntas e... e você vai poder cuidar de mim. — Magda pisca para a irmãzinha.

Cilka continua colocando seus melhores vestidos na maleta.

Ela deixará sua família orgulhosa.

* * *

Cilka conteve tudo aquilo por tanto tempo. Não tem certeza se é a escuridão, o silêncio ou o rosto franco de Yelena, mas precisa correr para a lavanderia próxima. Fecha a porta com o coração acelerado e vai ao chão, enterrando o rosto nas roupas sujas para que ninguém possa ouvir os soluços que escapam dela.

Sem noção de quanto tempo permanece ali, Cilka se levanta. Ela alisa a roupa, passa os dedos sob os cílios, certificando-se de que não está óbvio que ela estava chorando. Precisa voltar ao trabalho.

Ela respira fundo e abre a porta. Quando sai da sala, ela ouve...

— Aí está. Estive procurando você.

Cilka endireita os ombros. O médico que ela despreza por sua atitude e completa falta de compaixão no tratamento de

seus pacientes: Gleb Vitalyevich. Sempre imaginou se seria possível comparar a taxa de sobrevivência de seus pacientes com a de outros médicos. Sabe que a dele seria, de longe, a pior.

— Acompanhe a cama nove para anotar a hora da morte. Vou ficar fora por um tempo. Assino o prontuário amanhã.

Ela o observa ir embora. *Eu sei o que você faz*, pensa ela, lançando um olhar como se fossem punhais silenciosos em suas costas.

A cama 9 é o coitado inconsciente perto da janela. Cilka inclina-se e, com indiferença, toma o pulso do pescoço. Fica chocada ao sentir um *tum-tum, tum-tum* forte e saudável... Abre a pálpebra direita e observa a pupila do tamanho de um alfinete, vê um lampejo de movimento. Olhando ao redor, observa que Yelena e as duas enfermeiras presentes estão ocupadas. Consegue ver as costas de Josie na sala de arquivos.

O prontuário do homem está ao pé da cama. Quando está prestes a pegá-lo, hesita e puxa os cobertores, revelando os pés dele. Ela coça a unha do pé direito. Ele se contrai. Ela lê o prontuário.

Uma única linha. Nome: Isaac Ivanovich Kuznetsov. Vinte e quatro de dezembro de 1947. Inconsciente em sua cama, sem reação, levado ao hospital. Sem tratamento.

Isaac. Um nome judeu. Cilka tenta controlar a respiração. Não. Não. Hoje não, não este homem. Ela não vai ficar ali e

vê-lo morrer se houver algo que possa ser feito para salvá-lo.

Na farmácia, Cilka encontra a medicação que já usou várias vezes para pôr embaixo do nariz de pacientes inconscientes e tentar trazê-los de volta. Uma substância fétida que ela sempre achou que poderia acordar até os mortos. Gentilmente, ela dá um tapa no rosto dele, chamando seu nome. Um pequeno gemido escapa dos lábios dele. Ela segura o pano que contém a substância perto do nariz dele. Aperta as narinas por um momento ou dois antes de soltá-las. Como o oxigênio foi negado por pouco tempo, suas narinas se abrem e inalam. Imediatamente, ele reage; seus olhos se abrem quando busca ar, sufocando. Com suavidade, ela o rola para o lado. Palavras suaves flutuam dos lábios dela aos ouvidos dele quando ele volta os olhos para ela.

Nesse momento, Josie aparece para ver se pode ajudar.

— Yelena Georgiyevna está disponível? — pergunta Cilka.

Josie estende a mão para tocar Cilka com um olhar de preocupação no rosto.

— Cilka, você está bem?

Cilka já havia se esquecido da lavanderia, embora se sinta cansada, esvaziada.

— Estou, Josie. Só preciso ajudar este homem.

Josie olha em volta.

— Vou encontrá-la — diz ela.

Cilka está feliz por ela e Josie terem se aproximado novamente. Fazia tempo que Josie estava quieta, desanimada e fechada, desde o desaparecimento de Natalya. Mas ela começou a gostar de conspirar com Cilka para levar comida de volta ao barracão, especialmente depois do início do inverno. Tiveram muita sorte com a comida, e às vezes Cilka precisa se lembrar de ter cuidado. A maioria das mulheres não deixa nem uma migalha. Mas se a chefe da guarda, Klavdiya Arsenyevna, aparecesse na hora errada, Cilka e Josie poderiam acabar no buraco ou coisa pior. Sem mencionar Hannah, cujas pílulas são trocadas de bolso em bolso, e Cilka considera costurar um bolso em algum lugar para guardá-las à noite – em seu colchão, talvez.

Josie retorna alguns momentos depois com Yelena.

Cilka explica que deveria observar o paciente para registrar a hora da morte, mas achava que nenhuma tentativa havia sido feita para descobrir por que ele estava aqui. Quando fez alguns testes, descobriu que ele tinha pulso forte e bons reflexos. Usou a substância de cheiro forte, e ele recuperou a consciência.

Yelena ouve atentamente. Lê a única entrada em seu prontuário.

Ela puxa ar entredentes.

— Você interferiu aqui, Cilka. Gleb Vitalyevich não vai gostar disso.

— Mas...

— Eu acho que você fez a coisa certa e vou dar uma olhada no paciente, mas não posso garantir que não haverá consequências para você. Você se lembra do que eu disse? Vocês duas podem ir. Está na hora de encerrar, vejo vocês amanhã.

— A senhora não vai ter problemas, vai? — pergunta Cilka a Yelena.

— Não. Vou tentar fazer parecer que ele se recuperou por conta própria — responde ela.

Cilka olha para o homem perplexo deitado na cama.

— Você vai ficar bem, Isaac. Vejo você amanhã.

Cilka e Josie vão buscar seus casacos, cachecóis, chapéus.

* * *

Naquela noite, Cilka quase não dorme. Por que salvar um homem pode ser um problema? Por que a vida dela sempre a leva a ser confrontada ou a abraçar a morte de outras pessoas? Por que, mesmo que tente, ela não consegue mudar isso? Sempre existe um momento de se afeiçoar a outra pessoa – Josie? Yelena? Elas sempre estarão em perigo.

* * *

Quando Cilka chega à ala na manhã seguinte, é recebida por Gleb Vitalyevich e um homem de confiança troncudo.

— Eu a quero fora daqui — grita ele ao ver Cilka. O homem de confiança avança na direção dela. — Ela é uma

intrometida, *zechka* problemática que nada faz aqui de bom que dure. Seria mais útil nas minas.

Yelena e os outros funcionários ficam olhando a arenga. Cilka lança um olhar suplicante para Yelena. Ela balança a cabeça, indicando que não há nada que possa fazer. Josie está bem atrás de Cilka, apoiando-a em silêncio.

O homem de confiança segura o braço de Cilka, levando-a para a porta.

— Vai dar tudo certo — diz Cilka para Josie.

— Ela já está de saída — comenta Gleb Vitalyevich. — Agora, o restante de vocês, volte ao trabalho.

Cilka olha para a cama 9 e vê Isaac sentado. Ela lhe lança um sorriso rápido quando é forçada a sair da enfermaria. O homem de confiança segue-a até o barracão.

12

Na manhã seguinte, na chamada das prisioneiras, Josie fica olhando para Cilka e depois para Antonina Karpovna enquanto Klavdiya Arsenyevna grita seus nomes. Estão em pé com neve até os tornozelos. Cilka encara os olhos questionadores de Josie por baixo do detalhe de renda em seu chapéu. Quando Josie se volta para Antonina, o holofote lança um padrão de sombra em sua bochecha pálida. Cilka sabe que Josie está se perguntando quando vai dizer a Antonina que deve destacá-la para outro trabalho. Quando Josie sai do barracão para ir em direção ao hospital, Cilka se alinha a ela.

— O que você está fazendo, Cilka? Você não pode voltar — diz Josie, preocupada. Cilka não contou às companheiras de barracão na noite passada por que voltou cedo; ela fingiu estar doente. — Imaginei que você não estivesse pronta para contar a todas ontem... Não sabia que você tentaria voltar!

— Vou lutar pelos meus direitos — retruca Cilka. — Não fiz nada de errado, mereço ter meu emprego de volta.

Ela surpreende até a si mesma, mas, da noite para o dia, uma coisa ficou clara para ela. Não aceitará mais a morte, que está ao seu redor, como algo inevitável.

— Você vai ser jogada no buraco! Por favor, Cilka, volte. Não faça isso.

— Eu vou ficar bem, Josie. Só preciso da sua ajuda.

— Não posso. *Eu* não quero voltar a trabalhar na mina, vou morrer lá. Por favor, Cilka.

— Só peço uma coisa. Vou esperar lá fora. Você entra e encontra Yelena Georgiyevna, pede que ela saia e fale comigo. Só isso. Não vou entrar no hospital com você. Ninguém saberá que estou aqui, a não ser a médica.

— E se ela não estiver lá? E se estiver ocupada?

— Vou esperar um pouco e, se ela não sair, volto ao barracão e penso em outra coisa.

Ela já tem um relacionamento bom o suficiente com Antonina Karpovna, tendo forrado o estômago dela com a comida do hospital, assim como o de suas companheiras de barracão, então tem algum crédito para se safar. Contanto que Antonina também mantenha a guarda Klavdiya Arsenyevna feliz.

Cilka deixa Josie seguir alguns passos a sua frente. Quando Josie entra no hospital, Cilka se recosta contra o prédio, agradecida pela primeira vez pela neve que a cobre, camuflando-a no ambiente. Ela observa a porta.

Finalmente ela se abre, e dois homens se afastam sem perceber. Ela espera. Ela observa. O tempo passa.

A porta permanece fechada.

De volta ao barracão, Cilka se joga na cama, batendo no colchão fino, gritando contra o mundo, gritando contra sua estupidez ao perder um emprego que a mantinha segura e ajudava a alimentar suas companheiras de barracão. Adormece de bruços, com as energias e as emoções drenadas.

Um tapa forte na nuca traz Cilka de volta ao presente.

Klavdiya Arsenyevna está de pé ao seu lado, a mão levantada para golpeá-la novamente.

— O que você está fazendo aqui? Fique de pé — grita ela.

Rastejando até a ponta da cama, levantando-se de cabeça baixa, Cilka olha para o pé que bate no chão de forma ritmada e ameaçadora.

— Eu perguntei o que você está fazendo aqui no meio do dia? Responda, *zechka*.

— Eu trabalho no hospital, mas não estão precisando de mim hoje — murmura Cilka, tentando ganhar tempo para explicar sua demissão.

— Então você achou que poderia passar o dia na cama? No conforto do barracão quente enquanto todo mundo está trabalhando?

Na verdade, a fornalha mal funciona, a temperatura dentro do barracão não é muito mais quente que a de fora. Cilka ainda está de casaco e chapéu.

— Não, eu não sabia o que fazer depois que saí do hospital hoje de manhã, então voltei para cá, só isso.

— Bem, então, vou colocar você para trabalhar.

— Sim, Klavdiya Arsenyevna.

Klavdiya puxa o cobertor e o colchão da cama de Cilka, jogando-os no meio do barracão.

— Sua vez.

— Desculpe, o que a senhora quer que eu faça?

— Desfaça todas as camas e forme uma pilha. Vai poder explicar às outras quando retornarem como *você* acabou com a casinha arrumada delas. Vai fazer isso e aguentar as consequências. Agora, pode começar.

A cama de Josie, ao lado da de Cilka, é rapidamente jogada no meio da sala. E depois a próxima e mais outra até os colchões e cobertores cobrirem o chão inteiro do barracão. Klavdiya põe-se ao lado da fornalha para apreciar a cena.

Com a última cama desmanchada, Cilka olha para Klavdiya, aguardando mais instruções.

Klavdiya caminha até o fundo do barracão ao lado da roupa de cama de Cilka e começa a chutá-la, procurando algo que não deveria estar lá. Uma carta, algo contrabandeado para dentro do barracão.

Ao lado da cama de Cilka, Klavdiya chuta o lençol que obviamente havia saído da cama de Josie antes de pegá-lo e examinar o que parece ser outro pedaço de tecido costurado no lençol.

— O que é isso? — grita ela para Cilka.

Apressando-se para se pôr ao lado da guarda, Cilka examina o lençol com o pedaço de tecido que contém

palavras escritas em cirílico, nomes de medicamentos.

— Quem dorme aqui? — questiona Klavdiya, apontando para a cama de Josie.

Cilka não responde.

Klavdiya a encara.

— Você vai ficar aqui, no meio desta bagunça, até que as outras cheguem, e depois eu vou voltar. Não se esqueça de dizer a elas que foi você quem fez tudo isso — diz, apontando para o espaço do barracão. — Fez um trabalho melhor do que eu faria — acrescenta ela com um rosnado. — Quero que fique assim quando voltar, então nem pense em arrumar nada. Diga a Antonina Karpovna para estar aqui também quando eu voltar.

Para punir-se por sua tolice, Cilka se encolhe nas ripas de madeira de sua cama.

* * *

A rajada de vento gelado alerta Cilka da chegada das mulheres, com Josie entrando atrás delas. Entram devagar, passando por cima da roupa de cama espalhada, balançando a cabeça, desgostosas por mais uma violação de seu espaço.

— Antonina Karpovna — grita Cilka, enquanto a brigadeira está prestes a fechar a porta e sair. — Por favor, Antonina Karpovna, Klavdiya Arsenyevna pediu que você ficasse até ela voltar.

— Podemos arrumar nossas camas? — pergunta uma das mulheres.

— Não. E preciso lhes contar uma coisa.

As mulheres fazem uma pausa, todos os olhos sobre Cilka.

— Não foi a guarda que fez isso, fui eu.

— Por que fez isso? — questiona Elena.

— Porque Klavdiya a obrigou, claro — Josie intervém em defesa de Cilka.

— Foi mesmo? — quer saber Elena.

— Ainda assim, fui eu quem fez isso — responde Cilka.

Ela olha para Hannah, que está com o rosto vermelho enquanto aperta as beiradas do colchão, e parece verificar que seus comprimidos estão seguros.

Antonina caminha na direção de Cilka.

— E por que isso aconteceu? Por que você não estava no trabalho?

— Bem... — diz Cilka, lutando para não cair no choro.

Ela é salva pela porta que se abre e pela entrada de Klavdiya no barracão, envergando seu uniforme. Olha ao redor com um sorriso malicioso no rosto.

— Arrumem este lugar, vagabundas preguiçosas. — Para Antonina, ela diz: — Venha comigo. — E as duas caminham até o fundo do barracão, onde Josie está colocando o colchão e o lençol de volta sobre a cama. Param ao lado da cama. Josie para o que está fazendo. Cilka fica ao lado de sua cama desarrumada.

— Isto é seu? — Klavdiya pergunta a Josie.

— Sim, Klavdiya Arsenyevna.

Klavdiya puxa o lençol para longe do colchão, virando-o, revelando o remendo costurado com a escrita. Mostra para Antonina e pergunta:

— O que é isto?

Antonina olha para o lençol escrito estendido para ela.

— Não sei. Eu não...

— Desculpe, Josie, você está com o lençol errado. Este é o meu — comenta Cilka.

Todos os olhos se voltam para Cilka quando ela estende a mão e pega o lençol de Klavdiya.

— Estes são os nomes dos medicamentos que usamos no hospital. Eu os escrevi para praticar ortografia. Não queria cometer erros nos prontuários dos pacientes.

— Cilka, não — diz Josie.

— Está tudo bem, Josie, desculpe-me por você ter pegado meu lençol. Por favor, Klavdiya Arsenyevna, ele é meu, a culpa é minha.

Klavdiya vira-se para Antonina.

— Você é responsável pelo que acontece neste barracão. O que tem a dizer em sua defesa? Quando foi a última vez que inspecionou este lugar?

— Eu escrevi hoje de manhã, quando voltei — diz Cilka. — Antes de a senhora chegar aqui. Não dava para Antonina Karpovna saber. Ela inspecionou nossas camas ontem.

— É verdade? — questiona Klavdiya, olhando para Antonina.

— Nunca vi isso antes — responde Antonina, olhando para Cilka com preocupação.

— Cilka, não... — repete Josie.

— Tudo bem, Josie, arrume sua cama. Vou ficar bem.

Cilka é agarrada pelo braço e levada para fora do barracão.

* * *

Cilka está deitada no chão de pedra de uma cela pequena. Está apenas com as roupas de baixo. Treme tanto que o quadril e ombro estão ficando esfolados. Diante do nariz, há uma parede úmida que cheira a mofo. Uma janela gradeada na altura do pescoço deixa o inverno entrar.

Sem noção do tempo, ela se obriga a dormir, convidando-se a entrar no vazio. Acorda gritando com pesadelos, debatendo-se, chocando os membros contra o chão frio e duro e a parede. Treme mais, os hematomas florescendo por todo o corpo.

Às vezes, uma mão empurra lá para dentro um pedaço de pão preto endurecido, às vezes um copo de sopa tão rala que talvez seja apenas água.

O balde sanitário no canto fede, raramente é trocado.

Quando acorda de seus pesadelos, Cilka deixa que o vazio retorne de bom grado. Mas, às vezes, o vazio não permanece. Há silêncio demais e uma faixa estreita de pressão em torno da cabeça. Fome, sede, dor, frio.

Ela continua vendo a mãe, a mão deslizando pela de Cilka, a carroça da morte sendo levada para longe.

Rostos de outras mulheres. Cabeças raspadas, bochechas encovadas. Todas tinham um nome. Todas tinham um número.

As imagens estalam, queimam. O choro das mulheres permeia o silêncio. Ou talvez seja ela, chorando. Faz tempo que não tem certeza.

Em algum momento, um homem entra. Um rosto desfocado. Gleb Vitalyevich. Cilka está fraca demais para protestar quando ele a toma pelo braço, sentindo o pulso.

— Forte. Continue — diz o médico.

Não. Um grito selvagem e raivoso brota de dentro dela. Bate no chão, gritando. Ele fecha a porta. As unhas dela raspam o mofo das paredes. Ela continua gritando.

Talvez fosse aquele o lugar aonde tudo estava levando. Mas passar por tudo isso e terminar aqui? *Não.* Uma parte de sua disposição volta à quietude, à distância. *Não ceda à loucura.*

Ela vai sobreviver, sabe disso. Consegue sobreviver a qualquer coisa.

O barulho alto da porta se abrindo.

— Levante-se, saia — diz um rosto desfocado.

Incapaz de andar, ela sai do buraco, rastejando pela porta aberta.

O brilho do fraco sol poente refletindo na neve a cega, e ela não consegue enxergar a pessoa gritando insultos, mas

reconhece a voz. Klavdiya Arsenyevna chuta-a para o lado. Ela se enrodilha e se vê sendo puxada pelos cabelos até ficar em pé. Arrastada dessa forma, tropeçando continuamente, Cilka é devolvida ao barracão enquanto as outras estão voltando de suas diferentes áreas de trabalho.

As mulheres no Barracão 29 olham para o corpo frágil e alquebrado de Cilka caído no chão, Klavdiya provocando-as a ajudá-la, esperando para atacar quem tentasse fazê-lo. Cilka rasteja pelo barracão até a cama no final do quarto e se deita nela. O colchão parece quase insuportável de tão macio.

— Qualquer pessoa que tenha material com que não deveria estar vai receber o dobro da estadia no buraco. — Ela deixa a porta aberta enquanto parte, olhando para Antonina enquanto passa.

Antonina fecha a porta e corre para Cilka. Josie já a envolveu em seus braços, chorando enquanto a embala, sussurrando "me desculpe, me desculpe". Cilka pode sentir onde cada osso do corpo encontra a pele, encontra o tecido, encontra outros corpos, a cama.

As mulheres reúnem-se ao redor, curiosas para ouvir o que Cilka tem a dizer. Não é a primeira a passar um tempo no buraco, mas é a primeira a ser punida pelo erro de outra pessoa.

— Alguém tem comida para dar para ela? — pergunta Antonina. — Elena, ferva água na chaleira e faça um chá para ela.

Ela se vira para Cilka.

— Consegue se sentar? Aqui, deixe-me ajudá-la.

Elena obedece à ordem.

Cilka deixa Antonina ajudá-la a sentar-se apoiada na parede. Josie entrega a ela um pedaço grande de pão, todas agradecidas pela brigadeira nunca se opor a terem comida no barracão, tendo ela também sido beneficiária das refeições não consumidas pelos pacientes. Antonina costuma trocar esses alimentos por produtos para Klavdiya. Existe uma rede, e as regras são obscuras. Essa é uma prerrogativa dos guardas e, abaixo deles, dos brigadeiros – de violar as regras ou aplicá-las à vontade, dependendo de como serão beneficiados.

Cilka morde o pão e logo uma xícara de chá forte chega em sua mão.

— Acha que consegue chegar ao refeitório? — questiona Antonina.

— Não, está tudo bem. Só quero dormir em uma cama.

— Vou pedir que Josie traga alguma coisa para você. O restante de vocês vai jantar.

— Posso ficar com ela? — quer saber Josie.

— Você precisa ir ao refeitório, comer e trazer algo quente para Cilka.

As mulheres seguem em direção à porta, vestindo camadas de roupa. Hannah é a última delas. Fica à porta, olha para trás, na direção de Cilka.

— Eu sei o que você fez — diz ela.

— Você não sabe de nada — solta Cilka sem rodeios.

— Não, quero dizer, pela Josie. — Ela suspira. — Mas não pense que vai escapar de mim por isso.

Cilka não diz nada.

— Eu poderia ter contado tudo para elas enquanto você estava lá.

Cilka afasta-se, tentando bloquear a voz.

— Você teria voltado e sido ignorada. Só ajuda as pessoas para se sentir melhor por ter se rendido ao mal. — Ela faz uma pausa. — Você tem sorte por eu ter encontrado outro meio de conseguir... o que preciso. Por ora. Mas vai continuar fazendo o que eu pedir. Porque eu vou contar para elas.

Então, ela fecha a porta.

* * *

Na manhã seguinte, Cilka se esforça para sair da cama, suas pernas cedendo no início. Josie volta do refeitório com café da manhã para ela. Antonina diz para ela não se apresentar para a chamada, ela a marcará como presente.

Enquanto as mulheres se preparam para ir trabalhar, Cilka sai mancando para se juntar a elas, sem saber aonde deve ir.

— Josie, leve-a ao hospital com você. Acho que ela precisa de um médico — diz Antonina.

Cilka olha para Josie. Ela não quer contar a Antonina, mas lhe ocorreu que o médico que a demitiu, Gleb Vitalyevich, pode ter alguma ligação com a guarda Klavdiya Arsenyevna.

Que talvez ele tenha dito a ela que Cilka estaria no barracão para piorar as coisas para ela.

Seria arriscado ir ao hospital, quando, da última vez, Josie não conseguiu encontrar Yelena sozinha e avisar que Cilka estava esperando do lado de fora. Mas Cilka não pode ficar no barracão por medo de ser acusada de "fazer corpo mole" de novo, nem é capaz de ir às minas e trabalhar, pois não tem força suficiente. Terá de enfrentar o hospital e esperar que ela e Josie possam ter a atenção de Yelena, e não a de Gleb.

* * *

Desta vez, Josie deixa Cilka na área de espera, recostada à parede, e vai até a enfermaria. Cilka está com o chapéu bem fundo na cabeça. Logo, vários membros da equipe correm até ela e a ajudam a se sentar em uma cadeira.

— Busque Yelena — pede Raisa a ninguém em particular.

— Estou bem aqui — responde Yelena, abrindo caminho até Cilka.

— Olá — diz Cilka, forçando um sorriso.

— Venha comigo — diz Yelena, ajudando-a a se levantar. — Gleb Vitalyevich ainda não chegou. — Elas entram na enfermaria e vão até a farmácia mais próxima. Sentando-a na única cadeira lá dentro, Yelena faz um exame superficial do rosto e das mãos de Cilka, acariciando com ternura o rosto sujo.

— Vamos limpá-la, e eu vou dar uma olhada melhor em você. Como está se sentindo?

— Endurecida, dolorida, exausta. Tenho dores nos ossos e nos músculos que nunca tive antes, mas estou bem. Sobrevivi.

No entanto, ela se sente culpada por estar sentada naquela sala, lembrando-se das drogas que pegou.

— Sinto muito que isso tenha acontecido, Cilka. — Cilka consegue ver o arrependimento nos olhos de Yelena. — Estamos todos em perigo com ele, mas quero...

— Não importa — diz Cilka.

— O que vamos fazer com você? — pergunta Yelena, suspirando.

— Consegue devolver meu trabalho? A senhora sabe que eu fiz a coisa certa.

— Não importa o que eu saiba, não consigo trazer você de volta. — Yelena parece incomodada.

— Onde mais eu posso trabalhar? Quero ajudar pessoas. E sei que agora não estou forte o suficiente para ir às minas.

Yelena desvia o olhar, pensando. Cilka aguarda.

— Tenho um colega que trabalha na ala de maternidade atrás de nós. Não sei se precisam de alguém, Cilka, e não quero lhe dar esperanças...

Uma maternidade, neste lugar? *Claro, teria que haver*, pensa Cilka. Mas o que acontece com as crianças depois? Por ora, talvez seja melhor nem pensar nisso.

— Vou a qualquer lugar onde eu possa ajudar.

— Vou perguntar a ele — promete Yelena. — Já teve alguma experiência em partos?

Cilka relembra a noite em que segurou o filho prematuro e natimorto de Natalya. O quanto se sentiu inútil.

— Bem, ajudei no parto de um bebê aqui.

— Ah, sim, eu lembro. Você trouxe o corpo dele para nós. Não posso prometer nada, mas vou perguntar.

— Obrigada, obrigada. Não vou decepcionar a senhora.

— Não posso mantê-la aqui hoje. Vai ter que arriscar voltar ao barracão. Um bilhete talvez não seja suficiente, mas vou pedir para um mensageiro avisar as partes relevantes. Ele também pode levar você de volta. Espere aqui.

Cilka descansa a cabeça contra uma prateleira, sentindo-se tonta. Precisa que esse trabalho dê certo. Pensa em como é grata a Yelena pela forma como sempre tentava ajudar.

A porta se abre, e Yelena e o mensageiro entram. Ela ergue os olhos, e a onda de tontura a toma. É o homem de olhos castanhos. Ele sorri gentilmente enquanto Yelena passa as instruções. Ele olha para Yelena, assente e depois estica a mão para tomar o braço de Cilka logo acima do cotovelo. Ajuda a levantá-la da cadeira e abre a porta.

Fora do hospital, o aperto dele permanece firme no braço dela, e ele mantém o corpo a uma distância educada enquanto caminham em direção aos barracões sob a neve leve que cai. De onde ele é? Por que está aqui? Por que ela quer saber?

— Seu nome é Cilka Klein? — pergunta ele.

— É — ela responde, olhando por um instante para o rosto dele. Ele está olhando para a frente, a neve salpicando o rosto, os cílios. Seu sotaque é reconhecível.

— Você é tcheco — ela afirma.

— Sou. — Ele para e olha para ela.

— Qual o seu nome? — ela começa a falar com ele em tcheco, e ele solta uma risada encantada que ilumina seus olhos.

— Alexandr Petrik.

Antes de voltarem a andar, ele solta o braço dela por um momento para acender um cigarro. Quando fecha os olhos para tragar a fumaça, Cilka examina o rosto dele – as sobrancelhas escuras, os lábios, o queixo forte sobre o cachecol. Ele abre os olhos, e ela logo desvia o olhar.

Ele a toma pelo braço novamente, e ela se inclina um pouco mais para o lado dele.

Chegam ao barracão e, embora Cilka esteja exausta e precise se deitar, parece breve demais aquele momento.

Ele abre a porta para ela, e ela entra. Ele permanece do lado de fora.

— Vou distribuir minhas mensagens — diz ele. — E eu... espero vê-la de novo em breve, Cilka Klein.

Mais uma vez, Cilka não consegue dizer nenhuma palavra. Faz um aceno com a cabeça para ele, e então deixa a porta se fechar.

* * *

Na manhã seguinte, Cilka caminha com Josie para o hospital. Quando Josie entra, Yelena sai, tomando Cilka pelo braço.

— Venha comigo.

De cabeça baixa, elas lutam contra uma nevasca, avançando lentamente. A explosão de neve faz a parte descoberta da pele sensível de Cilka arder. Atrás do prédio principal do hospital, mal dá para enxergar vários dos prédios menores. Yelena dirige-se a um deles, e elas entram.

Um homem de jaleco branco com um estetoscópio no pescoço as espera.

— Cilka, este é o doutor Labadze, Petre Davitovich. Ele e eu fizemos o treinamento juntos na Geórgia, e ele fez a gentileza de concordar com um teste. Obrigada, Petre Davitovich. Cilka é uma aprendiz rápida, e os pacientes a adoram.

— Se você a está recomendando, Yelena Georgiyevna, tenho certeza de que é boa.

Cilka não diz nada, preocupada se vai dizer algo de errado caso abra a boca.

— Cuide-se, Cilka, e faça o que mandarem — Yelena diz com ênfase. — Não faça nada por conta própria.

Com uma piscadela, Yelena deixa Cilka com Petre.

— Tire o casaco, pendure em um gancho atrás de você e venha comigo.

Uma porta próxima abre-se para uma pequena ala. Cilka ouve os gritos das mulheres em trabalho de parto antes de vê-las.

Há seis camas alinhadas em cada lado da sala. Sete delas estão ocupadas, uma por uma mãe com recém-nascido, os gritos delicados do bebê competindo com os gemidos de dor das mulheres.

Duas enfermeiras movem-se de forma rápida e eficiente entre as mulheres, três das quais com os joelhos dobrados, quase dando à luz.

— Bem-vinda ao nosso mundo — diz o médico. — Alguns dias temos uma ou duas mulheres dando à luz, outros dias elas enchem as camas e podem ficar até no chão. Não há como prever.

— Essas mulheres todas são prisioneiras? — pergunta Cilka.

— São — responde o médico.

— Quantas enfermeiras trabalham aqui diariamente?

— Duas, com você serão três, mas uma delas provavelmente vai mudar para o turno da noite. — Alívio e gratidão percorrem Cilka. Claramente abriram um espaço para ela. — Não sei por que os bebês insistem em nascer durante a noite, mas parece que é isso que acontece. Você já fez um parto antes?

— Apenas um, de um natimorto, em nosso barracão.

Ele concorda com a cabeça.

— Tudo bem, você vai aprender. Na verdade, não há muito o que fazer, basta pegar o bebê — diz ele com uma pitada de humor. — As mulheres precisam trabalhar sozinhas. O que eu preciso que você faça é procurar sinais de

problemas... uma cabeça ser grande demais, o parto não avançar como deveria... e informar a mim ou a um dos outros médicos.

— Quantos médicos trabalham aqui?

— Apenas dois, um no turno do dia, outro no turno da noite. Nós revezamos. Vamos dar uma olhada na cama dois.

A mulher na cama 2 está com as pernas dobradas expostas, o rosto ensopado de suor e lágrimas enquanto geme baixinho.

— Você está indo bem, quase lá. — Ele dá uma espiada por baixo na cama. — Não vai demorar muito mais.

Cilka inclina-se sobre a mulher.

— Olá, sou Cilka Klein. — Na ausência de um patronímico, usado quando os russos se cumprimentam, Cilka costuma usar dois nomes ao se apresentar, o de batismo e o sobrenome, para deixar a pessoa com quem está conversando confortável. — Qual o seu nome?

— Aaaaaah... — ela grunhe. — Niiiina Romano... va.

— Já teve um bebê antes, Nina Romanova?

— Três. Três garotos.

— Doutor, doutor! Aqui, rápido — grita alguém do outro lado da ala.

— Por que você não fica aqui e ajuda Nina Romanova? Ela sabe o que está fazendo. Me chame quando o bebê nascer.

Com isso, ele caminha rapidamente até a enfermeira que o chamou. Cilka olha para lá e a vê segurando um bebê pequeno de cabeça para baixo que parece sem vida. Continua

observando enquanto o médico pega o bebê e dá um tapinha rápido no traseiro antes de enfiar um dedo na boca do bebê até a garganta. O bebê resmunga, e a enfermaria se enche de um choro vigoroso.

— Maravilha! — diz Petre. — Outro cidadão do nosso glorioso Estado.

Cilka não consegue saber se ele está dizendo isso apenas para se mostrar ou se acredita naquilo.

Ela volta sua atenção para Nina. Limpa o rosto da mulher com o canto de um lençol. Inútil. Procurando ao redor, ela vê uma bacia na parede oposta, uma pequena pilha de toalhas ao lado. Rapidamente umedece uma toalha e limpa suavemente o rosto de Nina, afastando os cabelos emaranhados.

— Está chegando, está chegando — grita Nina.

Cilka avança até a ponta da cama e encara fascinada quando a cabeça aparece.

— Doutor... Petre Davitovich — grita ela.

— Cilka, me avise quando o bebê sair. Estou bem ocupado aqui.

— Puxe para fora! — berra Nina.

Cilka olha para suas próprias mãos ossudas, fracas e para o bebê que agora está com um ombro e um braço para fora. Ela ergue as mangas e estende a mão para segurar o pequeno braço com uma mão e a cabeça com a outra. Sentindo o esforço de Nina, ela puxa o bebê escorregadio com gentileza. Aquele empurrão poderoso expulsa

completamente o bebê, e ele fica entre as pernas da mãe e nas mãos de Cilka, o sangue e o líquido se empoçando ao redor.

— Saiu, saiu — alardeia Cilka.

Do outro lado da enfermaria vem a voz do médico, calma e tranquilizadora.

— Levante-o e dê um tapinha... Precisa fazer o bebê chorar, verificar se está respirando.

Quando Cilka levanta o bebê, ele começa a chorar sem precisar de ajuda.

— Muito bem... É isso que queremos ouvir — comemora o médico. — Volto em um minuto. Enrole o bebê e entregue-o a Nina.

— O que é? — pergunta Nina, implorando.

Cilka olha para o bebê e depois para o médico, que a observa.

— Você pode contar.

Cilka envolve o bebê na toalha que sobrou para esse fim. Entregando o bebê para Nina, ela diz:

— É uma menina, uma menina linda.

Nina começa a chorar quando a filha é colocada em seus braços. Cilka observa, lutando contra as lágrimas que ameaçam escorrer, mordendo o lábio – a emoção do momento é avassaladora. Depois de examinar o rosto do bebê, Nina expõe os seios e empurra bruscamente o mamilo para o bebê. O bebê não faz nada a princípio, aparentemente

relutante, e então finalmente começa a mamar, e Cilka fica maravilhada com aquela mandíbula trabalhando com fervor.

O médico aparece ao seu lado.

— Muito bem. Se Nina fosse mãe de primeira viagem, não saberia colocar o bebê no peito o mais rápido possível. Nesse caso, você precisaria ajudá-la. Entendeu?

— Entendi.

— Vá pegar algumas toalhas. O trabalho de Nina ainda não acabou. Precisa expulsar a placenta, e ter o bebê mamando vai acelerar o processo.

— Tanta coisa para aprender — murmura Cilka enquanto traz um punhado de toalhas.

Quando Nina expele a placenta, o médico a leva embora dentro de uma bacia que retirou de debaixo da cama.

— Limpe-a. — É a ordem dada antes de ele sair.

Uma das outras enfermeiras aproxima-se e mostra a Cilka o procedimento para cuidar da mãe após o parto. Diz a Cilka que ela e a outra enfermeira estão bem com os pacientes restantes e ela deveria passar algum tempo com Nina e o bebê, garantindo que nada mude na condição deles.

Cilka ajuda Nina a sentar-se e a examinar o bebê da cabeça aos pés. Falam sobre nomes, e Nina pergunta a Cilka se ela tem alguma ideia.

Um nome vem diretamente à mente de Cilka.

— Que tal Gisela... Gita, para abreviar?

A recém-nascida Gita é colocada nos braços de Cilka, que se deleita com sua pequenez, seu cheiro. Quando vai

devolvê-la, vê que Nina caiu em um sono profundo. Exausta.

— Pegue uma cadeira e sente-se com ela — sugere a enfermeira que se apresentou como Tatiana Filippovna. Cilka agradece. Ainda está toda dolorida. — Nem sempre temos a chance de abraçar os bebês, pois as mães são muito apegadas. Bem, aquelas que os desejavam. Muitas delas ficam felizes demais quando os levamos embora e elas nunca mais precisam olhar para eles de novo.

A ideia parte o coração de Cilka, mas também é algo que ela entende. Como alguém suportaria pensar em como seria a vida da criança ou a própria vida tentando protegê-la em um lugar como aquele?

— Em breve, Nina será transferida para o barracão-berçário ao lado — continua Tatiana.

Do lado da cama de Nina, Cilka abraça a pequena Gita enquanto observa as outras duas enfermeiras e o médico trabalhando. Sempre calmos, passam de paciente para paciente, acalmando-as, proferindo palavras de incentivo.

Quando um guarda aparece para levar Nina e a bebê, Cilka fica chateada ao vê-las partir. Ajudando Nina a vestir o casaco e envolvendo o bebê dentro dele, ela acompanha à porta a mãe cambaleante, que desaparece.

Ela pensa, nesse momento, que nunca tivera um bebê recém-nascido e saudável nos braços.

Nem ousa imaginar que havia quebrado sua maldição. Que poderia ter um papel em ajudar uma vida nova a chegar ao mundo em vez de inspecionar a morte.

— E agora você limpa e arruma a cama para a próxima — diz Tatiana. — Vamos lá, vou mostrar onde ficam os baldes e a água. Não podemos garantir roupas limpas para todas, mas encontraremos a menos suja.

— Não há faxineiras para fazer isso? — questiona Cilka. Em geral, ela não se furtaria ao trabalho, mas lhe restam apenas uns fiapos de energia.

Tatiana ri:

— Sim, você. Você é a faxineira. A menos que ache que o médico tem que fazer isso.

— Claro que não — responde Cilka, sorrindo, querendo mostrar que está feliz em trabalhar. Vai cerrar os dentes e agradecer.

Depois de Nina, Cilka limpa outras duas mulheres que dão à luz. Tatiana e sua colega, Svetlana Romonovna, concentram-se nas outras pacientes e, em seguida, Cilka, para mostrar sua dedicação, limpa as duas, utilizando uma reserva oculta de energia. Cada paciente é levada misteriosamente com o recém-nascido para a vida no "barracão ao lado".

* * *

— Quem nós temos aqui?

Duas novas enfermeiras entram na ala.

Cilka ergue os olhos do esfregão, apoiando-se nele.

— Olá, meu nome é Cilka Klein. Comecei a trabalhar aqui hoje.

— Como faxineira, pelo que vejo. Exatamente do que precisamos — responde uma delas.

— Bem, não, sou enfermeira... — Ela tenta estabilizar a respiração. — Só estou ajudando Tatiana Filippovna a limpar.

— Ei, Tatiana, arranjou uma escrava.

— Não enche, seu projeto patético de enfermeira — retruca Tatiana.

Cilka tenta descobrir se a contenda é de brincadeira ou séria. Um gesto rude – o polegar encaixado entre o dedo médio e indicador de Tatiana – responde à pergunta.

— Bem, escrava, ficaremos no turno do dia na próxima semana; veremos o quanto você é boa de faxina. — As duas recém-chegadas vão para a frente da ala, para a área da recepção. Puxando cadeiras, elas relaxam, conversando e rindo. Cilka não precisa que lhe digam que estão falando dela, a linguagem corporal e os gritos de "volte ao trabalho" são claros o bastante. Aquele dia surpreendente e alegre parece também anunciar um futuro mais sombrio.

Tatiana encontra um momento para tranquilizá-la.

— Olha, você é prisioneira. Nós não, somos qualificadas e precisamos trabalhar em turnos diurnos e noturnos. Sinto muito, mas semana sim, semana não você terá que trabalhar com essas vacas. Não deixe que façam o que quiserem, você está aqui para trabalhar como enfermeira.

— Obrigada. Vou aguardar ansiosamente a semana passar.

— Nosso turno terminou — diz Tatiana. — Vamos, pegue seu casaco e vá embora. Vejo você amanhã.

— Boa noite.

Com emoções confusas, mas aliviada por seu turno ter terminado, Cilka veste seu casaco e sai para o ar gelado. No bolso, sente o bilhete que Petre escreveu, avisando Antonina sobre sua nova posição.

* * *

Naquela noite, Cilka conta a Josie, Olga, Elena e a qualquer outra pessoa interessada como foi seu dia em seu novo trabalho de ajudar com partos. Embora Hannah esteja deitada na cama, de frente para a parede, Cilka percebe que está ouvindo também. Ela as distrai com histórias exageradas sobre o nascimento da bebê Gita e sobre como ela voou da mãe e teria caído no chão se Cilka não a tivesse pegado. Agora ela se declara especialista em todas as questões relativas a parto e conta sobre o apoio que recebeu das enfermeiras e do adorável médico, que havia sido extremamente atencioso. Não menciona as duas enfermeiras do turno da noite com as quais terá de passar a próxima semana.

São deixadas de lado perguntas sobre o destino das novas mães e se eram autorizadas a ficar com seus bebês e por quanto tempo. Ela ainda não sabe. E está preocupada com essas informações.

Elena diz que lhe contaram que tiram os bebês das mães e as forçam a voltar ao trabalho.

— Vou descobrir em breve — promete Cilka.

Cilka recebeu os mesmos alimentos que as outras enfermeiras, duas vezes mais pão que a ração normal, e conseguiu trazer de volta para compartilhar. Está aliviada por ainda poder ser útil dessa maneira, ou a culpa por conseguir outro emprego interno seria esmagadora.

Cilka também fica feliz pelo trabalho ser tão intenso e exigente que ela não terá tempo para pensar em Alexandr Petrik, o tcheco que trabalha como mensageiro. Pois não acabaria bem.

Quando Cilka se deita, Josie a empurra, se esgueirando ao lado dela. Ela chora.

— Sinto muito pelo lençol, Cilka. Por você ter de ir para o buraco.

— Por favor, Josie, não precisa falar sobre isso o tempo todo. Acabou. Podemos voltar a ser amigas?

— Você é minha amiga mais querida — revela Josie.

— Bem, amiga mais querida, agora saia da minha cama e me deixe dormir um pouco.

Auschwitz-Birkenau, 1942

Cilka olha para uma mosca na parede de cimento frio de seu quarto no Bloco 25. Ele não apareceu hoje.

Mulheres e meninas entram no bloco para procurar um lugar para deitar a cabeça pela última vez. Ela suspira, levanta da cama

e abre a porta, cingindo a si mesma com os braços, observando os espectros passarem por ela.

Uma mulher, sendo ajudada a entrar no bloco por duas outras, vira-se para Cilka – grossas mechas marrom-acinzentadas, olheiras sob os olhos, bochechas encovadas. Cilka leva um momento para reconhecê-la.

— Mumma! — grita ela.

Cilka abre caminho até o trio, segurando a mulher do meio.

— Meu amor, minha dievča *linda. — A mulher chora.*

As outras mulheres estão atormentadas demais, seus olhos, vazios, e não prestam muita atenção ao reencontro.

Cilka ajuda a mãe a entrar no quarto e a deitar-se na cama. Por um longo tempo, ficam ali, abraçadas, sem dizer palavra.

O barulho de panelas e gritos desperta Cilka. As rações da noite chegaram. Desenlaçando delicadamente a mãe dos braços, Cilka vai encontrar aqueles que trazem garrafões de café aguado e pequenas porções de pão velho.

Ela diz às mulheres ao redor para virem buscar comida. Sabe, por experiência própria, que aquelas que tiverem força o farão. As outras quase nem estão mais ali.

De volta ao quarto, ela deixa a porção de sua mãe no chão enquanto tenta apoiá-la contra a parede. Como não dá, ela põe um pequeno pedaço de pão nos lábios, incentivando-a a abrir a boca. A mãe vira a cabeça.

— Coma você, minha querida. Vai precisar mais do que eu.

— Não, mamãe, eu posso conseguir mais — diz Cilka. — Por favor, você precisa recuperar as forças, precisa comer.

— Seu cabelo... — diz a mãe. Ainda estava lá, escondido atrás das orelhas, caindo sobre os ombros. Ela estende a mão e passa os dedos por ele, como fazia quando Cilka era criança.

Cilka leva a comida até a boca da mãe, e ela a abre e permite que Cilka a alimente. Levantando-se, bebe o líquido de gosto ruim que Cilka mantém em seus lábios.

Cilka acomoda a mãe na cama.

— Volto já, fique aqui e descanse.

— Aonde você vai? Não me deixe sozinha.

— Por favor, mumma, não vou demorar, preciso encontrar uma pessoa...

— Ninguém pode nos ajudar, por favor, fique comigo. Temos tão pouco tempo.

— É por isso que preciso ir ver uma pessoa, para que possamos ter mais tempo. Não vou deixar que levem você.

Cilka chega à porta.

— Cilka, não. — A voz é inesperadamente firme.

Cilka volta a sentar na cama, encaixando a cabeça da mãe nos braços.

— Tem uma pessoa que pode nos ajudar, alguém que pode colocar você em outro bloco, onde vai poder melhorar e poderemos nos ver, estarmos uma com a outra. Por favor, mamãe, me deixe falar com ele.

— Não, minha filha querida. Fique comigo, aqui e agora. Não há certezas neste lugar. Vamos ficar juntas esta noite. Sei o que me espera pela manhã e não tenho medo.

— Não posso deixar que a levem, mamãe. Você e Magda são tudo que tenho.

— Minha querida Magda... ela está viva?

— Está, mumma.

— Ah... obrigada, Hashem. *Vocês devem cuidar uma da outra o melhor que puderem.*

— E de você, mamãe, preciso cuidar de você.

A mãe de Cilka luta para se libertar dos braços da filha.

— Olhe para mim, olhe para mim. Estou doente, estou morrendo. Não pode impedir.

Cilka corre as mãos pelo rosto da mãe e beija a cabeça raspada. As lágrimas das duas misturam-se e caem juntas na cama.

— E papa, mumma... ele estava com você?

— Ah, minha querida, fomos separados. Ele estava muito doente...

Ondas esmagadoras de tristeza e desesperança ameaçam afogar Cilka.

— Não. Não, mumma.

— Deite aqui comigo — pede a mãe com gentileza — e me dê um beijo de despedida pela manhã. Vou olhar por você.

— Não posso. Não posso deixar você ir. — Cilka começa a chorar.

— Você precisa, essa decisão não é sua.

— Me abrace, me abrace, mumma.

A mãe de Cilka abraça a filha com toda a força, puxando-a para a cama, formando uma amálgama.

— Um dia, se Hashem *assim quiser — diz a mãe, acariciando o rosto de Cilka —, você conhecerá o amor de um filho. Saberá o que sinto por você.*

Cilka enterra o rosto no pescoço da mãe.

— Eu amo você, mumma.

* * *

O sol mal nasceu quando Cilka, sua mãe e as outras pessoas do Bloco 25 são despertadas pelos oficiais da SS gritando e pelos cães latindo.

— Fora, fora, todo mundo para fora.

A cabeça de Cilka repousa sobre o ombro da mãe quando lentamente saem da sala e se juntam às outras que estão indo para os caminhões que aguardam.

Os chicotes de equitação estão estalando naquelas que são muito lentas ou que resistem aos poucos passos finais até os caminhões. Cilka faz uma pausa. Um chicote é erguido na direção da mãe por um guarda próximo.

— Não se atreva — ela sibila para ele.

O chicote é abaixado quando a mãe de Cilka dá os últimos passos, Cilka ainda agarrada a seu braço.

— Mumma, não, não suba no caminhão.

Os guardas observam a mãe de Cilka se soltar da filha, beijá-la nas duas bochechas, nos lábios e passar os dedos pelos cabelos dela. Pela última vez. Então, aceita as mãos que se estendem do caminhão para ajudar a puxá-la para cima. Cilka ainda consegue sentir os lábios da mãe no rosto. Ela despenca no chão quando o

caminhão dá partida e se afasta. Um guarda estende a mão para Cilka, e ela a afasta com um tapa. O caminhão segue em frente.

13

— Você, qual o seu nome?

Estampando um sorriso no rosto, Cilka se vira para a voz. Não vai responder, em vez disso fará o trabalho de enfermeira.

— Venha cá.

Cilka caminha até a cama onde a enfermeira está. Todas as camas estão ocupadas. Aquele era um dia em que Cilka seria útil. Cilka sorri para a nova mãe que segura o bebê com apenas algumas horas de idade.

— Precisamos desta cama e ninguém apareceu para levá-la para o prédio ao lado. Você precisa levá-los.

— Vou pegar meu casaco — responde Cilka. Já é primavera, mas lá fora está gelado.

— Não há tempo para isso, só os tire daqui.

— Mas aonde...

A nova mãe puxa a saia de Cilka.

— Está tudo bem, eu sei aonde ir. Já estive lá antes.

A paciente já está vestida, seu bebê enrolado em um cobertor. Cilka ajuda-a a vestir o casaco com o bebê enfiado nele. A paciente procura a enfermeira; ela não está em lugar nenhum. Puxando o cobertor da cama, ela indica para Cilka envolvê-lo ao redor dela, o que ela faz. A paciente segue na frente até a porta dos fundos.

O prédio aonde estão indo fica a apenas cinquenta ou sessenta metros de distância. Os pés delas esmagam a grama gelada. O som de crianças chorando, tagarelando e gritando chega até elas antes de abrirem a porta. Ao entrar, Cilka vê uma cena caótica. Alguns berços amontoados contra uma parede, colchões pequenos – mais parecidos com tapetes – espalhados ao redor. Três funcionárias cuidam do que parecem ser vinte bebês e crianças.

— Precisamos nos registrar aqui e depois passar pela porta ao fundo até o dormitório onde vou dormir.

— E estamos com a casa cheia de novo — diz uma das funcionárias enquanto caminha na direção delas. — Olá, Anna Anatolyeva. Você voltou.

— Senti falta do seu rosto encantador, o que posso dizer? Como vai, Irina Igorevna, ainda come criancinhas no café da manhã?

— Ah, Anya, claro, por que você está de volta?

Cilka percebe a mudança para o diminutivo e entende que as mulheres se conhecem muito bem.

— Um daqueles porcos feios me viu e, você sabe, engravidei de novo. Cuide direito deste aqui ou eu mando o

porco feio do pai dele dar um jeito em você.

— Claro, claro, já ouvi isso antes. O que você teve desta vez?

— Outra menina. Outra vítima da causa.

— Desta vez você deu nome?

— Você fez um ótimo trabalho com a última, escolha você. Dê um nome forte. Vai precisar ser forte para sobreviver a esta casa de horrores.

Olhando ao redor, Cilka tenta processar o significado do que vê. As outras duas funcionárias conversam, cada uma com um bebê encaixado no quadril, balançando-os para cima e para baixo na tentativa de acalmá-los. Parecem alheias a bebês urrando e crianças brigando por um cobertor esfarrapado. Vários estão sem fraldas, e o cheiro de urina e fezes é avassalador.

A mãe nova tenta entregar o recém-nascido.

— Cuide dela por um tempo — diz Irina Igorevna. — Ela não vai morder, ou talvez vá quando perceber quem é a mãe dela.

Ela se vira para Cilka e aponta para ela com o queixo.

— Quem é você?

— Sou uma das enfermeiras. Me pediram para trazê-la para cá.

— Tudo bem, então. Ela sabe o que fazer... Você pode ir.

Cilka simplesmente não consegue.

— Com licença, quantos bebês vocês têm aqui? — pergunta ela.

— Vinte é nosso máximo, pois só há vinte camas no prédio ao lado para as mães.

— Quanto tempo eles podem ficar aqui? Alguns deles não parecem mais bebês.

— Nova, hein? Bem, *printsessa*, veja como as coisas funcionam aqui. Quando Anya produz outro bastardo, ela fica aqui até a criança ter dois anos, depois volta para um barracão geral para ficar prenha de novo e tudo recomeça.

— Então, ela não precisa trabalhar? Só fica aqui, cuidando do bebê?

— Está vendo outras mães aqui? Está? Não. Anya vai para o prédio ao lado e cuida sozinha do bastardo por quatro semanas, depois o traz para cá todas as manhãs e sai para trabalhar, como acontece com todos esses infelizes.

— E vocês três cuidam dos bebês durante o dia.

— Você estudou, é? Entendeu tudo isso sozinha, foi?

— Sinto muito, não quero ofender — diz Cilka, sem querer ser desagradável. — Não tinha ideia de como funcionava, só isso.

O rosto da mulher suaviza-se um pouco.

— Tem mais barracões?

— Se quer saber, a maioria dos recém-nascidos vai com suas mães para a grande unidade na estrada, em Rechlag — diz Irina Igorevna. — Você é bem xereta.

— Posso dar uma olhada?

— Fique à vontade. Tenho o que fazer, não posso ficar aqui o dia todo conversando. Cai fora, Anya.

— Obrigada — diz a mãe, despedindo-se de Cilka. — Até a próxima.

— Anna Anatolyeva — chama Cilka, hesitante. — Acho que... Jozefína... Josie, é um bom nome.

A mulher dá de ombros.

— Ótimo, você é quem sabe. Vou levar a pequena Josie e me deitar um pouco.

Uma criança engatinha até Cilka, sentando-se em um de seus pés e olhando para ela. Cilka abaixa-se e a pega no colo. Seus dedinhos cutucam a boca, os olhos e as narinas de Cilka. Ela ri e faz cócegas na barriga da criança. O bebê não reage, continua querendo enfiar os dedos no nariz dela.

Com o garoto equilibrado no quadril, Cilka caminha pela sala, olhando os outros bebês. Ela para diante de um bebê pequeno deitado em um cobertor no chão, encarando o teto. Cilka move a cabeça para chamar a atenção; somente um pequeno movimento da cabeça mostra que ele sabe que Cilka está lá. Deixando o menininho no chão, ela toca o bebê, que está quente demais para uma sala quase sem aquecimento. Pega um dos braços do bebê e o solta. Sem resistência, o braço do bebê vai ao chão.

Cilka chama uma funcionária.

— Com licença, este bebê está doente, tem algo de errado com ele.

Uma das atendentes aproxima-se.

— Sim, faz uns dias que está assim.

— Algum médico já examinou?

— Os médicos não vêm aqui, meu amor. Esses pequeninos sobrevivem ou não. Provavelmente este não vai sobreviver.

Cilka olha novamente para a forma minúscula, a cabeça grande e as bochechas encovadas, as costelas aparecendo sob a pele.

Ela já tinha visto o suficiente.

— Obrigada — diz ela para ninguém em particular e sai.

* * *

Quando Cilka retorna da maternidade, Petre a cumprimenta.

— Olá. Onde você esteve?

— No prédio ao lado... no berçário. Levei Anna Anatolyeva e o bebê dela.

Cilka não dá mais explicações; quer ficar longe dele, longe das imagens que acabou de ver, ocupar-se com a limpeza.

— E o que achou de nosso berçário?

— O senhor já esteve lá? — ela solta.

— Não, meu trabalho é aqui, fazendo partos. Por que a pergunta?

— Porque alguns desses bebês, cujos partos o senhor faz e que saem sãos e salvos, ficam lá, deitados no chão, doentes, à beira da morte.

— E como sabe que estão à beira da morte?

— Eu mesma vi. As funcionárias lá, não sei como o senhor as chama, não são enfermeiras, mostram muito

pouco interesse pelos bebês. Me disseram que apenas os fortes sobrevivem, mas talvez só estejam doentes. Poderiam viver se tivessem cuidados e tratamento.

— Tudo bem, tudo bem, Cilka, acalme-se. Por que não falamos disso outro dia?

— Quando?

— Quando não estivermos tão ocupados.

— Amanhã?

— Quando não estivermos tão ocupados — repete Petre. — Agora é melhor você voltar ao trabalho.

* * *

Várias semanas passam. A geada começa a derreter, os dias ficam mais longos. Petre parece evitar Cilka. Ela esforça-se. Aprendeu a lição sobre interferir em questões médicas, portanto nunca menciona o prédio ao lado com os bebês desprezados. Mas saber que algo podia ser feito a oprimia. Antes ela precisava aceitar circunstâncias como aquelas. Como poderá aceitar isso agora?

Um dia, ela está trabalhando com Tatiana, e elas têm apenas uma paciente em trabalho de parto. Petre entra e observa a mulher. Ele vê Cilka arrumando a área de administração, empilhando ordenadamente arquivos, verificando entradas, tarefas que só podem ser realizadas quando não se está ocupado. Puxando uma cadeira, ele diz a ela:

— Então, vamos conversar sobre os bebês no berçário?

— Eu... não deveria ter dito nada, não é da minha conta. — Ela cerra os dentes.

— Verdade. — O rosto dele, com sobrancelhas grossas e bigode, é enigmático. — Sabe, falei com Yelena Georgiyevna sobre você. Ela pergunta sobre você o tempo todo.

— Sério? Como ela está? — O peito de Cilka dói. Não admite a si mesma que está sentindo falta de ninguém, de nada, até que seu corpo a lembra de que está com saudades.

— Ela está bem. Ocupada. Falei com ela o que você disse sobre os bebês.

— O que ela disse?

— Ela riu e disse que era do feitio de Cilka tentar consertar tudo.

— É que, bem... você cuida bem das mães, garante que elas tenham bebês saudáveis, aí eles são enviados para lá e ninguém se importa mais.

— Tenho certeza de que as mães deles se importam.

— Sim, claro, mas elas trabalham o dia todo e só voltam ao berçário à noite. Como vão conseguir um médico para examinar seus bebês?

— Esse é um argumento muito bom. Bem, o Estado também se importa, ou deveria se importar. Esses bebês são nossos futuros trabalhadores.

Parece haver uma contradição sobre isso neste lugar, pensa Cilka. Como trabalhadores que, como punição, recebem menos comida quando a produtividade cai. Sempre há mais

pessoas lá fora a prender, para substituir os mortos. Mas é claro que ela não pode expressar nada disso em voz alta.

— Como está tranquilo aqui hoje, que tal irmos, você e eu, ao berçário, e eu dou uma olhada em qualquer bebê que você ache que precise ver um médico? — sugere Petre.

— Vou pegar meu casaco.

Petre ri, pega seu casaco e segue Cilka porta afora.

O sorriso no rosto de Petre desaparece no momento em que ele entra no berçário. As três funcionárias estão sentadas juntas, bebericando em xícaras de chá fumegantes. Bebês e crianças estão deitados no chão; alguns rastejam em círculos, letárgicos. Ele olha a cena, incrédulo.

— Você voltou — grita Irina Igorevna antes de perceber que Cilka não está sozinha. Ela deixa a xícara de lado e corre até Cilka e Petre.

— Este é Petre Davitovich, o médico da maternidade — diz Cilka. — Ele veio dar uma olhada em alguns dos bebês para ver se algum deles precisa de atenção médica.

Limpando as mãos sujas no vestido, a mulher estende a mão.

— Irina Igorevna, sou a responsável aqui.

Petre não pega na mão dela.

— Fico feliz que tenha se identificado. Vou dar uma olhada em alguns desses bebês. Preciso ver as fichas com o regime de alimentação deles.

— Bem, não temos fichas. Apenas os alimentamos quando podemos com o que temos, nunca há o suficiente

para todos, por isso alimentamos os mais fortes. Eles são os mais barulhentos. — Ela ri.

Petre vai até o bebê mais próximo, enfraquecido, deitado sobre um cobertor, uma bata fina pendendo frouxamente no corpo, os olhos fundos. O bebê não reage quando ele o pega no colo. O médico leva-o à mesa onde as três mulheres estavam sentadas, empurra as xícaras para o lado, coloca delicadamente o bebê na mesa e começa a examiná-lo. Cilka fica ao lado dele.

— Quanto tempo tem esse bebê?

As três mulheres olham-se, nenhuma delas disposta a falar.

— Irina Igorevna, eu perguntei quantos anos tem esse bebê.

— Não sei, só cuidamos deles durante o dia enquanto as mães estão trabalhando; são muitos, não dá para conhecer todos... Somos apenas três — diz ela, apontando as outras com a mão.

— Esta criança está faminta. Quando foi a última vez que o alimentou?

— Oferecemos algo a ele algumas horas atrás, mas acho que ele não quis nada — responde Irina.

— Cilka, coloque-o em um catre.

Cilka pega o menino e gentilmente o pousa em um catre próximo. Petre pega o próximo bebê e repete o exame. Não faz mais perguntas à equipe do berçário. Outro bebê é entregue a Cilka.

Quando todos os bebês doentes passam por um exame rápido, sete ficam alinhados, deitados em silêncio em dois catres.

— Vocês duas — Petre aponta para as outras integrantes da equipe —, vistam seus casacos, enrolem dois bebês e venham comigo. Cilka, pode pegar dois, por favor? — Ele pega o bebê remanescente, aconchega-o dentro do casaco e sai pela porta com Cilka e a equipe do berçário atrás deles.

De volta à enfermaria, ele deixa três bebês em uma cama, quatro na outra. Com um movimento da mão, dispensa a equipe do berçário, que, às pressas, bate em retirada.

Tatiana e Svetlana reúnem-se ao lado das camas, olhando para os bebês.

— Ai, meu Deus, o que aconteceu com eles? — pergunta Svetlana em um lamento.

— Alguma de vocês sabe como podemos conseguir um pouco de leite? — pergunta Petre.

— Vou encontrar. Cuidem deles que eu já volto — Tatiana diz enquanto pega o casaco e sai.

— Svetlana, veja se consegue encontrar uma médica chamada Yelena Georgiyevna e pergunte se ela pode vir até aqui.

— O que eu posso fazer? — pergunta Cilka.

— Bem, eu diria que você já fez o suficiente — diz ele, rindo. — Pegue algumas fichas e escreva o que digo sobre cada um desses pobrezinhos. Não sabemos nem o nome

deles, então você terá que chamá-los de bebê um, bebê dois, e assim por diante.

Enquanto Cilka passa pela única paciente da ala, retornando com fichas e canetas, a mulher a chama baixinho:

— O que está acontecendo lá?

— Tudo bem, apenas alguns bebês doentes. Não se preocupe, vamos cuidar deles.

Petre está vestindo o primeiro bebê que ele examinou.

— Bebê um — diz ele. — Sexo masculino. Desnutrição grave, febre, picadas de insetos infeccionadas, possível surdez. De quatro a seis meses de idade, difícil de precisar.

Cilka escreve rapidamente os comentários abaixo da anotação "Bebê 1". Com uma caneta mais grossa, gentilmente escreve o número um na testa do bebê, lutando para reprimir as lembranças da própria marcação permanente.

Eles ouvem a porta se abrir, seguida por um "ai, Cilka, o que você fez agora?".

Yelena e Svetlana estão de volta. Logo atrás delas, Tatiana entra, carregando uma caixa com mamadeiras, cada uma cheia com leite das mães que estão amamentando.

Petre informa Yelena com o que estão lidando. Ela imediatamente pede para examinar um bebê e desnuda a criança para examiná-la.

— Marque a dela como o número três, Cilka, eu pego o número dois — diz Petre.

Tatiana e Svetlana começam a aquecer as mamadeiras, mantendo-as em uma bacia de água fervente. Yelena adverte para não deixarem os bebês mamarem demais; devem receber pequenas quantidades e com frequência para se recuperarem. A nova mãe, cujo bebê está dormindo profundamente, oferece ajuda na alimentação e se vê com um bebê estranho nos braços.

Ao final do dia, sete mães preocupadas aparecem na enfermaria, procurando os filhos. Petre e Yelena conversam com elas, garantindo que não as culpam pela condição em que os bebês estão. São instruídas a passar a noite na ala, recebendo a informação de que comida lhes será trazida e que aprenderão como alimentar seus bebês a cada hora, em pequenas quantidades.

As enfermeiras da troca de turno aparecem. Tatiana manda-as embora, dizendo que vai ficar para a noite. Cilka pergunta se também pode ficar.

* * *

Nas semanas seguintes, a administração do berçário muda. As funcionárias originais desaparecem, substituídas por cuidadores aprovados por Petre e Tatiana. Um sistema de registros relacionado a cada bebê é implementado. Petre atribui a Cilka a responsabilidade de visitar o berçário uma vez por semana para identificar qualquer bebê ou criança que ela acredite estar precisando de atenção médica. Apesar da crença de Petre de que essas crianças são importantes

para o sistema como futuros trabalhadores, Cilka acha que o sistema também pode vê-las, por enquanto, como um escoadouro de recursos. Pergunta a si mesma se todos correm o risco de serem punidos por causa disso, mas sabe que lutará para manter esses bebês vivos.

Deitada na cama certa noite, com o sol ainda alto no céu, Cilka pergunta a Josie:

— Acha que essa é minha vocação?

— Como assim? — Josie devolve a pergunta.

É difícil para Cilka revelar seus pensamentos. Preocupa-se com o que pode ser falado abertamente, o que pode vazar dela. Josie olha-a com expectativa.

— Será que eu mesma devo não ser mãe, mas alguém que ajuda outras pessoas que podem ser?

Josie irrompe em lágrimas.

— Ai, Cilka, acho que estou grávida.

14

Ao som de roncos, Cilka rola para fora da cama. Tira o cobertor de Josie e corre com delicadeza as mãos sobre o corpo inchado, escondido por camadas de roupas. Puxa o cobertor de volta até o queixo da amiga.

— Quando você suspeitou? — pergunta Cilka.

— Não sei, há um mês? Quem consegue não ficar perdida no tempo neste lugar esquecido?

— Josie, senti o bebê chutar. Você vai ficar bem. Por que não contou antes?

O corpo de Josie estremece enquanto ela soluça, mordendo o cobertor.

— Estou com medo, Cilka. Não brigue comigo.

— Psiu, fale baixo. Não sou eu quem está gritando.

— O que vou fazer? — Cilka vê Josie olhar de relance para a cama que costumava ser de Natalya. — Você tem que me ajudar, Cilka.

— Você vai ter um bebê, e eu vou estar lá com você. Precisamos contar a Antonina amanhã. Com certeza é um

risco você trabalhar perto de gente doente.

— E as outras?

— Elas se arranjam. Não se preocupe, todas nós vamos ajudá-la. — Cilka tenta lançar a Josie um olhar cheio de calor e esperança. — Você vai ser *mumma*!

— E Vadim? Conto para ele? O que acha que ele vai dizer?

— Estou surpresa que ele não tenha percebido — responde Cilka. — Com certeza ele sentiu que sua barriga estava crescendo.

— Ele acabou de me dizer que eu estava engordando. É um rapaz estúpido... nunca pensaria nisso.

— É, provavelmente você tem razão, mas precisa contar para ele. Da próxima vez que ele vier.

— E se ele...

— Só conte. Vamos nos preocupar com a reação dele quando ela vier. Sabe que não vão deixar vocês dois viverem como uma família feliz em outro lugar, não é?

— Talvez sim.

— Não vão.

* * *

Na manhã seguinte, depois da chamada, Cilka se aproxima de Antonina com Josie.

— Ela está esperando um filho.

— Está? Nem imagino como isso aconteceu — diz Antonina, enojada.

Cilka resolve ignorar o comentário. Josie mantém a cabeça baixa. Envergonhada, humilhada.

— Acho que está com cinco meses — diz Cilka à brigadeira.

— Deixe que eu decido isso. Abra seu casaco.

Josie abre o casaco, tremendo ao vento e com medo daquilo a que será submetida publicamente. Mãos ásperas pressionam com força a barriga evidente, tateiam as laterais, empurrando forte de cima para baixo.

Josie grita de dor.

— Pare com isso, você está me machucando.

— Só para garantir que não tem trapos enfiados aí. Não seria a primeira a tentar isso.

Cilka afasta as mãos da brigadeira.

— Chega. Satisfeita?

— Você, vá trabalhar. Quanto à vadia aqui, ela também pode ir, não há motivo para ela não continuar no trabalho que tem. Vou ter que contar a Klavdiya Arsenyevna. Ela não vai ficar satisfeita.

Cilka e Josie apressam-se até os prédios do hospital.

— Não me importo de trabalhar, não é difícil e é uma distração para mim durante o dia; mas à noite...

* * *

Naquela noite, as mulheres fazem alarde com Josie. Querem sentir o bebê em sua barriga; algumas sortudas recebem um chute como recompensa por seus esforços.

— Sua barriga está exatamente igual à minha com meus meninos — diz Olga, os olhos sorrindo, mas com lágrimas neles.

Alguém se lembra de Natalya, a única outra grávida do barracão, e de seu final trágico.

Olga percebe o efeito que falar de Natalya tem em Josie e muda rapidamente de assunto. Sugere que todas comecem a fazer roupas para o bebê de Josie. Ela é imediatamente destacada como modista; lençóis são inspecionados para ver quem pode se dar ao luxo de perder trinta ou sessenta centímetros de pano, as bordadeiras ficaram empolgadas por ter algo significativo para criar a uma nova vida.

Hannah está sentada ao fundo do grupo, observando toda a atividade com um olhar de desgosto.

— Como vocês todas têm energia para se iludir assim? — diz ela.

— Hannah — diz Olga bruscamente —, descobrir um pouco de esperança na escuridão não é uma fraqueza.

Hannah balança a cabeça.

— Como um belo casaco de peles, não é, Cilka?

As mulheres olham para Cilka. O rosto dela queima, e a bile sobe à garganta. Ela não consegue pensar em nenhuma resposta – uma explicação ou uma réplica. Ela tosse e pigarreia.

— Hannah tem razão — comenta Josie, deixando de lado a faixa de lençol que estava na mão. — É bobagem esquecer onde estamos.

— Não acho que seja — retruca Olga, desfazendo alguns fios de forma determinada. — Acho que nos ajuda a continuar.

* * *

Passa bem mais de uma semana até Vadim aparecer. Quando ele começa a bolinar Josie e pegar nela, ela o interrompe.

— Preciso contar uma coisa.

— Não quero conversar agora.

— Vou ter um filho seu — ela deixa escapar.

Cilka desvia o rosto de Boris para ouvir a conversa.

— O que há de errado? — pergunta Boris.

— Nada, quieto.

— O que você disse? — Vadim rosna.

— Vou ter um filho, seu filho.

— Pensei que só estivesse ficando gorda.

— Não.

— Não quero a porra de um filho. O que você acha que está fazendo para ter um filho?

— Você fez esse filho em mim. Eu não pedi.

— Como vou saber que é meu?

Josie empurra-o para longe, gritando:

— Porque você me transformou em propriedade sua, lembra? Ninguém mais pode me tocar, lembra? Vá embora daqui, saia, saia!

Os gritos de Josie reduzem-se a um gemido.

Vadim cambaleia para fora da cama, saltitando enquanto procura suas roupas jogadas. A conversa perturba a todos os homens na sala, que saem tropeçando em busca de suas calças e começam a se afastar.

— Eu nunca falaria assim com você — diz Boris a Cilka, afastando uma mecha de cabelo dos olhos dela. — Na verdade, eu ficaria muito feliz se você tivesse um filho meu.

Isso não vai acontecer, Boris, pensa ela, mas diz apenas que é hora de ele ir embora. Cilka nunca esteve grávida. Sua menstruação havia parado no *outro lugar* um bom tempo antes, como a de muitas mulheres de lá, e agora só vinha de forma intermitente. Má nutrição, choque, ela não tem certeza. É possível que não haja como se recuperar.

— Tudo bem, eu vou, mas vou ficar pensando em você.

No escuro, as mulheres encontram o caminho até a cama de Josie, oferecendo apoio e abraços. O senso de humor levemente distorcido que as mulheres desenvolveram nos últimos anos as serve bem, pois compartilham histórias sobre o que falta aos homens que as visitaram e sua capacidade de gerar um filho. Josie se vê rindo entre soluços de choro. Cilka sente o afeto aflorar por essas mulheres, com seu rosto encovado e os sorrisos desdentados – um sentimento que emergia apenas em breves momentos, cercados pela perda. De sua irmã. De Gita. Ela esconde o sentimento em seu íntimo, onde nada pode danificá-lo.

* * *

Nas semanas seguintes, o humor de Josie oscila descontroladamente. De manhã, ela acorda, junta-se às outras no café da manhã e na chamada alegre e animada para ir ao trabalho, onde a equipe médica e a de enfermagem perguntam como ela está se sentindo. No final do dia, cansada e dolorida, ela mal fala, fica na cama e muitas vezes não vai jantar. A princípio, ficou animada com as camisolinhas que as mulheres estavam fazendo para ela; agora, ela mal olha para elas.

Cilka e Elena falam gentilmente com Josie para descobrir se o medo do nascimento que se aproxima está causando mudanças de humor. A única pista que ela lhes dá diz respeito a Vadim. Como vai poder contar ao bebê sobre o pai? Elas a confortam da melhor maneira possível, prometendo estar sempre na vida dela e do bebê. É uma promessa que todas sabem que será difícil cumprir. Apenas palavras para fazê-la aguentar, seguir até o fim.

Pouco mais de um mês antes da data prevista para o nascimento do bebê de Josie, Cilka acorda no meio da noite, assustada com a porta do barracão batendo ao vento. Olha para a cama de Josie. Está vazia. Ela passou muitas noites olhando a amiga dormindo, com o rosto franzido e perturbado mesmo durante o sono, com a barriga crescente projetando-se embaixo do cobertor.

Alarmada, ela estende a mão para tatear a cama, confirmando que Josie não está ali. Suas mãos descansam em algo macio, e ela percebe que é uma peça de roupa. Está

bem abaixo de zero lá fora. Ela se senta, agarra o casaco e várias outras peças de roupa que encontra.

Em silêncio, Cilka localiza suas botas e anda arrastando os pés ao longo da fileira de camas até chegar a Elena. Sacode-a até acordá-la e diz para se vestir rapidamente. Envolvendo o rosto, a cabeça e as mãos da melhor maneira possível, as duas mulheres saem do barracão.

Está muito frio. A neve cai levemente. Um vento frio atravessa as camadas de roupas, chegando ao sangue e aos ossos. Os holofotes próximos projetam uma sombra fantasmagórica em torno de suas formas apressadas. Veem pegadas de pés descalços na neve vindo de seu barracão. Os pés estalam e rangem enquanto seguem a trilha.

Atrás do galpão do refeitório, elas encontram Josie. Nua, inconsciente, mal respirando, enrolada ao lado da cerca do perímetro. Cilka arfa: *não.* E então sente o vazio aproximando-se dela.

— O que faremos com ela? Acho que pode estar morta — sussurra Elena.

Cilka inclina-se e envolve Josie no casaco que trouxe consigo.

— Temos que levá-la de volta ao barracão e esquentá-la. Ah, Josie, o que você fez? — grita Cilka.

Cilka ergue-a pelos ombros; Elena pega as pernas. Juntas, cambaleiam pelo caminho de volta até o abrigo do barracão.

São incapazes de abrir e fechar a porta silenciosamente, e logo o restante das mulheres está acordado, exigindo saber o

que está acontecendo. Elena informa-as e as convoca, pedindo para fazerem o que podem. Cilka parece ter ficado sem palavras por um momento. As mulheres começam a ajudar como podem. Duas delas massageiam os pés de Josie, outras duas, as mãos. Cilka pousa a orelha na barriga de Josie, pedindo para todas ficarem quietas por um minuto, e ausculta.

Tum-tum, ecoa forte e alto de volta para ela.

— Ela ainda está viva, e o bebê ainda está vivo — comenta Cilka.

Elena balança a cabeça.

— Mais um minuto lá fora... Cilka, que sorte ter descoberto que ela saiu.

— Vamos lá — pede Cilka —, vamos aquecê-la rapidamente.

Ela pega uma caneca de água quente, abre a boca de Josie e derrama uma pequena quantidade. Cobertores estão empilhados em cima dela. Devagar, ela começa a gemer, um som baixo e gutural. Elena dá um tapinha em seu rosto.

— Vi alguém fazer isso uma vez com alguém que desmaiou — explica ela.

No escuro, não conseguem ver se Josie começou a abrir os olhos. Cilka sente que a amiga está voltando e fala baixinho com ela. Correndo a mão pelo rosto de Josie, ela sente lágrimas.

— Está tudo bem, Josie, estamos aqui com você. — É um esforço para Cilka manter a voz tranquila. Parte dela está

enfurecida, tão desesperada que sente tontura. Viu muitos corpos nus caídos na neve. Sem escolha a não ser se render. Mas Josie tem escolha. Talvez Cilka não a tenha ajudado o suficiente para ela enxergar isso. — Josie, você vai ficar bem. Não vamos deixar que nada aconteça a você.

Um coro de apoio piora o choro de Josie.

— Me perdoem. — São as palavras que saem, sufocadas pelas lágrimas. — Me perdoem. Eu não vou conseguir.

— Você vai, sim — diz Cilka com força. — Você vai. Você precisa conseguir.

— Você vai, Josie — repete Elena, e as outras mulheres ecoam as palavras, estendendo a mão para tocá-la.

Cilka diz:

— Ela vai ficar bem agora. Peguem seus cobertores de volta e durmam um pouco. Vou passar a noite com ela. — Apesar da raiva vertiginosa, ela vai se deitar enrodilhada ao lado de Josie. Vai dar o que ela precisa. Vai abraçá-la. Fará a amiga enxergar que não é o fim. — Obrigada a todas — agradece Cilka. — Temos que ficar juntas, pois somos tudo que temos.

Muitas das mulheres abraçam Josie e Cilka antes de voltarem para a cama, onde o sono talvez dure o restante da noite, ou não. Cilka não reage ao carinho delas, mas, em algum lugar em seu íntimo, se sente grata.

Cilka afasta Josie e se deita na cama dela. Com os braços sobre a grande barriga da garota, com as cabeças apoiadas uma na outra, Cilka murmura baixinho. Josie logo adormece,

o que não acontece com Cilka, que ainda está acordada quando os sons de metal batendo ressoam no escuro, sinalizando que é hora de acordar.

Depois da chamada, Cilka diz a Antonina que Josie está tendo algumas dores e acha que deve ir à maternidade com ela caso o bebê esteja a caminho. Antonina parece estar quase sem paciência com os pedidos de Cilka, mas não diz nada, o que Cilka interpreta como autorização para levá-la. Precisará voltar com um pouco de chá ou pão extra para a brigadeira ou sofrerá as consequências.

Petre examina Josie.

— O bebê está bem — afirma ele. — Tem um batimento cardíaco forte, mas não está pronto para nascer.

Josie, que não disse nada durante toda a manhã, mas manteve um braço agarrado a Cilka na caminhada até o hospital, diz ao médico que quer apenas que o bebê nasça. Petre sente que há mais em sua história e a deixa em um leito para descansar.

Cilka fica contente. Não há sinais de geladura, porque a encontraram rapidamente, mas Josie tremeu a noite toda e agora precisa descansar e se aquecer. Petre afasta-se com Cilka e pergunta se há mais alguma coisa acontecendo com Josie. Cilka olha para o rosto gentil do médico e acha que pode arriscar-se contando o que aconteceu na noite passada, enfatizando que Josie não é preguiçosa, mas que, na verdade, está doente.

* * *

Josie dorme o dia todo. Quando é hora de ela e Cilka voltarem ao barracão, Petre diz que acha que precisa ficar de olho em Josie, pois o bebê pode vir a qualquer momento. Ele entrega a Cilka um bilhete para entregar a Antonina, afirmando que Josie deve ir ao hospital para observação todos os dias até o bebê nascer. Cilka enfia o bilhete no bolso junto com o pão que guardou do almoço. Seu estômago ronca. Hoje não comeu o suficiente, e o cansaço piorou a fome, mas precisa manter a brigadeira contente.

Nas próximas três semanas, Josie dorme e ajuda na ala. Segura as mãos de mulheres jovens como ela durante o trabalho de parto. Cilka consegue perceber que estar nesta ala está ajudando Josie, assim como a ajudou. Embora ainda tenha medo do processo pelo qual está passando, Josie diz a Cilka que acha que pode aguentar e agora está começando ficar ansiosa para conhecer seu bebê, segurá-lo nos braços e sentir o que viu no rosto de muitas das mulheres magras, cansadas e abatidas quando olham seus filhos pela primeira vez. Cilka volta a sorrir um pouco, percebe como os músculos ao redor do pescoço e dos ombros ficaram rijos – não pelo frio, mas por reter no corpo a preocupação de que Josie não encontraria uma maneira de sobreviver. A própria Cilka não sabe como sempre encontrava um caminho dentro de si, não sabe de onde isso vem. Nunca quis morrer, apesar do horror.

Josie entra em trabalho de parto no primeiro dia de Hanukkah. Tem um parto longo e doloroso, sendo ajudada e

encorajada por Cilka, Petre e Tatiana. Cilka pensa secretamente nas bênçãos e canções dessa época do ano, no conforto e na alegria que trazem. É menos doloroso lembrar deles neste ambiente pequeno e contido de vida nova.

Ela recebe permissão para ficar com Josie após o final de seu turno. Na batida da meia-noite, Josie dá à luz uma menina minúscula e preciosa que grita a valer.

Quando mãe e bebê estão limpas e a enfermaria está silenciosa, Cilka pergunta:

— Já pensou em um nome para ela?

— Sim — diz Josie, olhando nos olhos da amiga. — Vou chamá-la de Natia Cilka. Se importa se o segundo nome dela for em sua homenagem?

Josie entrega o bebê a Cilka.

— Olá, pequena Natia — diz Cilka. — Estou honrada em compartilhar meu nome com você. — Tantos pensamentos ocorrem a Cilka. O quanto pode ser perigoso e inesperado para esse minúsculo ser recém-nascido o caminho a seguir. — A história de sua vida começa hoje, Natia. Espero que você possa viver sua vida com a ajuda de sua mãe e de todos que a amarão. Existe um mundo melhor lá fora. Eu já o vi. Eu me lembro dele.

Cilka olha para Josie e percebe que a bebê lhe permitiu expressar algo a sua amiga que ela não consegue dizer diretamente. Ela devolve a bebê e se inclina para beijar as duas.

* * *

Na manhã seguinte, Natia é examinada minuciosamente por Petre, que a declara o recém-nascido mais saudável e mais doce que já viu, e ele já viu muitos. Josie fica radiante.

Mais tarde naquele dia, Cilka leva Josie e Natia para o berçário no prédio ao lado e as instala no que será seu lar pelos próximos dois anos. Nenhuma menção é feita ao que acontecerá ao final desse período. Cilka ouviu das enfermeiras que as crianças são enviadas para orfanatos aos dois anos, mas não diz isso a Josie. Em breve ela descobrirá. Dois anos é muito tempo naquele lugar, e Cilka está determinada a encontrar uma maneira de mantê-las juntas.

Naquela noite, depois que Cilka informa as outras mulheres sobre todos os detalhes do parto de Josie, a falta que sentem de Josie começa a aparecer. Em alguns dias, uma estranha estará dormindo em sua cama. As camisolinhas feitas com tanto carinho por todas elas são embrulhadas e entregues a Cilka para que ela as leve. Também mandam avisar que continuarão a fazer roupas para a pequena Natia, em tamanhos variados, à medida que ela crescer, e abusarão das rendas bordadas agora que sabem que estão costurando para uma menininha.

Sem a presença de Josie, Cilka se permite pensar um pouco em Alexandr, o mensageiro, descobrindo que seu rosto traz conforto. Ela se pergunta se algum dia voltará a falar com ele, esperando que a resposta seja sim.

* * *

Cilka e as outras voltam para o barracão no dia seguinte e encontram alguém dormindo na cama de Josie. A recém-chegada estremece quando se senta para enfrentar o escrutínio das mulheres.

— Meu nome é Anastasia Orlovna — diz ela com voz forte e clara.

Elena caminha até ela, olhando-a de cima a baixo. Os machucados no rosto da recém-chegada refletem espancamentos por um bom tempo. Os mais antigos têm um tom azul arroxeado, os mais recentes ainda estão pretos. O olho direito está parcialmente fechado pelo inchaço.

— Quantos anos você tem? — Elena pergunta.

— Dezesseis.

As mulheres amontoam-se ao redor da cama para olhar mais de perto a nova residente, que mantém a cabeça erguida, recusando-se a esconder os ferimentos, a ousadia estampada no rosto e no corpo que ela luta para manter empertigado.

Olga empurra-a com delicadeza para que ela volte a se deitar.

— O que aconteceu com você?

— Quer saber o que me trouxe até aqui em primeiro lugar ou nos últimos tempos?

— Os dois — responde Olga.

— Fomos pegos roubando a padaria.

— Nós? Quantos vocês eram?

Anastasia força um sorrisinho.

— Éramos seis. Foi bom enquanto durou.

— O que foi bom? — questiona Elena.

— A emoção de pegar o pão recém-saído do forno, bem debaixo do nariz do porco que o assou.

— Por que estava roubando? — quer saber Elena. Normalmente não deixavam presos políticos e ladrões juntos, mas as regras em Vorkuta pareciam um pouco mais flexíveis nesse sentido. Cilka pensa: *Onde quer que haja uma cama*.

— Porque, apesar de todos nós supostamente termos uma parcela justa na grande União Soviética, as crianças estavam morrendo de fome. Por que mais?

— Então você e seus amigos...

— Sim, éramos uma gangue de adolescentes... Um ou dois distraíam o lojista, enquanto os outros se esgueiravam e pegavam um pouco de comida. Pegamos caviar uma vez, mas as crianças não gostaram. Nem eu.

— Ora essa! — exclama Hannah, frustrada. — O que eu não daria...

— E seus ferimentos, como os conseguiu? — pergunta Elena.

— Talvez eu possa dizer que caí de uma escada.

— Talvez possa — retruca Elena. — Mas está agindo como se estivéssemos interrogando você.

— Os espiões estão em toda parte — diz Anastasia. — Mas, sim, desculpe, acabei de sair da prisão onde torturaram Mikhail e eu, os dois únicos que foram pegos. A polícia sabia

que havia mais de nós e queria nomes. Eu não entreguei nenhum.

— Por isso as escoriações — conclui Elena.

— Sim — confirma Anastasia. — Mas não se pode falar. Todas vocês parecem que não veem um pedaço de pão faz um ano. E, com certeza, não comem uma verdura faz tempo.

Cilka observa que Elena se inclina, com proximidade deliberada para que Anastasia consiga sentir toda a força de sua respiração desnutrida e de seus dentes podres.

— Acredite ou não, meu amor, nós somos as sortudas.

Toca o alarme para o jantar.

— Você consegue andar? — pergunta Olga.

— Sim, devagar.

Olga ajuda Anastasia a se levantar, abotoa seu casaco e puxa a gola para cima. Anastasia veste o chapéu. Elas juntam-se às outras em sua procissão até o refeitório.

Dezesseis, pensa Cilka. Outra mulher jovem e desafiadora a ser esmagada pelo sofrimento. Mas Elena tem razão. O horror delas é um tanto melhor que o das semelhantes. Aquele barracão, as rações e o tecido extras, o fato de terem uma chaleira para ferver água! O difícil será ajudar Anastasia a aceitar isso, principalmente depois da primeira visita dos homens.

15

— Ela sorriu para mim! — Cilka relata com alegria sua visita a sua xará às mulheres no barracão. — Ela murmurou, me olhou nos olhos e sorriu. — *O que partiu meu coração,* pensa ela.

— Ela está ganhando peso, está saudável? — Elena quer saber.

— Sim, sim. Acho que ela já virou a favorita da equipe do berçário, mas preciso garantir que não estejam dando o almoço de outro bebê para ela.

Cilka olha ao redor para o rosto fino das mulheres, lábios rachados, olheiras. As clavículas projetando-se. Está feliz por poder lhes trazer algum alívio – algo gostoso para pensar e manter dentro de si durante os longos e difíceis dias na neve.

— Você sabe tudo sobre isso, Cilka. Tomar o almoço de alguém — diz Hannah.

O estômago de Cilka revira-se.

— Cale a boca, Hannah — retruca Elena. — Quem deu mais do próprio almoço para você que qualquer outra pessoa aqui?

— Bem, ela pode se dar esse luxo.

— Bem, você também pode, agora que seu "marido" conseguiu um emprego no refeitório.

— Vou limpar o prato do meu almoço porque lutei na resistência contra esses desgraçados e contra os nazistas também. Ao contrário de algumas pessoas aqui. — Ela olha incisivamente para Cilka.

— Porra, fale baixo, Hannah — diz Elena. — Se atacar a única mulher judia daqui, alguém pode pensar que você é como os alemães contra quem lutou.

Hannah parece indignada. O coração de Cilka está acelerado. O vazio está tomando conta dela.

— Ela... — Hannah aponta para Cilka. Estava prestes a falar mais, porém abre um sorrisinho. — Eu poderia contar para vocês todas as coisas que ela fez para preservar sua vida pequena e frágil.

— Nenhuma vida é frágil — diz Elena.

Cilka sente-se enjoada.

— Você sabe como Josie está? — pergunta Olga, interrompendo a tensão, os dedos se movendo rapidamente, parecendo fazer magia ao bordar outra camisolinha.

Cilka encontra sua voz.

— Faz um tempo que não a vejo, desde que a mandaram voltar ao trabalho quando Natia fez quatro semanas. Me

disseram que ela está indo bem; está trabalhando no prédio da administração e dando de mamar para a bebê. Ao que parece, tem muito leite.

— Provavelmente por isso a pequena Natia está engordando.

— Eu não disse que ela está engordando. Só está fofinha. — Cilka tenta dar um sorriso.

— Por favor, mande nosso carinho para ela do jeito que puder. Talvez uma das funcionárias do berçário possa falar com ela — diz Olga.

— Mando — assegura Cilka. — Ela sabe o quanto todas vocês se preocupam. — Ela olha incisivamente para Hannah. — Mas vou pedir à equipe que passe o recado de qualquer maneira.

— O que vai acontecer quando... — sussurra Elena.

— Nem pense nisso — interrompe Cilka. — Dois anos é bastante tempo. — A verdade é que Cilka acha incrivelmente difícil considerar a separação. Ela conhece muito bem a dor da separação de mãe e filha. Conhece muito bem a realidade de famílias inteiras sendo desmembradas, desumanizadas e assassinadas. Não pode se permitir pensar no que poderia acontecer com Josie e Natia, ou no que poderia acontecer com Josie se Natia fosse tirada dela.

— Acha que tem algum jeito de vê-la com a bebê, só por um minutinho? — pergunta Olga.

— Talvez no verão — sugere Elena.

— Boa ideia. Quando estiver mais quente e pudermos ficar lá fora no domingo. Adoro essa ideia, ter algo pelo que esperar — comenta Olga.

Hannah bufa.

— Não dá para entender vocês.

Com a possibilidade de ver o bebê, sorrisos voltam para o rosto das outras mulheres. O olhar distante que Cilka vê nos olhos mostra que estão sonhando, visualizando um bebê sendo segurado. Cilka sabe que várias delas têm filhos esperando por eles, inclusive Olga. Não é algo de que ela consiga falar com frequência, mas, quando recebe as cartas restritas, às vezes as repassa para compartilhar o que seus dois meninos – que moram com uma tia – estão fazendo. Ela fica em silêncio por dias depois disso, com emoções mudando em seu rosto, sem dúvida imaginando todos os pequenos detalhes que sua irmã incluiu na carta.

* * *

Antes que a lua e as estrelas desapareçam e as noites brancas voltem, o acampamento é atingido pela febre tifoide. O barracão de acomodação mais próximo do hospital é evacuado para criar uma nova ala hospitalar. A ala de infectados.

Na limpeza do lavatório após um nascimento, Cilka se junta a Petre. Não o tinha visto naquela sala antes e imediatamente se prepara para receber a notícia que

suspeita não querer ouvir. Ele recosta-se à porta, olhando para ela.

— Apenas fale — pede ela abruptamente.

— Nós...

— Nós quem? — interrompe ela.

— Desculpe, eu e alguns dos outros médicos com quem você trabalhou, aqui e na ala geral.

— Continue!

— Sabemos que você passou algum tempo em outra prisão, em outro campo, e que talvez tenha sido exposta à febre tifoide.

Seus olhos estão voltados ao chão.

— O senhor quer que eu confirme ou negue? — pergunta ela, aterrorizada e exausta ao mesmo tempo.

— Já foi?

— Exposta à febre tifoide? Sim.

Auschwitz-Birkenau, inverno de 1943

Desde que a mãe morreu, Cilka passava menos tempo no complexo principal, com medo demais de ver as mulheres que estão começando a se transformar, as que logo serão enviadas para a morte. Que em breve aquelas por quem ela terá de se forçar a não sentir nada chegarão a ela. Mas sua mãe havia lhe dito para cuidar de Magda. E ela quer cuidar.

Mas sua irmã forte e gentil é tão vulnerável quanto o restante delas.

Também há o fato de as outras mulheres, que não são suas amigas, terem começado a evitar Cilka. Aquelas que ousam cuspir no chão quando ela passa a chamam dos piores nomes que conhecem. A morte apega-se a ela. E a SS também.

Certa tarde de domingo, ela se força a sair para ver como Magda está. Cilka e Gita estão sentadas ao lado do bloco de Gita e Magda, longe da porta. Ainda não tem coragem de entrar, pois Gita lhe disse que Magda estava deitada o dia todo, que está preocupada. Cilka observa Gita vasculhar a grama nova, procurando o misterioso trevo de quatro folhas. São moeda de troca aqui: com um trevo ela pode comprar comida extra ou impedir um espancamento.

Gita está falando baixinho sobre seu último momento furtivo com Lale. Ele caminhara ao lado dela quando saiu do prédio da administração, voltando lentamente ao bloco. Não haviam conversado, apenas trocado olhares fugidios que diziam mil palavras.

O silêncio é interrompido por gritos histéricos. Começa dentro do bloco e se intensifica quando uma garota corre para fora. Cilka e Gita erguem os olhos; as duas reconhecem a garota e se levantam, correndo na direção dela; está indo para a beira do campo das mulheres e à zona de perigo.

— Dana, Dana — gritam as duas.

Alcançando-a, cada uma delas agarra um braço de Dana quando ela cai, soluçando.

— Não, Cilka, não...

O coração de Cilka aperta-se.

— O quê, Dana? O que foi?

— O que está acontecendo? — pergunta Gita.

Dana lentamente levanta os olhos vermelhos para Cilka. Estão cheios de pesar.

— Estava tão fraca, era tifoide... Ela escondeu para que você não tivesse que... E então aconteceu tão rápido.

— Não, Dana, por favor, Magda não. — Cilka agarra o braço de Dana. — Por favor, por favor, minha irmã também não.

Dana meneia lentamente a cabeça.

— Sinto muito, Cilka.

Cilka sente uma onda intensa de dor passar pelo corpo e subir à cabeça. Ela se inclina e vomita, sente os braços ao redor dela, embaixo de seus braços, ajudando-a a se levantar. Gita chora baixinho ao lado dela.

— Cilka — diz Dana, com a voz embargada de lágrimas. — Ela me disse hoje de manhã o quanto te ama. Como você é corajosa. Como sabe que você vai sair daqui.

Cilka deixa Dana e Gita abraçarem-na, do jeito que ela as abraçou quando perderam suas famílias. É isso que compartilham – perdas inconcebíveis.

— Tenho que vê-la — diz Cilka.

Suas amigas entram no bloco com ela e a ajudam a sentar-se no beliche em frente ao corpo de Magda. Cilka quer chorar e gritar, mas o que sai parece mais um grito de fúria. E então, assim que o grito sai, ele volta para dentro dela. Seu choro para. Ela encara o nada, tremendo, mas se sentindo vazia. Fica assim por um longo

tempo, e suas amigas ficam com ela. Em seguida, ela se levanta e fecha os olhos da irmã, segura a mão das amigas e sai do bloco.

* * *

— Você pegou a doença? Teve sintomas?

— Não, não — diz Cilka com a mente entorpecida.

— Significa que provavelmente você tem imunidade a ela, o que significa que pode se expor e não sofrer os sintomas ou adoecer. Entendeu?

— Sim, entendi. Por que o senhor precisa saber?

Ele mexe-se, incomodado.

— Precisamos de enfermeiros para trabalhar na ala de infectados, que agora está repleta de casos de febre tifoide; precisamos de enfermeiras como você, que possam trabalhar lá e não serem infectadas.

— É só isso? — pergunta, com uma estranha mistura de medo e alívio.

Ele parece surpreso.

— O que achou que faríamos com você?

— Não sei... Injetar a doença em mim para ver como eu me saio?

Petre não consegue esconder o choque em seu rosto. Ele desvia o olhar, sem palavras.

— Eu vou — ela diz apressadamente. — Vou trabalhar na ala; fico ociosa aqui muitos dias. Se precisar de alguém para o meu lugar, por favor... há muitas mulheres capazes em meu barracão.

Ele assente, mas não está ouvindo de verdade.

— Acho que Yelena Georgiyevna estava certa sobre o lugar de onde você veio.

— Vim da Tchecoslováquia.

Ele suspira, sabendo que não é a resposta completa.

— Pensar que faríamos esse experimento em você ou em qualquer pessoa, do jeito que você acabou de dizer.

— Não importa — fala Cilka, em pânico. — Não quis dizer isso. Quando quer que eu comece?

— Pode ser amanhã. Vou avisá-los que você vai.

Cilka termina a limpeza antes de correr para o berçário ao lado. Natia está rolando no chão, tentando pegar uma boneca de pano perto dela. Seu rostinho ilumina-se quando ouve Cilka chamar seu nome. Cilka ergue-a no colo de uma vez e, abraçando-a com força, caminha pela sala, sussurrando palavras de amor, prometendo voltar o mais rápido que puder.

Ela espera, ao dizer essas palavras, que se tornem realidade.

* * *

Um macacão cirúrgico branco, máscara facial e luvas grossas de borracha são entregues a Cilka quando ela entra na ala de infectados. Enquanto o macacão está sendo amarrado na parte de trás, ela olha ao redor da ala, tentando processar a cena. Toda cama tem pelo menos um paciente, algumas,

dois; outros jazem no chão sem colchão, cobertos apenas por um lençol ou cobertor sujo. Ela tenta controlar a respiração.

A enfermeira que a ajuda com a vestimenta se apresenta como Sonya Donatova.

— Parece que vamos trabalhar bastante aqui — comenta Cilka. — Por favor, me diga o que quer que eu faça.

— Fico muito feliz por você estar aqui, Cilka. Venha comigo, estamos fazendo as rondas. Vou apresentá-la aos outros mais tarde.

— Não podemos trazer mais camas para cá? Nenhum paciente deveria ter que se deitar no chão.

— Movemos aqueles que não vão sobreviver para o chão; é mais fácil limpar o chão que um colchão. Você vai pegar o jeito. — Algo se contorce no intestino de Cilka. Corpos no chão, junto ao solo, sem esperança de viver mais um dia. Então, ela está de volta àquele lugar. Sua maldição.

Cilka observa como duas enfermeiras gentilmente levantam um paciente de uma cama e o colocam no chão. Ouve uma delas dizer:

— Ele está fazendo o registro de morte de hora em hora.

Depois que um cobertor é encaixado sob seu corpo frágil e trêmulo, uma anotação é feita em seu prontuário e deixada a seus pés. Cilka suspira com a sensação familiar de seu corpo começando a afastar-se dela, congelando.

Ela segue Sonya até uma cama onde uma mulher delirante grita e se debate. Sonya mergulha uma toalhinha em uma bacia próxima e tenta colocá-la no rosto da mulher.

Toma tapas na mão e no tronco pelos membros descontrolados.

— Me ajude a acalmá-la. Pegue uma das mãos e segure firme.

Cilka agarra um dos braços da mulher, forçando-o ao lado de seu corpo. Sonya segura o outro braço e, com a mão livre, tenta pousar a toalha molhada no rosto e na cabeça, conseguindo apenas parcialmente.

— Ela veio para cá ontem. É jovem e chegou ao estágio delirante rapidamente. Se conseguirmos acalmá-la e acabar com a febre, ela tem chance de sobreviver.

— Não poderíamos simplesmente trazer um pouco de neve ou gelo e colocar na pele dela?

— Poderíamos, essa é uma maneira de esfriar alguém rapidamente, mas talvez seja rápido demais e leve o sistema dela a um choque. Não, receio que tenhamos que fazer rápido, mas não de forma tão drástica.

— Desculpe, eu não sabia.

— Não, você deu uma boa sugestão, só não é correta. Ninguém espera que você saiba o que fazer assim que chega, a menos que tenha trabalhado aqui antes.

Ela não trabalhou ali, mas já tinha visto os estágios finais da febre tifoide o suficiente. E suas consequências.

— Vim da maternidade. Isso responde à sua pergunta?

Sonya ri.

— Sem dúvida você não deve saber nada sobre o tratamento da febre tifoide, assim como eu fingiria não ser

enfermeira se alguém chegasse até mim em trabalho de parto... É assustador, duas pessoas com que se preocupar.

A toalha fria começa a surtir efeito; a paciente está se acalmando, e os movimentos maníacos associados à febre diminuem. Foi assim com Magda em suas últimas horas? Ela imagina agora se Gita a estava distraindo com os trevos de quatro folhas, poupando-a dessas imagens horríveis.

— Acho que você vai ficar bem com ela sozinha. Apenas continue molhando a toalha e passando-a sobre o rosto e a cabeça, os braços e as pernas; estará limpando o suor, e isso vai ajudar a esfriá-la. Vou verificar outro. Chame se quiser ajuda.

Quando Sonya sai, Cilka lava a toalha na bacia, observando que a água está realmente muito fria, com pequenos pedaços de gelo visíveis. Assume a limpeza da mulher, conversando com ela em um tom suave. Essa voz parece ser algo que Cilka usa naturalmente, não importa o que esteja sentindo – ou não sentindo – quando está cuidando de um paciente. É uma voz baixa, um murmúrio, que conta uma história além do momento da dor. Talvez tenha o mesmo efeito nela.

Depois de um tempo, a pele da mulher passa de encharcada de suor para arrepiada; seu tremor muda, mostrando que agora está com frio, enquanto o corpo tenta se enrodilhar. Instintivamente, Cilka pega o cobertor no chão e a envolve. Ela procura por Sonya.

— Sonya Donatova, agora ela está tremendo de frio. Eu a enrolei em um cobertor. O que devo fazer agora?

— Deixe-a onde está e encontre outro paciente que precise de resfriamento.

— Onde acho mais toalhas?

— Tem algum problema com aquela que você estava usando?

— Não, é só que... bem, eu usei na mulher.

— Não temos o luxo de toalhas novas para cada paciente, Cilka — explica Sonya com um olhar de desculpas. — Leve a toalha que você tem e a bacia de água para o próximo paciente. Se precisar de mais água, pegue-a na pia no fundo da sala.

Quando seu dia termina, Cilka viu seis pacientes morrerem, e quatorze novos serem trazidos. Em duas ocasiões, médicos com máscaras e bem paramentados entraram na enfermaria, fizeram rondas e conversaram com as enfermeiras responsáveis. Fica claro para Cilka que essa ala é administrada apenas por enfermeiros. Os doutores não se envolvem com cuidados médicos. Vêm para coletar estatísticas de quantos entram e quantos saem vivos ou para o necrotério.

Toda noite, Cilka volta exausta ao barracão. Ela passa os dias esfriando e aquecendo pacientes febris, movendo homens e mulheres da cama para o chão quando se considera que não sobreviverão, ajudando a transportar pacientes falecidos para fora, onde são deixados para serem

coletados por outros, que nem são vistos. Ela tem contusões causadas acidentalmente por pacientes delirantes de quem tenta cuidar.

Ela aprende tudo que há para saber sobre a doença: como reconhecer os diferentes estágios e quando diagnosticar o sangramento interno mais grave e o desconforto respiratório que provavelmente levarão à morte. Ninguém consegue explicar por que alguns pacientes apresentam erupções vermelhas desagradáveis sobre o corpo, enquanto outros não, ou por que esse sintoma não é necessariamente um indicador de um final ruim.

Com o primeiro florescer da primavera e o derretimento de parte da neve, o número de novos pacientes que se apresentam na enfermaria todos os dias começa a diminuir. Cilka e as outras enfermeiras começam a gostar de cuidar de apenas alguns pacientes cada uma, dando-lhes a atenção que gostariam de ter tido com todos os que foram antes.

Um dia, Yelena aparece na enfermaria. Cilka está muito feliz em ver o rosto familiar da médica.

— Como vai? — pergunta Yelena calorosamente, mechas de cabelo loiro escapando de suas tranças e emoldurando o rosto como uma auréola.

— Cansada, muito cansada e muito feliz em vê-la.

— Você e as outras enfermeiras fizeram um trabalho incrível. Você salvou muitas vidas e consolou outras pessoas nos momentos finais.

Cilka tenta absorver aquilo. Ainda sente que deveria estar correndo, fazendo mais.

— Eu... Nós fizemos o que podíamos. Mais remédios teriam sido úteis.

— Sim, eu sei, nunca há remédio suficiente aqui. Temos que tomar decisões difíceis várias vezes sobre quem os recebe e quem não.

— Entendi — diz Cilka, aquela onda de culpa voltando pelos remédios que ela havia roubado.

— Então, minha menina, a questão é: o que você quer fazer agora?

— Quer dizer que tenho escolha?

— Sim, tem. Petre a levará de volta à maternidade amanhã. No entanto, sua amiga Olga também está gostando do trabalho. — Cilka entende que o que Yelena está dizendo é que seu retorno pode afastar Olga de sua posição muito melhor agora e mandá-la de volta ao campo. — E eu estava pensando se você gostaria de voltar a trabalhar na ala geral comigo.

— Mas...

— Gleb Vitalyevich foi embora. Foi transferido faz algumas semanas. Os administradores finalmente analisaram suas taxas de mortalidade e decidiram que, no interesse da produtividade, seria melhor que ele fosse para outro lugar. — Ela sorri.

— Para onde? — pergunta Cilka.

— Não sei e não me importo. Estou feliz por ele não estar mais aqui. Então, significa que você pode voltar à minha ala. Se quiser, claro.

— Gosto de trabalhar com Petre Davitovich e ajudar os bebês que vêm ao mundo.

Yelena meneia a cabeça, pensando que aquela é a resposta de Cilka.

— No entanto, gostaria de voltar a trabalhar com você e os outros médicos, onde posso fazer mais diferença, se estiver tudo bem.

Yelena abraça-a. Cilka reage com rigidez, movendo a mão para segurar as costas de Yelena, depois se afasta.

— Claro que está tudo bem — diz Yelena. — É o que eu quero, pois você faz a diferença. Petre Davitovich vai ficar muito zangado comigo por roubá-la.

— Ele é um bom médico. Você pode dizer a ele o quanto eu sou grata ao que ele fez por mim, ao que ele me ensinou?

— Posso, sim. Agora, volte ao seu barracão, e só quero vê-la daqui a dois dias — ordena ela, pegando caneta e papel do bolso para escrever um bilhete. — Descanse um pouco. Deve estar exausta por tudo que fez aqui nos últimos meses.

— Estou. Obrigada.

Cilka olha a luz do dia lá fora, pensando no próximo verão.

— Yelena Georgiyevna?

— Sim?

— A senhora soube que Josie teve uma bebê?

— Sim, eu soube e ouvi dizer que mamãe e bebê estão se saindo bem.

— Eu adoraria ver a pequena Natia. É seguro visitá-la, considerando o local onde estive trabalhando?

— Eu não chegaria perto dela por mais duas semanas, que é o período de incubação da febre tifoide... Talvez até três semanas, para garantir.

— Posso esperar mais três semanas, mas nem um dia a mais.

16

— É como se você nunca tivesse ido embora. Bem-vinda de volta — Raisa cumprimenta Cilka em seu retorno à ala geral.

— Já era hora de você aparecer — grita Lyuba do outro lado da ala. — Tire o casaco e ajude-nos.

— Vocês duas não fizeram nada para limpar este lugar desde que eu saí? Juro que faz mais de um ano que aquela toalha suja está ali — Cilka ralha com elas.

— Faz tanto tempo? — pergunta Raisa.

— Tempo demais — responde Cilka.

Gritos do paciente de quem Lyuba está cuidando desviam a atenção.

— Está tudo bem? — quer saber Cilka.

— Venha, temos muito o que fazer — diz Raisa. — Ontem houve uma explosão em um dos túneis da mina, muitos homens morreram e temos vários que estão gravemente feridos. Alguns foram submetidos a cirurgia, e temos dois que tiveram que amputar membros.

— Só me diga aonde quer que eu vá.

— Ajude Lyuba. Aquele pobre sujeito estava muito queimado, e ela está tentando trocar os curativos dele. Nós ministramos um analgésico, mas quase não está fazendo efeito nele.

Cilka junta-se a Lyuba, forçando um sorriso para o homem deitado na cama, os braços e a parte superior do corpo envoltos em ataduras, o rosto vermelho por causa das queimaduras, chorando sem lágrimas.

— Me diga o que fazer — pede ela a Lyuba.

— Cilka, este é Jakub. Precisamos trocar as ataduras dos braços dele, não é, Jakub? Não queremos que você tenha uma infecção.

— Olá, Jakub, é um nome polonês, não é?

Jakub assente, apesar da dor que o movimento obviamente causa.

— Lyuba, tudo bem se eu falar com Jakub em polonês?

Ela concorda com a cabeça.

— Talvez você possa trocar o curativo do outro braço enquanto vocês se lembram dos velhos tempos.

— Sou da Tchecoslováquia, vizinha de vocês, mas tenho... familiaridade com a Polônia. Estava prestes a perguntar o que você está fazendo aqui, mas vamos deixar essa conversa para outra hora.

Cilka desenrola suavemente a atadura que cobre o braço esquerdo de Jakub, conversando como se ele fosse um amigo que ela não via há muito tempo. Com a atadura removida,

ela vê o ferimento. Lyuba entrega a ela uma bandagem nova embebida em uma solução que a deixa viscosa.

Cilka pergunta a Lyuba:

— Como o braço dele queimou mais que a mão? Não faz sentido.

— As roupas de Jakub pegaram fogo, e as queimaduras que ele teve através das roupas são mais graves porque continuaram queimando por mais tempo... até que as roupas pudessem ser removidas.

— Sei. Bem, Jakub, posso lhe dar um conselho? Vá trabalhar nu no futuro.

Cilka percebe que seu comentário é de muito mau gosto e começa a se desculpar. Mas sente Jakub apertar sua mão e olha para ele; ele está tentando sorrir, rir, pois gostou da piada dela.

Lyuba observa os dois.

— Vai ter que perdoá-la, Jakub. Cilka esteve longe de nós, fazendo partos. Está acostumada a ver seus pacientes nus. De fato, se não estivesse tão frio, tenho certeza de que ela andaria nua por aqui também.

— Lyuba! — Cilka exclama, indignada.

Lyuba ri com vontade.

— Terminei seu curativo, Jakub, então vou deixar vocês dois aqui. Chame se precisar de alguma coisa, Cilka.

— Você ajudou muito aqui, Lyuba, acho que Jakub e eu podemos seguir a partir daqui, não podemos, Jakub?

Cilka termina rapidamente de repassar a atadura no outro braço de Jakub, dizendo que voltará para vê-lo em breve. Ela se junta a Raisa e volta rapidamente ao ritmo de cuidar dos pacientes que Raisa aloca para ela. *Parece normal*, pensa. E ela sabe como é o contrário – quando um papel em que se é forçado a atuar parece antinatural, como se a própria alma tivesse sido distorcida.

Durante um intervalo, Raisa, Lyuba e Cilka bebem chá quente e fraco, comem pão e uma coisa que era para ser salsicha. Yelena junta-se a elas, recusando a oferta de chá. Sabe-se muito bem que os médicos tomam chá de excelente qualidade em sua área de descanso.

— Como está nossa menina? — pergunta ela a Raisa e Lyuba.

— É como se ela nunca tivesse saído! Obrigada por convencê-la a voltar para nós — responde Raisa.

— Ela não me convenceu a nada — diz Cilka. — É bom estar de volta e ajudando, mesmo que eu tenha que ouvir você dizer aos pacientes que eu deveria estar andando nua.

— Quem disse isso de você?

— Foi só uma piada — diz Cilka rapidamente. — Estávamos distraindo um paciente com queimaduras desagradáveis enquanto trocávamos as ataduras.

— Contanto que seja eficaz. — Yelena sorri.

— Tem mais alguma coisa que eu possa fazer para ajudar? — pergunta Cilka.

— Na verdade, Cilka, eu estava pensando se você gostaria de me ajudar na cirurgia de amanhã. É a única área em que você não trabalhou. Vou fazer alguns procedimentos relativamente simples e achei que poderia ser uma extensão de seu treinamento.

— É uma ideia ótima — diz Lyuba. — Acho que ela está pronta. O que você diz, Cilka?

— Nem sei o que dizer. Obrigada. O que tenho que fazer?

— Venha trabalhar amanhã como sempre. Encontro você, e nós a levamos até lá.

Cilka observa Yelena afastar-se. Tem admiração por sua capacidade como médica brilhante e por sua vontade de compartilhar conhecimento, principalmente com alguém que não recebeu treinamento formal.

— É incrível que ela tenha se oferecido para estar aqui — diz ela aos outros.

— Sim, em geral, a maioria dos médicos enviados para cá, fez alguma bobagem no hospital de onde veio ou defendeu alguém errado em sua cidade natal. Ou, como nós, esta é sua primeira tarefa quando saem da faculdade de Medicina. Yelena Georgiyevna quer realmente trabalhar onde pode dar seu melhor — diz Raisa.

— Achei grosseiro perguntar, mas ela está com a família dela?

— Não, ela mora com outras médicas em seus aposentos, embora eu tenha ouvido um boato de que está amiguinha de

um dos médicos. Foram vistos juntos na cidade à noite — sussurra Lyuba.

A cidade de Vorkuta, fora do campo, foi construída inteiramente por prisioneiros.

— Sério... — *Amor, de novo*, pensa Cilka, mesmo em um lugar como este. — Nós sabemos quem? Qual médico é?

— O médico da maternidade, é tudo que sei.

— Petre... Ela e Petre Davitovich?

— Você o conhece? — pergunta Raisa.

— É claro que sim — acrescenta Lyuba. — É onde ela estava trabalhando. Você os viu juntos?

— Não. Bem, apenas uma vez, quando ela me levou para encontrá-lo no meu primeiro dia, mas isso explica por que ele estava disposto a me aceitar quando fui demitida daqui. Isso é maravilhoso. — Cilka fica encantada. — Porque ele é como ela, um médico muito bom e um homem gentil.

— Ele é bonito? — Lyuba levanta as sobrancelhas.

Cilka pensa por um momento.

Ele é bonito, com um bigode grosso e olhos que sorriem.

— Sim, eles foram feitos um para o outro.

No entanto, ela não consegue deixar de pensar que ele não é o homem mais bonito que já viu em Vorkuta. Agora que está de volta ao hospital, ela imagina se verá o mensageiro Alexandr novamente.

— Acho melhor voltarmos ao trabalho — diz Raisa. — Consigo sentir a temperatura subindo ao redor de vocês duas.

Sim, é de trabalho que Cilka precisa. Ela não se permitirá pensar demais no impossível.

* * *

A perspectiva de estar na sala de operações faz com que o cérebro de Cilka não descanse. Naquela noite, ela não consegue dormir. Pensamentos giram em sua cabeça enquanto ela repete tudo que viu e fez naquele dia.

Na manhã seguinte, o céu está nublado, mas Cilka aproveita para caminhar pela grama, com as flores pequeninas sob os pés, em seu caminho ao hospital. Yelena está esperando por ela, e juntas vão à área designada para cirurgia. Uma assistente está esperando com um macacão, luvas e uma máscara. Cilka estende a mão para pegar o macacão.

— Primeiro, você precisa lavar bem as mãos — diz Yelena, levando-a a uma pia próxima. — Está vestindo alguma coisa por baixo da camisa?

— Apenas minha combinação.

— Ótimo, tire a camisa. Não pode ter uma manga atrapalhando.

Cilka hesita.

— Está tudo bem, Cilka, somos só mulheres aqui.

Lentamente, Cilka desabotoa a blusa. A assistente pega sua camisa, entregando-lhe uma barra de sabão e abrindo a torneira para ela. Cilka começa a esfregar o sabão nos braços. A assistente vai arrumar a sala. Yelena fica ao lado

dela, ensaboando e esfregando as próprias mãos e braços até acima dos cotovelos. Cilka imita suas ações.

Concentrada na água corrente, enxaguando o sabão de braços e mãos, Cilka se assusta quando Yelena gentilmente segura seu braço esquerdo. Vira-se para ela, encarando os números azul-esverdeados e borrados tatuados no antebraço.

Yelena faz que vai dizer alguma coisa, mas fecha a boca.

Cilka continua olhando para a água corrente, respirando profundamente.

Erguendo a cabeça, ela olha diretamente para Yelena.

— A senhora sabe onde consegui isso?

— Sei. Eu suspeitava que você tivesse estado lá, mas eu... realmente não quis acreditar.

Cilka sente calor e frio ao mesmo tempo.

— Você devia ser tão jovem — diz Yelena. Ela solta o braço de Cilka.

— Estava com dezesseis.

— Posso perguntar... sobre sua família?

Cilka balança a cabeça, desviando o olhar e tentando fechar a torneira. Deseja que aquela conversa termine.

— Ah, Cilka — diz Yelena. Cilka olha para o rosto compassivo da médica. *Claro*, ela pensa. Todo mundo já deveria saber como era o *outro lugar*. Mas não o que ela fazia lá.

— Doutora, me diga uma coisa — Cilka pede com firmeza. Não consegue olhar para Yelena.

— Sim?

— Eles os pegaram?

Yelena faz uma pausa, em seguida compreende a pergunta.

— Pegaram, Cilka. Os comandantes, os guardas, os médicos. Houve julgamentos. Seus crimes estão sendo expostos ao mundo. Estão sendo presos ou executados pelo que fizeram.

Cilka assente com a cabeça. Seus dentes estão cerrados. Tem vontade de gritar ou chorar. Muita coisa brota dentro dela. Ainda não é suficiente. Demorou tempo demais.

— Não sei o que dizer, Cilka, exceto que sinto muito que você tenha passado por isso, algo inimaginável, e depois tenha vindo para cá. Seja qual for o motivo disso.... — Yelena hesita. — Bem, você só tinha dezesseis anos.

Cilka meneia a cabeça. Seus olhos estão quentes com lágrimas não derramadas. Ela engole em seco várias vezes. Pigarreia. Respira fundo. Quer que seu coração desacelere. Olha para Yelena.

— O paciente está nos esperando — diz ela.

— Sim — confirma Yelena. Enquanto secam as mãos e começam a caminhar em direção à sala de operações, onde a assistente espera com luvas e macacões, Yelena diz: — Cilka, se quiser alguém para conversar...

— Obrigada — Cilka a interrompe. Não consegue imaginar um momento em que pudesse transformar aquelas

lembranças, aquelas imagens em palavras. Pigarreia novamente. — Agradeço mesmo, Yelena Georgiyevna.

Yelena faz que sim com a cabeça.

— Saiba que estou aqui.

Quando se aproximam da sala de operações, a conversa recua na mente de Cilka. Ela tem uma tarefa importante a fazer, e isso a distrairá. Quando o macacão e as luvas são colocados, a assistente encaixa a máscara de Cilka embaixo do queixo e, em seguida, abre a porta que leva a uma pequena sala.

Um paciente está deitado sobre uma mesa, e uma anestesista está sentada na ponta da cama, segurando uma máscara de borracha sobre o nariz e a boca do paciente.

— Ele está apagado — comenta, com pouco interesse ou entusiasmo, antes de olhar para um ponto na parede ao fundo.

Cilka segue Yelena e fica ao lado dela.

— Vá para o outro lado: você vai conseguir ver e me ajudar melhor de lá.

Cilka segue a instrução, estendendo as mãos diante do corpo com medo de tocar em qualquer coisa.

— Então, vamos lá. Você está vendo todos os instrumentos em cima da mesa ao seu lado? Bem, vou dizer o nome do instrumento que quero e apontá-lo para que você saiba qual é. Logo você pega o jeito.

A assistente seguiu-as até a sala e puxou o lençol que cobria o homem, revelando seu corpo nu.

— Preciso abrir o estômago dele e remover o que ele engoliu e que não deveria. Infelizmente, algumas pessoas se esforçam ao máximo para não sair para o trabalho, inclusive engolindo objetos que podem matá-las.

— A senhora está de brincadeira — diz Cilka.

— Não, não estou. Vir para o hospital e ter a barriga aberta é visto como uma opção melhor do que trabalhar, ao menos por um tempo.

— Como a senhora tem certeza de que ele engoliu alguma coisa?

— A dor que ele sentia quando foi trazido até nós era real; como não conseguimos descobrir o que havia de errado, ele finalmente admitiu ter engolido alguma coisa.

— Ele disse o quê?

— Essa é a parte engraçada... Ele não falou, disse para caçarmos e descobrirmos. — Yelena abre um sorriso irônico.

É um mundo diferente aqui, pensa Cilka. Ainda é uma prisão, como esse tipo de ação desesperada indica, mas naquele *outro lugar* ninguém gostava de chamar atenção para si mesmo. Em uma seleção, ninguém queria atrair a atenção dos médicos. Ninguém gostaria de ter nada a ver com eles.

— Cilka, preciso que você me passe um bisturi. — Yelena aponta na bandeja. Cilka pega-o e o pousa na mão estendida.

— Bata com ele em minha mão para que eu sinta. Essas luvas são tão grossas que não saberei se estou segurando o instrumento, a menos que você me bata com ele. Só garanta

que a lâmina esteja apontada para você e que o cabo esteja na minha mão.

Cilka observa fascinada enquanto Yelena corta rápida e habilmente o abdômen do paciente e sangue escorre suavemente do corte.

— Pegue um pouco de gaze... aqueles chumaços que parecem quadrados grossos de ataduras... e limpe o sangue; logo vai parar de escorrer.

Cilka entende rapidamente o que fazer, limpando o sangue para que Yelena possa ver o que está fazendo.

Os instrumentos são entregues, explicações são dadas por Yelena, perguntas são feitas por Cilka, até que Yelena tira a mão do abdômen do homem, erguendo uma colher de metal.

— Gostaria de saber se o dono sente falta dela — diz com humor. — Vamos ver se causou algum estrago no estômago.

Ela fuça ali dentro. Cilka inclina-se para observar mais de perto, e as duas mulheres batem com a cabeça.

— Desculpe, eu não deveria...

— Tudo bem, fico feliz que você queira olhar mais de perto; é assim que se aprende. — Yelena fica em silêncio por um momento, pensando na cavidade aberta. — Bem, parece não haver nenhum dano, então, agora vamos costurá-lo.

* * *

Quando o paciente é retirado da sala, Cilka segue Yelena de volta ao banheiro. A assistente está esperando por elas.

Desata os macacões, tira as máscaras e as luvas e entrega a camisa a Cilka, que imagina se ela também é prisioneira.

— Como sempre, você aprendeu rápido. Ficaria feliz em ter você me ajudando em outros momentos. Na verdade, acho que deveríamos repetir isso para que você fique totalmente à vontade com o que está fazendo. O que me diz?

Cilka hesita por um momento, desconfiada. Espera que Yelena não esteja fazendo isso apenas por causa do que sabe; porque tem pena dela.

Mas é um trabalho gratificante e desafiador. E Cilka acha que pode fazê-lo.

— Sim, por favor.

— Volte e conte as novidades a Raisa e Lyuba. Tenho certeza de que vão precisar de uma ajuda extra durante a tarde.

— Obrigada — diz Cilka. Ela sente que está borbulhando novamente. Não há vazio vindo para assumir tudo – para cobrir a sensação –, e ela sai correndo da sala.

Para por um momento no corredor para se recompor e depois caminha até a enfermaria.

Um coro de "e então, como você se saiu?" a recebe.

— Bem, muito bem. — Ela olha para aqueles rostos francos. De repente, imagina se elas também sabem. — O que querem que eu faça aqui? — pergunta ela rapidamente. — Ainda tenho meio dia de trabalho.

— Pode verificar os prontuários e pegar os remédios que precisam ser distribuídos? — pergunta Raisa.

Cilka mergulha no trabalho, aliviada por afastar todos os pensamentos.

17

Cilka anotou o nome de cinco pacientes e os medicamentos de que necessitam. Caminha até a farmácia. Quando se aproxima, ouve vozes lá dentro, uma delas exaltada. Com cautela, ela abre a porta. Yury Petrovich, o gentil médico de quem Cilka se lembra do tempo anterior em que trabalhava no hospital, está parado no meio da sala com uma faca junto à garganta. Na outra ponta da faca está um homem que parece capaz de lutar com um urso e vencê-lo. O grandalhão vira-se para encarar Cilka.

— O que você quer, porra? — ele grita com ela.

Ela não consegue falar.

— Entre e feche a porta.

Cilka obedece, encostando as costas na porta fechada, ficando o mais longe possível do homem.

— Venha aqui e fique ao lado do médico. Faça isso agora ou eu mato ele.

Cilka chega em três passos ao lado do médico, que olha para ela suplicante.

— O que você quer? — pergunta ela com uma audácia que não sente.

— Cale a boca, você. Escolheu a hora errada para entrar aqui. Agora vou ter que lidar com você também.

Cilka encara-o com raiva. Sabe o suficiente sobre homens violentos para ser capaz de julgar o desespero daquele ali. Suas ameaças são um meio para um fim.

— O que você quer?

— Eu disse para calar a boca. Quem fala aqui sou eu.

— Só faça o que ele diz — choraminga o médico.

— É um bom conselho — diz o grandalhão. — Todos podemos sair daqui felizes se você ouvir o bom médico e fizer o que eu mandar.

Enquanto ele empurra a faca sob o queixo do médico, um filete de sangue escorre, e o homem abre um sorriso desdentado.

— Agora, me dê a porra dos remédios, os que recebi da última vez.

Cilka fica incrédula. Olha do homem para o médico.

— Tudo bem, tudo bem, mas você precisa abaixar a faca — diz Yury Petrovich.

O homem olha do médico para Cilka. Num instante, a faca passa para a garganta dela.

— Caso você tenha pensado em fugir. — Ele solta uma risadinha.

O médico pega vários frascos de comprimidos nas prateleiras. Com a mão que não está no pescoço de Cilka, o

homem abre um bolso grande costurado no casaco, e o médico os enfia lá.

— Continue colocando, tenho outro bolso deste lado.

O médico coloca mais drogas no outro bolso.

— Acabou, se eu lhe der mais, não vai ser suficiente para os pacientes.

— Eu não ligo para os pacientes! Quando chega a próxima entrega?

— Não sei.

— Resposta errada. — O homem pressiona a faca contra a garganta de Cilka. Ela arfa.

— Não a machuque! Em duas semanas, só daqui a duas semanas.

— Bem, vejo você em duas semanas, então.

Ele solta Cilka, mantendo a faca erguida. Ele a olha de cima a baixo.

— E talvez eu veja você também; você não é ruim.

— Saia daqui antes que alguém venha me procurar — diz Cilka com bravura.

— É, você tem razão. — O grandalhão aponta a faca para o médico. — Ele conhece o esquema... Não saia daqui até saber que eu já saí do prédio.

Cilka e o médico observam o grandalhão caminhar calmamente até a porta, enfiando a faca dentro do casaco, abrindo-a e a fechando atrás dele, em silêncio.

Cilka vira-se para o médico.

— Quem é ele? Precisamos chamar os guardas, chamar alguém e detê-lo.

Ela quer dizer: "Como você pôde entregar os remédios para ele?". Mas como pode perguntar uma coisa dessas quando ela mesma leva alguns remédios de vez em quando para se proteger?

— Calma, Cilka.

Cilka espera enquanto ele se recupera, parecendo se acalmar antes de continuar a falar.

— Ele é um criminoso entre os homens de confiança. É uma pessoa poderosa no campo, com amigos muito fortes. Eles me encurralaram há alguns meses quando eu estava saindo uma noite e ameaçaram me matar se eu não lhes desse remédios regularmente.

Talvez seja assim que Hannah está conseguindo os remédios agora. Por meio dessa rede.

— Por que não...

— Por que não falei com alguém? Com quem? Quem você acha que está administrando este lugar? Não são os guardas, Cilka, eles estão em menor número. Você deveria saber disso. São os homens de confiança, e, enquanto o trabalho for feito aqui, as brigas e os assassinatos forem mantidos em uma taxa mínima, ninguém os desafiará.

Cilka sente-se uma idiota por estar ali há tanto tempo e não ter percebido a extensão do envolvimento dos homens de confiança na administração do campo. Mas acredita que deparar com tal conhecimento é, em partes, uma sorte em

um lugar como aquele – depende de onde você está e do que pode ouvir, descobrir. É melhor não estar tão perto do poder, não saber muito.

Ela ainda está incrédula quanto ao que isso significa para os pacientes – essa quantidade de remédios faltando.

— Não acredito que possam entrar aqui e exigir que você entregue o que quiserem.

— Temo que sim — suspira ele, recostando-se em uma bancada enquanto a cor lentamente retorna ao seu rosto. — Eles fizeram isso com meu antecessor, e eu sou o próximo que eles vão ameaçar e intimidar. E vão me matar, não tenho dúvida disso.

— Então, eu vou...

— Não, você não vai. Não vai dizer nada, está me ouvindo? Nenhuma palavra. Ou será a última coisa que você vai falar. Eles sabem que eu não direi nada e, se algo acontecer com aquele desgraçado que estava aqui, saberão que foi você quem falou, e vão ficar esperando você.

Cilka não vai dizer nada por ora, mas precisa pensar sobre a situação.

— Prometa que não vai dizer nada...

— Aí está você. — Raisa aparece na porta. — Fiquei me perguntando por que você estava demorando tanto. — Ela olha para o médico de rosto pálido. — Estou interrompendo alguma coisa?

— Não, não — Cilka e o médico respondem em coro.

— Desculpe, Raisa, não deveria ter segurado Cilka aqui. Ela estava apenas me ajudando.

— Você precisa levar alguns remédios para os pacientes imediatamente, Cilka. Eles estão pedindo.

Cilka olha para o pedaço de papel amassado na mão; tinha esquecido que o estava segurando. Abrindo-o, ela tenta ler o que precisa. Rapidamente localiza os medicamentos e sai da sala às pressas, deixando Raisa olhando para o médico, incrédula.

Enquanto Cilka está entregando medicamentos a uma paciente, Raisa se aproxima dela, sussurrando:

— Você está bem? Ele estava tentando algo com você?

— O quê? Não, não, nada disso. Estou bem.

— Tudo bem, mas você vai me dizer se houver algo que eu precise saber?

— Não se preocupe, eu digo.

Quando Raisa se afasta, Cilka a chama, perguntando:

— Raisa, você viu um homem grande e feio saindo da enfermaria há mais ou menos cinco minutos?

— Só o que vejo aqui são homens grandes e feios saindo o dia todo, todos os dias. Alguém em particular?

— Não, na verdade, não. Obrigada pela preocupação.

No final do seu turno, Cilka sai e olha para o céu. Claro, azul, o sol brilhando intensamente. As noites brancas voltaram.

— Você — alguém diz bruscamente atrás dela.

Cilka vira-se. Seis ou sete homens grandes estão atrás dela. Dão um passo para mais perto ao mesmo tempo.

— Tenha uma noite segura — diz um deles.

— Vou ter — retruca ela, desafiadora.

— Vejo você amanhã, na mesma hora — afirma ele.

Por trás da gangue, o brutamontes grande e feio que segurava a faca em sua garganta apenas algumas horas antes se aproxima. Do bolso, puxa a faca e a joga de uma mão para outra.

Cilka afasta-se lentamente, sem olhar para trás.

18

— Você prometeu, Cilka, por favor, dê um jeito — implora Elena em uma noite de domingo enquanto andam pelo acampamento, aproveitando a oportunidade para apreciar a deslumbrante exibição da luz do sol aparecendo entre as nuvens.

— Eu sei — diz Cilka. Ela quer muito ver Josie, mas não descobriu o que fazer com os olhos dos homens de confiança sobre ela. Talvez ameacem qualquer um que virem perto dela. No entanto, ela já verificou que eles só aparecem quando ela termina o trabalho. Nunca os viu depois de voltar para o Barracão 29. — Vou ao berçário amanhã e mando uma mensagem para Josie de que está na hora de vocês conhecerem Natia.

Embora Olga esteja trabalhando na maternidade, ela ainda não encontrou Josie – só viu a pequena Natia ao entregar uma mãe e um bebê ao berçário. Josie deve terminar o trabalho depois dela no prédio da administração.

— Desculpe encher você com isso — diz Elena —, faz semanas que você parece preocupada com alguma coisa e, bem, eu e as outras estamos preocupadas com você... e talvez ver Josie e Natia ajude.

Cilka estava indo direto para a cama depois das tarefas noturnas, sem falar muito com as outras, sem querer pôr ninguém em perigo. Não são apenas os homens de confiança que a preocupam. É também a ideia de que alguns deles já devem saber, como os médicos, o que aconteceu naquele *outro lugar*. E eles sabem que ela é judia e que nunca fala sobre sua prisão. A preocupação trouxe as imagens de volta à tona. Deixou-a vazia e sem reação.

— Vocês têm falado de mim?

— Falamos de todas nós, pelas costas, é claro. — Elena sorri. — Tem alguma coisa incomodando você. Não precisa nos dizer se não quiser, mas podemos ajudar. Nunca se sabe.

— É muito gentil da sua parte, Elena, mas está tudo bem. — Ela tenta manter a voz firme. — Prometo que vou mandar uma mensagem para Josie amanhã. Também quero ver as duas.

Várias das outras mulheres do Barracão 29 se juntam a elas, e Elena diz animadamente que Josie e Natia vão visitá-las no próximo domingo. Cilka precisa corrigi-la. Ela vai mandar a mensagem para Josie, mas não sabe quando vão vê-las. Está claro que Josie não está passeando aos domingos de noite branca, se por opção – para estar confortável ou defender a si mesma e a filha contra Vadim,

contra estranhos – ou porque está vivendo sob um conjunto específico de regras, Cilka não tem certeza. Mas, por ora, ouvir que há uma possibilidade de visita de Josie e Natia é suficiente para as mulheres.

Anastasia caminha ao lado de Cilka.

— Me conte mais sobre Josie. Por que ela é tão especial?

O sol perfura as nuvens, lançando sombras sobre as feições jovens de Anastasia.

— Ninguém disse que ela era especial.

— Olhe para elas, veja como ficam felizes ao ouvir o nome dela.

Cilka considera.

— Nós passamos por muitas coisas juntas quando chegamos aqui. Josie era a mais nova de nós, e acho que todas viramos um pouco mães dela. Então, ela engravidou. Foi difícil para ela, e todas nós a ajudamos a passar pela gravidez. É isso. Agora dá para entender por que elas querem vê-la novamente com sua bebê... Para elas, parte da bebê é nossa também. Fizeram roupas para ela, e algumas deixaram seus filhos para trás, por isso estão desesperadas para segurar a pequena Natia.

— Entendi. — Ela assente com a cabeça. — Estou ansiosa para conhecê-la.

Caminham em silêncio por um tempo.

— O homem que visita sua cama algumas noites... você o ama? — pergunta Anastasia.

Cilka fica surpresa com a pergunta.

— O quê?

— Você o ama?

— Que pergunta é essa? Você ama os homens que abusam de você?

— É diferente.

— Diferente como?

— Eu ouço o cara falando com você. Ele está apaixonado por você. Só imaginei se você também o amava. Não ouço você dizendo as mesmas coisas para ele.

Cilka puxa Anastasia para perto de si.

— Não me pergunte isso de novo — diz ela com firmeza. — Minha vida não é de sua conta. Você é jovem e ainda tem muito que aprender sobre este lugar e sua posição aqui. Entendeu?

Anastasia parece chocada.

— Não precisa ficar com raiva de mim. Só fiz uma pergunta.

— Não estou com raiva — diz Cilka, embora saiba que está agindo como no passado. Um tanto de indignação vem à tona, irrompendo a superfície vazia. — Preciso que você saiba seus limites no que me diz respeito. Farei tudo que puder para ajudá-la, mas você não pode se meter na minha vida.

— Desculpe, está bem? Desculpe se eu disse alguma coisa errada. — Anastasia afasta-se dela. — Só pensei que, se você o amasse também, seria bem legal.

As perguntas de Anastasia abalam Cilka. Ela sabe que o sentimento de Boris por ela é diferente do dela por ele. Nunca considerou o arranjo deles como algo além de lhe proporcionar conforto e seu corpo. Uma transação. Amor! Ela gosta das mulheres de seu barracão e de Yelena, Raisa e Lyuba. Importa-se com elas, faria qualquer coisa por elas. Quando tenta conectar essas emoções a Boris, definitivamente não consegue. Se ele desaparecesse amanhã, ela sentiria sua falta? Não, responde a si mesma. Se ele lhe pedisse para fazer algo que pudesse causar problemas? A resposta é a mesma. O que ele oferece para ela é a proteção contra um estupro coletivo. Ela sabe o que é ser propriedade de homens poderosos e a proteção que isso pode proporcionar, embora também nunca tenha tido escolha. Não, não consegue pensar em amor.

— Ei, você, enfermeira.

Cilka olha para a direita, de onde a voz veio, sem estar certa de que é para ela.

— Está gostando do passeio?

Cilka congela. Instintivamente, sua mão empurra Anastasia para longe, sem querer que ela corra qualquer perigo que agora sente ser iminente. O capanga que a havia ameaçado com uma faca na garganta está a apenas alguns metros de distância, cercado por suas sombras, todas sorrindo, algumas zombando das duas garotas. O bandido tira a faca do bolso, acenando para Cilka.

— Vou voltar para o barracão — dispara ela para Anastasia. — Vá, busque as outras e me encontre lá.

— Mas...

— Vá, Anastasia, não faça perguntas.

Anastasia afasta-se devagar em direção às outras mulheres. O barracão é área de influência de Boris e dos homens de confiança que protegem "suas" mulheres, então Cilka acredita que elas estarão seguras lá.

— O que você quer? — pergunta ela, esperando atrair a atenção deles para que as outras mulheres possam fugir.

— Só vimos você e quisemos dar um oi. — Ele abre um sorriso forçado.

Cilka faz mais perguntas, sem querer estimulá-los, mas tentando segurá-los ali. Ela percebe Vadim a distância, observando.

— Não sou uma ameaça para suas... operações — diz ela. E começa a se afastar, os pelos arrepiando-se no pescoço quando vira as costas para eles. Seria fácil para o bandido atacá-la com a faca.

Desabando em sua cama no barracão, Cilka olha para a cama ao lado dela, onde dorme Anastasia, a garota que momentos atrás foi colocada em perigo por causa dela; a garota que perguntou a Cilka sobre amor. Ela se dá conta de que Anastasia ainda é uma menina, com apenas dezesseis anos, a idade dela própria quando chegou naquele *outro lugar*. Foi por isso que Cilka ficou tão chateada? Tinha sido

tão ingênua na idade de Anastasia? Acreditava em possibilidades como o amor? Sim, acreditava.

Auschwitz-Birkenau, 1944

Cilka observa enquanto centenas de mulheres nuas passam por ela. A neve tem vários centímetros de altura e continua a cair, rodopiando com o vento. Ela puxa a gola do casaco sobre a boca e o nariz, o chapéu quase cobrindo os olhos. As mulheres passam por ela e não se sabe aonde vão, a morte delas é a única certeza. Está paralisada e não consegue se mexer. É como se fosse testemunhar o horror – ela poderá sobreviver a esse inferno na Terra e ser a pessoa que precisará contar a quem quiser ouvir.

Um punhado de guardas da SS caminha dos dois lados da fila de mulheres. Outros prisioneiros apressam-se, se afastando. É demais para compreender, dor demais.

Quando o último guarda passa por Cilka, ela vê o comandante de Auschwitz, Anton Taube, andando atrás dele, seu chicote batendo na coxa. Ele é o oficial sênior de Schwarzhuber. Ela o reconhece. Ele a vê. Antes que possa se virar e correr, ele a agarra pelo braço, forçando-a a andar com ele. Ela não se atreve a falar ou tentar se soltar. Taube é o mais odiado e temido de todos os oficiais seniores, mais ainda que Schwarzhuber. Ele já a visitou em seu quarto. Já avisou que também a procurará sempre que lhe convier.

Fora dos portões de Birkenau, eles marcham até um cercado próximo ao lado da estrada que separa Auschwitz de Birkenau.

As mulheres são postas em uma única fila, empurradas pelos guardas até ficarem ombro a ombro, tremendo, congelando,

chorando. Cilka fica ao lado de Taube, olhando para o chão na frente dela.

— Venha comigo — diz Taube.

Param diante da primeira mulher. Com a ponta do chicote, Taube levanta o seio dela. Quando solta o chicote, ele despenca. Ele indica para o guarda que caminha à sua frente que a mulher deve ser afastada um passo para fora da fila. Cilka observa quando as próximas duas mulheres, depois que os seios também caem, se juntam à primeira na fila de trás. A quarta mulher permanece na fila, pois seus seios voltam ao lugar.

Ele está escolhendo se viverão ou morrerão, dependendo da firmeza de seus seios.

Cilka já viu o suficiente. Ela cambaleia ao lado de Taube, sem erguer o olhar, recusando-se a notar se a próxima mulher ficou na fila ou deu um passo atrás.

Afastando-se, ela vomita, respingando o branco da neve com seu café com pão da manhã.

Taube ri.

Cegamente, Cilka se deixa agarrar pelo braço por um guarda e quase ser arrastada de volta ao seu bloco.

* * *

— Você pode fazer uma pausa — diz Raisa a Cilka no dia seguinte. — Ponha os pés para cima e coma alguma coisa; sobrou bastante, muitos estão doentes demais para comer hoje.

— Tudo bem se eu sair por um tempo, apenas para ir ao berçário? Quero ver Natia e deixar um recado para Josie.

Raisa pensa um instante.

— Não demore muito.

* * *

Cilka programou sua visita de propósito para evitar os homens de confiança. Quando chega, fica perto da porta, vendo Natia se arrastar pelo chão, ficando de quatro e tentando engatinhar até que cai como se uma grande mão a tivesse empurrado para baixo. Cilka acena para a equipe, apontando Natia. Elas acenam com a aprovação para ela entrar.

Sentando-se no chão a alguns metros de distância, ela incentiva a bebê a vir até ela. Com grande esforço, a menininha se equilibra sobre as mãos e os joelhos e move devagar a primeira mão, depois a perna oposta. Grita de alegria por seu feito. Cilka incentiva-a ainda mais. Outra mão se move para a frente, ela balança, uma perna se move para a frente, um, dois, três avanços gigantes para a garotinha, que Cilka pega no colo de uma vez e abraça com tanta força que a bebê grita e se contorce para se libertar.

— Bem, agora não vai ter como pará-la. Veja o que você fez, nos deu mais uma para correr atrás — diz a enfermeira, que Cilka soube que se chama Bella Armenova.

Cilka não tem certeza se Bella está irritada para valer ou tirando sarro dela. Começa a se desculpar.

— Ia acontecer mais cedo ou mais tarde. Estou feliz por alguém que a conhece estar aqui para vê-la engatinhar pela primeira vez.

— Foi muito especial, não foi?

— Não vamos contar a Josie o que ela fez hoje, e garanto que, quando ela deixar a menina amanhã, vai nos contar como ela engatinhou pela primeira vez na noite passada.

— Vai ser melhor assim — diz Cilka. — Estava pensando se você poderia passar uma mensagem a Josie para mim?

— Se eu a vir, sim, com certeza.

— Diga a ela que suas amigas adorariam vê-la e conhecer esta pequena e, se possível, adorariam também se elas pudessem sair neste domingo, depois que as luzes se apagarem.

— Não importa muito se eles apagarem ou não as luzes nesta época do ano, mas entendi o que quis dizer. Onde quer encontrá-la?

Cilka não quer que Josie tenha que se afastar muito do conforto e da segurança. Como uma matilha, com Cilka escondida no meio delas, as mulheres do barracão vão ficar bem.

— Vamos esperar entre a maternidade e o berçário.

* * *

Anastasia afasta-se quando as mulheres com quem ela divide o barracão choram, abraçam, empurram-se para tocar Josie e a criancinha agarrada a ela. É demais para Natia, que

transparece para todo mundo que tem medo de tanta atenção de estranhos. Josie vira as costas para as mulheres e balança Natia suavemente, acalmando-a e confortando-a.

— Talvez seja melhor uma ou duas de cada vez — pede ela, voltando-se para as outras com um sorriso. — Ela não conhece vocês, mas quero que conheça. Quero que conheça as pessoas responsáveis por ela estar aqui, por ela estar viva.

Elena abre caminho no grupo.

— Eu primeiro, posso pegar no colo?

Josie toca suavemente o rosto de Elena, garantindo que Natia esteja observando. Devagar, ela entrega a filha. Elena segura-a longe do corpo, sem saber o que fazer com ela. Enquanto sente Natia relaxar, seu rostinho voltado o tempo todo para a mãe, Elena leva o bebê ao peito. Descobrem que, enquanto Natia puder ver sua mãe, ela se deixará abraçar e acarinhar por todas alegremente.

Cilka fica atrás, curtindo a cena rara e doce que se desenrola à sua frente. Não consegue se lembrar da última vez em que todas estavam com o sorriso desdentado aberto, rindo e chorando juntas. Ela fica maravilhada com o poder que algo tão pequeno tem de fazer a diferença. Mas, em um lugar como aquele, qualquer ínfimo momento que as afaste do horror implacável e cansativo, da lembrança dos longos anos ainda à frente, deve ser aproveitado. É realmente uma pena que Hannah também não tenha se juntado a elas, preferindo ficar deitada na cama, desmaiada.

Quando Cilka vê que todo mundo já havia segurado Natia um pouco, exceto a relutante Anastasia, ela abre caminho. Natia a olha e imediatamente lança os braços na direção dela, desesperada por estar com Cilka. As outras resmungam e reclamam, bem-humoradas. Cilka caminha até Anastasia. Nos braços de Cilka, Natia não reclama por não poder mais ver a mãe.

Cilka apresenta Natia a Anastasia. A menina olha para Anastasia perplexa, enquanto esta não faz nenhum esforço para tocá-la. Natia estende a mão e puxa os fios de cabelos crescentes de Anastasia que se soltaram do cachecol. As duas riem. Anastasia recusa a oferta de segurá-la no colo; fica muito feliz só de olhar para ela.

As outras juntam-se a elas quando Josie diz que agora mimaram Natia e ela provavelmente não vai dormir aquela noite. Com hesitação, Natia é devolvida à mãe, e elas se despedem, prometendo voltar em sete dias. No mesmo lugar.

As mulheres retornam devagar ao barracão, conversando sobre a noite, as bordadeiras debatendo entre si o próximo tamanho de vestido que terão de fazer, agora que conheceram Natia. Todas concordam que é o bebê mais bonito que já viram. Natia tem sido como um sol rompendo as nuvens escuras. Ninguém menciona o futuro incerto que Natia e Josie têm ou o ambiente cruel em que a menina nasceu. É uma conversa que ninguém quer começar.

* * *

Elas veem Josie e Natia uma segunda e uma terceira vez. Na terceira, em um momento com Josie longe das outras, Cilka pergunta se ela conheceu um homem chamado Alexandr enquanto trabalhava no prédio da administração.

— O tcheco? — pergunta Josie.

— Sim, ele trabalha como mensageiro. Ou trabalhava, pelo que eu saiba — responde Cilka.

— Isso, não tenho muito contato com ele no dia a dia, mas eu o vejo, sim. É muito amigável — comenta ela. — O que já é bem raro por aqui.

— É mesmo — diz Cilka. — Acho que por isso que ele ficou na minha mente.

Josie observa Cilka.

— Posso tentar falar com ele por você.

— Ah, não... — recusa Cilka. — Eu estava imaginando se ele ainda estava lá. Não o vejo faz um tempo.

Josie assente com a cabeça. Cilka percebe que ela quer dizer mais, mas se afasta e chama a pequena Natia, que está tentando alcançá-la.

Uma quarta visita planejada não acontece, pois o outono chega mais cedo; a temperatura cai drasticamente, e a chuva e o granizo impedem a saída de todos, exceto dos imprudentes e daqueles que são obrigados a trabalhar fora. Os homens de confiança restringiram suas visitas diárias a Cilka, talvez imaginando que ela tenha recebido a mensagem ou tendo encontrado outra pessoa para intimidar. Ainda assim, os remédios diminuem, e o médico parece abalado o

tempo todo. Um sentimento de inquietação assola Cilka, a escuridão e o frio se aproximando dela junto com a estação.

19

A rotina de Cilka continua, a única coisa que muda são os pacientes nas camas. A escuridão de outro inverno a oitenta quilômetros do Círculo Polar Ártico a atinge e se instala nela.

Ela nunca deseja sair da cama no escuro. Muitas vezes, não vai ao refeitório para o café da manhã. Suas conversas à noite cessaram. Já não se reúne com as outras ao redor da fornalha, tomando chá quente e ouvindo as histórias e reclamações das mulheres, que agora se dirigem a diferentes partes do campo para trabalhar, com graus variados de calor, comida e desafios físicos. Mais mulheres no barracão são capazes de ajudar as outras, e assim a pressão sobre Cilka diminui – ela não é mais a única que pode trazer rações ou materiais extras. Mas ser menos útil não é necessariamente um estado que ela é capaz de aceitar.

Sua cama torna-se seu santuário, e ela se deita com o rosto virado para a parede.

Na ala do hospital, Raisa e Lyuba percebem a mudança, comentam e perguntam se tem algo errado. Será que podem

fazer alguma coisa para ajudá-la? Com um meio-sorriso forçado, ela diz que está bem, que não há nada errado. Não há outra maneira de responder às perguntas. Cilka não consegue articular para si mesma, quanto mais para outra pessoa, como está se sentindo.

Pela primeira vez em muitos anos, ela se deixou levar pela monstruosidade do que viu, ouviu e fez – ou não fez – a si mesma. O que não tem mais e o que nunca poderá desejar. É como uma avalanche; parece que agora não há como impedir isso. Não entende como guardava tudo isso antes, mas suspeita que aquilo possa estar acontecendo porque reconheceu em voz alta a Yelena que sobreviveu àquele *outro lugar*. Josie também tem um lugar central na mente de Cilka. A cada dia que passa, fica mais próximo o momento de ela ser separada da filha.

Cilka pensou que tinha sido salva desse sentimento de desespero, usando sua posição para fazer a diferença para muitos dos doentes e feridos. Agora sabe que ele sempre a alcançará. Está cheia daquele peso. Por que continuar?

— Pegue a medicação do meio-dia — Raisa diz a ela um dia, tentando afastar Cilka da melancolia. Sem reagir, Cilka arrasta-se até a farmácia, fechando a porta atrás de si.

Desorientada, encara os medicamentos que revestem as prateleiras por um longo tempo. Pega um frasco de comprimidos, as letras em cirílico borradas em sua visão. Tomar todos eles traria de volta o vazio. Ela inclina o frasco e joga os comprimidos na mão.

Ela os rola na palma da mão.

Devolve os comprimidos para o frasco e, tremendo, deixa um tanto cair no chão. Ajoelha-se e começa a pegá-los. Nesse momento, a porta se abre, assustando-a.

— Cilka, estava procurando por você — diz Yelena, enfiando a cabeça no vão da porta. — Você deixou cair alguma coisa?

— Deixei — responde Cilka, sem erguer a cabeça. — Vou sair daqui a pouco.

Depois que o tremor diminui, Cilka leva o remédio para Raisa e, em seguida, encontra Yelena. A médica olha para ela com firmeza por um tempo, como se estivesse adivinhando o que acabou de acontecer na mente de Cilka; sua dança com a morte, o esquecimento, a liberdade da perda dolorosa, a culpa e a vergonha; e, então, ela se afasta do abismo.

— Está pronta para outro desafio? — Yelena pergunta a Cilka.

— Na verdade, não — responde Cilka.

— Acho que está — diz Yelena devagar, ainda observando-a com atenção. — Pelo menos pode tentar e, se não gostar, bem, sempre podemos parar.

— A senhora vai abrir outra ala?

— Não, não uma ala. Precisamos de uma nova enfermeira na ambulância. O que você me diz?

— Vi o que a ambulância traz para cá. Como posso ajudá-los? Preciso que você, Raisa e Lyuba me digam o que fazer.

— Não, não precisa. Não mais, Cilka. Acho que você seria de grande ajuda no local dos acidentes. Precisam de alguém que possa pensar rapidamente, fazer o que precisa ser feito para trazer o paciente até aqui, para que possamos assumir. Vai pelo menos tentar?

O que eu tenho a perder?, pensa Cilka.

— Tudo bem, eu vou.

— Não se esqueça, Cilka, estou aqui. Para quando você quiser conversar.

Cilka balança um pouco o corpo. Às vezes, ela repassa as palavras na cabeça. Mas consegue deixá-las sair?

— Preciso voltar ao trabalho.

— Que tal no fim do dia? — insiste Yelena. — Garanto que você vai receber algo para comer se perder o jantar.

Cilka tem medo de deixar aquilo vir à tona, sair. Mas falar sobre isso é algo que ela não tentou. Sente um vislumbre de algo, esse mecanismo de sobrevivência; uma sensação de esperança. Talvez devesse. Ela faz que sim com a cabeça, discretamente.

— Aqui não. Não quero que ninguém com quem trabalhamos me veja conversando com a senhora.

— Vou encontrar um consultório vazio para nós duas.

Enquanto conversam, um novo paciente chega. O sangue está escorrendo através das ataduras no peito nu. Ele geme baixinho, o som profundo e doloroso que Cilka passou a reconhecer como vindo de alguém quase inconsciente e incapaz de gritar de dor. Fica contente com a distração.

— Precisam de uma mão? — grita ela aos homens que o transferem da padiola para a cama.

— Ele não vai sobreviver — responde um deles.

Cilka vai até a cama, pegando o prontuário do homem, que havia caído sobre as pernas dele. Lê as notas breves. Várias facadas no peito e abdômen, perda extrema de sangue. Sem tratamento ativo.

Uma mão agarra seu avental. Forte e determinado, o homem a puxa para a cabeceira da cama, os olhos suplicantes, pequenas arfadas escapando da boca ensanguentada.

— Socorro — ele mal sussurra.

Cilka toma a mão dele e olha para o homem ferido. Só então o reconhece: é o bandido que a ameaçou na farmácia, a seguiu e provocou.

— Você — diz ele.

— Sim, sou eu.

— Os remédios...

Cilka percebe que seu rosto está cheio de arrependimento.

— Sei que este lugar fez isso com você — fala Cilka.

O homem consegue menear a cabeça e aperta a mão dela.

Cilka segura a mão do homem entre as suas até sentir a força abandoná-la. Coloca-a na cama e fecha os olhos dele. Não sabe o que ele fez em vida, ou aqui, mas não vai prejudicar mais ninguém agora, e ela acha que consegue pensar nele por um instante. Fazer uma oração.

Pegando o prontuário dele, registra a hora da morte.

Leva o prontuário de volta à mesa da enfermaria e pergunta a Raisa se ela sabe o que aconteceu com o homem cuja morte ela acabou de registrar.

— Ele perdeu uma briga. Os homens de confiança da ala dos criminosos estão sempre querendo chefiar por aqui, e é assim que termina.

* * *

No final do dia, Cilka dá uma olhada apressada ao redor, mas não consegue ver Yelena. Recolhendo seu casaco, sai da enfermaria, tentando não admitir a si mesma que está feliz por ter escapado de falar com ela. Quando entra na sala de espera, Yelena está lá. Chama Cilka para segui-la até uma saleta ao lado da ala.

Uma mesa e duas cadeiras são os únicos móveis da sala. Yelena coloca as cadeiras frente a frente.

Ela espera Cilka começar. Cilka ganha tempo dobrando o casaco e deixando-o no chão ao seu lado.

Erguendo a cabeça, olha diretamente para Yelena.

— Eu *só* tinha dezesseis anos quando entrei naquele lugar. Mas cresci rápido.

Yelena continua calada.

— Disseram que queriam que as pessoas trabalhassem para eles.

Yelena assente com a cabeça.

— Os alemães, os nazistas. Fiquei dias em um trem de gado, urinei no lugar onde estava, escorada ao redor por

pessoas que me esmagavam.

— E o trem levou você para o campo chamado Auschwitz.

— Isso — diz Cilka, baixinho. — Minha irmã também.

— Quanto tempo você ficou lá?

— Três anos.

— Mas isso é...

— Muito tempo para ficar lá, sim. Por três anos vivi no inferno... no abismo. Embora eu já esteja o mesmo tempo aqui.

— Me conte sobre o número no seu braço.

— Essa foi a nossa entrada em Auschwitz. Eles levaram minha bolsinha de pertences. Pegaram minhas roupas. Tomaram minha juventude, minha identidade, e depois levaram meu nome e me deram um número.

— Como... como...?

— Eu sobrevivi? — Cilka começa a tremer. — Em um lugar que foi criado somente por um motivo, para nos exterminar? Não sei se posso lhe contar. — Ela abraça o próprio corpo.

— Cilka, está tudo bem. Não precisa me dizer nada que não queira.

— Obrigada, Yelena Georgiyevna — diz Cilka, e depois se força a fazer uma pergunta. — A senhora sabe por que estou aqui?

— Não. Não sei. Não sei por que ninguém está aqui e não preciso perguntar. Sinto muito se me faz parecer covarde.

Cilka pigarreia.

— Estou aqui porque dormi com o inimigo, ou foi disso que fui acusada. Dormir com o inimigo. Trabalhar com o inimigo. Para mim, não havia como dormir. Ele... eles... vinham até minha cama e às vezes dormiam, depois de...

— Estuprarem você?

— É estupro se você não revida, se não diz não?

— Você queria fazer sexo com eles?

— Não, não, claro que não.

— Então, é estupro. Imagino que esses homens tivessem algum tipo de poder ou controle sobre você?

Cilka ri. Ela se levanta e caminha pela sala.

— Eram oficiais seniores.

— Ah, entendo. Isso foi em Auschwitz?

— Sim e não. Era outro campo no fim da estrada de Auschwitz, mas ainda fazia parte de lá. Chamava-se Birkenau.

— E... por três anos?

— Dois e meio. Sim... E eu nunca disse não, nunca me defendi.

— Como poderia se defender contra um homem? Tenho certeza de que eram maiores que você.

— Seria um eufemismo dizer isso. Eu nem batia no queixo de um deles, e tinha, tinha...

— O quê?

— As câmaras de gás, aonde todos iam. Entravam vivos e saíam pela chaminé. Eu... eu os via todo dia, todo dia aquele seria meu futuro se eu não...

— Então, você está me dizendo que passou dois anos e meio sendo estuprada por encarregados do campo em que era prisioneira e por isso está aqui agora?

Cilka volta a sentar-se na cadeira. Inclinando-se para a frente, fita os olhos de Yelena.

— Eu desisti.

Yelena balança a cabeça.

Tem mais, pensa Cilka. Ela consegue contar? Dizer tudo a ela? Contar aquele tanto já a havia esgotado?

Yelena estende as mãos e toma as de Cilka.

— No primeiro dia em que a vi, senti que havia algo em você, uma força, uma noção de autoconhecimento que raramente vejo. E agora, com o pouco que você me contou, não sei o que dizer, exceto que você é muito corajosa. Não há nada que eu possa fazer para tirá-la daqui, mas posso cuidar de você da melhor maneira possível e tentar mantê-la em segurança. Você mostrou como é guerreira. Meu Deus, como você aguentou?

— Eu só quero viver. Preciso sentir a dor com que acordo todas as manhãs para saber que estou viva, e minha família, não. Essa dor é minha punição por sobreviver, e eu preciso senti-la, vivê-la.

— Cilka, não sei o que lhe dizer além de *continue vivendo*. Acorde todas as manhãs e respire. Você faz uma enorme diferença aqui e, se assumir o posto na ambulância, ajudará a manter pacientes vivos. Realmente acredito que você terá sucesso nesse posto.

— Tudo bem, vou fazer isso. Consigo ser corajosa por sua causa. A senhora é a mais corajosa de todos nós. Não disse isso antes, mas é o que sinto sobre a senhora. Tão corajosa por estar aqui quando não precisa estar.

— Não precisa me dizer isso. Sim, escolhi estar aqui. Sou médica, sempre quis ajudar as pessoas, e aqui, bem, aqui há muitas pessoas que precisam da ajuda que eu posso oferecer. Mas não estamos aqui para falar de mim.

Cilka sorri para Yelena.

— Bem, eu agradeço muito, Yelena Georgiyevna, obrigada. — Cilka levanta-se, pensando no conforto da cama, deitada de frente para a parede.

Yelena também se levanta, e Cilka olha para ela, agradecida por não ver piedade em seu rosto.

— Até amanhã, Cilka.

— Até amanhã.

Ao sair, ela olha para o prédio da administração. E hoje ele está ali. Alexandr. De pé sob um holofote na neve. Levando o cigarro aos lábios, fechando os olhos. Erguendo e abaixando os ombros para se aquecer. Ela mantém a imagem brilhante em sua mente enquanto se afasta.

20

Durante o dia seguinte inteiro, Cilka fica tensa, distraída. Chama um paciente pelo nome errado, se atrapalha ao dar a medicação. Seus olhos se voltam o tempo todo para a porta, esperando uma cabeça aparecer e anunciar que a ambulância está saindo.

O que não acontece, e ela volta ao barracão decepcionada. Seu estado melancólico deveria ter melhorado naquele dia, pois ela liberou parte do fardo e tinha a perspectiva de algo novo em que se concentrar. Deseja um conserto instantâneo para um problema que não consegue articular.

Para piorar a situação, Hannah a encurralou novamente, dizendo que seu suprimento havia sido cortado e que Cilka tem que providenciar medicamentos para ela novamente. Então, provavelmente o brutamontes de confiança que morreu estava fornecendo remédios a Hannah esse tempo todo. E, apesar da conversa com Yelena, quando Cilka olha as mulheres no barracão, ainda não acredita que pode enfrentar

aquele momento em que seus rostos se transformarão com horror, pena, medo, talvez até ódio.

* * *

Na manhã seguinte, ela precisa se forçar a se concentrar, continuar o trabalho por fazer. Quando chega o chamado, “ambulância saindo”, Cilka não escuta.

— Cilka, estão chamando — grita Raisa.

Cilka olha para Raisa, para a porta, e vê o homem no aguardo de que alguém olhe para ele.

Agarrando o casaco, o chapéu, o cachecol e as luvas, Cilka o segue para fora, entre a neve rodopiante e na escuridão perpétua do inverno do Ártico.

— Rápido, as pessoas estão morrendo aqui enquanto você perde tempo colocando essas malditas camadas de roupa — grita o motorista, acelerando o motor com impaciência.

O homem que Cilka seguiu abre a porta traseira do caminhão modificado, apontando para ela entrar. A ambulância parte em disparada antes que as portas se fechem, fazendo-a voar. O passageiro no banco da frente se inclina, sorrindo enquanto Cilka tenta se escorar na lateral, preparando-se para uma condução mais violenta.

— Já não vi você antes? Qual o seu nome?

Com as mãos plantadas com firmeza no chão, as pernas afastadas para dar apoio, Cilka o examina. Seu sorriso amigável revela alguns dentes grandes e tortos. Ele é magro

e de pele morena, com sobrancelhas grossas emoldurando olhos brilhantes.

— Sou Cilka. É a minha primeira vez aqui.

— Ei, Pavel, é a primeira vez dela — comenta o motorista grosseiro. Ele é mais parrudo e mais largo que Pavel. — Pelo que vi, provavelmente também será a última. Olha o tamanho dela.

— Talvez ela prove que você está enganado, Kirill Grigorovich — retruca Pavel. Os dois homens riem. Kirill abaixa a janela quando se aproxima dos portões fechados, que são iluminados pelos holofotes do complexo. Colocando a cabeça pela janela, ele grita com o sentinela enquanto acelera na direção dele.

— Abra a porra dos portões, idiota! Não vê que estamos com pressa?

Os portões mal se abrem antes de a ambulância entrar correndo, e atrás dela vem uma torrente de xingamentos do sentinela.

Fazendo a embreagem arranhar, Kirill fecha a janela e sacode a neve do chapéu.

— Com licença — diz Cilka em voz alta, garantindo que seja ouvida mesmo com o motor acelerado.

— Descubra o que ela quer — pede Kirill.

Pavel vira-se no assento, encarando Cilka.

— Pavel... não é? Pode me dizer alguma coisa sobre o lugar aonde estamos indo? Que tipo de acidente é?

— Sim, sou Pavel Sergeyevich. Vamos descobrir quando chegarmos lá.

— Mas, claro, você sabe se há mais de um paciente.

Kirill dá uma gargalhada, os ombros grandes subindo e descendo em seu grosso casaco do tipo caban. *São prisioneiros*, pensa ela. Homens de confiança com um trabalho bom, dirigindo para lá e para cá com pausas para fumar.

— Minha querida, quando qualquer parte de uma mina desmorona, pode ter certeza de que vai ter mais de uma vítima.

— Então, você sabe o que aconteceu. Por que não disse logo?

— Ora, ora, o que temos aqui, Pavel? Uma enfermeira com atitude. Olha só, *printsessa*, você faz o que tem que fazer quando chegarmos ao local, e nós os transportamos.

Cilka olha para a parte de trás da ambulância. Duas padiolas estão empilhadas contra a lateral do caminhão, e duas caixas deslizam pelo chão. Uma delas descansa contra a perna de Cilka.

Cilka empurra a tampa do recipiente para examinar o conteúdo. Vários instrumentos estão batendo uns contra os outros. Rolos de atadura, frascos de medicamentos. Cilka levanta cada um, identificando exatamente com o que terá de trabalhar. Puxando a outra caixa, ela encontra o equipamento para pendurar soro e dois frascos de solução salina.

A estrada é esburacada, a ambulância desvia de pedregulhos redondos, bate contra a neve empilhada ao lado da estrada, visível sob a luz dos faróis.

— Hora da ação, minha querida, chegamos.

A ambulância freia cantando pneu, lançando Cilka contra o banco da frente.

Antes que ela possa se recompor, as portas traseiras são abertas. Mãos estendem-se e agarram as padiolas. Uma mão está estendida para ela pegar, e alguém a ajuda a descer. Cilka nota os números costurados nas jaquetas.

Ela leva um momento para dar uma rápida olhada ao redor. A princípio, não vê nada, pois está anoitecendo, e chuva e neve estão caindo. Então, ela começa a enxergar figuras: homens andando sem rumo, alguns gritando ordens. Cilka, Pavel e Kirill avançam até a abertura da mina, em direção à estrutura em forma de escada com uma roda no topo. Um guarda aproxima-se a passos largos.

— Um túnel superior está desmoronando; não temos certeza de quando estará seguro para descer. — A roda acima deles para quando uma gaiola cheia de homens imundos de fuligem chega ao topo. Os homens saem desabalados.

— Ainda há feridos lá embaixo — diz um deles, segurando um boné na mão.

— Temos que ir buscá-los — grita Cilka.

— Quem é essa? — pergunta o supervisor a Pavel.

— É a enfermeira que enviaram conosco — responde Pavel.

— É demais para ela — retruca o supervisor, olhando Cilka de cima a baixo.

Cilka revira os olhos.

— Deixe-me entrar e ver se posso ajudar — diz ela.

— Você não me ouviu, garota? O túnel ainda está desabando. Quer morrer?

— Não. — Cilka ergue o queixo.

Avança em direção à jaula do elevador agora vazia, olhando para os homens.

— Se quiser ir, vá, mas eu não vou com você — diz o supervisor.

— Não posso ir sozinha. Não sei como operar isso aqui nem por onde sair.

— Eu vou — diz Pavel, hesitante.

— Vou levar vocês ao local — diz o mineiro com o boné na mão. Seus dentes estão batendo. *De frio ou choque?*, Cilka se pergunta.

Envolvendo o lenço na boca e no nariz, ela entra na gaiola. Pavel segue, carregando os equipamentos também. O mineiro pigarreia, depois empurra uma alavanca, e o elevador entra em ação, abaixando lentamente na escuridão empoeirada. Cilka verifica o lampião que Pavel entregou a ela quando partem.

Eles descem por um bom tempo. Cilka tenta manter a respiração firme.

O elevador para na entrada do túnel. Cilka pigarreia. Ela abre e empurra para o lado a porta da gaiola do elevador.

— Precisa andar um pouco — diz o mineiro, indicando que ficará onde está. — Só manter a esquerda.

Cilka e Pavel seguem o que ele diz.

— Estamos aqui para ajudar vocês — ela começa a gritar. A poeira pesada entra nos pulmões, e ela tosse. — Gritem para sabermos onde vocês estão.

— Aqui, aqui — finalmente ela ouve em algum lugar à frente. A voz é fraca, assustada.

— Estou chegando, aguente firme. Continue falando.

— Estou aqui! Continue andando.

À luz da lampião, Cilka vê uma mão acenando para ela. Examinando a área, vê três outros homens imóveis. Ela corre na direção do homem que estava gritando.

— Meu nome é Cilka Klein. — Ela se ajoelha e gentilmente pousa a mão no ombro dele. — Você está preso?

— Minhas pernas, não consigo mexê-las.

Cilka examina o homem, vendo que suas pernas estão presas embaixo de um grande pedaço de rocha. Gentilmente ela o empurra ao chão e verifica o pulso em seu pescoço quando Pavel chega ao seu lado, abrindo a caixa.

— Qual o seu nome? — pergunta Cilka ao homem ferido.

— Mikhail Alexandrovich.

— Suas pernas estão embaixo de uma pedra, mas acho que podemos movê-la, pois não é tão grande. Você está com um corte feio na cabeça, podemos passar uma atadura para

parar o sangramento. Mikhail Alexandrovich, preciso ir ver os outros homens. Sabe quantos de vocês estavam aqui quando o desmoronamento começou?

— Quatro comigo. Os outros saíram para fazer uma pausa. Estávamos carregando o último vagonete.

— Consigo ver mais três — diz ela, rodeando com seu lampião.

— Não vou a lugar nenhum — diz ele. — Veja como estão os outros. Eu estava gritando o nome deles, mas nenhum respondeu.

Com cuidado, Cilka pisa nos escombros que cobrem o chão do túnel da mina. Ao chegar ao primeiro homem, ela procura o pulso e encontra. Puxando a pálpebra, segura a lâmpada sobre os olhos dele – um reage. Passando a lâmpada pelo seu corpo, ela vê que ele não está preso, apenas inconsciente.

— Pavel Sergeyevich, volte e convença aquele mineiro a vir até aqui nos ajudar. Leve este primeiro. Está inconsciente, mas você pode removê-lo.

— Volto já — ela ouve enquanto Pavel está voltando ao elevador.

Cilka encontra o segundo homem. Imediatamente consegue enxergar que ele está preso sob uma rocha caída. Não encontra seu pulso.

O terceiro homem geme quando ela ergue o lampião até seu rosto.

— Meu nome é Cilka Klein, estou aqui para ajudar. Pode me dizer onde dói?

O homem geme novamente.

— Está tudo bem. Vou dar uma olhada e ver se consigo encontrar onde você se feriu.

Ágil, ela identifica um braço gravemente quebrado, torcido em uma posição bizarra. Uma pedra grande está colada em seu flanco. Devagar, Cilka empurra o peito do homem de um lado para o outro, e depois desce pelo abdômen. Ele grita de dor. Com dificuldade, ela puxa as roupas dele, abrindo o casaco para poder ver. Quando puxa a camisa e a regata para fora das calças, causa uma dor imensa. Cilka vê a lesão por esmagamento abaixo da caixa torácica.

Ela ouve estalos de passos no túnel, e Pavel está de volta com o mineiro, carregando uma padiola. Ela corre até o homem inconsciente.

— Botem este na padiola e levem daqui — diz ela. — E tem outro que pode ser retirado, mas precisa ir com cuidado. Está gravemente ferido e com muita dor. Tirem os dois daqui, e eu vou cuidar dele na ambulância.

Enquanto eles cuidam daqueles dois homens, Cilka volta ao primeiro com quem falou, aquele que está preso.

— Sinto muito, um de seus amigos está morto.

— E os outros? — pergunta ele.

— Estão vivos e vamos removê-los. Agora precisamos pensar em como tirar essa pedra de suas pernas. — Ela

levanta-se, olhando em volta na escuridão, sentindo-se impotente.

— Não vá embora, por favor.

— Não vou a lugar nenhum. Mas não consigo tirá-lo daí, é pesado demais para mim, e não quero rolar a pedra. Acho que precisa ser erguida para não causar mais ferimentos. Espere aí, Mikhail Alexandrovich, vou buscar algo para sua dor. — Ela procura os suprimentos que Pavel havia colocado no túnel e encontra o analgésico. Volta até Mikhail.

— Mikhail Alexandrovich, vou lhe dar uma injeção para ajudar com a dor — fala ela. — E então, quando os homens voltarem, vamos levantar devagar a pedra de suas pernas e carregá-lo em uma padiola. A ambulância está do lado de fora da mina, e nós vamos levar você até o hospital.

Mikhail dolorosamente levanta a mão e toca o rosto de Cilka. Ela sorri para ele de um jeito tranquilizador. Pega uma tesoura da caixa e corta o casaco e a camisa dele, expondo seu braço. Ela injeta lentamente o medicamento e observa enquanto ele relaxa quando a dor diminui.

Cilka está sentada no túnel sombrio e silencioso, esperando, tossindo regularmente. Por fim, Pavel e o mineiro voltam.

— Tudo bem — diz ela —, vocês precisam deslizar as mãos embaixo das extremidades da rocha e, quando tiverem uma boa pegada, levantá-la com cuidado. Não role nem jogue a pedra sobre ele. — Ela ergue o lampião para eles e prende a respiração.

Os homens erguem a pedra, cambaleiam de leve e a jogam para o lado, ofegando com o esforço. Cilka olha as pernas de Mikhail – o osso se projeta através da pele da canela direita.

Pavel e o mineiro põem Mikhail na padiola, e todos correm de volta pelo longo túnel até o elevador e sobem até sair da mina. O falecido terá de ser removido quando for mais seguro.

Com Mikhail dentro da ambulância juntamente com os outros dois homens feridos, não há espaço na parte de trás para Cilka.

Kirill olha para ela.

— Vai ter que vir com a gente na frente. Suba.

Esmagada entre Kirill e Pavel, Cilka precisa remover o tempo todo a grande mão peluda de Kirill, que está tentando deslizar por sua coxa. Ela estremece com os gritos que vêm dos homens feridos na parte de trás da ambulância enquanto eles pulam, e Kirill não demonstra compaixão nem se importa com seus ferimentos. Ela fala palavras de conforto, dizendo que estão quase chegando ao hospital, onde médicos e enfermeiros cuidarão deles.

Cilka não vê a hora de aquela viagem terminar.

21

Cilka estende o braço e abre a porta do passageiro antes de Pavel conseguir fazê-lo. Ele se vê empurrado para fora da ambulância, Cilka descendo logo atrás dele. Dois enfermeiros se aproximam e abrem as portas traseiras.

— Este aqui, leve este primeiro — ela aponta para Mikhail. — Depois, traga a padiola de volta para pegar o outro. — Ela indica o homem inconsciente deitado no chão.

— Me dê uma mão — Pavel chama Kirill enquanto puxa a outra padiola da ambulância.

Cilka corre atrás do primeiro paciente, desabotoando e arrancando o casaco quando entra na enfermaria. Yelena, outra médica e várias enfermeiras aparecem.

— Este aqui é Mikhail Alexandrovich, pequeno ferimento na cabeça, as duas pernas esmagadas por uma grande rocha.

— Pensei que você tivesse dito que era uma pedra pequena — sussurra Mikhail entre dentes.

— Fico com ele — diz Yelena. Duas enfermeiras começam a trabalhar com Mikhail, atendendo-o

— Por aqui, coloque-o nesta cama — a outra médica instrui Pavel e Kirill.

— Tem mais um chegando. Inconsciente, mas com pulso forte, ferimento aparente na cabeça.

— Obrigada, Cilka, entendido — diz Yelena.

O paciente inconsciente é trazido para dentro e colocado em uma maca. Kirill sai imediatamente, e Pavel caminha até Cilka.

— Você fez um trabalho ótimo, estúpido e perigoso.

— Obrigada, você também. Perdi muito tempo com raiva de Kirill Grigorovich quando deveria estar ajudando os pacientes.

— Kirill pensa que nasceu para governar.

— Mau motorista, má atitude.

— É melhor você aprender a se dar bem com ele, ou ele pode dificultar sua vida.

De novo, pensa Cilka. Mas não consegue reprimir uma risada. Ele está longe de ser a figura mais intimidadora que ela já conheceu.

Pavel parece intrigado.

— Digamos que já vi coisas piores — diz Cilka. Ela olha em volta para os esforços que estão sendo feitos para confortar e tratar os três homens feridos que estavam apenas fazendo seu trabalho, um trabalho sem a segurança adequada. Já viu lesões como aquelas muitas vezes. Os prisioneiros estão ali por sua produtividade, como parte de uma cota, e são descartáveis e substituíveis.

— Mas obrigada pelo aviso, Pavel. Vou manter distância dele.

— Cilka, pode me dar uma mão aqui?

Pavel observa enquanto Cilka vai até Mikhail, limpando seu ferimento e passando uma atadura nova na cabeça, enquanto Yelena continua o exame das pernas. Cilka olha ocasionalmente para a médica, percebendo sua expressão séria.

Yelena diz calmamente para a enfermeira que a ajuda:

— Encontre uma sala de cirurgia, precisamos levá-lo para lá imediatamente.

— O que está acontecendo? É muito ruim? — Mikhail arfa, estendendo a mão para Cilka e agarrando o antebraço dela, o pânico aumentando enquanto tenta levantar a cabeça para ver as pernas.

— Sinto muito — diz Yelena com gentileza. — Não consigo salvar sua perna direita; a esquerda não está tão ruim e devemos conseguir mantê-la.

— Como assim, manter uma e não a outra? É isso que você está dizendo?

— Sim, precisamos amputar sua perna direita abaixo do joelho, está muito esmagada.

— Não, não, você não pode cortar minha perna! Não vou permitir.

— Se não permitir, você vai morrer — diz Yelena, mantendo a voz firme. — A perna está morta. Não há fluxo

sanguíneo na parte inferior; se não a amputarmos, ela vai envenená-lo, e você vai morrer. Entendeu?

— Mas como eu vou... Cilka Klein, não deixe que cortem minha perna, por favor — implora Mikhail.

Tirando a mão dele de seu braço, Cilka a segura e aproxima seu rosto do dele.

— Mikhail, se a médica diz que ela precisa amputar sua perna, ela precisa. Vamos ajudar você a lidar com isso, a se recuperar. Sinto muito por não ter podido fazer mais.

— A perna foi esmagada pelo impacto, Cilka, não havia nada que você pudesse ter feito — diz Yelena. — Vou me preparar. Cilka, você prepara o paciente, e eu a vejo na sala de cirurgia.

Naquela noite, Cilka não vai ao refeitório para o jantar. Exausta, cai na cama e adormece instantaneamente.

* * *

Homens e mulheres de jaleco branco andam ao redor dela, rindo, alguns segurando membros amputados, jogando-os um para o outro. Crianças pequenas, vestidas de pijama azul e branco, vagam sem rumo entre elas com as mãos estendidas. O que querem? Comida, atenção, amor?

Uma porta abre-se, o sol entra. Um homem chega, uma auréola de arco-íris em torno dele. Está vestido com um terno branco imaculado, o jaleco de médico desabotoado, um estetoscópio no pescoço. Estende os braços. Os adultos abaixam a

cabeça em respeito, as crianças correm na direção dele, entusiasmadas.

— Papa, papa — gritam elas.

Cilka acorda de seu pesadelo, mas a lembrança que desperta é igualmente horrível.

* * *

Auschwitz-Birkenau, 1943

— Papa, papa — gritam elas. Meninos e meninas correm para o homem que saiu do carro. Ele está sorrindo calorosamente para eles com as mãos estendidas e cheias de doces. Para as crianças, é um pai amado. Algumas o chamam de tio.

Cilka ouviu as histórias. Todo adulto em Auschwitz-Birkenau ouviu as histórias do que acontece com as crianças quando elas saem daqui no carro dele.

Cilka assiste à distância, examinando o homem levemente troncudo sem um fio de cabelo fora do lugar: sua túnica verde-escura, sem amassados ou vincos, cobre parcialmente o jaleco branco que indica seu posto de médico, o rosto barbeado, os dentes brancos brilhantes revelados por seu grande sorriso; os olhos cintilantes, seu quepe da SS inclinado para o lado.

O Anjo da Morte, é assim que eles o chamam. Duas vezes antes de ser enviada para o Bloco 25 e receber uma camada de proteção, ela teve que desfilar na frente dele. Mal se atrevia a dar uma olhada para ele, que assobiava uma música enquanto corria a mão

no ar para a esquerda ou para a direita. Nas duas vezes ela escapou da seleção.

As crianças saltitam ao seu redor.

— Me escolha, me escolha — gritam elas.

Quatro meninas recebem tapinhas carinhosos na cabeça e ganham doces, e entram no carro com ele. As outras crianças voltam a brincar. Cilka inclina a cabeça em silenciosa oração pelas quatro almas que estão sendo levadas.

* * *

Cilka grita, sentando-se na cama, tremendo, o terror talhado em seu rosto.

As mulheres no barracão estão olhando para ela. Algumas em suas camas, várias outras em pé, ao redor da fornalha.

— Tudo bem? — pergunta Olga com preocupação.

Cilka olha de uma para a outra, examinando os rostos apenas parcialmente visíveis ao luar. Recompondo-se, ela deixa as pernas caírem ao lado da cama.

— Sim, estou bem, só tive um pesadelo.

— Todo este lugar é um pesadelo — comenta Elena.

Cilka sabe que estão sendo gentis. Não é a primeira vez que ela as acorda gritando. Anastasia também disse a ela que às vezes ela choraminga, e às vezes sibila, como se estivesse furiosa com alguém.

Cilka segue até a fornalha arrastando os pés. Um braço reconfortante – o de Elena – envolve seus ombros enquanto ela estende as mãos para sentir o calor. Olha para a cama de

Hannah, não consegue ver se está acordada e observando ou não. Só ela saberia sobre o que são realmente os pesadelos. Mas provavelmente está dormindo mais feliz do que qualquer uma delas, tendo recolhido suas mercadorias do bolso de Cilka quando todas as mulheres entraram.

Existem camadas de dor dentro de Cilka. Ela sente falta de Josie e de Natia também. Durante todo o inverno foi impossível vê-las. Natia deve ter crescido tanto, talvez até esteja andando agora.

— Você precisa se lembrar dos momentos felizes para sonhar com eles — diz Olga, da cama. — É o que eu faço. Todas as noites, antes de adormecer, lembro-me da minha infância, na praia de Sochi. Foi uma época feliz.

Quando Cilka fecha os olhos pela segunda vez naquela noite, decide que tentará se lembrar de um momento feliz na vida. Esses momentos não faltam, muito pelo contrário, sua vida era muito feliz até o dia em que foi carregada para um trem de gado e, talvez por esse motivo, a lembrança tem sido dolorosa demais para ela. Mas tentará de novo.

Bardejov, Tchecoslováquia, 1941

— *Vá para lá, papa, é meu aniversário, quero dirigir o carro.*

O sol brilha no dia frio. Um dia de primavera, muito promissor. Cilka pôs chapéu e cachecol, colocou os óculos de condução do pai no topo da cabeça, determinada a dirigir, mesmo que fosse só até o fim da rua. Papa abaixou a capota com orgulho e alegria: um

modelo Roadster de duas portas com assentos de couro marrom e uma buzina que pode ser ouvida a quilômetros de distância.

— Você não sabe dirigir, não seja boba, Cilka — responde o pai.

— Eu consigo... aposto que consigo. Mumma, diga a ele que consigo dirigir o carro.

— Deixe que ela dirija o carro — pede a mãe com carinho.

— Agora, você é que está sendo boba. Você sempre mima essa menina — diz o pai, embora todos saibam que é ele quem é louco por Cilka. Pelas duas meninas.

— Não sou uma menina — protesta Cilka.

— Você é minha dietʾa, *isso nunca vai mudar.*

— Tenho quinze anos, agora sou mulher — orgulha-se Cilka. — Olha, lá vem o tio Moshe, e ele está com a câmera. Aqui, tio! Quero uma foto minha dirigindo o carro.

Tio Moshe cumprimenta Cilka, a mãe e a irmã dela com beijos em cada bochecha. Um aperto de mão viril e um tapinha no ombro do pai.

— Vai deixá-la dirigir? — pergunta tio Moshe.

— Você já conseguiu dizer não para ela? Nenhum de nós consegue. Cilka quer governar o mundo, e provavelmente vai governar. Prepare a câmera.

Cilka passa os braços pelo pescoço do pai, ficando na ponta dos pés para alcançá-lo.

— Obrigada, papai. Agora, todo mundo para dentro do carro.

Enquanto tio Moshe arma a câmera no tripé, Cilka começa a colocar os membros da família onde ela os quer para a foto. Seu

pai pode sentar-se na frente ao lado dela, sua mãe e irmã vão para os bancos de trás. Com as mãos descansando com confiança no volante, ela posa.

Com um estrondo e um flash, a câmera captura o momento.

— Onde estão as chaves? Vou levar todos vocês para passear.

— Vou fazer um acordo com você — diz o pai de Cilka. — Prometo lhe dar aulas de direção, mas não hoje. Hoje é seu aniversário, vamos aproveitar o ótimo dia e depois comemoramos no jantar. Por enquanto, trocamos de lugar.

Relutante, Cilka admite a derrota – uma das poucas vezes em sua curta vida – e, fazendo beicinho, vai para o banco do passageiro.

Seu cachecol está balançando ao vento enquanto ela é conduzida por sua cidade natal, Bardejov...

Cilka, em Vorkuta, finalmente cai no sono.

22

— Ele conseguiu.

As palavras recebem Cilka quando ela entra na ala.

— Mikhail Alexandrovich? Onde ele está?

— No leito 1... Achamos que você gostaria de tê-lo o mais próximo possível da sala das enfermeiras. Vai poder fazer suas anotações e ainda o verá.

— Vou lá dizer um oi.

Mikhail está dormindo. Cilka olha para ele por vários momentos, seus olhos vagando pela cama até onde ela sabe que só resta uma perna, escondida sob os cobertores. Estava presente quando a perna direita dele foi amputada. Toca a testa dele, envolta em novas ataduras. O treinamento vem à mente, e ela pega o prontuário, procurando informações sobre como ele passou a noite. Nada ali salta aos seus olhos.

Quando ela volta para a área da recepção, Raisa discute os outros pacientes, e elas dividem a carga de trabalho: banhos, trocar curativos, administrar medicamentos. Há na ala duas novas mulheres que brigaram na noite anterior, causando

ferimentos feios uma na outra. Raisa e Cilka concordam em cuidar de uma de cada vez para evitar serem pegas no meio da contenda.

Cilka mal começou a atender sua paciente quando gritam as palavras: “Ambulância saindo”.

— Vai! Eu cuido da sua paciente — grita Lyuba.

Lá fora, a ambulância está esperando.

— Quer ir na frente? — pergunta Pavel.

— Quero — responde Cilka enquanto segura a porta da ambulância. — Depois de você. Kirill Grigorovich pode bolinar sua perna hoje.

Hesitante, Pavel entra na ambulância, empurrando-se contra Kirill.

— Que diabos você está fazendo? — questiona o motorista.

Cilka entra no veículo, batendo a porta com força.

— Vamos lá.

Com um arranhar de marchas, a ambulância sai em disparada.

— Se vamos trabalhar juntos, podemos tentar nos dar bem? — Cilka diz, inclinando-se sobre Pavel e encarando Kirill.

Ele muda de marcha, recusando-se a responder.

— Sabemos o que vamos fazer hoje? — pergunta Cilka.

— Um guindaste desmoronou, e o motorista ficou preso dentro dele — informa Pavel.

— Apenas uma vítima?

— Acho que sim, mas nunca se sabe. Às vezes, passamos por um acidente como esse e descobrimos que a desgraça despencou e caiu em cima de outros dez — responde Pavel.

— Quem vai resgatar o homem?

— Depende — intromete-se Kirill.

— Depende de quê? — questiona Cilka.

— Alguém já te disse que você faz muitas perguntas idiotas?

— Muita gente, provavelmente todo mundo que já me conheceu.

O caminhão salta sobre um pedregulho, e Cilka se encolhe de dor quando seu ombro bate na janela.

— Então, você não vai fechar o bico, é isso que está dizendo?

— Não vou fechar o bico, Kirill Grigorovich, é melhor você se acostumar. Quer responder à minha pergunta? Ou Pavel deveria responder?

— Bem... — Pavel começa a explicar.

— Cale a boca, vou responder a Cilka Klein, que tem que saber de tudo. Depende de quanto é perigoso o resgate. Se for arriscado, os supervisores obrigarão os prisioneiros a fazê-lo. Caso contrário, os guardas vão querer virar heróis.

— Obrigada — diz Cilka. — Saberemos assim que chegarmos o quanto está perigoso, então. Sei que não gosta de falar comigo, Kirill Grigorovich, mas ajuda se eu tiver algumas informações.

— É, bem, claramente saber de tudo não impediu você de ser mandada para cá.

Cilka ri.

— Nunca disse que sabia de tudo. Só gosto de saber no que estou me metendo.

Quando chegam ao local, não há nada que possam fazer de imediato. De tempos em tempos, guardas e supervisores seniores gritam, enquanto os prisioneiros tentam desfazer o emaranhado que antes era o longo braço do guindaste, agora envolto na cabine do condutor. Não há glória nenhuma nesse resgate.

Nas duas horas seguintes, Cilka, Pavel e Kirill permanecem no frio, batendo os pés e as mãos, voltando à ambulância para escapar do vento. Várias vezes Cilka sobe na armação de metal mutilada do guindaste desmoronado para contornar parcialmente a cabine e verificar sinais de vida no motorista. A cada vez ela nota o pulso dele ficando mais fraco, o fluxo de sangue da cabeça não jorra mais, o curativo que ela colocou ao redor da ferida encharcado de sangue.

Após a última ida, Cilka retorna à ambulância para pedir a Kirill que volte ao hospital. No caminho de volta, Cilka vê a primeira floração da primavera abrindo caminho através da geada no chão. O vento agita as flores, mas os caules retornam, permanecendo enraizados na terra congelada. Cilka cumpriu quase um terço de sua sentença. É insuportável considerar quanto tempo ainda falta. Em vez

disso, olhando as flores, ela sonha com a luz e o calor que chegarão em breve e, com eles, tempo para ver Josie e Natia novamente.

* * *

Quando volta à enfermaria, Cilka é informada de que Mikhail está acordado e pedindo para vê-la.

— Como está se sentindo? — pergunta ela, sorrindo, tranquilizando-o.

— Minha perna se foi? Mas ainda consigo sentir. A dor está aqui.

— Vou pegar algo para sua dor, mas, sim, Mikhail Alexandrovich, a médica teve que amputar sua perna direita, mas fez um trabalho maravilhoso reparando a esquerda, e, com o tempo, ela vai se recuperar.

— E eu vou poder andar, como? Como, Cilka Klein? Como posso viver com apenas uma perna?

— Disseram que podem fazer para você uma perna muito boa, e você vai aprender a andar com ela.

— Sério? Acredita que alguém vai gastar dinheiro para fazer uma perna para um prisioneiro? — Ele está ficando bravo, sua voz se altera.

— Não vou mentir para você, Mikhail Alexandrovich. Não sei se você receberá um trabalho diferente ou se vai ser mandado para casa; nas minas, você não vai conseguir trabalhar.

— Era para eu me sentir melhor? Agora posso ser mandado de volta a Moscou, sem lar, sem família, o aleijado para mendigar nas ruas?

— Não sei, Mikhail Alexandrovich. Vou pegar algo para sua dor — repete Cilka.

Ela se afasta, pois não quer que Mikhail veja como a conversa deles a perturbou. Yelena observa-a e a segue até a farmácia, fechando a porta atrás de si.

— Cilka, você está bem?

— Estou, sim.

— Não, não está — diz Yelena com gentileza. — Mas não tem problema. Você sabe com que rapidez as coisas podem ficar ruins aqui, já viu isso antes.

— Sim, mas...

— Cometi um erro ao colocá-la na ambulância?

Cilka para de olhar o frasco de remédio na mão, virando-se para Yelena.

— Não, não, de jeito nenhum. Não é isso.

— Então, o que é?

— A senhora sabe quanto tempo vou ficar aqui?

— Não me contam esse tipo de coisa.

— Quinze anos. Quinze anos. Parece uma infinidade. E depois disso... nem vou me lembrar de como é a vida fora de um lugar como este.

— Nem sei o que dizer.

— Diga que vou sair daqui — implora ela a Yelena. — Que vou ter a chance de viver uma vida como outras

mulheres jovens. — *Que terei amigos que não desaparecem da minha vida. Que talvez eu descubra que o amor também existe para mim. Que poderei ter um filho.* — A senhora consegue me dizer isso?

— O que posso dizer para você — diz Yelena com calma — é que farei de tudo que puder para isso se tornar realidade.

Cilka meneia a cabeça com gratidão, olhando de volta para a prateleira, procurando outro frasco.

— Prometa que vai falar comigo se se sentir pior do que está agora — pede Yelena.

— Meu pai sempre me dizia que eu era a pessoa mais forte que ele já havia conhecido, sabia? — diz Cilka, ainda sem olhar para Yelena.

— É uma carga bastante pesada.

— É. Mas eu sempre quis corresponder às expectativas de meu pai, e não decepcioná-lo, permanecendo forte, não importava o que acontecesse. Nem sei se ele ainda está vivo. — Ela dá de ombros. — É provável que não esteja.

— Uma maldição e uma bênção vinda de seu pai. Eu era muito jovem quando meu pai morreu; daria tudo para ter lembranças dele.

— Sinto muito.

— Tem um paciente lá fora esperando por você. Vamos lá, vou dar uma olhada nele enquanto você administra a medicação.

— O que acontecerá com ele, agora que só tem uma perna?

— Vamos mantê-lo estável e depois transferi-lo para um hospital de uma cidade maior, onde podem reabilitá-lo e, com sorte, conseguir um bom membro substituto.

— E depois?

— Aos olhos do Estado, ele ainda é um contrarrevolucionário, Cilka — responde Yelena, abaixando os olhos. — Não há muito o que eu possa fazer nesse sentido.

Cilka pega a medicação, tenta de novo reprimir a preocupação, a tristeza e a dor.

23

As noites brancas retornam.

Mais uma vez, as mulheres se divertem ao passar as noites de domingo passeando pelo campo. Tentando sentir, por apenas algumas horas, que têm um pouquinho de liberdade. Sabem por onde andar, aonde é seguro ir e os lugares a evitar, pois as gangues de homens aguardam para atacar.

A presença de Josie e Natia deixa algumas dessas noites mais felizes, pois Natia já exibe sua capacidade de andar. Suas tentativas de conversar as divertem. Elas brincam com seus cabelos finos, discutem sobre de quem ela mais gosta.

As mulheres começam a escoltar Josie e Natia na ida ao barracão e na volta nas noites mais quentes, para que possam passar um tempo juntas longe de olhares indiscretos, e deixar Natia correr. Revezam-se colocando Natia em suas camas, abraçando-a como se fosse sua própria filha. Elas a beijam, tocam as mãos minúsculas e tentam ensinar seus nomes.

Josie deixa Natia socializar, dando-lhe um aceno de cabeça e um sorriso quando ela olha em busca de apoio. Josie senta-se com Cilka em sua cama, e Cilka abraça Josie, pressionando o rosto contra seus cabelos. Josie pega a mão de Cilka e a aperta. Elas se comunicam dessa maneira, em vez de dizer o que temem, o que sabem que está por vir.

* * *

A luz desaparece rapidamente naquele verão. Várias mulheres param de se aventurar. Em uma noite quente, possivelmente no último suspiro do verão, elas escoltam Josie até o barracão com Natia aconchegada nos braços. Anastasia apegou-se à menininha e estende os braços para pegá-la no colo.

— Você poderia cuidar dela por um tempo, por favor, Nastya? — pede Josie, usando o diminutivo afetuoso de Anastasia. — Eu gostaria de falar com Cilka.

Cilka sai da cama, pega o casaco e segue Josie até lá fora.

Não vão longe; há muitas pessoas andando por aí, e começou a ventar. Encontram proteção ao lado do barracão e se encolhem ao lado do prédio.

— Cilka, o que vou fazer? — *Então, finalmente estão dando voz ao fato*, pensa Cilka. Além da breve conversa no verão passado, quando Josie contou a ela que uma das outras mães, que teve vários filhos, disse que eles foram enviados a orfanatos quando completaram dois anos, nunca deixaram o

medo se concretizar em palavras. A mãe ficou arrasada, disse Josie. Completamente apática, mal olhava para o filho.

Cilka desvia o olhar. Ela não tem resposta.

— Você consegue me ajudar, por favor, Cilka? Não posso deixar que a levem embora. É minha filha.

Cilka abraça Josie, deixando-a soluçar em seu ombro.

— Não posso prometer nada, mas vou tentar. Vou conversar com Yelena Georgiyevna, farei o que puder, prometo.

— Obrigada. Sei que você pode ajudar, sempre foi capaz — diz Josie, afastando-se do abraço para olhar Cilka de uma maneira tão esperançosa e franca que Cilka se sente mal. Josie ainda parece tão jovem, uma garota. — Por favor, não deixe que eles levem minha neném embora.

Cilka puxa-a para si de novo, abraçando-a por um longo tempo. *Por favor, não deixe que levem você embora.*

— Vamos — diz ela. — Você precisa levar Natia de volta ao seu barracão. O vento aumentou, e você não quer que ela fique doente.

* * *

Cilka fala com Yelena no dia seguinte. Yelena mostra-se solidária, mas não acha que tem poder sobre os administradores. As duas mulheres sabem que há poucas chances de ajudar Josie e Natia a ficarem juntas depois dos dois anos, e Josie vai ser forçada a voltar para um barracão geral sem ter o corpinho quente ao qual voltar no fim do dia.

Josie vai morrer, pensa Cilka. Não sobreviverá ao desgosto. Ela precisa descobrir o que fazer.

— Ambulância saindo.

— Estou indo.

Jogando o prontuário que está segurando para Lyuba e agarrando seu casaco, Cilka sai correndo da enfermaria.

Pavel fica segurando a porta do passageiro, os dentes grandes descansando sobre o lábio inferior. Ao vê-la correndo na direção deles, ele sobe na cabine. Nada mudou desde o segundo dia juntos e, portanto, Pavel tem que ficar no meio.

— Tem uma coisa diferente hoje, Cilka — comenta Kirill.

— Uau, falou primeiro, Kirill. — Cilka ri.

— Não, sério — diz Pavel — , este é sério.

— Todos não são? Desde quando decidimos que um acidente foi mais grave que outro antes mesmo de chegarmos lá?

— Não é um acidente — diz Pavel. — Estamos indo à casa do comandante, Alexei Demyanovich. Um dos filhos dele está doente e precisamos levá-lo ao hospital.

— Uma criança! Um garoto? Quantos anos, já temos essa informação?

— Não sei se é um menino, mas é um dos filhos do comandante.

Pela primeira vez desde sua chegada a Vorkuta, Cilka viaja para uma rua fora do complexo do campo e da mina. Uma estrada construída por prisioneiros. Ela olha para as

casas onde as famílias vivem. Mulheres com crianças pequenas a reboque descem a rua apressadamente, carregando sacolas. Passam por vários carros. Ela só costuma ver um carro algumas vezes, quando alguém importante visita o campo.

Um guarda acena para eles, indicando para pararem.

Saindo às pressas, Cilka corre à frente com o guarda, enquanto Pavel e Kirill pegam as caixas na parte de trás da ambulância. A porta da frente está aberta, e o guarda leva Cilka para dentro de casa e para um quarto onde uma garota se joga e grita na cama. Sua mãe está sentada à beira da cama, tentando colocar uma toalha molhada na testa, falando com uma voz suave e reconfortante. Cilka a reconhece.

— Com licença, posso dar uma olhada nela? — diz Cilka enquanto tira o casaco, largando-o no chão.

A esposa do comandante, Maria, vira-se ao se levantar.

— Olá, você é...?

— Cilka Klein. Olá, novamente. O que Katya está aprontando dessa vez?

— Cilka Klein, sim. Por favor, pode ajudá-la? Ela está com muita dor.

Cilka vai até a lateral da cama, abaixando-se para tentar examinar a garota, que continua se debatendo.

— O que a senhora pode me contar? — pergunta ela para a mãe.

— Ela não jantou ontem à noite e se queixou de dor no estômago. Meu marido deu alguma coisa para acalmá-la...

— Sabe o que ele lhe deu?

— Não, não sei. Ela não tomou café da manhã. Vim vê-la, e ela disse que a dor estava de volta e queria dormir. Deixei-a, mas quando voltei, há pouco tempo, ela estava assim e não disse nada. Por favor, o que há de errado com ela? Você precisa ajudá-la.

As joias de Maria tilintam no pulso enquanto ela gesticula de um jeito enfático.

— Deixe-me dar uma olhada nela.

Cilka tenta conter os braços agitados de Katya.

— Katya, aqui é Cilka, estou aqui para ajudá-la — diz ela, tranquilizadora. — Por favor, pode tentar ficar quietinha deitada e me mostrar onde dói? Isso, boa menina. Quero dar uma olhada na sua barriga.

Cilka olha para a porta, onde o guarda, Pavel e Kirill estão assistindo.

— Vocês três, saiam e fechem a porta. Chamo se precisar.

Ela se vira para Katya e ouve a porta fechar.

— Melhor assim. Agora, me deixe ver sua barriga. Você está indo bem, Katya, é uma garota corajosa. Sei disso, já nos vimos antes, quando você caiu do telhado e quebrou o braço.

Katya se acalma um pouco, permitindo que Cilka levante a camisola e verifique a barriga. Consegue ver que está distendida.

— Katya, vou tocar de levinho sua barriga. Me fale quando eu encostar no ponto que mais doer.

Começando por baixo da caixa torácica, Cilka empurra suavemente para baixo, movendo rapidamente as mãos alguns centímetros de cada vez. Quando desce para o abdômen inferior, Katya grita.

— O que foi, o que há de errado com ela? — Maria fica agitada. O quarto tem o cheiro profundo e forte de seu perfume, fazendo o nariz de Cilka se contorcer.

— Sinto muito, não tenho certeza, mas, se a levarmos até o hospital na ambulância, os médicos poderão diagnosticá-la e tratá-la. Vou aplicar uma injeção para ajudar com a dor, e depois a transportaremos na ambulância.

Cilka consegue sentir como seus joelhos afundam naquele tapete alto e macio. Como seria bom deitar-se aqui. Ter os cuidados de uma mãe preocupada, nesta cama cheia de travesseiros.

— Mandei um mensageiro contar ao meu marido. Ele deve estar aqui em breve. Talvez devêssemos esperar e levá-la no carro dele.

— Quanto antes a levarmos ao hospital, melhor, se a senhora não se importar. Vou na parte de trás da ambulância cuidando dela.

— Está bem. Confiei em você uma vez antes, vou confiar em você novamente. E também gostaria que a médica fosse Yelena Georgiyevna.

— Pavel — chama Cilka.

A porta se abre. Pavel e Kirill aparecem.

— Traga o remédio.

Kirill apressa-se, deixando a caixa de remédios no chão e arrancando a tampa.

Cilka localiza rapidamente o medicamento que quer, enche uma seringa e injeta suavemente no braço de Katya. Ela segura o braço da menina enquanto a medicação para dor faz efeito, e Katya se tranquiliza.

— Pegue a padiola, rápido, e leve as caixas de volta com você.

Os dois retornam com a maca. Cilka e Maria levantam Katya quando a maca é colocada sobre a cama. Gentilmente, elas a abaixam, envolvendo-a com os cobertores.

— Vamos — diz ela a Pavel e Kirill. Virando-se para Maria, ela fala: — A senhora quer vir conosco na ambulância ou o guarda pode levá-la de carro?

— Quero ir com vocês.

— A senhora vai precisar ir na frente. Estarei na parte de trás com Katya.

O guarda entrega o casaco a Maria. Cilka pega o dela no caminho para fora do quarto, enquanto elas seguem Pavel e Kirill até a ambulância.

Cilka sobe na parte de trás primeiro e ajuda Pavel a deslizar a padiola em sua direção. Kirill liga o motor, fechando as portas traseiras. Pavel pula para a frente, o guarda segura a porta para Maria e a ajuda a sentar-se ao lado de Pavel.

O trajeto até o hospital é percorrido em silêncio, o perfume de Maria enchendo o caminhão.

Chegou até Yelena a notícia de que a filha do comandante está a caminho. Ela está esperando por eles.

Após um rápido exame, ela diz a Maria que precisará levar Katya para a cirurgia imediatamente. Tem certeza de que é apendicite, mas não saberá de fato até que a abra. Se estiver correta, Katya estará em pé em algumas semanas.

— Posso ir com a senhora? — pergunta Maria.

— Bem, na verdade, não, Maria Danilovna. Vou deixar Cilka aqui com a senhora; ela poderá lhe dizer o que vamos fazer.

— Não, vou ficar bem enquanto espero meu marido; prefiro que ela esteja com você.

— Vamos, Cilka, vista-se para a cirurgia. — Para os auxiliares que estão próximos, ela diz: — Levem a paciente para o centro cirúrgico, por favor. Nos encontraremos lá.

Quando Yelena se afasta, Cilka fala rapidamente com Maria.

— Ela vai ficar bem. Vocês estarão juntas de novo o mais rápido possível.

Quando Cilka sai da sala, ouve a voz estrondosa do comandante. Para um momento para observar enquanto ele envolve sua esposa nos braços e ela lhe conta, com uma voz cheia de emoção, o que sabe. Marido, mulher, filha, e o luxo de cuidarem apenas um do outro.

* * *

Yelena diz a Cilka que ela pode ir buscar Maria e o comandante e levá-los até Katya, que continua dormindo, mas sem o apêndice. Cilka fica no fundo da sala, enquanto Yelena explica o procedimento envolvido, o período de recuperação e se oferece para passar a noite com ela.

Maria agradece, perguntando se seria possível que Cilka passasse a noite com Katya e ela. Não iria embora. O comandante quer que sua filha seja levada para casa, mas concorda que pode passar uma noite em um quarto próprio ali, longe dos prisioneiros. Cadeiras são trazidas ao centro cirúrgico para Cilka e Maria. Naquele dia, não haverá mais cirurgias.

24

Katya acorda várias vezes durante a noite. Cilka vê como ela está e administra mais injeções para a dor, enquanto Maria tranquiliza a filha de que em breve ela estará em casa.

Depois de acalmar Katya mais uma vez, Cilka se senta novamente, ciente de que Maria está olhando para ela.

— Está tudo bem? — pergunta ela à esposa do comandante que a aprisiona.

— Não sei como agradecer sua gentileza e carinho. Observá-la com Katya me deixa impressionada. Não sei por que você está aqui, não quero saber, mas me deixe falar com meu marido, pedir para ele ajudá-la?

Cilka não sabe para onde olhar.

— Está falando sério, senhora?

— Claro, nós lhe devemos muito. Se dependesse de mim, você não passaria mais nenhuma noite aqui. Katya é muito especial para Alexei Demyanovich. Não conte a ninguém, principalmente a nossos filhos, mas acho que ele tem uma filha favorita, e é essa menina deitada na cama.

Cilka levanta-se e caminha até Katya. Olha para ela: pele clara e bonita, em breve será uma adolescente. Cilka tira uma mecha de cabelo rebelde do rosto dela.

— Nunca tive um filho — diz Cilka, sentindo-se segura na sala quente e silenciosa. — Mas sou filha. Conheço o amor de mãe e pai.

— Um dia será, Cilka, você é jovem.

— Talvez.

É demais revelar a Maria, essa mulher bem alimentada e cuidada, que acha que isso nunca acontecerá para ela. Se fosse possível, certamente já teria acontecido. Ela não funciona mais por dentro como outras mulheres.

— Se me deixar ajudá-la a sair deste lugar, isso poderia acontecer mais cedo. Esse posto é apenas um cargo temporário para meu marido. Talvez voltemos a Moscou em breve. Pode ser sua única chance de me permitir ajudá-la.

Cilka senta-se novamente, virando um pouco a cadeira para encarar Maria, fitando-a diretamente.

— Posso usar sua oferta de ajuda para outra pessoa?

— Por que você faria isso? — pergunta Maria, obviamente perplexa.

— Porque tem uma mãe aqui, neste campo, que é muito querida para mim. Sua filhinha, Natia, fará dois anos em poucas semanas. Assim que completar dois anos, ela será levada embora, e Josie nunca mais vai vê-la. Se houver algo que a senhora possa fazer para impedir que isso aconteça, eu

não saberia como agradecer. Ficaria muito, muito agradecida.

Maria desvia o olhar, emocionada ao ouvir isso. Olha para a própria filha e passa a mão na barriga. *Certamente ela sabe o que acontece*, pensa Cilka. Talvez nunca tenha se permitido pensar no que significa para as prisioneiras, no sofrimento delas.

Maria meneia a cabeça. Estende as mãos e toma as de Cilka.

— Me dê os detalhes dela. Natia e sua mãe não serão separadas se eu puder evitar.

— Jozefína Kotecka — diz Cilka.

A porta da sala se abre, Alexei Demyanovich entra cercado por seus guarda-costas. Ele olha para as duas mulheres. Cilka levanta-se.

— Obrigado por cuidar de minha filha e de minha esposa.

Katya acorda com o som pesado de botas batendo no chão de madeira. Vendo o pai, ela o chama.

— Papai, papai.

Lançando uma piscadela para a esposa, Alexei senta-se na cama de Katya, confortando-a.

Yelena aparece e examina Katya.

Todos na sala estão sorrindo. Cilka se vê no meio de uma ocasião feliz em família e não sabe como reagir. Quando ajudam Katya a sentar-se em uma cadeira de rodas para ser transportada para casa no carro do pai, Maria dá um longo

abraço em Cilka, sussurrando que cuidará de Natia e sua mãe.

Quando todos saem do quarto, Cilka fecha a porta atrás deles e senta-se na cama de Katya.

— Um amor de mãe — sussurra ela.

25

Yelena encontra Cilka quando ela chega ao trabalho.

— Venha comigo.

Cilka segue.

— Não tire o casaco.

— Aonde estamos indo?

— Apenas venha comigo.

Yelena afasta-se rapidamente do hospital para o prédio da administração nas proximidades, um edifício de pedra com três andares ao lado de outros dois semelhantes. Elas vão para os fundos, uma entrada mais discreta. Um guarda do lado de fora abre para elas sem questionar. Entram em uma pequena área de recepção. Cilka rapidamente observa os arredores, buscando ameaças, alguém que possa prejudicá-la. Dá um passo à frente para ficar perto de Yelena, querendo a segurança dessa mulher em quem confiou. E, então, lá está ele. Alexandr levanta-se de trás de uma mesa. Ela não o via de perto fazia tanto tempo. Ele é magro, como todos os prisioneiros, mas arrumado, tranquilo. Seus cabelos limpos,

sua pele clara; os olhos castanhos têm uma expressão carinhosa e franca.

— Espere aqui, só um momento — diz Yelena para Cilka e meneia a cabeça para Alexandr, afastando-se por um corredor atrás dele e entrando por uma porta.

— Vai dar tudo certo, Cilka — diz Alexandr com calma, notando claramente sua angústia e mostrando que se lembra dela. Ele sorri, os cantos dos olhos enrugando-se. O coração de Cilka palpita.

Josie falou dele algumas vezes, e ela sempre agradece por saber que ele está bem. Josie também diz que ele escreve poemas nos cantos de folhas de papel antes de arrancá-las e destruí-las.

Cilka vai até a mesa. Ela consegue falar.

— Espero que sim, Alexandr — diz ela. Ela olha para baixo e vê rabiscos no papel em uma caligrafia expressiva. Ela espia de novo, não consegue deixar de olhar os lábios dele.

— Eu...

Cilka ouve uma porta fechar e ergue os olhos. Josie! A amiga corre em sua direção, obviamente confusa.

— Cilka, o que está acontecendo?

Yelena está seguindo Josie, entrando de volta na sala.

— Não sei — diz Cilka, o coração ainda acelerado. — Yelena Georgiyevna, o que está acontecendo?

— Não sei. Aguarde um momento. Me disseram para trazer vocês até aqui.

Maria Danilovna entra na sala com Natia nos braços.

Josie grita e corre para a filha, parando antes que possa arrancá-la dos braços da estranha bem-vestida. Maria entrega Natia, a garotinha claramente feliz e calma.

— Ela é uma menina linda, Jozefína — diz Maria. — Venha. — Ela acena para elas acompanharem-na pelo corredor. Cilka olha para Alexandr, que meneia a cabeça e depois se senta a sua mesa. Elas entram em uma sala cinza, e Maria fecha a porta.

Maria vira-se para Cilka.

— Eu cumpri minha promessa.

— O que está acontecendo? — Josie exige saber, segurando Natia, aterrorizada.

Cilka acaricia o rosto de Natia, depois o de Josie.

— Josie, esta é Maria Danilovna, esposa do comandante Alexei Demyanovich. Você não tem nada a temer. Ela está ajudando você.

— Me ajudando como?

— Jozefína, me ofereci para ajudar Cilka Klein depois que ela salvou a vida da minha filha, não uma, mas duas vezes...

— Bem, não fui eu, na verdade...

— Estou contando a história, Cilka! — interrompe Maria. — Ela salvou a vida da minha filha duas vezes. Perguntei o que eu poderia fazer para ajudá-la, em gratidão por seus cuidados. Ela não pediu nada para si mesma; contou sobre você e perguntou se eu poderia ajudar você e sua filha.

— Eu não entendo, você se ofereceu para ajudá-la e, em vez disso, está me ajudando?

— Sim, tem um carro esperando lá fora. Vai levar você e Natia para a estação de trem e, de lá, para Moscou. Uma amiga minha, Stepanida Fabiyanovna, encontrará vocês em Moscou e as levará para casa com ela. Espero que aproveite a oportunidade de morar com ela, ganhando uma pequena quantia para cumprir tarefas e ajudar em sua casa.

Josie, segurando Natia, vai ao chão, soluçando, emocionadíssima. Cilka abaixa-se ao lado dela, abraçando as duas. Yelena e Maria olham-nas, enxugando as lágrimas. Natia se contorce e estende os braços para colocar as mãos minúsculas em volta do pescoço de Cilka, que ergue a menina de uma vez no colo, abraçando-a. Ela a beija repetidamente no rosto até que a menininha a afasta, fazendo Josie e Cilka rirem entre lágrimas. Lentamente, todas se erguem, juntas.

— Mumma — grita Natia enquanto estende os braços em direção à mãe. Josie a pega no colo.

Maria sorri calorosamente, enxugando os olhos.

— Vou deixar vocês se despedirem a contento. Mande meus melhores cumprimentos a Stepanida Fabiyanovna. Diga a ela que lhe escrevo em breve.

Quando Maria Danilovna abre a porta, Cilka corre atrás dela, surpreendendo a si mesma ao abraçá-la. Ela se recompõe e dá um passo atrás.

— Como posso agradecer a senhora?

— Já agradeceu. Cuide-se, Cilka. De vez em quando, eu venho ver como você está.

Ela dá a todos um último aceno de cabeça e sai.

A porta abre-se novamente. É um guarda.

— Hora de ir. O carro vai esperar, o trem, não. — Ele segura uma bolsa pequena. — A esposa do comandante me pediu para lhe dar isso; são algumas roupas para a pequena. Vou colocar no carro.

Elas voltam à área de recepção. Josie corre rapidamente até Alexandr.

— Adeus, Alexandr — diz ela.

— Boa sorte, Josie — responde ele, pousando as mãos sobre as dela, sobre a criança.

Enquanto Josie volta para o grupo, Alexandr fixa os olhos em Cilka. Ela se vira, passa o braço em torno de Josie e Natia e sai com elas.

Quando chegam à porta do carro, Josie olha de Yelena para Cilka.

— Não quero ir. Não quero deixar vocês.

Cilka ri. As palavras de Josie são as mais bonitas e absurdas que ela já ouviu em muito tempo. Ela mantém o sorriso no rosto, tenta combater as lágrimas.

— Entre no carro. Vá. Encontre seus irmãos. Tenha uma vida boa... por mim, por todas nós... e garanta que a menina também tenha. Sempre vou pensar em vocês, só com pensamentos felizes.

Um último abraço, Natia apertada entre elas.

A porta do carro fecha-se com estrondo. Yelena e Cilka veem-no desaparecer, nenhuma das duas querendo se mexer.

— De todas as coisas que vi desde que cheguei aqui, é disso que vou me lembrar, a isso que vou me apegar quando a escuridão deste lugar ameaçar me envolver. Não sei como o comandante e sua esposa conseguiram. Alguém lá em cima provavelmente lhe devia um favor. Agora, de volta ao trabalho, há outras almas para salvar — sussurra Yelena.

O sol rompe as nuvens espessas por um momento. Cilka sente que está desmoronando.

— *Leich l'shalom* — sussurra ela, baixinho, para Josie. — *Vá em direção à paz.*

* * *

Naquela noite, Cilka conta às outras sobre a partida de Josie e Natia, deixando claro seu papel na libertação delas. Lágrimas são derramadas. Lembranças são revividas. Felicidade e tristeza em igual medida.

A conversa se estende, como costuma acontecer hoje em dia, para a vida antes de Vorkuta.

Os motivos para estarem lá são tão variados quanto suas personalidades. Além de estar no Exército polonês, Elena foi acusada de ser espiã. E, aí, ela fala com as companheiras em inglês, o que deixa todo mundo admirado.

— Eu sabia, é claro — diz Hannah, presunçosa.

Por cinco anos, elas moraram com uma pessoa que falava inglês. Várias perguntam se ela as ensinaria, só um pouco. Um ato secreto de resistência.

Outras meninas da Polônia também foram acusadas de ajudar o inimigo de várias maneiras. Nenhuma delas menciona prostituição. Olga conta novamente a história de como se viu do lado errado da lei por ter feito roupas para a esposa de um rico general. Quando o marido discordou veementemente de Stálin e foi fuzilado, ela foi presa e transportada.

Margarethe começa a soluçar.

— Morro um pouco mais a cada dia sem saber o que aconteceu com meu marido.

— Ele foi preso com você, não foi? — pergunta Olga, como se tentasse resolver o quebra-cabeça em voz alta.

— Fomos presos juntos, mas enviados para diferentes prisões. Nunca mais o vi. Não sei se está vivo, mas meu coração me diz que está morto.

— O que ele fez? — quer saber Anastasia, não tendo ainda ouvido a história.

— Ele se apaixonou por mim.

— Só isso? Não, tem que ter mais coisa.

— Ele é de Praga, é tcheco. Eu o chamo de meu marido, mas esse é o problema. Ousamos tentar nos casar. Sou de Moscou, e lá não temos permissão para casar com um cidadão estrangeiro.

O coração de Cilka palpita durante toda a conversa. Ela está aqui há cinco anos, e as mulheres sabem que ela é judia e eslovaca, mas nada sobre sua prisão. Josie reuniu um pouco de informação ao fazer perguntas a Cilka, embora Cilka nunca tenha elaborado nada. Ela lhe contara sobre seus amigos, como Gita e Lale, imaginando em voz alta junto com Josie onde eles estavam, se estavam em segurança. Contou a Josie sobre a morte de sua mãe e irmã, mas não entrou em detalhes. Tem vergonha de não ter lhe contado tudo. Mas se Josie se afastasse, isso teria acabado com ela novamente.

O barracão entra em um silêncio contemplativo.

— É hora de voltar a seguir meu conselho — diz Olga ao grupo. — Uma lembrança feliz. Forcem a entrada dela na cabeça e no coração.

Bardejov, Tchecoslováquia, 1939

— Cilka, Magda, venham aqui, rápido — chama a mumma delas.

Magda deixa cair o livro que está lendo e corre para a cozinha.

— Cilka, vamos — diz ela.

— Em um minuto, me deixe terminar este capítulo — Cilka rosna como resposta.

— É uma coisa maravilhosa, Cilka, vamos — insiste a mãe.

— Ai, tudo bem, eu vou.

Segurando o livro aberto na página que estava lendo, Cilka entra na cozinha. A mãe dela está sentada à mesa, lendo uma carta. Ela acena a carta para as duas garotas.

— O que diz aí? — Magda dá um gritinho.

Cilka fica de pé na porta, fingindo ler, esperando ouvir as notícias.

— Largue o livro, Cilka — diz a mãe com firmeza. — Venha cá e sente-se.

Cilka abre o livro sobre a mesa enquanto se senta ao lado de Magda, de frente para a mãe.

— O que foi? — pergunta Cilka.

— Tia Helena vai se casar.

— Ah! Que notícia maravilhosa, mumma — diz Magda. — Amo todas as suas irmãs, mas principalmente tia Helena. Fico muito feliz por ela.

— O que isso tem a ver conosco? — questiona Cilka de um jeito despreocupado.

— Bem, minhas duas lindas meninas, ela quer que vocês sejam damas de honra, façam parte do casamento dela. Não é adorável?

— Quer dizer que vamos poder usar um vestido bonito e enfeitar os cabelos com flores? — pergunta Magda, animada.

— Sim, as duas vão ter os vestidos mais bonitos e tenho certeza de que tia Helena adoraria que tivessem os cabelos enfeitados com flores. O que acha, Cilka? Quer ser dama de honra, com todo mundo olhando para você, dizendo como você está bonita?

Cilka olha da mãe para a irmã, tentando conter a emoção que sente, mas não consegue. Ficando em pé de uma vez, derrubando a cadeira, ela gira pela cozinha, tentando puxar o vestido justo.

— Vou ser uma princesa com flores no cabelo. Meu vestido pode ser vermelho? Eu queria mesmo um vestido vermelho.

— *Vai depender da tia Helena, mas você pode perguntar para ela. Talvez ela diga que sim, mas vocês duas terão que usar a mesma cor.*

— *Vou contar ao papa.*

Cilka sai correndo da cozinha, procurando pelo pai.

— *Papa, papa, tia Helena vai se casar. Ela está apaixonada.*

Um dia, *pensa Cilka*, vai ser a minha vez.

26

O inverno da passagem de 1950 para 1951 é especialmente severo. O hospital está sobrecarregado por casos graves de geladura e outras doenças associadas ao clima. Amputações de membros inferiores tornam-se comuns, os sobreviventes são enviados imediatamente a lugares desconhecidos para liberarem leitos. A pneumonia leva muitos; os pulmões enfraquecidos pela inalação constante de pó de carvão não são páreo para as infecções que se espalham pelo campo. Casos de pelagra mal chegam à entrada do hospital – os quase cadáveres são levados para lá com a pele descamada e deixados em cobertores no chão perto da entrada, prontos para serem levados para um caminhão quando expirarem.

As lesões aumentam de maneira alarmante à medida que dedos congelados perdem o controle sobre as ferramentas; os ferimentos por esmagamento aumentam à medida que prisioneiros enfraquecidos demoram a reagir aos perigos de equipamentos pesados e pedras em queda.

Qualquer suspeita de dano autoinfligido é verificada quando os médicos questionam os pacientes feridos. Eles imploram para serem mantidos no hospital ou, no mínimo, liberados do trabalho externo. Algumas dessas lesões propositais são mutilações terríveis, entre as piores que Cilka já viu.

As ambulâncias esforçam-se para transportar doentes e feridos, muitos chegando empilhados na traseira de caminhões ou levados por companheiros de prisão.

Com o tempo sombrio e a partida de Josie, combinados com a falta de esperança, Cilka mergulha novamente na escuridão. Recusa-se a fazer os intervalos que ganha por sair com a ambulância, buscando, deixando e voltando imediatamente para cuidar sem cessar de doentes, feridos e moribundos. Está se tornando uma estranha na ala.

Os supervisores da mina elogiam sua coragem por nunca se recusar a enfrentar uma situação de perigo. Dizem que seu tamanho e sua competência fazem dela a melhor pessoa para entrar na mina e procurar vítimas. A palavra "bravura" novamente – entretanto, Cilka acha que ainda está por merecê-la.

— Ambulância saindo.

— Estou indo.

Kirill, Pavel e Cilka correm para a mina.

— Não vai perguntar o que vamos enfrentar hoje, Cilka? — pergunta Kirill.

— Isso importa?

— Dia ruim? — Kirill retruca.

— Deixa disso, Kirill — intervém Pavel em defesa de Cilka.

— Tudo bem. É uma explosão, então vai haver queimaduras e ossos quebrados — diz Kirill.

Nem Pavel, nem Cilka respondem.

Kirill dá de ombros.

— Se é assim que vocês vão ficar.

* * *

O caos é evidente quando se aproximam da mina. Há o habitual amontoado de prisioneiros que se aproximam, marchando, pé ante pé, em um esforço para se aquecer.

Cilka está fora da ambulância antes de o motor ser desligado.

— Cilka, venha cá.

Ela se junta a um grupo de guardas. Um supervisor aparece.

— Cilka, que bom vê-la. Tem uma horrível para você. Estávamos levando explosivos a uma galeria central para podermos avançar, e um deles explodiu inesperadamente. Temos pelo menos seis prisioneiros lá e aproximadamente o mesmo número de guardas. Também está lá nosso especialista em explosivos. Ele estava indo colocar a dinamite. É o melhor homem por aqui. Que merda, vamos ter problemas se ele não ficar bem.

Cilka começa a caminhar em direção à entrada da mina.

— Pavel — chama ela — , traga a caixa. Vamos, rápido.

O supervisor corre atrás dela:

— Cilka, você ainda não pode entrar. Não declararam que está seguro.

Ela já tinha ouvido aquilo antes.

— E quem vai declarar que é seguro, parado aqui em cima?

Sem resposta, Cilka se vira para Pavel.

— Não posso fazer você vir comigo, mas gostaria que viesse.

— Cilka, você ouviu o homem. As paredes podem desmoronar ao nosso redor.

— Tem homens lá dentro. Precisamos tentar.

— E vamos nos matar? Melhor não.

— Tudo bem, vou entrar sozinha. Me passe a caixa.

Pavel estende a caixa, hesita e depois a puxa de volta para si.

— Vou me arrepender disso, certo?

— Provavelmente — diz ela com um sorrisinho.

— Definitivamente — fala o supervisor. — Olha, não posso impedi-los, mas posso desaconselhar.

— Venha, Pavel, vamos lá.

— Aqui, pegue o lampião grande — oferece o supervisor.

Quando Cilka e Pavel descem pelo elevador, a luz do lampião mal atravessa a poeira que sobe e rodopia ao redor deles. Saem na escuridão e avançam por alguns minutos antes de começar a gritar.

— Alguém consegue me ouvir? — grita Cilka. — Chame se você me ouvir para que possamos encontrá-lo. Tem alguém aí?

Nada. Avançam para mais fundo, aproximando-se do local da explosão, quando o chão sob os pés deles se torna uma pista de obstáculos, cheia de pedras e pedregulhos. O caminho se estreita.

Pavel tropeça, escorregando em uma pedra irregular, e grita pelo medo tanto de cair quanto de se machucar.

— Você está bem?

Sua série de palavrões ricocheteia nas paredes. Quando o eco diminui, eles ouvem um grito.

— Aqui, estamos aqui.

— Continue falando, estamos chegando — berra Pavel enquanto ele e Cilka se apressam na direção da voz.

Suas luzes combinadas iluminam vários homens acenando e chamando por eles. Quando chegam, Pavel pergunta quem está no comando. Um guarda sentado ao lado de um homem inconsciente se identifica.

— Me conte quem está aqui e o que você sabe dos outros — pede Cilka.

Há seis deles – três guardas, dois prisioneiros e o especialista em explosivos, que está inconsciente. Os capacetes foram arrancados na explosão, as luzes se apagaram ao mesmo tempo, e eles não conseguem ver qual a gravidade dos ferimentos de todos.

Cilka pergunta se algum deles consegue ficar de pé e sair por conta própria. Dois dizem que acham que sim, mesmo estando gravemente feridos. Um relata que está com o braço quebrado, pois os ossos perfuraram sua camisa e o casaco.

Usando o lampião, Cilka e Pavel fazem um rápido exame dos homens. A respiração do especialista em explosivos é irregular, e ele está com um ferimento na cabeça. Ela pede a Pavel para verificar outro homem inconsciente. Leva apenas um momento para relatar que está morto. Era um dos guardas.

Cilka concentra-se no especialista em explosivos. Além do ferimento na cabeça, parece ter sido atingido no peito por alguma coisa; uma depressão lhe diz que está com várias costelas quebradas. Cilka faz com que os homens saudáveis a ajudem a deitá-lo. Ela administra um soro em seu braço e enfaixa a cabeça dele.

— E os outros? — pergunta ao guarda. — Disseram que havia cerca de doze aqui.

O guarda diz a ela para iluminar mais adiante. Quando ela o faz, vê que o caminho está em grande parte bloqueado pelo desmoronamento das explosões.

— Estão do outro lado — explica ele.

— Já tentou chamar para ver se algum deles responde?

— É uma perda de tempo. Estavam cerca de cem metros adiante, avançando com a dinamite quando ela explodiu. Devem ter sido atingidos com toda a força da primeira explosão, depois houve mais duas. Sem chance para eles.

— Tudo bem, vou deixar que você relate isso quando sairmos. Por enquanto, vamos ver quem é capaz de ajudar os outros homens a saírem daqui. Preciso de pelo menos um para ajudar Pavel a levar nosso especialista aqui.

— Eu posso ajudar — diz o guarda.

— Eu posso ajudar — resmunga um dos prisioneiros, tossindo.

— Obrigada. — Virando-se para o outro prisioneiro: — Você consegue ficar de olho nele? — pergunta ela, apontando para o homem ferido. — Está com o braço todo quebrado.

— Eu fico com ele — responde o prisioneiro.

Cilka segura o lampião na direção da saída, e os homens, arrastando os pés e se encolhendo de dor, começam a segui-la. Pavel, atrás dela, encaixa os braços embaixo dos ombros do homem inconsciente, segurando com firmeza pelo peito. Cilka pega a caixa de remédios, coloca o frasco de fluido intravenoso por cima e segue os trabalhadores pelo longo corredor claustrofóbico; por fim, atravessam a porta aberta da gaiola do elevador.

Ela olha para trás. Através do turbilhão de luz do lampião, consegue ver que Pavel está lutando com o peso do homem. Ela ouve um estrondo. *Não.* Rochas desalojadas despencam, cuspindo nuvens de poeira. Escuta Pavel gritar.

Cilka ouve gritos, e a alavanca do elevador se levanta, a porta da gaiola batendo. Ela tosse, tosse, os ouvidos zumbem. Ela despenca, a cabeça batendo no gradil duro da

parede do elevador, o corpo vibrando enquanto começa a lenta subida.

* * *

— Cilka, Cilka, aperte minha mão. — A voz suave de Yelena entra na semiconsciência de Cilka.

Mão, sinta a mão, aperte, diz ela a si mesma. O pequeno esforço de obedecer a esse comando envia ondas de dor através de seu corpo, e ela fica inconsciente de novo.

* * *

O som de alguém gritando desperta Cilka. Sem abrir os olhos, ela ouve sons familiares de médicos e enfermeiras fazendo seu trabalho, de pacientes pedindo conforto, gritando de dor. Ela quer berrar com todos.

— Você voltou para a gente, Cilka? — Ela ouve Raisa sussurrando. Sente a respiração de Raisa na bochecha; deve estar debruçada sobre ela.

— É hora de acordar. Vamos, abra os olhos.

Devagar, Cilka abre os olhos. O mundo está todo turvo.

— Não consigo enxergar — sussurra ela.

— Talvez sua visão fique borrada, então, não entre em pânico, Cilka. Você vai ficar bem. Consegue ver minha mão?

Algo lampeja diante de Cilka, um movimento. Talvez seja a mão de Raisa. Cilka pisca várias vezes, e cada vez que o

faz, sua visão clareia um pouco mais até ela conseguir identificar os dedos; sim, é a mão.

— Vejo, eu vejo sua mão — murmura ela.

— Boa menina. Agora, ouça enquanto eu digo como você está, e aí poderá me dizer como se sente. Está bem?

— Entendi.

— Você sofreu um golpe duro na parte de trás da cabeça, que precisou de vinte pontos. Não acredito que conseguiu sair de lá enquanto o túnel todo estava desabando. Você é feita de quê?

— De coisas mais fortes do que você pensava.

— Tivemos que cortar um pouco do seu cabelo, mas ele vai crescer de novo. Agora, você deve estar com dor de cabeça, e não queremos que fique falando, sentindo que precisa fazer as coisas.

Cilka abre a boca para falar. *Pavel*. Ela está se lembrando dos últimos momentos na mina. Murmura o nome dele, angustiada.

— Está tudo bem, Cilka — diz Raisa.

— Pavel...

— Sinto muito, Cilka. Ele não conseguiu sair.

E a culpa é minha, pensa ela. *Eu fiz com que ele entrasse*.

Ela fecha os olhos.

Sou amaldiçoada. Todos à minha volta morrem ou são levados. Não é seguro ficar perto de mim.

— Cilka, você está com escoriações e hematomas na parte superior das costas, onde a pedra caiu, deve ter se curvado

quando aconteceu. Não são sérios e estão se curando bem.

Ela tenta respirar. Não interessa como ela está.

— Como estão os outros homens?

— Ai, Cilka. Só você para perguntar sobre os outros antes de si mesma. Graças a você, os trabalhadores que saíram antes estão bem.

Cilka fica aliviada por não estarem todos mortos. Mas Pavel. Ela deveria ter sido mais cuidadosa.

— Agora — diz Raisa. — Vou dizer como você será tratada, e quero sua promessa de que fará o que mandarmos. Não quero que interfira, mesmo que pense que sabe mais do que todas nós juntas.

Cilka não diz nada.

— Eu disse para prometer.

— Prometo — murmura ela.

— Promete o quê?

— Fazer o que me mandarem, não interferir nem pensar que posso me curar sozinha.

— Eu ouvi isso — diz Yelena, tendo se esgueirado para perto delas. — Como está nossa paciente?

— Estou...

— Deixe que eu falo, você acabou de concordar em ficar quieta — interrompe Raisa.

— Não falei nada sobre ficar quieta.

— Minha pergunta acabou de ser respondida. Cilka, me diga como você se sente. Onde dói?

— Não dói.

Yelena bufa.

— Quero que você fique deitada por mais vinte e quatro horas. Tente não se mexer muito, deixe o corpo se curar, principalmente a cabeça. Desconfio que tenha sofrido uma grande concussão, e apenas descanso vai curá-la.

— Obrigada — Cilka consegue dizer.

— Descanse um pouco. Mandei avisar no barracão que você estava ferida, mas vai ficar bem; sei o quanto você é próxima das mulheres e achei que elas poderiam estar preocupadas.

Hannah certamente ficará, ela pensa. Mas o último recipiente que Cilka pegou para ela vai durar um tempo.

Os pensamentos de Cilka voltam a Pavel, e uma lágrima escapa e corre por sua bochecha.

* * *

No dia seguinte, Cilka abre os olhos e vê um homem estranho debruçado sobre ela. Antes que possa dizer qualquer coisa, ele agarra uma das mãos dela e a beija.

— Obrigado por salvar minha vida, você é um anjo. Tenho observado você dormir, esperando que acorde para poder agradecer.

Ela o reconhece: é o especialista em explosivos da mina.

Lyuba aparece ao lado dele.

— Vamos, volte para sua cama. Já disse que você não pode continuar vindo aqui. Cilka precisa descansar.

— Mas...

— Lyuba, está tudo bem, deixe que ele fique por um momento — resmunga Cilka.

— Obrigado de novo.

— Como você está? Não parecia muito bem da última vez que vi o senhor — pergunta Cilka.

— Foi o que me disseram. Mas estou muito melhor, volto para o meu barracão, então devo estar bem.

Cilka consegue sorrir.

— Foi bom ver o senhor. Cuide-se.

Quando o homem volta para a cama, Lyuba reaparece na frente de Cilka.

— Soube que suas ações e orientações rápidas salvaram esse daí e os outros trabalhadores. Ele não para de falar disso.

— Mas, Lyuba, arrastei Pavel lá para dentro, e agora ele está morto.

— Você precisava de ajuda, e a escolha foi dele.

— Ele entrou porque se importava comigo. Agora eu entendo.

— Bem, então ele ficaria feliz por você ter conseguido sair.

— Posso vê-la? — Kirill aparece atrás de Lyuba, que se afasta.

— Como você está? — pergunta ele com genuína preocupação.

— Sinto muito, Kirill. Sinto muito — responde Cilka, quase chorando.

— Não foi sua culpa o que aconteceu com Pavel.

— Mas ele só ajudou porque eu pedi.

— Ele ajudaria mesmo que você não pedisse. Acho que vai ter que pedir para mim agora.

— Acho que não quero mais fazer isso, sair com você, sem Pavel.

— Não diga isso. Claro que você vai voltar, só precisa melhorar.

Cilka suspira.

— Não acho que possa ser eu quem arrisca a vida alheia.

— Cilka Klein, em geral você não diz aos outros o que fazer, eles arriscam a vida porque você *não* pede. É por isso que querem ajudá-la. Não entende isso?

Cilka olha para Kirill, vendo-o de um jeito diferente. A bravata que ele lhe mostrava, até o desprezo que demonstrava por ela, desapareceram.

Ele toca a mão dela com a sua grande mão peluda por um instante.

— Melhore, venho ver você em alguns dias. E, Cilka, Pavel não era o único que se importava com você.

Antes que Cilka possa responder, Kirill se afasta.

* * *

Cilka não cumpre sua promessa. Nos dez dias seguintes, quando se recupera, rosnam para ela, gritam e ameaçam amarrá-la à cama. Ela é mais ativa à noite, quando o número de funcionários é pequeno. Várias vezes tenta ressuscitar

pacientes que ouve tendo dificuldade para respirar. Em geral, apenas visita outros pacientes e os conforta.

Seus ferimentos cicatrizam, as dores de cabeça diminuem, e os pontos são removidos do couro cabeludo. Ela esconde a dor contínua nas costas, pois não quer prolongar sua permanência na enfermaria, e pede a Yelena que a libere para poder voltar ao barracão. Ela não deveria estar ocupando um desses leitos preciosos.

— Logo você vai poder ir — Yelena diz a ela.

* * *

Alguns dias depois, quando Cilka e a equipe médica saem da cirurgia – a primeira de Cilka desde que deixou o leito do hospital –, o campo já está fechado há muito, pois é noite, e eles são recebidos por vários oficiais seniores. Os oficiais perguntam sobre o especialista em explosivos e ficam aliviados ao saber que ele está se recuperando bem e, depois de mais alguns dias de cuidados, poderá retomar suas funções. Cilka tenta se afastar da conversa, deslocando-se para a parte de trás do grupo. Quando tenta sair da sala, um dos homens chama.

— Enfermeira, por favor, fique onde está.

Cilka congela. Não sabe o que fez de errado, mas nada de bom vinha quando se era chamada diretamente por um comandante do campo. Quando o médico termina seu relatório, o comandante vai até Cilka. Alto, magro, com o quepe inclinado na cabeça, ele se parece com alguém que ela

conheceu, alguém que a usou. Ela começa a tremer quando as lembranças que luta para enterrar voltam, inundando-a.

— Você é a enfermeira que entrou na mina e salvou os homens feridos?

Cilka não consegue responder. Ele repete a pergunta.

— Sim — gagueja. — Entrei, mas foram os médicos que salvaram os pacientes.

— Não foi o que eu soube. Sua coragem salvou muitos homens, e quero que saiba que somos gratos.

— Obrigada, eu estava apenas fazendo o meu trabalho.

— Qual é o seu nome?

— Cilka Klein, senhor.

— Você é enfermeira registrada aqui?

Antes que Cilka possa responder, Yelena se intromete.

— Cilka foi treinada aqui por muitos médicos seniores e outras enfermeiras experientes, suas habilidades são excepcionais e estamos muito agradecidos por tê-la conosco.

O comandante ouve os comentários.

— No entanto, você é prisioneira aqui.

— Sim — murmura Cilka, de cabeça baixa.

— Vive no alojamento das enfermeiras?

— Moro no Barracão 29.

O comandante vira-se para a médica.

— Ela pode se mudar para o alojamento das enfermeiras.

Com isso, ele sai, sua comitiva seguindo atrás.

Cilka desliza pela parede que a estava segurando em pé, tremendo.

Yelena ajuda-a a se levantar.

— Você deve estar exausta. Já é tempo o bastante para você. Vamos encontrar uma cama aqui para você dormir mais uma noite. Não quero que volte ao seu barracão hoje à noite, e amanhã falaremos sobre sua mudança.

Cilka se deixa levar dali.

27

Cilka acorda na ala e consegue ver o céu azul claro pela janela. O nascer do sol avança devagar, e a luz que a aproxima faz pensar ainda mais nas mulheres em seu barracão.

Quando Yelena chega, Cilka diz:

— Estou muito agradecida pela oferta de dormir nos alojamentos das enfermeiras, mas decidi que quero ficar onde estou.

Yelena olha para ela, perplexa.

— Se estiver tudo bem, eu gostaria de ficar com minhas amigas.

— Onde você não está em segurança...

Cilka sabe que Yelena está ciente do que acontece à noite, no campo – ela viu os ferimentos. Cilka entende por que isso pode parecer incompreensível.

— Onde estão minhas amigas — insiste ela. Olga, Elena, Margarethe, Anastasia. *E*, ela pensa com medo, *se Hannah*

contou para elas, eu preciso encarar esse fato. Para a médica, diz: — Não espero que a senhora compreenda.

Yelena respira fundo.

— A decisão é sua, e vou respeitar. Se você mudar de ideia...

— A senhora será a primeira a saber.

Cilka precisa voltar, pois as mulheres com quem compartilha o barracão viraram sua família. Sim, nem sempre estão de acordo. Houve muitas brigas, algumas físicas, mas é isso que grandes e complexas famílias enfrentam. Ela se lembra das discussões e dos empurrões que aconteciam entre ela e sua irmã enquanto cresciam. Mas a cooperação e o compartilhamento da vida superaram o conflito. As mulheres iam e vinham, mas a unidade central do barracão permaneceu, com a grosseira Antonina Karpovna como parte integrante.

* * *

Quando Cilka entra no barracão, as mulheres olham com tristeza para ela. *Elas sabem*, pensa. Podia sair dali imediatamente, mas se força a ficar, a encará-las.

— Ai, Cilka — diz Margarethe. — Olga se foi.

— Como assim, se foi? — questiona Cilka, forçando uma respiração profunda.

— Eles a levaram embora hoje pela manhã, quando íamos trabalhar. A sentença dela terminou.

— Mas nem consegui me despedir — diz Cilka. Ela não sabe se consegue suportar mais perdas dentro de si.

— Ela pediu para dizer adeus a você. Fique feliz por ela, Cilka. Ela vai poder voltar para os filhos.

Anastasia entra no barracão e se junta a elas.

— Cilka! Já te contaram?

— Sim — responde Cilka. — Vou sentir falta dela.

Anastasia abraça Cilka.

— Nós sentimos sua falta.

* * *

O barracão está estranhamente quieto naquela noite, a cama vazia de Olga é um lembrete constante de que ela se foi, e elas ficaram para trás.

Vários homens chegam depois que as luzes se apagam, inclusive Boris. Ele está quieto. Cilka fica calada ao lado dele.

— Por que você nunca quer falar sobre nós? — finalmente ele pergunta.

— Não sei o que você quer dizer com "nós".

— Você e eu, o que significamos um para o outro. Você nunca me fala como se sente.

— E você se importa? Você só quer meu corpo.

Boris apoia-se em um cotovelo, tentando ver o rosto de Cilka no escuro, ler sua expressão, fitar os olhos dela.

— O que você acharia se eu dissesse que estou apaixonado por você?

Cilka não responde por alguns momentos. Ele espera.

— É uma coisa muito gentil de se dizer.

— Eu realmente pensei nisso quando você estava fora, no hospital. E o que você sente por mim?

Nada, pensa ela. *Eu venho apenas tolerando você*. E, não pela primeira vez, o rosto gentil e atraente de Alexandr vem à cabeça. Mas ela não deveria provocar a si mesma assim.

— Boris, você é um homem muito legal, não há ninguém neste campo com quem eu preferisse me deitar — diz ela, capaz de distinguir o nariz avermelhado, a umidade nos lábios dele à meia-luz. Ela volta a olhar para o teto.

— Mas você me ama?

— Não sei o que é amor. Se eu me permitisse me apaixonar por alguém, teria que acreditar que há um futuro. E não há.

Mas ela sabe que é possível se sentir atraída por alguém, da maneira como ouviu as pessoas falarem. Também é cruel ser tão atraída por alguém em um lugar como aquele.

— Como pode ter certeza? Poderíamos ter um futuro juntos. Não vamos passar o resto da vida aqui.

É melhor não sentir nada, pensa ela.

— Está vendo aquela cama vazia ali?

Boris espia no escuro.

— Não.

— Bem, tem uma cama vazia ali. Olga dormia ali todas as noites desde o dia em que chegamos aqui. Na cama ao lado, Margarethe.

— Sim... — diz Boris, inseguro.

— Sabe por que ela estava aqui? — A voz de Cilka se eleva, provocando um "cale a boca" vindo da escuridão.

— Como eu poderia saber por que ela estava aqui se nem sei por que você está aqui?

— Ela era russa, se apaixonou e tentou se casar com um homem de Praga. Isso é contra as suas leis. Por isso foram presos; ela acabou aqui e não tem ideia do que aconteceu com ele, mas suspeita que esteja morto.

— O que isso tem a ver conosco?

— Eu vim da Tchecoslováquia, e você é russo.

— As coisas podem mudar — diz ele, queixoso.

— Sim, podem, mas nossa realidade agora é esta.

Com sua paixão extinta, Boris aconchega-se em Cilka, buscando conforto. Cilka tolera a proximidade.

* * *

A afeição de Boris e seu abuso permanecem constantes; os feridos e doentes permanecem constantes; as amizades no barracão permanecem silenciosamente expressas por meio da divisão de recursos, do conforto de umas às outras sobre suas condições, suas perdas. Margarethe, Anastasia, Elena e Hannah permanecem, mas Cilka não se sente tão perto delas quanto antes se sentia de Josie. Hannah lembra Cilka, sempre que possível, que ela pode atrapalhar a paz do barracão, que pode revelar tudo. E Cilka ainda não pode enfrentar isso. Cilka permanece ligada a Yelena, mesmo que, em grande parte, isso não seja dito – apenas expresso por

meio de olhares e gestos sobre a cama de um paciente, do outro lado da ala. E, embora ela tente negar o sentimento para si mesma, Cilka olha para Alexandr, uma figura fumando, os olhos fechados em prazer momentâneo, perto do prédio da administração. Na neve, na chuva, no sol fugaz – seu rosto se volta para a luz. Quando ela o vê, seu coração palpita, mas ela se apressa, pensando que deixar tanto desejo surgir não pode ser uma coisa boa.

Tudo isso continua à medida que as estações mudam – escuridão para luz, noites brancas para longos invernos escuros. Os pesadelos de Cilka ainda a acordam: corpos magros, médicos assobiando, as botas pretas e brilhantes do comandante. Ela tenta manter as boas lembranças, mas estão ficando cada vez mais distantes. Ela fantasia sobre a vida de Josie e Natia, sobre Lale e Gita. Imagina-os em segurança e aquecidos, abraçados. Ela resiste.

28

Gulag de Vorkuta, Sibéria, junho de 1953

Outro verão de noites brancas. Nas primeiras noites de domingo, faltam o entusiasmo e o prazer de aventurar-se "depois do anoitecer" dos verões passados. Seu oitavo verão, oito anos de sua vida roubados.

Há um eco de inquietação por todo o campo. Quando o verão atinge o pico, Cilka ouve conversas na ala sobre uma greve. Homens em uma área do campo estão se recusando a trabalhar. Naquela noite, ela conta às outras o que ouviu.

Um nível de agitação espalha-se pelo barracão com esse boato. Elena não ouviu nada na sala de costura onde trabalha agora graças às lições de Olga. As outras imploram para que ela e Cilka descubram tudo que puderem.

No dia seguinte, Cilka pergunta a Raisa o que ela sabe. Em voz baixa, Raisa diz que ouviu que outros trabalhadores tinham entrado em greve.

Na ambulância naquele dia, algo que Cilka ainda faz junto com as obrigações do hospital, embora não com tanta

frequência, ela vê várias dezenas de homens sentados no chão em frente a um dos prédios da administração.

Kirill diminui a velocidade para encarar a visão extraordinária de homens sentados durante o dia. Vários guardas estão por perto, observando.

— Ora, isso é diferente — comenta Fyodor, o oficial da ambulância com quem Cilka sempre faz dupla.

— Não soube? — pergunta Cilka. — Estão em greve, recusando-se a trabalhar.

— Talvez devêssemos nos juntar a eles, vou virar a ambulância — diz Kirill.

— Continue dirigindo, você nem está fazendo um trabalho duro de verdade — retruca Cilka.

— Adoro quando você fica brava, Cilka Klein. Fico surpreso por você não ser uma das líderes da greve.

— Você me conhece muito pouco mesmo, Kirill.

— Ah, acho que te conheço muito bem.

— Com licença, estamos em três aqui — intromete-se Fyodor.

* * *

De volta à ala, os boatos dos funcionários são sobre a greve crescente e como as autoridades vão lidar com isso. As opções disponíveis para resolver a contenda parecem limitadas e provavelmente acabarão com um aumento da carga de trabalho no hospital. Ninguém sabe se existe um objetivo específico para a agitação ou um novo grupo de

prisioneiros influenciando os mais velhos, homens ainda com energia para protestar pela maneira como são tratados.

Naquela noite, Elena compartilha o que sabe. Os grevistas querem melhores condições de vida, diz ela. As mulheres olham ao redor do barracão, que transformaram no melhor lar que podiam. Um jarro antigo, contendo algumas flores, fica em cima de uma mesa próxima, obras de arte bordadas são pregadas nas paredes, e cada uma tem uma cama, algo que sabem ser um luxo.

— O que mais? — pergunta alguém.

— Querem que o arame farpado seja removido do campo e querem que removamos os números de nossos uniformes; dizem que é degradante.

Essa última demanda faz com que Cilka esfregue a mão direita sobre a manga do casaco do braço esquerdo, pensando no número gravado permanentemente em sua pele.

— Ah, e devemos poder escrever cartas para nossas famílias uma vez por mês.

— Mais alguma coisa? — quer saber Margarethe.

— Ouvi algo sobre demandas por prisioneiros políticos — diz Anastasia — , mas não prestei muita atenção.

— Por que não? Isso nos afeta — comenta Margarethe.

— Não somos todas presas políticas — retruca Anastasia.

— Somos todas vítimas de um ditador injusto e cruel — declara Elena.

— Elena, não diga isso. Nem aqui — sussurra Margarethe com firmeza.

— Ela pode dizer o que quiser — intervém Hannah, orgulhosa.

— Não estou interessada em política, nunca votei nem fui a marchas ou protestos — diz Anastasia. — Roubei pão para que outros pudessem comer.

— Será que a gente pode parar de falar assim? Só vai nos causar problemas — diz Margarethe.

Cilka assente.

— Não vamos dizer nem fazer nada para nos trazer mais problemas do que enfrentamos apenas por estarmos aqui.

— Essa é a sua maneira preferida de fazer as coisas, não é, Cilka? Só se deitar e aceitar — diz Hannah.

Elena olha Hannah com raiva.

— Está tudo bem, Elena — diz Cilka. — Sentimos raiva quando estamos desamparadas.

Hannah se levanta com violência da cama e cospe aos pés de Cilka, antes de sair do barracão. Elena fecha os punhos e começa a segui-la.

— Não — diz Cilka. — Deixe-a ir.

* * *

Nos dias seguintes, a agitação aumenta. O número de prisioneiros em greve chega aos milhares. Os pedidos de ambulância na mina cessam quando os prisioneiros largam as ferramentas. O maquinário para. Milhares de prisioneiros

ficam sentados no complexo, sem ameaçar sair de seus limites. Apenas uma manifestação passiva e pacífica.

Um auxiliar presenteia Cilka, Raisa e Lyuba com sua versão de um discurso feito por um dos líderes da revolta.

— Hoje, não importa nossa nacionalidade ou de onde viemos, nosso destino está selado. Muito em breve, irmãos, saberemos quando poderemos voltar a nossas famílias.

Raisa e Lyuba ouvem antes de se afastarem às pressas, ansiosas para não se envolverem.

— O que mais ele disse? — pergunta Cilka, animada. Ela pode não ter uma família à qual voltar, mas poderia procurar Josie, Gita. É uma ousadia ter esperança?

— Não muito. Estava pedindo a todos que ficassem sentados e não causassem problemas, sem dar motivos para os porcos nos atacarem.

— Atacar vocês? Você estava sentado com eles?

O auxiliar parece envergonhado.

— Por um tempo. Estou com eles, eu os apoio, mas meu trabalho aqui é importante.

— Que ótimo — diz Cilka para ele.

Os rumores são numerosos. Cilka absorve todas as informações que consegue. Toda noite, transmite o que sabe. Elena também. Grupos clandestinos estão se formando desde a morte de Stálin, em março daquele ano; a comunicação entre os campos aumentou, espalhando planos de uma greve em massa nos gulagui, na Sibéria. Um mês antes, disseram-lhes, ocorreram greves em Berlim Oriental,

e isso convenceu os organizadores de Vorkuta a fazer algo sobre suas condições de vida e trabalho. Hannah começa a ficar em silêncio durante essas conversas.

Os médicos que trabalham com Cilka discutem a natureza não violenta da greve, o derramamento de sangue foi evitado, ainda bem. Até aquele momento.

* * *

— Eles invadiram a cadeia! — um auxiliar entra na ala gritando certa manhã.

A equipe reúne-se ao seu redor. Suas notícias são escassas. Centenas de homens invadiram a área que abrigava prisioneiros de segurança máxima e libertaram muitos. Os prisioneiros recém-libertados juntaram-se aos outros e a manifestação pacífica foi retomada.

Cinco dias depois, os guardas avançam sobre os prisioneiros. Cilka é aconselhada a não deixar o hospital. Os prisioneiros erguem barricadas, e crescem as preocupações de que os guardas e as autoridades do campo possam estar planejando retaliação.

Cilka fica aterrorizada por suas amigas, esperando que estejam em segurança. E também teme por Alexandr.

No dia seguinte, o impasse é rompido.

— Preparem-se para vítimas — Yelena adverte a equipe.

Tiros reverberam pelo acampamento. Em minutos, Cilka e seus colegas recebem uma multidão de prisioneiros trazendo homens feridos, e algumas mulheres. A ala fica

cheia de sangue. O caos inicial é organizado por um dos médicos como uma operação militar. Ninguém passa pela área de tratamento diante da ala sem ser avaliado pela equipe médica. Cilka trabalha sem parar.

Eles continuam vindo. Muitos já estão mortos quando chegam e são levados com agilidade pelos carregadores. Os que sofrem ferimentos graves são enviados imediatamente para tratamento, os outros recebem ordens para esperar na sala de recepção do lado de fora.

Como toda a equipe médica e de enfermagem, Cilka é ameaçada verbalmente e empurrada por homens em pânico que insistem que tratem seu camarada primeiro. Sem ninguém para garantir a segurança, ela e seus colegas se defendem, procurando e recebendo apoio dos prisioneiros próximos.

Sem nenhuma mudança na luz lá fora, Cilka não sabe quando o dia se torna noite e se torna dia de novo.

— Façam uma pausa, comam e bebam alguma coisa — diz Yelena, suja de sangue, a Cilka e Raisa, que, juntas, estão enfaixando o mesmo homem gravemente ferido.

— Ainda há muito a fazer — responde Raisa.

— Faça uma pausa, depois venha e renda Lyuba e a mim — diz Yelena, e é a primeira vez que Cilka a ouve levantar a voz assim. — É a única maneira de aguentarmos. Temos que cuidar de nós mesmas.

Cilka e Raisa pegam uma xícara de chá e um pedaço de pão, levando-os de volta à enfermaria. Sentam-se com os

menos feridos, que aguardam sua vez de receber tratamento. Ninguém fala. Cilka cochila.

Ela acorda assustada. Vários homens uniformizados invadem a ala, guardas correndo atrás deles.

— Quem é o encarregado? — berra um deles.

Yelena aproxima-se deles.

— Sou eu.

— Quero saber o nome de cada *zek* aqui. Traga-me a lista.

— Sinto muito, não tenho uma lista. Estivemos ocupados demais tratando-os, salvando vidas, para pedir o nome deles.

Yelena recebe um tapa forte no rosto que a faz ir ao chão.

— Volto em uma hora e quero o nome de cada um.

Cilka rasteja pelo chão para chegar a Yelena quando os uniformizados saem da enfermaria.

— Você está bem? Desgraçado. Como ousa bater em você! — Ela ajuda Yelena a se levantar.

— Não esperava por isso — diz Yelena com um sorriso corajoso.

— Como posso ajudar?

— Pegue papel e lápis e consiga os nomes, Cilka.

— Mas e se eles estiverem inconscientes?

— Invente nomes.

A Revolta de Vorkuta termina. Duas semanas de um impasse sem sangue terminam com dezenas de mortos, centenas de feridos.

Ao pegar os nomes dos prisioneiros conscientes e inventar nomes para aqueles que não estão, Cilka é inundada por emoções conflitantes. Conversando baixinho com os homens que conseguem responder a suas perguntas, ela tira força de sua ousadia e tentativa de resistência. Muitos têm orgulho das feridas que sofreram enquanto lutam pelo que consideram uma causa justa – melhores condições de trabalho e de vida.

Ao olhar para os gravemente feridos, muitos que sabe que provavelmente não sobreviverão, fica arrasada de tristeza por sua resistência fracassada, tristeza pela perda de Pavel, tristeza pela partida de suas amigas, Josie e Olga. Só pode esperar que estejam em algum lugar seguro. Esperar que os melhores esforços dos médicos e da equipe de enfermagem salvem algumas dessas vidas que estão em risco. Esperar que um dia outra insurgência leve a um resultado melhor, e todos possam voltar para casa.

Ela chega até as camas mais afastadas e se abaixa quando vê um rosto familiar.

— Hannah!

Hannah olha para Cilka através de olhos semicerrados.

O médico por perto examina.

— Ferimentos à bala, Cilka — diz ele e lhe lança um olhar triste.

Hannah resmunga:

— Me ajude, Cilka.

Há muito sangue, mas Cilka consegue ver as feridas no braço e no peito de Hannah.

— Eu já volto — diz ela e corre até a farmácia. Volta com um torniquete de borracha e gaze. Levanta o braço coberto de sangue de Hannah, fazendo-a urrar, e aperta o torniquete. Em seguida, com a mão esquerda e a gaze, aplica pressão no ferimento do peito. Não tem certeza de quanto tempo antes Hannah foi ferida, mas consegue ver por que o médico talvez tenha avançado para pacientes com maior chance de sobrevivência.

Cilka afasta os cabelos de Hannah da testa. Está coberta de um suor frio.

As duas mulheres fitam os olhos uma da outra. Apesar de tudo, naquele momento Cilka entende que deseja que Hannah viva. Sabe por que ficou brutalizada naquele lugar, por que deixou o vício tomar conta. Agora, deitada diante dela, Cilka consegue ver apenas sua bravura, sua humanidade.

— Hannah...

Hannah solta um suspiro doloroso entre os dentes ensanguentados.

— Eu não aguentei esperar, Cilka, e deixei os homens ficarem com toda a diversão.

— Você é tão forte, Hannah — diz Cilka.

Há gritos e gemidos ao redor delas.

Hannah ofega rápido. Estende a mão do braço não ferido e agarra a frente do avental de Cilka.

— Cilka — diz Hannah, com a voz engasgada pelo sangue — , você também é forte.

Lágrimas brotam nos olhos de Cilka. Ela toma a mão de Hannah na frente do avental e a envolve com os dedos. Com a outra mão, mantém pressão no ferimento no peito, tentando parar o sangramento, mas falhando.

Hannah aperta a mão dela de volta.

— Só aguente firme — diz Hannah, buscando ar — para não deixar que eles a dobrem. — Ela solta essas últimas palavras entredentes, com força e dureza. — Por favor... Diga adeus a Elena por mim.

— Hannah... — fala Cilka, lágrimas escorrendo por suas bochechas e lábios. — Nós precisamos de você.

— Não estou com medo — tranquiliza Hannah e fecha os olhos.

Cilka senta-se com Hannah enquanto sua respiração diminui cada vez mais até cessar de uma vez. Ela chora pela perda de uma pessoa com tanta força e integridade. Hannah pode não ter gostado de Cilka ou não ter sido capaz de entender como tinha sido naquele *outro lugar*. Mas Cilka a respeitava. Todos os afetados por guerra, cativeiro ou opressão reagem de maneira diferente – e, longe dessas situações, as pessoas podem tentar adivinhar como agiriam ou reagiriam em determinadas circunstâncias. Mas nunca vão saber de verdade.

Depois de se recompor e lavar o sangue das mãos, ela pega a lista novamente e conclui sua tarefa.

Entrega a lista de nomes para Yelena.

— Espero que baste — diz ela.

Ela precisa voltar ao barracão para dar a notícia.

— Ah, esperar agora é uma palavra que devemos usar com mais frequência aqui — responde Yelena. Ela olha da lista para Cilka. Faz uma careta. — Cilka, você está bem?

Cilka assente. É demais para explicar.

— Só preciso voltar para meu barracão.

— Você pode ir — diz Yelena.

* * *

A vida no campo e no hospital lentamente volta ao normal. Apesar das noites brancas, ninguém corre o risco de ficar do lado de fora à noite devido ao aumento da presença da guarda ao longo da cerca do perímetro e à sensação de que os guardas ainda estão tensos.

O barracão está de luto por Hannah. Embora estivesse sempre encontrando maneiras de irritar suas companheiras de barracão, era admirada, principalmente agora que as mulheres veem o que costumava fazer por todas elas. É mais difícil para Elena, que se culpa por não ter conhecido os planos da amiga, por não estar ao seu lado.

Cilka descobre que os prisioneiros que sobreviveram ao levante não enfrentam mais punições. Retornam a seus barracões, a seus trabalhos, sua vida volta ao normal. Circulam rumores sobre alguns prisioneiros removendo os retalhos que os identificam com um número. Estão se

safando, nenhum esforço está sendo feito para forçá-los a costurá-lo novamente.

Um dia, ao entrar no hospital, Cilka fica aliviada ao olhar para o outro lado do pátio e ver a figura alta e confiante de Alexandr, fechando os olhos e exalando fumaça no ar gelado.

Ela vai para o trabalho, essa visão sustentando-a por dias, como um alimento.

29

A escuridão volta.

Há uma nevasca uivando lá fora, e apenas um homem a desafia para entrar no Barracão 29. Boris. Está perturbado. Soube que será libertado dentro de alguns dias e está tentando mexer uns pauzinhos para libertar Cilka também, para que possam começar uma vida juntos.

Cilka não diz nada enquanto ele apresenta para ela os planos de voltar para casa, para sua família, e como conseguirá um emprego e poderá sustentar Cilka e a família que quer formar com ela. Cilka sente enjoo. Precisa pensar em alguma coisa.

Ela passa os dedos pelo couro cabeludo quando ele se aconchega nela.

Ele diz que a ama.

Cilka é lançada de volta para outro lugar, para outro tempo.

Auschwitz-Birkenau, 1944

— Você sabe que me importo com você, não é?

— Sim, comandante Schwarzhuber — responde Cilka humildemente.

— Se pudesse, eu faria algo sobre meus sentimentos por você. Sabe disso, não é?

— Sim, senhor.

— Não me chame de senhor aqui, na cama. Use meu nome, Cilka.

— Johann.

— Soa tão adorável saindo de seus lábios. Você gosta de mim, não é?

Cilka força a voz para parecer amorosa. Ele não vê as lágrimas que ela enxuga dos olhos enquanto conta a maior mentira de sua vida. Uma mentira que garantirá que permaneça viva.

— Claro que sim, Johann.

Hesitante, Cilka passa os dedos pelos cabelos dele. Ele ronrona como um gatinho, aconchegando-se em seu peito.

— Johann?

— Sim, minha pequena.

— Nunca lhe pedi nada durante todo o tempo em que estivemos juntos, pedi?

— Hum, não, acho que não, por quê?

— Posso lhe pedir apenas uma coisa?

— Acredito que sim. Sim, se eu puder lhe dar. O que você quer?

— Não para mim.

— Então, para quem?

— *Para minha amiga Gita. Ela gosta de um homem, assim como eu gosto de você, e seria bom se ele pudesse ter seu antigo emprego de volta. Ele era muito bom.*

— *Qual o trabalho dele?*

— Tätowierer... *ele era o* Tätowierer.

— *Hum, ouvi falar dele. Sabe onde ele está?*

— *Sei.*

— *Então, por que não fazemos uma visita a ele amanhã?*

— *Obrigada, Johann. Muito obrigada.*

Cilka pigarreia e engole as lágrimas. Não há utilidade para elas neste lugar.

* * *

Ciente de que Boris está acariciando seu rosto, passando as mãos pelo seu pescoço, Cilka se obriga a encontrar aquela voz novamente.

— Ah, Boris, não sei o que dizer. Eu me importo muito com você; você foi tão importante para minha vida aqui.

— Mas você me ama, Cilka?

Ela pigarreia.

— Claro que amo. Você foi meu salvador. — Ela fica maravilhada com a incapacidade dele, agora e sempre, de ler o tom de sua voz, sua linguagem corporal, coisas que não mentem. Ela não acredita em milagres, nem no amor.

— Tenho que te levar comigo. Quero você comigo. Não suporto o pensamento de nenhum desses animais colocando

as mãos em você. Dizem que estão fazendo fila para pegá-la assim que eu for embora.

As palavras apunhalam Cilka como uma faca, e ela encolhe o peito. Boris interpreta seu gemido como dor da tristeza por ele estar indo embora. Ele a abraça, gentilmente sussurrando seu amor e como vai cuidar dela.

* * *

Na manhã seguinte, no refeitório, Cilka, Elena e Anastasia sentam-se juntas para comer seu mingau.

— Ouvi tudo ontem à noite — diz Anastasia a Cilka.

— Não se preocupe, Anastasia — diz Cilka. Ela precisa resolver isso sozinha.

— Ouviu o quê? — quer saber Elena.

Anastasia responde:

— Boris vai ser libertado.

Elena para de comer por um momento.

— Cilka, você precisa se mudar para o alojamento das enfermeiras.

— Nós vamos resolver isso. Não posso deixar todas vocês.

— Cilka, não seja estúpida! — diz Elena, batendo nela com a colher. — Todas nós temos marido ou proteção — continua ela, dando um aceno sutil para Antonina do outro lado do corredor. — Você será comida viva. Nem Antonina ou sua médica chique vão ser capazes de salvar você.

O lábio de Anastasia estremece.

— Cilka, vou sentir muito a sua falta, mas Elena tem razão. Vamos tentar vê-la nas noites brancas, como Josie, lembra?

Cilka encara seu mingau. Considerando.

* * *

Cilka atravessa a neve até os joelhos até a ala depois da chamada e procura Yelena.

— Podemos conversar?

— Claro, Cilka.

— A senhora pode me mudar, agora, hoje mesmo, para o alojamento das enfermeiras? Não posso continuar dormindo no barracão — ela diz sem rodeios.

— Você está machucada? — pergunta Yelena.

— Ainda não, mas posso ficar se continuar onde estou. Por favor, me ajude.

Cilka ainda se sente péssima por deixar as amigas, mas é verdade que agora estão protegidas. Ela estar lá não vai mudar nada. Também não precisam dela por rações extras, já que a maioria delas agora tem trabalhos melhores.

— Acalme-se. Claro que vamos ajudá-la. Você vai para o alojamento das enfermeiras com Lyuba quando terminar seu turno esta tarde — diz Yelena.

— Quer me dizer o que aconteceu? Pensei que as mulheres com quem você mora cuidassem de você.

— Elas cuidam. Não são elas, é Boris.

— O porco que força relações com você.

— Sim. Ele me disse ontem à noite que vai ser libertado, e que outros homens estão fazendo fila para me pegar.

— Já chega, Cilka. Ninguém vai pegar você. Ninguém vai machucá-la de novo, não se eu puder evitar.

30

Ter uma casa nova, com uma cama, uma pequena cômoda, roupas limpas, facilita a rotina de Cilka. É o acesso a um chuveiro que acaba com ela, reduzindo-a a um monte de soluços, encolhida sob a água, onde Raisa a encontra, a embala, seca, veste e a coloca de volta na cama.

Toda noite, Cilka volta ao barracão que divide com outras doze enfermeiras e, quando vê uma cama desfeita, logo é arrumada. O chão é varrido, às vezes várias vezes ao dia, o pó é tirado das lembranças pessoais e fotos pertencentes a cada enfermeira e arrumadas em suas gavetas. Manter-se ocupada dessa maneira ajuda com a imensa saudade de suas amigas do barracão e faz com que ela sinta que pode contribuir com algo para suas novas companheiras de vida.

Ela está em Vorkuta há oito anos. Onze se passaram desde que ela deixou sua cidade natal, Bardejov, com destino a Auschwitz, ainda uma criança inocente.

Seu pai, papa querido, ocupa muito de seus pensamentos. Saber que sua mãe e irmã morreram permitiu que ela se

lamentasse, se lembrasse delas. Ela é atormentada por não saber se o pai está vivo ou morto. *Por que não consigo sentir sua perda, lamentar sua morte; por que não consigo me alegrar sabendo que ele está vivo e esperando que eu volte para casa?* Nenhuma dessas emoções existe nela. Somente a sensação do desconhecido.

Após uma semana em sua nova situação, durante um intervalo, Yelena se senta com ela. Conta sobre uma paciente que tratou alguns dias antes com uma queimadura no braço. Quando perguntou o que havia acontecido, foi informada de que era autoinfligida. A paciente identificou-se como Elena e pediu a Yelena que transmitisse uma mensagem a Cilka.

Boris tinha procurado Cilka, planejando levá-la embora. Quando Elena disse a ele que Cilka havia piorado, estava de volta ao hospital e não se esperava que ela sobrevivesse, Boris ficou furioso e destruiu a cama vazia. Elena queria que Cilka soubesse que a madeira as manteve aquecidas naquela noite. Sua mensagem era um aviso: Cilka deve ficar longe do Barracão 29. Outros homens foram procurá-la, homens ruins...

Cilka fica horrorizada por Elena ter que fazer isso consigo mesma para passar uma mensagem para ela.

— Ela disse mais alguma coisa? As mulheres estão bem?

— Sim — disse Yelena. — Ela disse para não se preocupar, elas estão bem.

— Eu realmente estou segura? Eles não podem me encontrar aqui? — pergunta Cilka.

— Você está segura, nenhum desses homens ousaria se aventurar perto do alojamento das funcionárias. Em todos os meus anos aqui, nunca vi ninguém causar problema. Temos uma proteção própria.

A situação começa a ficar clara para Cilka: mesmo nas noites brancas, ela nunca mais poderá ver as amigas. Ela está segura. Elas também, o suficiente. Mas, de novo, foi separada daqueles de quem se tornou próxima. Nunca haverá um relacionamento duradouro na vida de Cilka?

Não que elas a tivessem conhecido por completo.

— Posso perguntar como está Petre Davitovich? — diz Cilka, pois assim, ao menos, pode saber que existe a possibilidade de outros aqui terem algo duradouro.

Ela não se deixa levar pela fantasia de Alexandr, o homem alto de olhos castanhos.

— Ah, ele está ótimo, está... — Yelena refreia-se. — O que você sabe sobre mim e Petre Davitovich?

— Exatamente o que todo mundo aqui sabe, que vocês estão se vendo, e estamos muito felizes pela senhora.

— Todo mundo sabe?

Cilka ri.

— Claro que sim. Sobre o que mais temos para fofocar aqui?

— Acabou o intervalo. Vamos lá, de volta ao trabalho.

* * *

Em suas viagens de ambulância durante todo o inverno, Cilka percebe que o número de prisioneiros trabalhando na mina parece estar diminuindo. Fyodor diz a ela que houve muitos prisioneiros libertados nas últimas semanas e nem tantos novos chegando. Discutem o que isso significa e se também podem ser libertados – ouviram falar de libertações antecipadas de prisioneiros. Cilka mal consegue deixar que o pensamento, a esperança, se instale.

Logo será primavera; os dias estão se prolongando. Cilka nota mais flores que o normal. Elas rompem a neve e o gelo com seus botões, balançando com a brisa. A rotina constante de Cilka, o tempo que passa e o frescor da primavera trazem a ela um nível de calma relativa, apesar da profunda dor que ainda sente por suas perdas e do quanto sente saudade de suas amigas. E de seu desejo secreto. A dor faz parte de sua rotina, tanto quanto o clima impiedoso, o pão duro e o chamado de "ambulância saindo!".

Um dia, param do lado de fora de um conjunto de edifícios que incluem o armazém de alimentos e os suprimentos de lavanderia. São recebidos e acenam para entrar em uma seção em que Cilka não tinha estado antes, mas que rapidamente se mostra como sendo a sala de costura. Mesas compridas com pouco espaço entre elas para alguém se sentar diante das máquinas.

Cilka olha em volta e vê uma mão acenando para ela, Kirill e Fyodor.

— Por aqui.

Cilka aproxima-se e tem um sobressalto com um leve toque no ombro.

— Olá, sumida — diz Elena, radiante.

— Elena! — As duas mulheres se abraçam. Cilka não dá a Elena a chance de responder nenhuma de suas perguntas, pois dispara uma após a outra. — Como está Anastasia? Como está Margarethe?

— Devagar, me deixe olhar como você está.

— Mas...

— Anastasia está bem, Margarethe está bem. Todo mundo sente muito sua falta, mas sabemos que você só pode estar a salvo longe da gente. Você parece bem.

— Sinto muita saudade de todas vocês. Eu queria...

— Cilka, temos um paciente aqui, pode dar uma olhada nele?

Cilka registra Fyodor e Kirill cuidando do homem deitado no chão, gemendo, segurando o peito.

— O que há de errado com ele? — pergunta ela, caminhando, mas segurando a mão de Elena para trazê-la com ela, para passar o máximo de tempo possível com ela.

— Dores no peito — responde Fyodor.

Cilka agacha-se, Elena com ela, se apresenta ao paciente e faz algumas perguntas gerais. Suas respostas indicam que não há nada que possa fazer além de levá-lo ao hospital o mais rápido possível para a avaliação dos médicos.

— Carreguem-no — diz ela aos homens. Demora-se em um último abraço de Elena, depois segue a padiola para fora,

pulando para a parte de trás da ambulância. Olha mais uma vez para a amiga antes de dar toda a atenção ao paciente. Novamente faz as perguntas que sabe que os médicos querem que ela responda na chegada.

No caminho de volta a seus aposentos naquela tarde, ela para e colhe o maior número de flores que consegue carregar. Colocadas em potes, jarros e na caneca de alguém, dão as boas-vindas às outras enfermeiras em seu retorno.

* * *

As noites brancas estão de volta. Cilka e as enfermeiras fazem seus passeios noturnos lá fora. Às vezes, Cilka pensa em arriscar uma visita ao complexo geral para ver suas amigas, passear entre os barracões, compartilhar o riso que só acontece nessa época do ano. E será que conseguiria, finalmente, encontrar as palavras? Algo dentro dela ainda se fecha com esse pensamento. Ela sabe que seria reconhecida por alguns homens e rapazes, que ainda não está segura e, portanto, fica longe. Não vê Alexandr naquelas noites – talvez seus turnos estejam fora de sincronia –, mas ela sempre olha para o prédio da administração, de qualquer maneira, apenas para garantir.

Fica quase agradecida quando os ventos retornam, o sol se põe, e suas tentações não são mais uma ameaça. Mas então o inverno chega com uma vingança. Com as novas concessões obtidas à custa de dezenas de vidas no fatídico levante de um ano atrás, o trabalho para por muitos dias, já

que não se espera que os prisioneiros labutem no frio intenso, com temperaturas bem abaixo de zero e escuridão constante. Muitos dias, os prisioneiros não podem sair dos barracões – a neve acumula-se tanto no acampamento que não é possível nem sequer caminhar até o refeitório para as refeições. A estrada entre o campo e a mina fica bloqueada, dificultando que caminhões ou trens coletem o carvão necessário em toda a União Soviética.

Tentativas fúteis de retirar a neve dos barracões para criar um caminho até o refeitório são feitas pelos prisioneiros. Alguns são bem-sucedidos, mas muitos desistem quando a neve chega mais rápido do eles conseguem limpá-la.

Caminhos são criados entre os alojamentos da equipe médica e de enfermagem e o hospital.

Os ferimentos apresentados a Cilka e aos outros para serem tratados agora geralmente vêm de espancamentos brutais, quando homens e mulheres entediados, obrigados a ficar dentro dos barracões por dias a fio, liberam qualquer energia que tenham na violência física. Cilka ouve e vê algumas surras tão graves que o espancado não sobrevive. Como animais enjaulados sem nada para viver, os prisioneiros se voltam uns contra os outros. O otimismo delicadamente florescente de Cilka começa a murchar dentro dela. *É sempre assim*, pensa, *que as pessoas vão tratar as outras*.

O saneamento precário, à medida que os prisioneiros relutam em se aventurar do lado de fora para cumprir as

necessidades corporais humanas mais básicas, leva à doença, e isso também preenche a ala. Os médicos costumam lamentar que estão perdendo tempo tratando pacientes que vão voltar muito em breve com os mesmos sintomas, as mesmas doenças. E, então, o clima melhora, e a temperatura sobe os poucos graus necessários para que os prisioneiros sejam enviados para fora, para trabalhar.

* * *

— Ambulância saindo — grita Fyodor.

— Estou indo — responde Cilka, pegando seu casaco e o novo cachecol, mais macio, que Raisa lhe deu recentemente.

— Aonde estamos indo? — pergunta Cilka quando a ambulância se afasta dos portões da frente.

— Não muito longe, apenas do outro lado do prédio da administração — Kirill lhe diz.

— Outro ataque cardíaco. Um dos comandantes fazendo aquilo com alguém que não deveria? — brinca Cilka.

Fyodor e Kirill olham para ela, surpresos.

Vários homens estão por perto, bloqueando a visão do paciente. Enquanto Cilka caminha na direção deles, percebe um pedaço de madeira por perto, coberto de sangue.

— Saiam do caminho — grita Kirill.

Eles se afastam, e Cilka vê um homem deitado no chão, sem se mexer, o sangue escorrendo dele manchando a neve branca ao redor em um tom feio de vermelho. Enquanto

Fyodor e Kirill avançam em direção ao homem, Cilka congela, paralisada pela neve manchada de sangue.

Auschwitz-Birkenau, 1944

As batidas altas na porta do Bloco 25 acordam Cilka. Desorientada, ela olha ao redor da sala. Estava sonhando e leva um momento para lembrar onde está. Rastejando para fora da cama, pega o casaco que serve como cobertor extra e o veste, depois enfia os pés nas botas que esperam por ela ao lado do beliche e põe as grossas luvas.

Abrindo a porta de seu quarto exclusivo para a grande sala onde dezenas de mulheres acabaram de passar sua última noite na Terra, ela grita para a porta batendo:

— Estou indo, estamos indo.

Ela caminha entre as duas fileiras de beliches, gritando para as mulheres:

— Levantem-se, levantem-se e saiam daqui!

Ela sacode cada um dos corpos, acordando-os, dando a eles uma última mensagem mais gentil com os olhos. Entre seus gritos, altos o suficiente para a SS ouvir, ela murmura baixinho e sussurra – orações, um pedido de desculpas, um tipo de ruído frustrado. Não é suficiente para levá-las às lágrimas. E ela não fita os olhos das outras. Não consegue mais. As mulheres do Bloco 25 sabem o destino que as espera. Ninguém fala nem resiste; uma calma sinistra as rodeia quando se enfileiram no meio do salão.

Quando Cilka abre a porta, a luz ofuscante do sol reflete a neve que cerca o prédio como um pó. Ela ouve o motor do caminhão

parado esperando do lado de fora da cerca.

As mulheres esperam atrás dela, a guardiã do bloco da morte.

— Saiam! — grita ela. — Vamos lá, seu bando de preguiçosas, mexam-se, mais rápido.

Ela mantém a porta aberta quando, uma a uma, as mulheres saem do bloco e andam entre os oficiais da SS que as guiam até a traseira do caminhão. A última esforça-se para andar; uma brecha se abriu entre ela e a mulher na frente. Cilka vê o oficial da SS mais próximo tirar seu chicote de equitação do cinto e avançar contra a mulher. Cilka chega primeiro, gritando com ela enquanto desliza o braço ao redor da mulher, arrastando-a parcialmente em direção ao caminhão. O oficial da SS guarda o chicote. Cilka não deixa de gritar até ter ajudado a mulher a entrar no caminhão. As portas fecham-se e o caminhão parte. Os oficiais da SS se afastam.

Cilka fica assistindo ao caminhão sair. Está completamente oca, embora sinta bile na garganta. Só vê a prisioneira quando ela está a poucos metros de distância.

— Assassina — sibila a prisioneira para ela.

— O que você disse?

— Você me ouviu, cadela assassina. Tem tanto sangue em suas mãos quanto nas deles — responde ela com uma voz trêmula, apontando para o caminhão que partia.

A mulher se afasta, virando-se para olhá-la com raiva.

Cilka olha dela para o caminhão, que contorna um prédio fora de vista, e para as próprias mãos.

Ela arranca as luvas. Usando os dentes, liberta os dedos, joga as luvas no chão e cai ao lado delas. Enterrando as mãos na neve, agarra punhados dela, esfregando cada mão furiosamente, desesperadamente, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Cilka, Cilka — uma voz em pânico grita.

Suas amigas Gita e Dana correm até ela. Estendendo as mãos, elas tentam levantá-la, mas ela luta contra as duas.

— O que há com você, Cilka? — pergunta Dana, implorando.

— Me ajude a limpar isso, a fazer desaparecer.

— Cilka, venha...

Cilka ergue as mãos, agora vermelhas pelo frio e pelo atrito cruel.

— Não consigo limpá-las — choraminga ela.

Dana pega uma das mãos de Cilka e a esfrega com o casaco para secar e aquecer antes de calçar uma das luvas jogadas ao lado.

— Cilka, estamos aqui. Está tudo bem.

Gita a ajuda a se levantar.

— Vamos lá, vamos voltar para o seu quarto — diz ela.

— O sangue, vocês não conseguem ver o sangue?

— Venha, volte para dentro antes que congele — diz Gita.

* * *

— Cilka, você está bem? A gente precisa de uma mãozinha aqui — diz Kirill, preocupado.

— Todo esse sangue — diz ela, olhando para o chão.

— Cilka. — Fyodor toca seu braço gentilmente. Ela se encolhe. Então, som, luz e ar voltam para ela. Ela engole em seco, respira fundo.

Ela se concentra no homem inconsciente deitado a seus pés. Embora seu rosto esteja coberto de sangue, ela acha que sabe quem é.

Não, ele não. Por favor.

— Pegue a padiola, Kirill. Não consigo ver os ferimentos dele — ela consegue dizer. — Vamos carregá-lo, e eu dou uma olhada melhor na ambulância.

Quando o homem está na padiola, Cilka caminha ao lado dele enquanto é levado para a ambulância. Um prisioneiro junta-se a eles.

— Vai ficar tudo bem com ele?

— Não sei ainda. Sabe o nome dele?

— Petrik... Alexandr Petrik — diz o homem enquanto se desprende do grupo, afastando-se.

31

— Verifique o leito 13 e registre a hora da morte — diz Yury Petrovich a Cilka na manhã seguinte, quando começa a ronda na enfermaria.

O que ele não percebe é que Cilka esteve checando o leito 13 a noite toda.

— Fico surpreso que ele ainda esteja conosco. Esperava que morresse durante a noite — diz Yury.

— Tudo bem — diz Cilka, tentando não revelar nenhuma emoção na voz. Afinal, ela não conhece Alexandr de verdade, mal falou com ele.

Cilka lê as anotações de Alexandr novamente enquanto caminha para o leito 13. Olha para sua figura inconsciente. Seu rosto está muito inchado, ela consegue ver que o nariz e a maçã do rosto esquerda estão quebrados. Ela puxa a pálpebra direita, gentilmente, notando que as pupilas dele estão fixas e nadam em líquido. É estranho tocá-lo depois de todo esse tempo e nessas circunstâncias.

— Ai, Alexandr, o que você fez para merecer uma surra dessas?

Ela puxa o cobertor que o cobre e examina seu peito. Contusões roxas escuras cobrem todo o abdômen. Ela passa as mãos suavemente pelas costelas dele. Nenhuma parece quebrada. Examina as pernas dele. Múltiplas contusões e um joelho esquerdo torcido e inchado. Sem ossos quebrados óbvios.

— Por que o leito 13 não está sendo tratado ativamente? — pergunta ela a Lyuba. — Estou vendo muitas contusões e inchaço, e o rosto dele está amassado, mas sem grandes ossos quebrados.

— Não sei ao certo — responde Lyuba. — Mas... — Ela abaixa a voz. — Ouvi dizer que ele foi pego contrabandeando material escrito para fora do campo, e acham que faz isso há algum tempo.

— Quem disse isso?

— Um oficial esteve aqui mais cedo nesta manhã, perguntando sobre ele. Foi embora quando lhe disseram que não sobreviveria.

Cilka lembra-se dos rabiscos nas bordas do papel na mesa dele no prédio da administração. Será que o médico atribuiu a ela esse homem porque sabia que ela não o deixaria simplesmente expirar, enquanto as notas oficiais fariam as autoridades pensarem que não precisavam fazer mais nada?

— Vou limpar um pouco o rosto dele e ver se consigo encontrar um ferimento na cabeça.

— Ele é seu paciente — diz Lyuba. — Só tenha cuidado.

Cilka cuida de seus outros pacientes antes de retornar a Alexandr. Está tentando não ser muito óbvia com seus cuidados. Enquanto limpa o sangue seco e remove lascas de madeira do couro cabeludo, fala com ele baixinho. Continua lavando o peito e olhando atentamente para os ferimentos ali. Endireita a perna esquerda torcida e acha que sente um tremor de resistência, um reflexo que a dor causaria em uma pessoa consciente.

Ela sai com uma tigela e volta com a neve acumulada de uma nevada repentina de primavera. Colocando uma toalha sob o joelho dele, ela embala a área com neve, mantendo-a no lugar com outra toalha. Registra todos os sinais vitais, nenhum dos quais lhe diz que ele está perdendo a batalha pela sobrevivência.

Durante o dia, ela monitora Alexandr, substituindo a neve gelada quando derrete dentro de uma vasilha. Ela observa que o inchaço ao redor do joelho diminuiu um pouco.

Naquela noite, entrega seus cuidados à enfermeira da noite, que, olhando o arquivo de Alexandr, pergunta a Cilka o que ela está fazendo. O paciente não é para atendimento ativo. Cilka diz a ela que está fazendo apenas cuidados básicos de enfermagem, não administrou nenhum medicamento nem fez algo contrário ao que lhe foi ensinado.

— Bem, não espere que eu faça o mesmo — responde a enfermeira.

— Certo — diz Cilka, sabendo que precisa tomar cuidado.

Vê que é difícil sair do hospital. Voltará o mais cedo possível pela manhã.

Alexandr permanece inconsciente pelos próximos quatro dias. Durante o dia, Cilka o lava, conversa com ele, põe neve ao redor do joelho esquerdo machucado e busca reflexos. Não há nenhum. À noite, ele é ignorado.

— Por quanto tempo você vai continuar cuidando da leito 13? — pergunta Yelena no quinto dia.

— Até que ele acorde ou morra — responde Cilka.

— Não sabíamos que ele viveria tanto tempo; qual o seu segredo com ele?

— Nenhum, eu apenas o limpo e converso com ele. O inchaço ao redor do rosto e da cabeça está diminuindo, tem um rosto gentil por baixo dele — diz Cilka. Sabendo que pode ser aberta com Yelena, ela diz: — Eu o conheci antes, sabe? Tem alguma coisa nele.

— Cilka, quantas vezes lhe dissemos para não se apegar aos seus pacientes? — repreende Yelena.

— Só quero dar a ele a melhor chance de viver. Não é para isso que estamos aqui?

— Somente quando há esperança de sobrevivência. Você sabe disso. Aposto que você nem consegue contar o número de pacientes de quem cuidou e que morreram.

— Seja qual for o número, não quero que haja outro — diz Cilka com mais raiva do que pretende.

— Está certo. Me avise se você quiser que eu dê uma olhada nele ou se houver alguma mudança.

Cilka volta para a leito 13.

— Bem, Alexandr, você está me metendo em confusão. Agora, eu preciso que você faça uma de duas coisas. Acorde ou... não. Só preciso de uma coisa, que você acorde. Quero ouvir sua voz novamente.

— Ambulância saindo.

Cilka retorna com dois pacientes de um acidente – um caminhão derrapou na lama e capotou. Ela se ocupa com isso pelo restante do dia. Sai da ala exausta. Nada mudou com Alexandr.

Na manhã seguinte, Alexandr está onde ela o deixou. Quando começa o ritual matinal de lavar seu rosto, ele diz baixinho:

— Pensei que você tivesse desistido de mim.

Cilka tem um sobressalto, ofegante.

— Yelena Georgiyevna!

Yelena chega ao lado da cama em um instante.

— O que há de errado?

— Ele está acordado, ele falou comigo.

Yelena inclina-se sobre Alexandr. Acendendo um fósforo, ela o balança para a frente e para trás na frente dos olhos dele. Ele pisca várias vezes. A única outra pessoa que Cilka sabia ter olhos de um marrom tão escuro que pareciam

quase pretos era sua amiga Gita. O rosto de Gita lampeja diante dela.

Cilka curva-se sobre Alexandr, fitando os olhos dele.

— Fico contente por você estar de volta — diz ela.

— Cilka. Acho que já nos vimos antes.

Yelena olha para Cilka com um meio sorriso.

— Cilka, você vai continuar cuidando deste paciente? Acho que sabe o que é necessário.

— Obrigada, Yelena Georgiyevna. Eu chamo se precisar da senhora.

— Você tem uma voz linda, Cilka, gostei de nossas conversas.

— Que conversas? — Cilka diz, brincando. — Só eu falei até agora.

— Eu tenho respondido. Não conseguiu ler meus pensamentos?

Cilka enrubesce:

— Nem me lembro do que eu disse.

— Gostaria que eu lhe contasse?

— Não, não gostaria. Agora, fique quieto e me deixe ver seus ferimentos.

Nos seis dias seguintes, os ferimentos de Alexandr diminuem e se curam. Somente quando fazem uma tentativa de colocá-lo em pé e andando é que a extensão da lesão no joelho se torna óbvia. A articulação não se flexiona ou dobra sem dor.

Quando Cilka tem um momento livre, ela ajuda Alexandr a se levantar e, com o braço em volta da cintura, o apoia enquanto ele se ajusta ao peso e, lenta e dolorosamente, anda alguns passos.

Duas semanas se passam e Alexandr ainda está na ala.

Depois de passar a maior parte do dia em uma cena de acidente na mina e ajudar em uma cirurgia, o turno de Cilka chega ao fim antes de ela voltar para Alexandr.

— Você pode ficar e conversar? — pergunta ele quando ela diz que veio lhe desejar boa noite.

— Acho que posso ficar um pouco.

Cilka pega uma cadeira, coloca-a na cabeceira da cama e, depois de apoiar Alexandr em mais travesseiros do que ele tem direito, ela se senta com ele. Eles conversam. Riem baixinho.

— Cilka — diz uma enfermeira.

— Pois não?

— O paciente precisa descansar, e você também. Hora de ir.

— Desculpe. Estou indo agora.

— Vejo você amanhã, Cilka. Bons sonhos.

Na manhã seguinte, Cilka pergunta a Yelena se pode ter uma conversa com ela em particular.

— Venha até a farmácia — diz Yelena.

Yelena fecha a porta atrás delas e se apoia contra ela.

— É sobre as saídas com a ambulância — diz Cilka timidamente.

— O que é que tem?

— É que, bem, eu estava pensando se poderia parar com essas saídas e trabalhar na enfermaria por um tempo.

— Ele vai ter que ir embora mais cedo ou mais tarde, Cilka.

— Claro que sim. Está melhorando a cada dia, eu sei disso.

— Quer parar de sair com a ambulância até ele receber alta?

— Não é porque Alexandr está na ala.

— Entendo. É porque você não quer mais arriscar a vida. Acho que entendi.

— Imagino que já fiz isso por tempo suficiente.

— Você correu mais riscos, nem todos calculados, temo eu, do que qualquer outra pessoa que conheço. Está liberada das saídas com a ambulância.

— Talvez apenas mais uma, para que eu possa me despedir de Fyodor e Kirill. Passei a gostar muito deles.

— De uma maneira fraternal.

— Claro.

— E Alexandr? Você gosta dele, não é?

Cilka não responde.

— Não tem problema, você pode sentir algo por um homem. Fico feliz em vê-la pensando em um futuro.

— Sério, como posso pensar em um futuro enquanto estou aqui?

— Você pode, e acho que está pensando. Volte para o trabalho. Mais uma vez na ambulância.

Quando Cilka vai sair da sala, Yelena a abraça.

— Fico feliz por você — ela sussurra em seu ouvido.

* * *

Cilka não precisa esperar muito para sua última corrida de ambulância. Naquela tarde, ela viaja com Fyodor e Kirill para mais um desmoronamento de mina. Desta vez, ela é cautelosa e pede ao supervisor que declare o túnel seguro antes de se aventurar. Os dois homens presos no desmoronamento não podem ser ressuscitados e são deixados para o caminhão levar seus corpos ao necrotério.

No caminho de volta ao hospital, Cilka diz a Fyodor e Kirill que não os acompanhará mais. Os outros enfermeiros vão se alternar nesse trabalho.

Kirill fica em silêncio. Fyodor é gentil e conta a Cilka como gostava de estar na companhia dela e vê-la trabalhar.

Quando chegam ao hospital, Fyodor lhe dá um abraço fraterno e um beijo na bochecha. Cilka vira-se para Kirill, esperando o mesmo. Ele se afasta dela, olhando para o chão.

— Kirill, desculpe se você não gosta da minha decisão de parar com o trabalho da ambulância. Vai dizer alguma coisa?

— Tem algo que eu possa dizer para fazer você mudar de ideia?

— Não. Não, nada, é isso que eu quero para mim.

— E quanto a mim? Já pensou no que eu poderia querer?

— Kirill, o que você está dizendo? O que minha decisão tem a ver com você?

— Obviamente nada — diz ele, com uma fúria mal escondida. — Vejo você por aí, Cilka Klein.

— Kirill, espere. Não podemos pelo menos ser amigos? Kirill, por favor, não saia assim.

Sem olhar para trás, Kirill se afasta, deixando Cilka atordoada. *O que ele estava dizendo? O que ele não disse?*

32

— Mais dois dias, é só o que consigo mantê-lo aqui — Yelena diz a Alexandr e Cilka.

— Obrigado. Vamos tirar o máximo proveito deles, não vamos, Cilka?

Cilka cora.

— Tenho que trabalhar — ela gagueja enquanto se afasta.

— Ela vai voltar — diz Yelena a Alexandr com uma piscadela. Cilka vê Kirill na mesa da enfermeira.

— Kirill, olá, que bom vê-lo de volta — diz ela ao se aproximar.

— O que estava acontecendo lá? — ele rosna para ela.

Perplexa, Cilka olha para onde Kirill está apontando, para Alexandr.

— Como assim?

Cilka imagina se Kirill sabe algo sobre quem atacou Alexandr. Nesse caso, existe um risco de ele contar à pessoa que o espancou que ele está vivo? Seu coração dispara. Não, Kirill é amigo de Cilka. Ele não faria isso.

— Você e ele, o que está acontecendo?

Ai, Cilka pensa. *É outra coisa, completamente diferente.*

— Acho que você deve ir embora agora, Kirill. Tenho trabalho a fazer.

* * *

No final do seu turno, Cilka pega a cadeira que se tornou testemunha da crescente amizade com Alexandr e se senta ao lado dele.

Ele fala em voz baixa sobre seu passado e sua prisão. Estava traduzindo para os administradores soviéticos, mas fornecendo informações aos combatentes da resistência. Quando o pegaram, foi brutalmente torturado, obrigado a sentar em um banquinho por dias até ficar completamente entorpecido, faminto e imundo. Ele não entregou nenhum nome.

Ele escrevia poesias dentro da cabeça. E, depois de passar um tempo em outro campo e trabalhar duro, quando conseguiu o cargo no prédio da administração, não pôde evitar e escreveu alguns dos poemas. Às vezes, disfarçava as verdadeiras palavras do poema dentro de parágrafos de propaganda. E, então, percebeu que também poderia fazer isso com informações. Com cada pedaço de material escrito que saía do campo sendo examinado, ele suspeita que um oficial experiente de contrainteligência tenha dado o flagra.

— E aqui estou eu. Mas meus poemas nunca foram sobre coisas felizes — diz ele a Cilka. — Agora que conheci você,

eles vão ser. E estou ansioso para compartilhá-los com você.

Cilka fita os olhos dele. Confia que também poderá compartilhar coisas com ele.

— Tem mais uma coisa que preciso contar — diz Alexandr, sério.

Cilka olha para ele. Esperando por mais.

— Eu me apaixonei por você.

Cilka levanta-se, derrubando a cadeira. Essas poucas palavras são tão grandes, tão avassaladoras.

— Cilka, por favor, fique e fale comigo.

— Desculpe, Alexandr. Eu preciso pensar. Preciso ir.

— Cilka, fique, não vá — pede Alexandr.

— Sinto muito, eu preciso. — Ela se obriga a olhá-lo novamente. — Vejo você de manhã.

— Você vai pensar no que eu disse?

Cilka faz uma pausa, olhando profundamente naqueles olhos castanho-escuros.

— Não vou pensar em nada mais.

* * *

Cilka bate na porta do quarto de Raisa, no alojamento das enfermeiras. As enfermeiras dividem quartos, e as enfermeiras prisioneiras ficam em um dormitório maior, dentro dos barracões.

— Entre — grita Raisa, sonolenta.

Cilka abre a porta, fica parada, com o corpo curvado.

— Você está bem?

— Não estou me sentindo bem, acho que não devo ir à ala.

— Quer que eu dê uma olhada em você? — pergunta Raisa, jogando as pernas para o lado da cama para se sentar na beirada.

— Não, só quero dormir.

— Volte para a cama. Vou me levantar e começar o seu turno. Tenho certeza de que os outros vão assumir e cobrir você.

— Pode dizer a Yelena Georgiyevna que acho melhor eu ficar de folga por dois ou três dias? Não quero espalhar o que tenho aos pacientes.

— Não, provavelmente você tem razão. Volte a dormir. Vou pedir para alguém trazer algo para você comer em algumas horas e dar uma olhada em você.

Cilka fecha a porta e volta para a cama.

Auschwitz-Birkenau, 1944

Os passos no bloco e a batida na porta assustam Cilka. Ela continua deitada na cama. A batida vem novamente.

— Entre — diz ela, quase em um sussurro.

A porta abre-se devagar. Um rosto entra na sala.

— Lale! O que está fazendo aqui? Você não deveria estar aqui — grita Cilka.

— Posso entrar?

— Claro, entre. Feche a porta, rápido.

Lale obedece. Recostado à porta, ele olha para Cilka, que agora está sentada na cama, olhando para ele.

— Eu precisava ver você. Tinha que agradecer pessoalmente, não através de Gita.

— É perigoso, Lale. Você não deveria estar aqui. Não se sabe quando um deles vai entrar aqui.

— Vou correr o risco. Você enfrentou um risco maior, pedindo para eu ter meu emprego de volta. Preciso fazer isso.

Cilka suspira.

— Fico feliz que tenha funcionado. Estava partindo meu coração ver Gita tão chateada, sem saber se você estava vivo, depois ouvindo onde estava trabalhando.

— Não diga mais nada, não suporto ouvir como foi para ela. Minha estupidez me causou problemas. Às vezes me pergunto se um dia vou aprender. — Ele balança a cabeça.

— Ela te ama, você sabe.

Lale levanta a cabeça novamente.

— Ela nunca disse isso para mim. Não sei dizer o que significa para mim ouvir isso.

— Ela ama.

— Cilka, se tiver algo que eu possa fazer por você, dentro dos limites da minha capacidade agora... é só me enviar uma mensagem.

— Obrigada, Lale, mas eu posso me cuidar — diz ela.

Ela vê o rosto dele se contorcer, como se estivesse tentando encontrar as palavras certas.

— O que você está fazendo, Cilka, é a única forma de resistência que você tem... Permanecer viva. Você é a pessoa mais corajosa que já conheci, espero que saiba disso.

— Não precisa dizer isso — diz ela, a vergonha percorrendo seu corpo.

— Sim, preciso. Obrigado novamente — diz ele.

Ela assente com a cabeça. Ele sai do quarto, deixando o Bloco 25.

33

— Cilka, Cilka, acorde.

Yelena sacode Cilka gentilmente, acordando-a de um sono sem sonhos; Cilka fica desorientada. Puxa os cobertores até o queixo, tentando se esconder, escapar da ameaça que sente se aproximar.

— Cilka, sou eu, Yelena. Você está bem, só preciso que acorde para que eu possa falar com você.

Cilka registra a voz. Arrasta-se para fora da sonolência.

— Yelena Georgiyevna, que horas são? O que está acontecendo?

Cilka se afasta para que Yelena possa se sentar na cama ao lado dela.

— É muito cedo, mas preciso falar com você. Algo aconteceu com Alexandr.

Cilka encara Yelena, mas não consegue dizer nenhuma palavra.

— Durante a noite alguém entrou na enfermaria e o espancou. Não sabemos como aconteceu, mas ele foi

encontrado inconsciente há pouco tempo.

— Como? Como isso pôde acontecer? — Cilka se senta, totalmente acordada. — Onde estavam as enfermeiras, a equipe? Como alguém pode ser espancado dentro de um hospital?

— Calma, eu não tenho todas as respostas. Havia apenas uma enfermeira de plantão, e foi uma noite movimentada para ela. A certa altura, ela fez uma pausa, e deve ter sido aí que alguém entrou.

— Mas nenhum paciente viu alguma coisa, disse alguma coisa?

— Ainda estamos tentando descobrir como aconteceu. A enfermeira veio e me contou, e eu quis vir e contar a você imediatamente. Ele foi levado para o centro cirúrgico para avaliação. Vista-se e venha comigo.

Com os macacões em volta das roupas e usando máscaras, Cilka e Yelena entram no centro cirúrgico e se aproximam da mesa onde está o corpo espancado de Alexandr. Raisa está ao lado dele. Ela olha para Cilka com tristeza e compaixão. Cilka toca com suavidade o ombro de Alexandr. Não suporta o quanto ele parece vulnerável. Yelena passa o braço sobre o ombro de Cilka.

— O que você pode nos dizer, Raisa? — pergunta Yelena.

— Devem ter sido duas pessoas. Eu diria que um deles segurou alguma coisa sobre a cabeça dele, talvez um travesseiro, enquanto o outro batia nele com um pedaço de madeira, a julgar pelas lascas que estou encontrando.

— E ninguém ouviu nada? E o paciente ao lado dele? — Cilka deixa escapar.

— Não consigo responder, Cilka. Teremos que fazer perguntas, mas também teremos que fazer um plano... — Ela olha para Yelena.

Yelena explica.

— Alguém obviamente o quer morto, e não há como saber se é alguém... — ela abaixa a voz — ... de dentro ou mesmo ligado às autoridades.

— Acha que é a mesma pessoa de antes?

— Se, de alguma forma, descobriram que ele ainda está vivo, isso é altamente possível.

— Mas como eles... — Ela para. Saber a resposta lhe causa preocupação.

Raisa diz:

— Agora, precisamos ajudar Alexandr. Poderemos ter mais respostas para você mais tarde.

— Quais são os ferimentos dele? — pergunta Yelena novamente.

— Ele estava inconsciente quando foi encontrado. Foi atingido na cabeça, mas acho que ficou inconsciente por ter sido sufocado. Felizmente, nada em seu corpo está quebrado. Sinto muito, Cilka — diz Raisa. — Por que você não nos deixa aqui e nós a buscaremos quando terminarmos?

— Não vou sair — diz Cilka com raiva.

— Tudo bem — concorda Raisa.

Yelena afasta Cilka um ou dois passos da mesa.

— Temos que descobrir como protegê-lo — diz Cilka.

* * *

Várias horas depois, Cilka acompanha Alexandr do centro cirúrgico até o canto mais distante da enfermaria, onde um biombo é colocado em torno de sua cama. Uma cadeira é trazida para Cilka, que insiste que será a enfermeira dele. Nem Yelena, nem Raisa discutem com ela. Trazem comida para ela, que ela mal toca. O chá quente e calmante, ela toma todo.

Yelena verifica os dois regularmente. No final do dia, Yelena diz a Cilka que falou com o homem da cama ao lado da de Alexandr e conseguiu mais informações.

O paciente ao lado de Alexandr havia sido ameaçado por dois homens quando acordou com o som de madeira batendo na carne. Recebeu um soco na boca para intimidá-lo a ficar em silêncio. Disseram que ele não deveria dizer nada para alertar a enfermeira depois que saíssem, caso Alexandr ainda não estivesse morto. O homem ficou abalado e muito angustiado. Quem quer que tenha executado o espancamento deve ter esperado na recepção do lado de fora, onde não fica ninguém à noite. Podem ter subornado ou ameaçado os guardas do lado de fora do prédio, e Yelena está relutante em questioná-los, pois pode chamar a atenção para o fato de que Alexandr ainda está vivo.

Em seguida, Yelena confirma o plano que elas começaram a discutir durante a noite.

Ela fala baixinho.

— Mudamos o arquivo dele para dizer que ele morreu e criamos outro arquivo usando o nome de um paciente falecido recentemente, alterando o registro para dizer que o paciente havia sido curado. No que diz respeito aos registros do hospital, Alexandr morreu por causa dos ferimentos resultantes de uma surra. Vamos manter o biombo ao redor da cama dele por um tempo e trabalhar o próximo passo. Dissemos ao paciente na cama ao lado que ele é contagioso e que não deve se aproximar.

— Obrigada — diz Cilka, com a mente acelerada. Aquilo serve para ganhar tempo, mas o que vem a seguir?

— É o melhor que podemos fazer por enquanto, Cilka.

Quando Yelena sai, Cilka pousa a cabeça no travesseiro ao lado da de Alexandr.

* * *

Na manhã seguinte, Cilka acorda e vê Alexandr olhando para ela. Por vários momentos, seus olhos ficam fixados, transmitindo sem palavras seus sentimentos um pelo outro. São interrompidos por Raisa.

— Vejo que vocês dois estão acordados. Agora, qual devo examinar primeiro?

Cilka sorri.

— Ele, é claro.

Raisa tenta explicar a Alexandr seus ferimentos e como ele deve ser tratado. Cilka não consegue evitar e interrompe

o tempo todo com a visão positiva de sua recuperação. Alexandr não diz nada, meneando a cabeça, parecendo agradecido, mas preocupado, ecoando os verdadeiros pensamentos de Cilka.

* * *

Os dias passam enquanto Alexandr se recupera lentamente por trás do biombo. Seus hematomas desaparecem, mas se movimentar ainda causa dor. Quando Cilka encontra Kirill entrando e saindo da área de recepção, tenta agir de maneira amigável e natural, recusando educadamente seus avanços sem deixá-lo irritado, sem querer chamar atenção desnecessária para a área cercada da ala. Suspeita que foi ele quem atacou Alexandr ou alertou o primeiro agressor para o fato de que ele ainda estava vivo, mas não tem como provar isso.

Alexandr aceita alegremente a dor de sair da cama para passear com os braços em volta de Cilka enquanto ela o ajuda. Dizem que Cilka não é a melhor enfermeira para ajudá-lo, a diferença de altura é mais um obstáculo à recuperação do que uma ajuda. Esse não é o único conselho que ignoram. Toda noite, Cilka é encontrada sentada em uma cadeira, com a cabeça no travesseiro dele, profundamente adormecida. Mal saiu do lado dele desde o espancamento.

O número de pacientes no hospital começou a diminuir, e chega a notícia à equipe de que os números no gulag estão

sendo reduzidos significativamente. Os prisioneiros estão sendo liberados mais cedo, sob as ordens do secretário-geral Khrushchev, que sucedeu a Stálin. Está estendendo a mão ao Ocidente. A mancha que o sistema dos gulagui causou sobre seu império está se tornando conhecida, e é necessário o apaziguamento para continuar as negociações com países não comunistas.

Alexandr já consegue andar por conta própria agora, e o biombo começou a chamar atenção, trazendo perguntas de pacientes e funcionários sobre a gravidade da "infecção" por trás dele. Precisam elaborar o próximo passo.

— Cilka, posso falar com você um momento? — chama Yelena certa manhã.

— Eu já volto — diz Cilka a Alexandr.

Yelena leva Cilka à farmácia.

— Nunca aconteceu nada de bom nesta sala. O que foi? — pergunta Cilka, preocupada.

— Você confia em mim? — pergunta Yelena.

— Mais do que em qualquer pessoa que já conheci além da minha família.

— Então, preciso que confie em mim agora. Alexandr receberá alta dentro de dois dias...

— Não, a senhora não pode. A senhora prometeu — grita Cilka.

— Me escute. Ele não vai para um lugar junto com a população da prisão, onde alguém notaria que ele não é o homem morto cujo nome e número atribuímos a ele.

Receberá alta e irá para um barracão próximo, onde ficará em segurança. Quero que confie que estou fazendo tudo que posso para ajudar.

Cilka fica sem palavras. É uma coisa boa. Ele vai estar em segurança. Mas, de novo, alguém está sendo tirado dela.

Ela tenta sorrir.

— A senhora é tão boa, Yelena Georgiyevna. Fico grata. *Ele* vai ficar grato.

Yelena parece perturbada, de uma maneira que Cilka nunca viu antes. Ela é sempre estoica, prática e positiva.

— Cilka, tem mais uma coisa.

O coração de Cilka aperta-se.

— Fiz uma solicitação de transferência para Sochi, onde construíram um novo hospital.

Ela estende o braço para Cilka, mas Cilka se encolhe. Não sabe o que dizer. Yelena merece estar em algum lugar melhor, depois dos anos que voluntariamente ficou naquele lugar horrível. Mas o que Cilka fará sem ela?

— Cilka?

Cilka não consegue olhar para ela. Está retendo tudo. Nunca teve escolha. Tudo simplesmente aconteceu *com* ela. Não importa quanto queira, nunca poderá se afeiçoar às pessoas. Está sozinha. Completamente sozinha no mundo.

— Cilka, você precisa acreditar que estou fazendo tudo que posso por você também.

Cilka engole os sentimentos e olha para Yelena.

— Obrigada, Yelena Georgiyevna, por tudo.

Yelena fita os olhos dela por um tempo.

Parece um adeus.

* * *

As mulheres do Barracão 29 são tudo que resta. Cilka fica pensando em Lale em Birkenau, como ele lhe disse que ela era corajosa. Como outras pessoas disseram que ela é corajosa. Como Alexandr despertou alguma coisa nela, fazendo-a querer viver, não apenas permanecer viva.

E ela sabe que há mais uma coisa corajosa que ela precisa fazer.

Cilka conversa com os homens de confiança que atuam como guardas do alojamento das enfermeiras, lhes dá comida extra, e eles concordam em acompanhá-la naquela noite – um domingo – até o barracão. Ela precisa conversar com as mulheres.

Enquanto andam pelo complexo, ela consegue ver homens olhando-a a distância, mas eles não se aproximam. Ela abre a porta do barracão, enquanto os guardas esperam do lado de fora.

— Cilka! — Margarethe corre até ela, abraçando-a. — O que você está fazendo aqui? É perigoso.

Cilka começa a tremer.

— Preciso conversar com todas vocês. — Ela olha ao redor. Existem alguns rostos novos, mas o barracão ainda é composto principalmente por mulheres que ela reconhece,

inclusive suas companheiras mais antigas, Elena e Margarethe.

— Por favor, sentem-se — diz ela.

— Está tudo bem? — pergunta Elena.

— Está — começa Cilka. — Bem, conheci alguém e sinto algo por ele, e talvez eu o perca, mas nunca soube que seria capaz de sentir algo por um homem, por tudo que passei.

As mulheres sentam-se educadamente. Elena dá a Cilka um olhar encorajador.

— Todas vocês compartilharam seu passado comigo, seus segredos, e eu fiquei com muito medo. Mas deveria ter retribuído. Devo isso a vocês.

Ela respira fundo.

— Eu estive em Auschwitz — diz Cilka. Margarethe empertiga o corpo. — O campo de concentração.

Ela engole em seco.

— Sobrevivi porque recebi uma posição privilegiada no campo, no campo das mulheres, em Birkenau. Um pouco como Antonina. Mas...

Elena acena a cabeça para ela.

— Continue, Cilka.

Ninguém mais fala.

— Eu tinha um quarto próprio no bloco. Um bloco onde colocavam as... — Ela luta para dizer as palavras — mulheres doentes e moribundas, antes de as levarem às câmaras de gás para matá-las.

As mulheres cobrem a boca com as mãos, incrédulas.

— Os oficiais da SS me colocaram lá, naquele bloco, porque ali não havia testemunhas.

Silêncio. Silêncio completo.

Cilka engole em seco de novo, sentindo-se flutuar, tonta.

Anastasia começa a chorar alto.

— Conheço esse som, Anastasia, é tão familiar para mim — diz Cilka. — Eu costumava ficar com raiva. Não sei por que me sentia assim. Mas estavam todas tão desamparadas. Eu não era capaz de chorar. Não tinha lágrimas. E por isso não consegui contar a todas vocês. Eu tinha uma cama, eu tinha comida. E elas estavam nuas e morrendo.

— Como... quanto tempo você ficou lá? — questiona Elena.

— Três anos.

Margarethe senta-se perto de Cilka e estende a mão.

— Nenhuma de nós sabe o que teríamos feito. Esses desgraçados mataram sua família?

— Eu mesma pus minha mãe no caminhão da morte.

Margarethe segura com força a mão de Cilka.

— A lembrança está deixando você em choque. Consigo saber pela sua voz. E você está tremendo. Elena, faça uma xícara de chá.

Elena levanta-se de um salto e vai para a fornalha.

O restante das mulheres permanece quieto. Mas Cilka agora está entorpecida demais para pensar em como suas palavras foram recebidas. Há uma exaustão tomando conta dela.

Um espaço de tempo muito pequeno se passou, mas as palavras eram muito grandes.

Quando Elena volta com o chá, ela diz:

— Hannah sabia, não sabia?

Cilka meneia a cabeça, assentindo.

Margarethe diz:

— Espero que não seja mais um choque, Cilka, mas muitas de nós imaginamos que você tinha estado lá. Você é judia e não falou nada sobre sua prisão.

Cilka começa a tremer novamente.

— Sério?

— Sim, e as coisas que você dizia aqui e ali.

— Ah...

— Você sobreviveu, Cilka — diz Elena. — E vai sobreviver a este lugar também.

Anastasia, a caçula, ainda está com a mão na boca, lágrimas silenciosas escorrem pelo seu rosto. Mas nenhuma delas reagiu como Cilka sempre pensara, sempre receara. Ainda estão do lado dela.

E, então, talvez ela possa contar a Alexandr também. Talvez ele a conheça e ainda a ame.

— É melhor eu ir — diz Cilka.

Elena levanta-se com ela.

— Volte novamente, se puder.

Cilka deixa Elena abraçá-la. E Margarethe. Anastasia ainda parece chocada demais.

Cilka sai noite afora, zonza e trêmula.

* * *

— Bom dia — Cilka cumprimenta a recepcionista enquanto se dirige para a enfermaria. Tem mais um dia com Alexandr. Ainda não sabe como conseguirá dizer adeus. Será que ela se atreverá a prometer que tentará encontrá-lo, daqui a muitos anos, do lado de fora? Ou deveria apenas aceitar seu destino, sua maldição?

Mas, embora o esteja perdendo, perdendo Yelena, e embora tenha perdido todos que lhe eram queridos, Alexandr acendeu um fogo dentro dela.

Não de raiva, mas de algo como esperança.

Porque nunca pensou que poderia se apaixonar, depois de tudo pelo que havia passado. *Apaixonar-me*, pensava ela, *seria um milagre*. E agora ela se apaixonou.

— Cilka — diz a recepcionista.

Cilka vira-se.

— Pediram para você ir ao bloco principal de administração, querem vê-la.

Cilka tira a mão da porta da ala.

— Agora?

Alexandr está ali dentro. Poderia dizer bom dia primeiro. Não, ela vai resolver isso e passar o dia com ele antes que receba alta. Um dia em que ela poderá lhe contar tudo e nunca mais falar sobre o assunto.

* * *

Ao entrar no bloco de administração, Cilka encontra vários outros prisioneiros, todos homens, parados e reclamando do motivo de estarem aqui. Ela se reporta à única pessoa que tem uma aparência oficial, atrás de uma mesa.

— Pediram-me para me apresentar aqui — diz ela com uma confiança que não sente.

— Nome.

— Cecilia Klein.

— Número.

— 1-B494.

A recepcionista vasculha vários envelopes em sua mesa. Pegando um, ela olha para o número impresso: 1-B494.

— Aqui há uma pequena quantia em dinheiro e uma carta em mãos para o guarda no portão na saída.

Cilka não pega o envelope oferecido.

— Pegue e dê o fora daqui — retruca a recepcionista.

— Aonde eu vou?

— Primeiro para Moscou, depois vai ser deportada para o seu país — responde a recepcionista.

Para casa?

— Eu vou para a estação de trem?

— Sim. Agora, saia daqui. Próximo.

A lâmpada no teto pisca. Outro pedaço de papel. Outro momento em que sua vida é decidida por ela.

— Mas eu não posso simplesmente sair. Há pessoas que preciso ver.

Alexandr. Ele será libertado? Liberado com o nome do morto. Como ela o encontrará?

Seu peito dói, parece que está desabando dentro dela.

Yelena, Raisa, Lyuba, Elena, Anastasia e Margarethe – se pudesse chegar até elas... Ela precisa dizer adeus!

Klavdiya Arsenyevna está ali, supervisionando a libertação dos prisioneiros. Cilka raramente a vê desde que se mudou para o alojamento das enfermeiras. Agora a guarda dá um passo à frente.

— Você tem sorte, Cilka Klein, mas não teste minha paciência. Você tem que sair imediatamente, não para qualquer outro lugar que não o portão da frente. Ou, se preferir, posso providenciar para que um guarda a arraste até o buraco.

Cilka pega o envelope, tremendo. Os homens atrás dela ficaram quietos.

— Próximo — diz a recepcionista.

* * *

Cilka entrega a carta ao guarda no portão, que mal olha para ela, indicando com a cabeça para ela seguir em frente. Ela se afasta devagar, buscando ao redor alguém para detê-la, dizendo que é tudo um erro. Os poucos guardas pelos quais passa a ignoram.

Ela caminha pela única estrada que enxerga. Sozinha.

Nuvens pesadas passam. Cilka reza para não nevar naquele dia.

A distância, ela consegue ver edifícios pequenos. Casas, pensa. Continua andando. Dolorida de tristeza, mas também zonza com a estranheza dessa liberdade. Aquela estrada diante dela. Pé ante pé. O que as pessoas fazem com isso?

Andando por uma rua com casas e algumas lojas, ela espia pelas janelas. Mulheres com crianças, limpando, brincando, cozinhando, comendo, olham para ela com desconfiança. Ela captura os cheiros deliciosos de ensopado e pão assando.

Ouve um som familiar, um trem lentamente parando atrás dos prédios, e se apressa na direção dele. Quando chega à ferrovia, o trem está sumindo. Seus olhos seguem os trilhos até uma pequena estação. Ela vai até lá. Um homem está fechando e trancando a porta de um pequeno escritório.

— Com licença?

O homem faz uma pausa com a chave na porta e olha para ela de cima a baixo.

— O que você quer?

— Para onde estava indo aquele trem?

— Moscou, última parada.

— E, entre os prisioneiros libertados, o senhor viu um homem... alto, contusões leves no rosto...

O homem interrompe-a.

— Estava cheio, havia muitos homens. Sinto muito, não seria capaz de dizer.

Cilka abre o envelope enfiado no bolso do casaco. Tira todo o dinheiro.

— Posso comprar uma passagem para o próximo trem, por favor?

Josie e Natia estão em Moscou. Se todos os trens vão para Moscou, ela poderia procurá-las e, por fim, procurar Alexandr também. Se ao menos pudesse se lembrar do nome da amiga de Maria Danilovna. Vai ser muito difícil localizá-la. Mas ela pode tentar. Vai tentar.

— Ainda não está à venda, mas tudo de que você precisa é do documento de liberação e da ordem de movimentação.

— Quando vai acontecer?

— Amanhã, volte amanhã.

Cilka está totalmente desanimada, exausta, desesperada.

— Onde vou ficar? — pergunta ela, quase chorando.

— Olha, não posso ajudar. Só precisa fazer o que todos os outros como você fizeram, encontrar um lugar quente para se esconder e voltar amanhã.

— Posso ficar aqui em qualquer lugar?

— Não, e cuidado com a polícia, eles patrulham dia e noite procurando gente como você, seus prisioneiros... Alguns deles causaram problemas, roubando lojas e casas enquanto aguardavam o trem.

Cilka fica destruída. Ela se vira e volta para a cidade.

* * *

Outros prisioneiros também foram libertados e instruídos pelo chefe da estação a voltar no dia seguinte. Vagam pelas

ruas. Têm problemas com os habitantes locais. Sangue é derramado. Cilka não oferece ajuda, escolhendo ficar à parte.

Ainda não acredita que está livre. Talvez o mundo seja apenas uma prisão mais ampla, onde ela não tem família, nem amigos, nem lar. Ela tem – teve – Alexandr. Vai passar a vida se perguntando sobre ele como faz com seu pai, com Gita, com Josie? Como encontrará Josie em uma cidade enorme como Moscou? Pelo menos sabe que Yelena estará em segurança. Mas não conseguiu se despedir dela, abraçá-la e agradecê-la a contento. Sente-se partida em duas. Passa a noite atrás de uma loja, enrodilhada diante da soleira de uma porta na tentativa de evitar o vento gelado.

* * *

Ela ouve a comoção de dezenas de pessoas gritando antes de ouvir o trem. A névoa em sua cabeça dissipa-se com a percepção de que a noite virou dia. Seu transporte para sair de Vorkuta está chegando à estação.

Ela se junta aos outros, correndo, todos seguindo para o mesmo lugar. O trem chega até ela na estação e fica esperando com a locomotiva ligada. Ela é empurrada, jogada para longe e derrubada no chão várias vezes. Levantando-se, continua avançando. A fila para as portas é longa. O chefe da estação sai de seu escritório e caminha até a fila de passageiros à espera, verificando seus papéis. Nenhum bilhete é entregue. Cilka tira o formulário do bolso e o estende para ele.

A mão do chefe da estação estende-se para pegá-lo.

— Obrigada — diz ela.

Com a mão na dela, ele sorri e acena com a cabeça em encorajamento.

— Boa sorte lá fora, pequena. Agora, entre no trem.

Cilka corre até a porta aberta do vagão. Quando está prestes a entrar no trem, toma um empurrão para o lado de dois homens que desejam embarcar à sua frente. O compartimento parece muito cheio. Ela estende os braços no meio da confusão, tentando desesperadamente segurar as portas para poder entrar. O apito do trem ressoa, avisando a todos para que subam a bordo. Há gritos e empurrões diante dela, e um homem cai do grupo, despencando nos degraus do vagão e vai ao chão, retorcido ao seu lado.

— Você está bem? — pergunta ela, soltando a porta e estendendo a mão para ele. As pessoas continuam a empurrar e a se juntar ao redor. Ele olha para cima e, por baixo do chapéu, estão os olhos castanhos e assustados de Alexandr.

— Cilka!

Ela encaixa as mãos sob os braços dele para ajudá-lo a se erguer com o coração palpitando no peito.

— Ai, Alexandr. Você está bem? — repete ela, sua voz embargada.

Ele encolhe-se de dor enquanto se levanta, o fluxo de pessoas atrás deles diminuindo. As mãos dela ainda estão sob os braços dele.

O apito do trem soa novamente. Ela olha para a porta. Uma pequena brecha se abriu na multidão.

— Vamos lá! — diz ela. A mão dela pega a dele, e os dois sobem no trem juntos, o pé de Alexandr saindo da plataforma assim que o trem começa a se mover.

No vagão, Alexandr abraça Cilka.

Ela chora abertamente no peito dele.

— Não acredito — diz ela.

Ela ergue os olhos para ver os dele, suaves e gentis.

— Eu acredito — responde ele. Acaricia os cabelos dela, enxuga as lágrimas do rosto. Nos olhos dele, ela consegue ver tudo por que ele passou e, refletidos, seus próprios olhos e tudo pelo que ela passou.

— Agora é hora de viver, Cilka — comenta ele. — Sem medo e com o milagre do amor.

— Isso é um poema? — pergunta ela, sorrindo entre as lágrimas.

— É o começo de um.

EPÍLOGO

Košice, Tchecoslováquia, janeiro de 1961

O sino toca na porta do café, e uma mulher bronzeada e glamorosa com um rosto em forma de coração, lábios pintados e grandes olhos castanhos entra.

Outra mulher, com cabelos cacheados e mostrando suas curvas em um vívido vestido floral, levanta-se de uma mesa para cumprimentá-la.

Gita caminha na direção de Cilka, e as duas, que não se viam há quase vinte anos, se abraçam. Estão muito diferentes de como eram naquela época: agora estão aquecidas e saudáveis. O momento é impressionante. Elas se afastam. Cilka olha para os cabelos castanhos lustrosos e ondulados de Gita, as bochechas rechonchudas e os olhos brilhantes.

— Gita! Você está incrível.

— Cilka, você está linda, mais linda do que nunca.

Por um longo tempo, elas simplesmente se entreolham, tocam os cabelos uma da outra, sorriem, lágrimas escorrendo.

Serão capazes de falar sobre aquele *outro lugar*? Sobre aquele tempo?

A garçonete se aproxima, e elas percebem que devem estar fazendo uma verdadeira cena – tocando-se, chorando e rindo. Sentam-se e pedem café e bolo, compartilhando mais olhares, deliciando-se em saber que essas coisas não lhes eram permitidas, de que ainda é um milagre diário terem sobrevivido. Esses prazeres simples vão ter um sabor diferente para elas do que para qualquer outra pessoa naquele café.

Primeiro, Cilka pergunta sobre Lale e fica encantada ao saber como ele e Gita se encontraram em Bratislava depois da guerra, o que passaram depois disso e como se estabeleceram na Austrália. Gita só para de sorrir quando diz que está tentando há muito tempo ter um bebê, sem sucesso. Enquanto fala isso, ela toca a barriga embaixo da mesa, por reflexo.

— Alexandr e eu também não tivemos sucesso — diz Cilka, estendendo a mão para pegar a da amiga.

E, então, pensando em retrospecto, Gita pergunta – a voz baixa, aproximando-se mais – se Cilka gostaria de falar sobre o gulag.

— Foi onde conheci Alexandr — diz Cilka — e fiz outras amigas também. — É muito difícil articular o frio incessante de congelar os ossos, o fluxo constante de prisioneiros doentes, feridos e mortos, os estupros que sofreu

novamente, a humilhação e a dor de estar presa lá, depois daquele *outro lugar*.

— Cilka — diz Gita. — Não sei como você aguentou. Depois de tudo pelo que já tínhamos passado.

Cilka deixa as lágrimas escorrerem pelo seu rosto. Nunca fala disso com ninguém. Ninguém ao seu redor, além de Alexandr, sabe que ela esteve em Auschwitz, exceto seu único vizinho judeu que ficara escondido quando menino durante toda a *Shoah*. E poucas pessoas sabem que ela esteve na Sibéria. Ela fez o possível para deixar o passado para trás, para criar uma nova vida.

— Sei que as pessoas que foram depois de nós para Birkenau simplesmente não entenderam como tinha sido ficar lá por tanto tempo. — Gita continua segurando a mão de Cilka. — Você tinha dezesseis anos e perdeu tudo.

— Enfrentamos apenas escolhas impossíveis — diz Cilka.

O sol brilha através da janela do café. O passado é visto sob uma luz cinza suave, fria e nunca tão distante quanto elas gostariam. As imagens e os cheiros ficam próximos da superfície da pele das duas. Cada momento de perda.

Mas elas viram o rosto para o sol que está entrando.

Gita traz a conversa de volta a Lale, a seus empreendimentos comerciais e à Costa Dourada da Austrália, onde passam as férias. Leva um pedaço de bolo à boca, fechando os olhos com prazer, como Alexandr ainda faz quando fuma ou come. E Cilka se junta a ela, falando do presente, da vida.

Elas erguem os copos e brindam.
— *L'Chaim.*

NOTA DE HEATHER MORRIS

— Eu te contei sobre Cilka?

— Não, Lale, não contou. Quem foi Cilka?

— Foi a pessoa mais corajosa que já conheci. Não a garota mais corajosa, mas a pessoa mais corajosa.

— E?

— Ela salvou minha vida. Era linda, uma coisinha pequenina, e salvou minha vida.

Uma breve conversa, poucas palavras que me foram ditas em um dia, enquanto conversava com Lale sobre o tempo que passou em Auschwitz-Birkenau como o tatuador de Auschwitz.

Voltei ao tema Cilka muitas vezes quando estive com Lale. Segurei a mão dele quando me explicou como ela salvara sua vida e o que fizera para estar em posição de salvar sua vida. Ele ficou perturbado ao se lembrar, e eu fiquei chocada. Era uma garota de dezesseis anos. Apenas dezesseis. Fui cativada por Cilka, incapaz de entender ou compreender a força que alguém da idade dela precisava ter para sobreviver

da maneira como ela sobrevivera. E por que ela teve que ser punida com tanta severidade por escolher viver?

Ouvi Gita em sua fita da *Shoah* falando sobre Cilka (embora ela não use seu nome), os papéis que ela teve no campo, inclusive no Bloco 25, e como Gita sentia que ela era julgada injustamente. "Eu conheci a garota que era a *älteste* do bloco. Agora ela vive em Košice. Todo mundo diz que ela era isso e aquilo, mas só tinha que fazer o que os SS mandavam. Se Mengele dissesse a ela que aquela pessoa tinha que ir ao Bloco 25, ela aceitaria, sabe? Não conseguia lidar com tanta gente. Mas as pessoas que não estiveram lá o tempo todo não entendem. E não passaram pelas etapas do que está acontecendo. Dizem que uma era ruim, uma era boa, mas isto eu lhe digo você salva um, e o outro precisa sofrer. Bloco 25, não dá para ninguém escapar." Ela também mencionou como a visitou "depois", em Košice, e Lale também me disse que a visitara.

Pesquisei testemunhos de outros sobreviventes como referência para Cilka e os encontrei. Eles me trouxeram conforto? Não, não trouxeram. Encontrei comentários conflitantes, como: "ela fez coisas ruins para sobreviver"; "me deu rações extras quando descobriu que eu vim da mesma cidade que ela"; "gritou e berrou com as mulheres condenadas"; "contrabandeou comida para mim quando tive certeza de que morreria de fome".

Estava surgindo o retrato de uma mulher muito jovem sobrevivendo em um campo de extermínio, submetendo-se

aos avanços sexuais de não um, mas dois oficiais seniores da SS. Uma história de bravura, compaixão, amizade; uma história, como a de Lale, em que a pessoa fez o que fez para sobreviver. Só que a consequência para Cilka seria ficar presa por mais dez anos no lugar mais frio do mundo – o gulag de Vorkuta, dentro do Círculo Polar Ártico, na Sibéria.

Com o lançamento de *O tatuador de Auschwitz*, uma infinidade de e-mails chegaram de todo o mundo. A maioria deles continha a mesma pergunta: "O que aconteceu com Cilka?".

Com apoio de meus editores, iniciei a pesquisa que me levaria a descobrir a história que inspirou este romance.

Contratei uma pesquisadora profissional em Moscou para descobrir detalhes da vida em Vorkuta, o gulag onde Cilka passara dez anos.

Viajei para Košice e, a convite dos proprietários do apartamento em que Cilka e o marido moraram por cinquenta anos, fiquei ali sentada, cercada pelas quatro paredes que Cilka chamava de lar. A proprietária me disse que sentiu a presença de Cilka no apartamento por muitos meses depois que se mudou.

Sentei-me e conversei com seus vizinhos, o sr. e sra. Samuely, os dois com noventa e poucos anos. Compartilharam histórias sobre terem como vizinhos Cilka e seu marido por muitas décadas.

Conheci outro vizinho que também tinha o sobrenome Klein. Contou-me que ele e Cilka eram os únicos judeus no

prédio. Conversavam baixinho em dias de celebrações judaicas significativas. Compartilhavam a esperança de um dia poderem visitar Israel. Ele disse que nenhum dos dois conseguiu ir.

No cemitério da cidade, visitei os túmulos de Cilka e de seu marido e prestei minha homenagem, coloquei flores, acendi uma vela.

Com intérpretes e um de meus editores, viajei para Sabinov, uma hora de carro ao norte de Košice, onde pudemos ver as certidões de nascimento de Cilka e de suas irmãs (consulte as "Informações adicionais" mais adiante para obter detalhes).

Tivemos acesso à certidão de casamento de seus pais e soubemos o nome de seus avós.

Em Bardejov, onde Cilka e sua família moraram e de onde foram transportados, lemos boletins da escola que Cilka e suas irmãs frequentaram. Todas eram classificadas como excelentes em comportamento e boas maneiras. Cilka brilhava em matemática e educação física.

Andei pelas ruas da cidade velha. Parada do lado de fora da casa onde Cilka viveu, passei a mão pelo que restava da muralha da cidade, que protegeu os moradores por centenas de anos contra invasores inimigos, mas foi incapaz de proteger Cilka da ordem de envio aos nazistas. Um lugar tão bonito, um lugar tranquilo – em 2019.

Fico mais tranquila em saber que Cilka passou quase cinco décadas com o homem que amava e, segundo seus

amigos e vizinhos, teve uma vida boa. A sra. Samuely contou-me como Cilka falava de seu amor pelo marido com seu círculo de amigas. Era provocada pelas outras mulheres que não compartilhavam os sentimentos de amor apaixonado pelos maridos.

Ao escrever sobre o estupro, sim, não há outra palavra para o que aconteceu em Auschwitz-Birkenau, encontrei pouquíssimo material documentado nos depoimentos filmados. O que achei foram documentos escritos mais recentemente, quando *entrevistadoras* conversaram com sobreviventes sobre esse assunto. Como elas descobriram a profunda vergonha com que essas mulheres viveram por muitas décadas, nunca tendo falado sobre o abuso, nunca tendo recebido a pergunta: "A senhora foi agredida sexualmente pelos nazistas?". A vergonha é nossa, não deles. Elas viveram por décadas com a verdade, a realidade do que aconteceu com elas, enterrada nas profundezas de seu íntimo.

Esse tempo passou. Está na hora de esses crimes de estupro e abuso sexual serem chamados pelo que realmente foram. Crimes com frequência negados por não serem "política oficial nazista". Encontrei menção específica até mesmo a Schwarzhuber como um "debochado sorridente" (de uma médica prisioneira) e li em um depoimento: "Havia rumores de que ela [Cilka] recebia o [SS *Unterscharführer* Taube]". Enquanto milhões de homens, mulheres e crianças judeus morreram, muitos viveram e carregaram o fardo de

seu sofrimento, com vergonha de mencioná-lo para sua família, para seus parceiros. Negar o que aconteceu é como ser um avestruz com a cabeça enterrada na areia. O estupro é uma arma de guerra e opressão estabelecida há muito tempo. Por que os nazistas, em um dos regimes mais cruéis que o mundo já conheceu, renegam essa forma particular de crueldade?

Tive a honra de ter Lale Sokolov na minha vida por três anos e pude ouvir sua história em primeira mão. Não tive esse luxo com Cilka. Decidida a contar sua história, a honrá-la, encontrei uma maneira de tecer os fatos e as reportagens de suas circunstâncias em Auschwitz-Birkenau e no gulag de Vorkuta com os testemunhos de outras pessoas, principalmente das mulheres.

Para navegar pelos elementos fictícios e factuais necessários para criar um romance, criei personagens com base no que descobri pela leitura e pesquisa sobre como era a vida nesses campos. Há uma mistura de personagens inspirados em figuras da vida real, em alguns casos representando mais de um indivíduo, e personagens completamente imaginados. Há mais personagens baseados em figuras da vida real nas partes de Auschwitz-Birkenau, já que soube deles por meio de Lale.

A história nunca abre seus segredos com facilidade. Por mais de quinze anos, venho descobrindo a vida incrível de pessoas comuns sob as circunstâncias mais inimagináveis. É uma jornada que me levou de uma área residencial de

Melbourne, na Austrália, às ruas de Israel. De pequenas cidades nas colinas da Eslováquia até os trilhos da ferrovia em Auschwitz-Birkenau e os prédios além. Falei com pessoas que sobreviveram àqueles dias terríveis. Falei com sua família e amigos. Vi registros meticulosos de Yad Vashem e da Shoah Foundation e documentos manuscritos em arquivos civis que datam do século XIX. Todos pintam um retrato, mas, às vezes, essa imagem não é clara e, muitas vezes, os detalhes não se alinham. O desafio de trabalhar com a história é encontrar o âmago do que foi verdadeiro e o espírito daqueles que viveram a época.

Dias antes de *A viagem de Cilka* estar pronto para ir para a gráfica, foram descobertos novos fatos sobre seus pais. Não tinham a ver com o tempo dela nos campos nazistas ou soviéticos, mas lançavam uma nova luz sobre essa mulher notável e de onde ela tinha vindo. Foi um lembrete para mim de que a história de *A viagem de Cilka* está longe de ter sido totalmente contada, mesmo com o livro que está em suas mãos.

Histórias como a de Cilka merecem ser contadas, e sinto-me feliz e honrada por trazê-la até você. Ela era apenas uma garota, que se tornou uma mulher, e era a pessoa mais corajosa que Lale Sokolov já conheceu.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Cecilia “Cilka” Klein nasceu em Sabinov, a leste da Eslováquia, em 17 de março de 1926. Filha de Fany Kleinova, nome de solteira Blechova, e de Miklaus Klein (nascido em 13 de janeiro de 1895). Cilka era a caçula de três filhas de Miklaus. Olga nasceu em 28 de dezembro de 1921, filha de Miklaus e Cecilia Blechova. Parece que Cecilia Blechova (nascida em 19 de setembro de 1897) morreu em 26 de março de 1922, e Miklaus se casou com a irmã de Cecilia, Fany Blechova (nascida em 10 de maio de 1903), em 1º de novembro de 1923. Miklaus e Fany tiveram duas filhas, Magdalena, “Magda”, nascida em 23 de agosto de 1924, e Cecilia, “Cilka”, e Fany também teria criado Olga como sua filha. Cilka recebeu o nome de sua tia, e Olga era prima dela e de Magda e sua meia-irmã ao mesmo tempo. Na narrativa ficcional, as irmãs de Cilka são representadas por uma personagem, Magda.

No registro de nascimento de cada uma das meninas, Miklaus é registrado como “sem domicílio”, o que significa que ele era húngaro. A Tchecoslováquia foi criada no final da Primeira Guerra Mundial, quando o Império Austro-

Húngaro deixou de existir, e o leste da Eslováquia ficava na fronteira dessa nação recém-criada e da Hungria. Miklaus Klein nasceu na cidade húngara de Szikszó, no norte da Hungria, cento e sessenta quilômetros ao sul de Sabinov. Miklaus nunca foi considerado cidadão tchecoslovaco durante toda a vida.

Em algum momento antes de 1931, a família se mudou para Bardejov, onde as meninas frequentavam a escola local. Sabe-se que a família viveu nas ruas Klastorska e Halusova. As ocupações de Miklaus nas certidões de nascimento das filhas e em seus registros escolares variam muito: vendedor, comerciante, empregado de uma empresa industrial e, posteriormente, motorista. Parece que trabalhou para um tal sr. Rozner em Bardejov, possivelmente como motorista.

Quando a Segunda Guerra Mundial estourou, a Alemanha anexou o que hoje é a República Tcheca. A Hungria ficou do lado dos alemães, e o que agora é a Eslováquia capitulou. Embora as pessoas naquele momento ainda se identificassem em um contexto oficial como tchecoslovacas, o país estava dividido em dois, e a Hungria também assumiu o controle de uma área no sudeste. Isso significava que o destino do povo judeu da Tchecoslováquia variava de acordo com a parte do país onde morava. Os judeus da Hungria foram enviados para os campos de concentração em 1944.

Nos depoimentos de sobreviventes, as pessoas da região geralmente chamam a si mesmos de “eslovacos”, e assim, na narrativa, usei Tchecoslováquia e Eslováquia/eslovaco,

dependendo do contexto oficial ou pessoal. Da mesma forma, as pessoas da região tcheca podiam se identificar como “tchecas”. E o eslovaco e o tcheco eram e são idiomas separados (mas muito semelhantes). Ambos são idiomas eslavos ocidentais e estão intimamente relacionados ao polonês. Ao visitar Bardejov, cidade natal de Cilka, soube que ela também entendia russo pela exposição ao dialeto ruteno.

Em 1942, os nazistas começaram a prender os judeus da região da Eslováquia. Todo o povo judeu em Bardejov recebeu ordens de ir a Poprad, onde foram colocados em vagões de gado com destino a Auschwitz. Miklaus e as três meninas entraram em Auschwitz em 23 de abril de 1942, onde Cilka recebeu o número de prisioneiro 5907. Não há registro de Fany Kleinova ter ido para Auschwitz, mas relatos de testemunhas e Lale Sokolov descrevem Cilka tendo visto sua mãe sendo colocada no caminhão da morte em Birkenau. Na realidade, provavelmente todos deixaram Bardejov na mesma data e esperaram em Poprad pelos transportes. A ocupação de Cilka no momento de sua entrada em Auschwitz é registrada como “alfaiate”, suas irmãs mais velhas são “donas de casa”. No romance, imaginei as filhas indo antes dos pais, como acontecia em muitos casos, em que cada família judia recebia ordens de enviar jovens saudáveis (com idade superior a dezesseis anos) para irem trabalhar.

Toda a família, exceto Cilka e sua mãe, está listada no Arquivo Yad Vashem como tendo sido assassinada na *Shoah*.

Não sabemos quando Miklaus, Fany, Magda e Olga foram assassinados, mas sabemos que somente Cilka sobreviveu a Auschwitz. (Em um registro, também descobri que Cilka está listada como tendo sido assassinada em Auschwitz, mas esse também é o caso de Lale Sokolov, e sabemos que ambos sobreviveram e chegaram à Tchecoslováquia.)

No final da guerra, os russos libertaram Auschwitz-Birkenau, e parece que nesse momento Cilka foi levada à prisão de Montelupich, na Cracóvia, possivelmente depois de passar por um ponto de filtragem e interrogatório do NKVD, o Comissariado do Povo para Assuntos Internos da URSS (isso foi simplificado no romance), onde recebeu uma sentença por colaboração, que entendo ser por causa de seu papel no Bloco 25, e foi indicada como tendo "dormido com o inimigo". Foi assim que Lale entendeu a situação.

De lá, ela fez a longa e árdua jornada para Vorkuta, no Círculo Polar Ártico. Alguns aspectos de seu período lá foram retirados de reportagens: ter trabalhado no hospital, ter sido protegida por uma médica, ter trabalhado com a ambulância. Alexei Kukhtikov e sua esposa são vagamente baseados em pessoas reais. Kukhtikov era diretor dos dois campos de prisão de Vorkuta, Vorkutlag e Rechlag, e durante seu tempo lá ordenou a construção de um hospital infantil (edificado por prisioneiros, claro).

Após sua libertação, creio que Cilka foi enviada para a prisão de Pankrác ou Ruzyne, as duas em Praga, antes de finalmente retornar à Tchecoslováquia. Há um registro em

sua certidão de nascimento em 1959, concedendo sua cidadania tchecoslovaca. Cilka estava de volta a sua casa, e a vida com o homem que amava, que conheceu no gulag, poderia começar. Alexandr é uma criação inteiramente ficcional, e não incluí o nome do homem que ela conheceu em Vorkuta e com quem se casou posteriormente para proteger a privacidade de seus descendentes. Cilka e seu marido fixaram residência em Košice, onde Cilka viveu até sua morte, em vinte e quatro de julho de 2004. Nunca tiveram filhos, mas aqueles que conheci e que os conheciam falaram de seu grande amor um pelo outro.

Heather Morris, outubro de 2019

POSFÁCIO DE OWEN MATHEWS

Vorkuta – o Inferno Branco

A última visão de Cilka do campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau teria sido a do letreiro de ferro instalado sobre os portões: *Arbeit Macht Frei* – o trabalho liberta. A primeira coisa que teria visto em sua chegada ao gulag soviético em Vorkuta foi outro letreiro: "O trabalho na URSS é uma questão de Honra e Glória". Outro declarava: "Com o punho de ferro, levaremos a humanidade à felicidade". O gosto pela ironia sádica era apenas uma das muitas características que a Alemanha nazista e a URSS de Stálin compartilhavam.

Os campos de concentração de Hitler e o gulag soviético existiram com o mesmo objetivo – expurgar a sociedade de seus inimigos e extrair deles o máximo de trabalho possível antes de morrerem. As únicas diferenças reais são de escala – os gulagui de Stálin eram muito maiores do que qualquer coisa que Hitler já concebeu – e de eficiência. Stálin certamente compartilhava das tendências genocidas de Hitler, condenando grupos étnicos inteiros, como chechenos, tártaros da Crimeia e os alemães do Volga, à

deportação em massa, marchas da morte e trabalho forçado. Mas enquanto os alemães usavam gás venenoso Zyklon-B, Stálin preferia deixar o frio, a fome e o excesso de trabalho fazerem seu trabalho letal.

Mais de dezoito milhões de pessoas passaram pelo sistema de gulag de 1929 até a morte de Stálin, em 1953, de acordo com os registros meticulosos do próprio Estado Soviético. Desses, estudiosos modernos estimam que cerca de seis milhões morreram na prisão ou logo após sua libertação. Como os campos de concentração de Hitler, o gulag de Stálin abrigava prisioneiros políticos e criminosos comuns – assim como pessoas condenadas por pertencerem a nações politicamente não confiáveis, como poloneses, judeus e ucranianos, ou à classe errada, fossem camponeses ricos ou aristocratas pré-revolucionários. Nos dias finais da Segunda Guerra Mundial, a população dos gulagui foi inflada por criminosos de guerra alemães e prisioneiros de guerra alemães comuns, bem como centenas de milhares de soldados soviéticos que escolheram se render em lugar de morrer e, portanto, possivelmente eram colaboradores do inimigo. Durante o tempo de Cilka em Vorkuta, seus companheiros de prisão incluíam o comandante do campo de concentração alemão Sachsenhausen, Anton Kaindl, escritores iídiches, franceses e estonianos famosos, estudiosos de arte e pintores russos, sacerdotes católicos letões e poloneses, democratas liberais da Alemanha Oriental e até um soldado britânico que lutou no British Free

Corps contra as Waffen-SS. Ao lado de intelectuais e criminosos de guerra, havia uma grande população de assassinos, estupradores e até canibais condenados.

Aleksandr Soljenítsyn, autor ganhador do prêmio Nobel, vítima mais famosa do gulag e seu cronista mais dedicado, descreveu o sistema de campos de trabalho forçado de Stálin como Arquipélago Gulag. A palavra é apropriada, pois os campos se espalhavam pelos onze fusos horários da União Soviética como uma série de ilhas interconectadas. Havia gulagui nas maiores cidades da Rússia, alguns abrigando prisioneiros de guerra alemães que serviam como escravos e outros onde engenheiros e cientistas encarcerados trabalhavam em laboratórios prisionais de alta tecnologia. Mas a maioria dos gulagui estava localizada nos cantos mais remotos do norte da Sibéria e no extremo-leste – de fato, toda a região da URSS foi efetivamente colonizada por prisioneiros do Estado que construíram dezenas de cidades, estradas, ferrovias, represas e fábricas novíssimas, onde anteriormente havia apenas desertos lúgubres.

Vorkuta era uma dessas colônias, tanto no sentido de uma colônia penal quanto de uma pequena ilha de vida em um território hostil e inexplorado. No final da década de 1920, os geólogos soviéticos identificaram vastos depósitos de carvão na taiga congelada, uma área fria demais para o crescimento de árvores, onde o rio Pechora desaguava no mar Ártico. A região ficava cerca de mil e novecentos quilômetros a norte de Moscou e cento e sessenta

quilômetros acima do Círculo Polar Ártico. A polícia secreta soviética não perdeu tempo em prender um proeminente geólogo russo, Nikolai Tikhonovich, e obrigá-lo a organizar uma expedição para abrir a primeira mina da região. No início do verão de 1931, uma equipe de vinte e três homens partiu para o norte de Ukhta de barco. Os geólogos prisioneiros iam à frente, prisioneiros comuns manejavam os remos, e um pequeno contingente de policiais secretos estava no comando. Remando e marchando através dos enxames de insetos que habitam a tundra nos meses de verão, o grupo construiu um acampamento improvisado. "O coração se comprimiu ao ver a paisagem selvagem e vazia", lembrou um dos prisioneiros-especialistas, um geógrafo chamado Kulevsky. "A torre de vigilância solitária e absurdamente grande, preta, as duas cabanas pobres, a taiga e a lama." O grupo sitiado de alguma forma sobreviveu ao primeiro inverno, quando as temperaturas caíam quarenta graus abaixo de zero e o sol não se elevava acima do horizonte durante a noite polar de quatro meses. Na primavera de 1932, eles abriram a primeira mina em Vorkuta, usando apenas picaretas, pás e carrinhos de madeira.

Os Expurgos de Stálin – as prisões em massa de membros suspeitos do Partido e de camponeses ricos politicamente não confiáveis – começaram em 1934 e forneceram a massa de trabalho escravo necessária para transformar aquele local desolado em um grande centro industrial. Em 1938, o novo

assentamento continha quinze mil prisioneiros e produziu cento e oitenta e oito mil, duzentas e seis toneladas de carvão. Vorkuta havia se tornado a sede da Vorkutlag, uma ampla rede de cento e trinta e dois campos de trabalho separados que cobriam mais de noventa mil quilômetros quadrados – uma área maior que a Irlanda. Em 1946, quando Cilka chegou, Vorkutlag abrigava sessenta e dois mil e setecentos presos e era conhecido como um dos maiores e mais difíceis campos de todo o sistema de gulag. Estima-se que dois milhões de prisioneiros passaram pelos campos de Vorkuta entre 1931 e 1957 – cerca de duzentos mil deles morreram com doenças, por excesso de trabalho e desnutrição nas condições do Ártico.

Na década de 1940, Vorkuta foi conectada ao restante da Rússia por uma ferrovia construída por prisioneiros. Até hoje ainda não há um caminho até Vorkuta. Uma cidade totalmente nova foi construída no instável *permafrost* – o solo profundo que nunca derrete, mesmo no auge do verão. A cidade contava com um instituto geológico e uma universidade, teatros, teatros de marionetes, piscinas e creches. Os guardas e administradores tinham vidas de relativo luxo. "A vida era melhor do que em qualquer outro lugar da União Soviética", lembra Andrei Cheburkin, capataz do vizinho Gulag de Norilsk, onde se minerava níquel. "Todos os chefes tinham empregadas, empregadas prisioneiras. Então, a comida era incrível. Havia todo tipo de peixe. Era possível pegá-lo nos lagos. E, se no resto da União

havia cartões de racionamento, aqui vivíamos praticamente sem cartões. Carne. Manteiga. Se quisesse champanhe, também tinha que pegar um caranguejo, de tantos que havia. Caviar... havia barris dele por lá."

Para os prisioneiros, no entanto, as condições de vida eram chocantes de tão diferentes. A maioria vivia em barracões de madeira frágeis com paredes não rebocadas, as rachaduras fechadas com lama. O espaço interno era cheio de fileiras de beliches juntas, algumas mesas e bancos rústicos, com uma única fornalha de chapa de metal. Uma foto de um barracão de mulheres mostra camas de solteiro e bordados amarrados ao redor do barracão, como nesta narrativa. Nas fotografias de Vorkuta, tiradas no inverno de 1945, os barracões ficam quase invisíveis – seus telhados íngremes iam quase até chão, de modo que a neve que se acumulava ao seu redor os isolava do amargo frio ártico.

Quase todos os sobreviventes falam do "terrível e pesado cheiro" que permeava os barracões. Poucos gulagui tinham algum tipo de lavanderia, de modo que roupas sujas e mofadas ficavam secando ao longo da borda dos beliches, das mesas e em todas as superfícies disponíveis. À noite, os presos usavam um *parasha* – um balde comunitário – no lugar de um vaso sanitário. Um prisioneiro escreveu que, de manhã, era "impossível de carregar o *parasha*, por isso era arrastado pelo chão escorregadio. O conteúdo invariavelmente derramava". O fedor deixava o ar "quase impossível de respirar".

No centro da maioria dos cem campos de Vorkutlag, havia um grande desfile a céu aberto, onde os prisioneiros ficavam em postura de sentido duas vezes ao dia para serem contados. Perto havia um refeitório, onde os prisioneiros eram alimentados com uma sopa diária feita de "repolho e batatas estragados, às vezes com pedaços de gordura de porco, às vezes com cabeças de arenque" ou "peixes ou entranhas de animais e algumas batatas". A área dos condenados era geralmente cercada por círculos duplos de arame farpado, patrulhados por pastores-alemães de guarda e cercados por torres de guarda. Além do arame farpado, ficavam os barracões dos guardas e as casas dos administradores.

Quem eram os guardiões deste mundo de pesadelo? "De onde essa tribo de lobos apareceu entre nosso próprio povo?", perguntou Alexandr Soljenítsyn. "Realmente provém de nossas raízes? De nosso próprio sangue? É nosso." Alguns dos guardas no gulag eram eles mesmos ex-prisioneiros. Muitos outros condenados serviram como *drujinniki*, os prisioneiros de confiança que recebiam comida extra por seu papel de manter a ordem no campo e informar sobre possíveis encrenqueiros.

A maioria dos guardas, no entanto, eram policiais secretos profissionais que se voluntariavam para o serviço. Os homens atraídos para servir na polícia secreta soviética, na famosa frase de seu fundador, Felix Dzerjinsky, podiam ser "santos ou patifes". O serviço obviamente atraiu mais

que seu quinhão de sádicos e psicopatas, como testemunhado pelas memórias do oficial da guarda de campo Ivan Chistyakov, que descreveu "o bando de desajustados" que eram seus subordinados bêbados. Chamava o gulag de "confusão de hospício" e muitas vezes sonhava em expor o "analfabetismo" e os "crimes" de seus colegas oficiais. Talvez o insight psicológico mais arrepiante apresentado pelo diário de Chistyakov seja o retrato de um homem com ideais humanos adequando-se a um sistema desumano. "Estou começando a ficar com essa marca no rosto, o selo de estupidez, da estreiteza, uma espécie de expressão imbecil", escreveu ele. "Meu coração está desolado, isso me assusta." E o diário também é uma crônica do egoísmo essencial frente ao sofrimento humano: Chistyakov lamentava com frequência por si mesmo, mas raramente pelos presos, a quem descrevia como preguiçosos e desonestos. "Hoje [...] eu tive que aprisionar uma mulher, houve alguma confusão sobre uma fuga, um conflito com um líder de falange, uma briga de facas", escreveu Chistyakov. "Que muitos deles vão para o inferno!" Mas eram eles, não ele, que estavam morrendo de fome e trabalhando até morrer.

"Para fazer o mal, um ser humano deve, antes de tudo, acreditar que o que está fazendo é bom", escreveu Soljenítsin. "Ou, então, que é um ato bem-considerado em conformidade com a lei natural." Chistyakov não apresentou nenhuma justificativa para o sistema de trabalho escravo

que estava ajudando a administrar – apenas uma visão da banalidade do mal. Ele e centenas de milhares de outros oficiais estavam apenas seguindo ordens, e o sistema desumano do qual fazia parte parecia a Chistyakov tão inexorável e invencível quanto as geadas esmagadoras e as moscas zumbindo no verão.

No inferno congelado de Vorkuta, esperava-se que os prisioneiros trabalhassem dez horas por dia – eram doze horas, que foram reduzidas em março de 1944, depois que muitos acidentes de trabalho começaram a prejudicar a produtividade – nas minas de carvão construídas às pressas, tão inseguras que beiravam ao desespero. Os registros do ano de 1945 listam 7.124 acidentes graves apenas nas minas de carvão de Vorkuta. Os inspetores culpavam a falta de lâmpadas para os mineiros, as falhas elétricas e a inexperiência dos trabalhadores.

A vida no campo não era menos dura para as dezenas de milhares de mulheres presas em Vorkuta. Ainda que fossem poupadas das minas, esperava-se que as prisioneiras realizassem trabalho físico pesado, transportando carvão e água, cavando valas, trabalhando em fábricas de tijolos, carregando suprimentos e construindo barracões. Os alojamentos das mulheres eram separados dos homens por cercas de arame farpado, mas os prisioneiros se misturavam livremente durante o dia. Muitos guardas do campo, e também os homens de confiança mais poderosos, mantinham as prisioneiras como servas e amantes. Eram

chamados com frequência de “maridos” e “esposas” do campo. O estupro por parte de colegas prisioneiros e guardas era predominante. Um relatório de 1955 observou que “doenças venéreas, abortos e gestações eram comuns...”. As mulheres grávidas eram enviadas para um campo especial onde o trabalho era mais leve. Uma mãe foi autorizada a ficar com seu filho por dois anos, e depois ele foi enviado para um berçário especial, e a mãe retornou ao seu campo original. Ela recebia fotografias e relatórios do desenvolvimento da criança e às vezes era autorizada a vê-lo. O mesmo relatório observou que, das mil detentas da Fábrica de Tijolos número dois de Vorkuta, duzentas sofriam com tuberculose.

Nas condições extremas dos campos, os prisioneiros formavam tribos para sobreviver. Poloneses, bálticos, ucranianos, georgianos, armênios e chechenos formaram suas brigadas nacionais, dormiam separadamente em barracões nacionais e organizavam comemorações em feriados nacionais. Adam Galinski, polonês que havia lutado com o Exército Polonês Antissoviético, escreveu: “Cuidávamos especialmente dos jovens [...] e mantínhamos seu moral o mais alto na atmosfera degradante de declínio moral que prevalecia entre os diferentes grupos nacionais presos em Vorkuta”. Os judeus, no entanto, eram um caso especial – careciam de uma língua e de uma identidade nacional comuns para formar uma tribo coerente. Muitos judeus, como o influente escritor iídiche Der Nister, que

morreu em Vorkuta em 1950, foram presos por celebrar sua identidade judaica. No entanto, foram ridicularizados e perseguidos por sua associação étnica com os bolcheviques judeus, como Genrikh Yagoda, que criara o sistema de gulag.

Durante dez meses por ano, o frio intenso era um companheiro constante e letal da vida de Vorkuta. "Tocar uma ferramenta de metal com a mão nua podia arrancar a pele", lembrou um prisioneiro. "Ir ao banheiro era extremamente perigoso. Um surto de diarreia poderia derrubar uma pessoa na neve para sempre." E os prisioneiros estavam terrivelmente mal equipados para lidar com o clima brutal. Em Vorkuta, segundo os registros do campo, apenas vinte e cinco por cento a trinta por cento dos prisioneiros usavam roupas íntimas, enquanto apenas quarenta e oito por cento usavam botas quentes. O restante precisava se contentar com calçados improvisados feitos de borracha de pneus e trapos.

O verão ártico de Vorkuta, quando o matagal florescia com epilóbio escarlate e a paisagem plana se transformava em um vasto pântano, não era muito mais suportável. Mosquitos e outros insetos apareceram em enormes nuvens cinzentas, fazendo tanto barulho que era impossível ouvir qualquer outra coisa. "Os mosquitos subiam pelas mangas, pelas pernas das calças. O rosto de uma pessoa explodia com as picadas", lembrou um preso de Vorkuta. "No local de trabalho, fomos levados para almoçar, e aconteceu que, enquanto comíamos nossa sopa, os mosquitos enchiam a

tigela como mingau de trigo sarraceno. Enchiam os olhos, o nariz e a garganta, e o sabor deles era doce como sangue."

A fuga era impensável. Alguns dos campos mais remotos não tinham arame farpado, de tão improvável que era a possibilidade de prisioneiros atravessarem centenas de quilômetros de descampado até a liberdade. Aqueles que tentaram escapar o faziam em trio – o terceiro prisioneiro acompanhando na qualidade de "vaca": comida para os outros dois, caso não encontrassem nenhum outro alimento.

Os ex-prisioneiros costumam lembrar seu tempo no gulag como uma estação em outro mundo, um com clima, regras, valores e até linguagem próprios. Como Soljenítsin escreveu, o "gulag era um universo", com fala e códigos próprios. Para os administradores do campo, as mulheres grávidas eram "livros", as mulheres com crianças eram "receitas", os homens eram "contas", os condenados libertados que permaneciam no exílio eram "lixo", os presos sob investigação eram "envelopes", uma divisão do campo era "fábrica". *Tufta* era a arte de fingir trabalhar, *mastyrka*, a arte de fingir doença para não trabalhar. Havia uma rica cultura subterrânea de imagens de tatuagem para políticos, viciados, estupradores, homossexuais, assassinos. A gíria do gulag logo se espalhou para a cultura dominante e se transformou na gíria de toda a União Soviética; o rico vocabulário da obscenidade russa desenvolveu-se principalmente nos campos.

Ocasionalmente, trabalhadores escravos atormentados do gulag insurgiam-se contra seus senhores. A Revolta de Vorkuta, de julho a agosto de 1953, foi uma das mais corajosas e mais trágicas dessas revoltas. Stálin morreu em março de 1953, e seu chefe de polícia, Lavrentiy Beria, foi preso logo depois de uma luta pelo poder no *Politburo*. Em um dia quente de julho, os prisioneiros de um campo de Vorkuta soltaram as ferramentas, exigindo que os presos tivessem acesso a um advogado do Estado e à devida justiça. Os condenados nos campos vizinhos, vendo que as rodas de mina no campo rebelde haviam parado de girar, se juntaram à greve. Os principais oficiais de alta patente de Moscou foram enviados para lá – o procurador do Estado da URSS e o comandante das tropas internas tentaram trazer os grevistas à razão. Em 26 de julho, os prisioneiros invadiram o complexo punitivo de segurança máxima, libertando setenta e sete de seus prisioneiros que eram mantidos em celas solitárias, que significavam morte no inverno. Dias depois, as autoridades finalmente agiram, reunindo tropas armadas para abrir fogo contra os rebeldes, matando sessenta e seis e ferindo cento e trinta e cinco.

A Revolta de Vorkuta não mudou nada, mas, em Moscou, o clima político estava mudando. O vencedor da luta na sucessão de Stálin, Nikita Khrushchev, ordenou a libertação de centenas de milhares de presos políticos. Mais tarde, ele denunciaria os crimes de Stálin em uma sessão secreta do Partido Comunista e decretaria o reexame da maioria dos

casos políticos do Grande Terror. No final de 1956, mais de seiscentas mil vítimas do Terror seriam oficial e postumamente perdoadas.

Os presos libertados receberam uma pequena quantia em dinheiro e ordens de viagem para outras partes da URSS. A maioria permaneceu *limitchiki* – proibida de viver a cento e um quilômetros de qualquer cidade grande, em grande parte para limitar as consequências políticas de suas histórias sobre a fé comunista ou os cidadãos urbanos. Os prisioneiros estrangeiros restantes, principalmente prisioneiros de guerra alemães, foram finalmente autorizados a voltar para casa. Alguns chegaram aos Estados Unidos e testemunharam ao Congresso os horrores do gulag.

Hoje, cerca de quarenta mil pessoas ainda vivem em Vorkuta – muitas descendentes de condenados ou guardas de campo, além de algumas mulheres resistentes e nonagenárias que ficaram presas lá e nunca foram embora. Nos tempos soviéticos, os mineiros e residentes de Vorkuta desfrutavam de um generoso subsídio estatal para suportar as duras condições. Esses subsídios desapareceram com o fim do comunismo, mas, mesmo assim, a maioria da população permaneceu. Nos anos 2000, um novo gasoduto foi construído, trazendo nova prosperidade e uma nova geração de trabalhadores. Todos os anos, em 31 de outubro, os moradores se reúnem em um monumento às vítimas – um pequeno espaço preenchido com um bolo de arame farpado enferrujado no local em que o geólogo investigativo

Georgy Chernov montou sua barraca em 1931, fundando efetivamente a cidade.

Mas o monumento mais duradouro para as vítimas dos gulags permanece nas palavras impressas dos sobreviventes – as histórias de sua vida e sua batalha não apenas para viver, mas para manter sua humanidade. Ler uma simples litania de horrores rapidamente perde a importância. Como escreveu Boris Pasternak sobre a fome provocada pelo homem que matou milhões na Ucrânia no início dos anos 1930: "Havia uma miséria desumana e inimaginável, um desastre tão terrível que começou a parecer quase abstrato, não cabia dentro dos limites da consciência". Ler sobre o gulag começa a parecer uma história de outro planeta, distante demais para a compreensão.

Mas veja como Varlam Chálamov, um escritor que sobreviveu dezessete anos em Kolimá, no Extremo Oriente Soviético, definiu o que significava se sentir totalmente humano no gulag. "Eu acreditava que uma pessoa poderia se considerar um ser humano desde que se sentisse totalmente preparado para se matar", diz um personagem em um dos *Diários de Kolimá*, de Chálamov. "Era essa consciência que trazia a vontade de viver. Eu verificava isso em mim – com frequência – e sentia que tinha forças para morrer e, portanto, permaneci vivo." Tanto ele quanto Cilka viveram. E essa foi a vitória deles.

As últimas palavras precisam ficar para Alexandr Soljenítsin. "Dedico este livro a todos que não viveram para

contar", escreveu ele no prefácio de seu estudo clássico, *Arquipélago Gulag*. "E que eles possam me perdoar por não ter visto tudo nem me lembrado de tudo, por não ter adivinhado tudo."

AGRADECIMENTOS

Lale Sokolov: você me contou sua linda história e compartilhou comigo o que sabia sobre Cilka Klein. Envio meus mais sinceros agradecimentos por me inspirar a escrever *A viagem de Cilka*.

Angela Meyer, em uma visita à cidade natal de Lale, Krompachy, você se sentou comigo no parapeito de uma janela até as primeiras horas da manhã, resolvendo os problemas do mundo e bebendo licor de ameixa Slivovitz. Você me incentivou a fazer da história de Cilka meu próximo projeto. Esteve comigo a cada passo do caminho como amiga e editora ao contar esta história. Você é simplesmente brilhante, engraçada, dedicada a contar bem as histórias. Do fundo do meu coração, obrigada.

Kate Parkin, diretora administrativa da área de livros adultos da Bonnier Books UK. Quantos autores podem chamar sua editora de amiga? Eu posso. Sua orientação, sabedoria e apoio no passado, presente e futuro estão sempre comigo. Muito obrigada.

Margaret Stead (Maverick), camarada kiwi, companheira de viagem, diretora de publicação da Zaffre, Bonnier Books

UK: *Mauruuru*. Que talento, que pessoa para ter na minha equipe.

Ruth Logan, diretora de direitos autorais da Bonnier Books UK, obrigada por fazer a história de Cilka voar para os quatro cantos do mundo, habilmente assistida pela incrível Ilaria Tarasconi.

Jennie Rothwell, editora-assistente da Zaffre, Bonnier Books UK, seu olho de águia na produção de conteúdo da mais alta qualidade torna minha escrita melhor do que seria/deveria ser. Estou em dívida com você.

Francesca Russell, diretora de publicidade da Zaffre, e Clare Kelly, gerente de publicidade da Zaffre, obrigada por me manterem ocupada e por me permitirem compartilhar as histórias que a equipe da Zaffre trabalha tanto para divulgar.

Há outras pessoas para agradecer na Zaffre por seu brilhante trabalho em arte, marketing e vendas. Nick Stearn, Stephen Dumughn e sua equipe, e Nico Poilblanc e sua equipe. Muito obrigada a todos. O Slivovitz está comigo.

Existem muitas pessoas maravilhosas na St. Martin's Press dos Estados Unidos que se envolveram no desenvolvimento da história e na impressão. Preciso mencionar algumas aqui, e os agradecimentos completos estarão na edição norte-americana.

Uma mulher que me encontrou em um elevador em Nova York com o maior sorriso e os braços prontos para um abraço, a presidente e editora da St. Martin's Press, Sally Richardson. Obrigada. Obrigada. Essas boas-vindas logo se

estenderam à extraordinária editora Jennifer Enderlin. Mais uma vez, meus sinceros agradecimentos. O restante da equipe, por favor, aceite meus agradecimentos com nomes e funções transmitidos na edição dos Estados Unidos.

Benny Agius (Thelma), gerente geral da Echo Publishing, você é um feixe de luz brilhante e borbulhante, me mantendo em pé em muitas ocasiões. Alguém com quem eu consigo rir e compartilhar preocupações quando sinto minha vida sendo puxada para várias direções. Obrigada por estar comigo.

Dakujem (obrigada), Lenka Pustay. Você se enredou no feitiço de saber tudo o que podia sobre Cilka. Seu tempo, esforço e obstinação de não deixar pedra sobre pedra na busca por essas informações têm sido uma alegria para quem as recebe.

Anna Pustay – *Dakujem.* Você me iniciou na minha jornada a Krompachy. Abraçou a história de Lale e se apegou à de Cilka da mesma maneira. Você é uma mulher linda.

As pessoas em Košice, que conheceram Cilka, me convidaram a entrar em sua casa e compartilharam histórias de Cilka e de seu marido. Sr. e sra. Samuely, Valeria Feketova, Michael Klein – *Dakujem*.

Meus amigos em Krompachy, aos quais me afeiçoei tanto, que me ajudaram de várias maneiras com *A viagem de Cilka* – a prefeita Iveta Rusinova, Darius Dubinak, Stanislav Barbus e o motorista sempre sorridente que me levou sã e salva para tantos destinos no interior do país, Peter Lacko – *Dakujem*.

Por sua excelente pesquisa para descobrir como era a vida nos gulagui, em particular em Vorkuta, a pesquisadora profissional Svetlana Chervonnaya, de Moscou – obrigada.

Muito obrigada a Owen Matthews por seu brilhante posfácio sobre o sistema soviético de gulag. Você condensou a pesquisa acadêmica em uma descrição legível e fácil de entender dessa época e desse local.

Aos amigos e familiares que me apoiaram em minha jornada enquanto escrevia *A viagem de Cilka* e que tenho a felicidade de ter na minha vida. Amo todos com ternura. Meu irmão mais velho, John Williamson, que, infelizmente, faleceu antes do lançamento do livro, mas que considero um escritor muito superior a mim e por cujo apoio para escrever fico eternamente grata. Ian Williamson, Peggi Shea, Bruce Williamson, Stuart Williamson, Kathie Fong Yoneda, Pamela Wallace, Denny Yoneda, Gloria Winstone e Ian Winstone.

Para as pessoas que mais importam para mim, que às vezes sofrem quando dedico meu tempo a pesquisar, escrever e viajar – meus filhos e netos. Ahren e Bronwyn, Jared e Rebecca, Azure-Dea e Evan, e as pessoinhas lindas para quem sou apenas a vovó – Henry, Nathan, Jack, Rachel e Ashton. Vocês são minha vida, meu mundo.

Alyth e Alan Townsend, obrigada por me fornecer acomodações na cidade da minha alma, Christchurch, Nova Zelândia, para escrever *A viagem de Cilka*. Obrigada pela longa amizade.

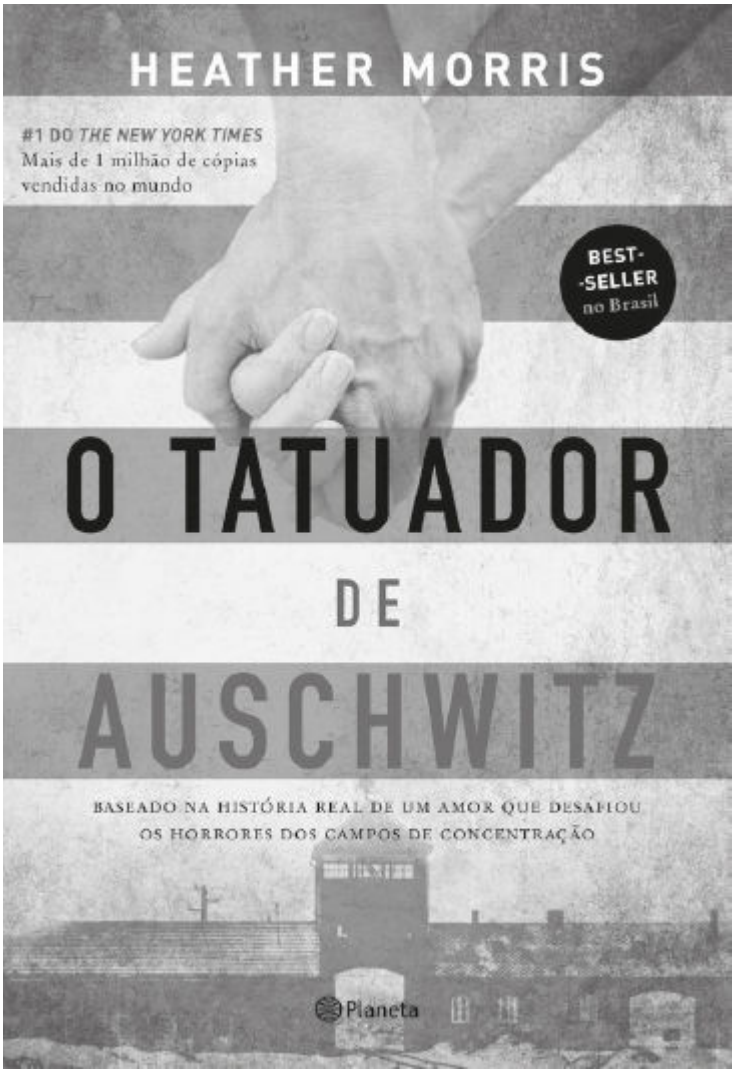
E, especialmente, ao homem da minha vida por quarenta e seis anos. Steve, parece que ultimamente você é quem mais perde nesta minha louca jornada. Obrigada por seu amor, sua compreensão, seu apoio inquestionável e, sim, eu sei, você é meu maior fã.


N
L
O
S
GULAG DE VORKUTA
MAR BRANCO
A VIAGEM
DE
CILKA
LEGENDA
1942 – 1945
(SOB O REGIME NAZISTA)
1945 – aprox. 1955
(SOB O REGIME SOVIÉTICO)
CIDADE NATAL DE CILKA
LAR DEFINITIVO DE CILKA
DEPOIS DE SAIR DE VORKUTA
FINLÂNDIA
RÚSSIA
MOSCOU
POLÔNIA
CAMPO DE CONCENTRAÇÃO
DE AUSCHWITZ-BIRKENAU
PRISÃO DE
MONTELUPICH, CRACÓVIA
STALINGRADO
UCRÂNIA
BARDEJOV
POPRAD
KROMPACHY
KOŠICE
TCHECOSLOVÁQUIA
MAR NEGRO

Você tem uma história para contar?

Descubra mais histórias emocionantes e
compartilhe as suas com Heather Morris em:
www.yourstoriesofhope.com

O best-seller que emocionou milhões de leitores





© Arquivo pessoal

Nascida na Nova Zelândia, Heather Morris é autora best-seller #1 do The New York Times. É apaixonada por histórias de sobrevivência, esperança e resiliência. Em 2003, enquanto trabalhava em um grande hospital de Melbourne, na Austrália, Heather conheceu um senhor que "talvez tivesse uma história para contar". Esse senhor era Lale Sokolov, o tatuador de Auschwitz.

O dia em que Lale e Heather se conheceram mudou de forma definitiva a vida dos dois. Dia a dia, conversa a conversa, sua amizade ficou cada vez mais forte, e dessa convivência nasceu o grande best-seller mundial *O tatuador de Auschwitz*. O livro continua um enorme sucesso de vendas, com mais de 4 milhões de

exemplares vendidos no mundo. Sequência de *O tatuador de Auschwitz*, *A viagem de Cilka* é o segundo romance da autora.


HEATHER MORRIS
#1 DO THE NEW YORK TIMES
Mais de 1 milhão de cópias vendidas no mundo
BEST-SELLER no Brasil
O TATUADOR DE AUSCHWITZ
BASEADO NA HISTÓRIA REAL DE UM AMOR QUE DESAFIOU OS HORRORES DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO
Planeta

O tatuador de Auschwitz

Morris, Heather
9788542216134
240 páginas

Compre agora e leia

Nesse romance histórico, um testemunho da coragem daqueles que ousaram enfrentar o sistema da Alemanha nazista, o leitor será conduzido pelos horrores vividos dentro dos campos de concentração da Alemanha nazista e verá que o amor não pode ser limitado por muros e cercas. Lale Sokolov e Gita Fuhrmannova, dois judeus eslovacos, se conheceram em um dos mais terríveis lugares que a humanidade já viu: o campo de concentração e extermínio de Auschwitz, durante a Segunda Guerra Mundial. No campo, Lale foi incumbido de tatuar os números de série dos prisioneiros que chegavam, trazidos pelos nazistas – literalmente marcando na pele das vítimas o que se tornaria um grande símbolo do Holocausto. Ainda que fosse acusado de compactuar com os carcereiros, Lale, no entanto, aproveitava sua posição privilegiada para ajudar outros prisioneiros, trocando joias e dinheiro por comida para mantê-los vivos e designando funções administrativas para

poupar seus companheiros do trabalho braçal do campo. Nesse ambiente, feito para destruir tudo o que nele tocasse, Lale e Gita viveram um amor proibido, permitindo-se viver mesmo sabendo que a morte era iminente.

Compre agora e leia


Da mesma autora de *O tempo entre costuras*
MARÍA DUEÑAS
AS FILHAS
DO
CAPITÃO
Três irmãs, dois mundos, uma cidade
Planeta

As Filhas do capitão

Dueñas, María

9788542214123

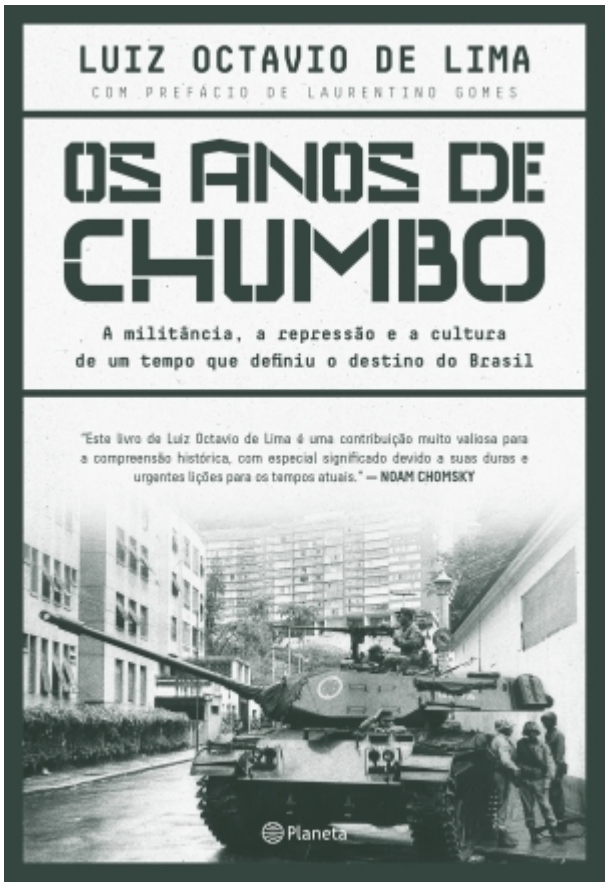
496 páginas

Compre agora e leia

O novo romance da aclamada autora de O tempo entre costuras Nova York, 1936. A pequena taberna El Capitán é inaugurada na rua Catorze, um dos redutos da colônia espanhola que então reside na cidade. A morte acidental de seu proprietário, o inconsequente Emilio Arenas, força suas indomáveis filhas a tomarem conta do negócio, enquanto nos tribunais é negociado o pagamento de uma promissora indenização. Abatidas e atormentadas pela necessidade urgente de sobrevivência, as temperamentais Victoria, Mona e Luz Arenas irão trilhar seus caminhos entre arranha-céus, compatriotas espanhóis, adversidades e amores, determinadas a transformar um sonho em realidade. De leitura ágil, envolvente e tocante, As filhas do capitão acompanha a história dessas três jovens forçadas a atravessar um oceano, se estabelecer em uma deslumbrante cidade e lutar para encontrar seu caminho. Uma homenagem às mulheres que resistem quando os

ventos sopram em sentido contrário e a todos os que viveram – e vivem – a aventura, muitas vezes épica e quase sempre incerta, da emigração.

Compre agora e leia


LUIZ OCTAVIO DE LIMA
COM PREFÁCIO DE LAURENTINO GOMES
OS ANOS DE CHUMBO
A militância, a repressão e a cultura de um tempo que definiu o destino do Brasil
"Este livro de Luiz Octavio de Lima é uma contribuição muito valiosa para a compreensão histórica, com especial significado devido a suas duras e urgentes lições para os tempos atuais." — NOAM CHOMSKY
Planeta

Os anos de chumbo

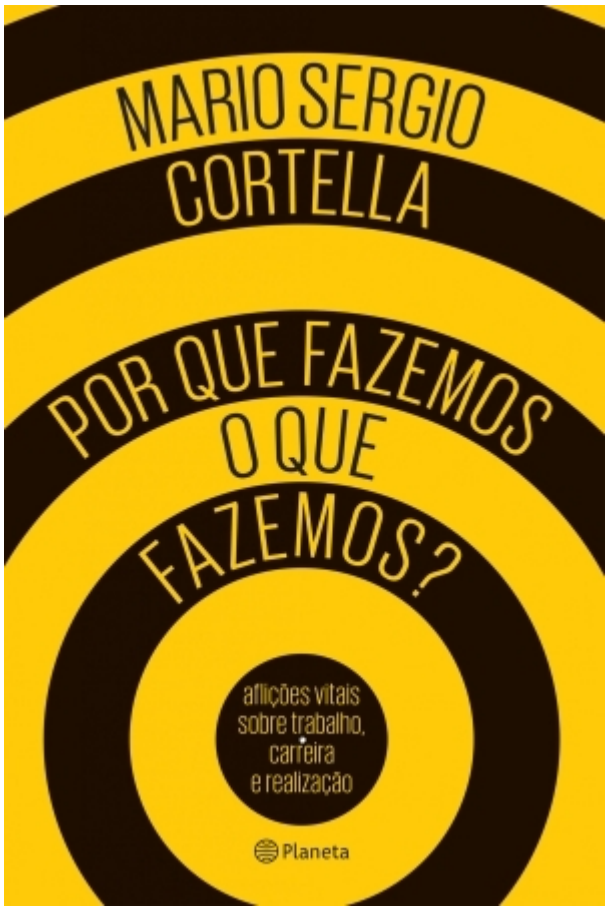
de Lima, Luiz Octavio
9786555350036
432 páginas

Compre agora e leia

Ontem, golpe. E hoje?
A partir de entrevistas com personagens da época e uma profunda revisão bibliográfica, Luis Octavio de Lima apresenta, de forma cronológica, o que levou ao golpe de 1964, como a repressão e a censura afetaram o Brasil e o cotidiano das pessoas e o que foi feito para levar o Brasil à redemocratização.
"O mergulho no Brasil na escuridão, em 1964, foi o primeiro episódio amargo na onda de terror e repressão que assolou a América Latina por uma geração, antes que corajosas lutas populares, com o Brasil assumindo um papel de liderança, pudessem vencer essa praga. Neste amplo e penetrante estudo, Luiz Octavio de Lima fornece uma análise abrangente desse período doloroso e crítico da história moderna do Brasil, tendo como objetivo "imergir o leitor no tempo retratado" em toda sua rica variedade e complexidade. É uma contribuição muito valiosa para a

compreensão histórica, com especial significado devido a suas duras e urgentes lições para os tempos atuais."
– NOAM CHOMSKY | FEVEREIRO DE 2020

Compre agora e leia


MARIO SERGIO
CORTELLA
POR QUE FAZEMOS
O QUE
FAZEMOS?
aflições vitais
sobre trabalho,
carreira
e realização
Planeta

Por que fazemos o que fazemos?

Cortella, Mario Sergio

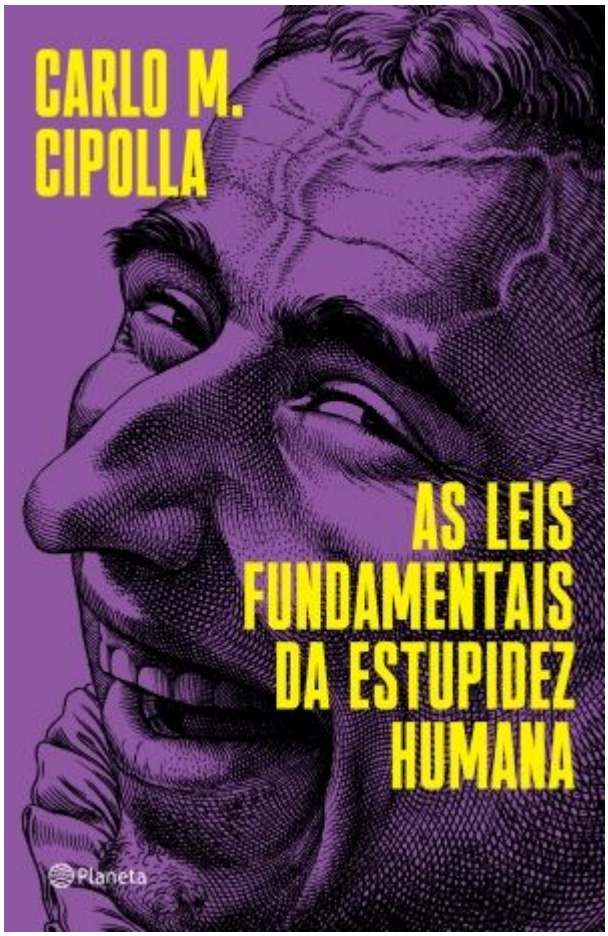
9788542208160

84 páginas

Compre agora e leia

Bateu aquela preguiça de ir para o escritório na segunda-feira? A falta de tempo virou uma constante? A rotina está tirando o prazer no dia a dia? Anda em dúvida sobre qual é o real objetivo de sua vida? O filósofo e escritor Mario Sergio Cortella desvenda em Por que fazemos o que fazemos? as principais preocupações com relação ao trabalho. Dividido em vinte capítulos, ele aborda questões como a importância de ter uma vida com propósito, a motivação em tempos difíceis, os valores e a lealdade – a si e ao seu emprego. O livro é um verdadeiro manual para todo mundo que tem uma carreira mas vive se questionando sobre o presente e o futuro. Recheado de ensinamentos como "Paciência na turbulência, sabedoria na travessia", é uma obra fundamental para quem sonha com realização profissional sem abrir mão da vida pessoal.

Compre agora e leia


CARLO M.
CIPOLLA
AS LEIS
FUNDAMENTAIS
DA ESTUPIDEZ
HUMANA
Planeta

As leis fundamentais da estupidez humana

Cipolla, Carlo M.

9786555350029
96 páginas

Compre agora e leia

As cinco leis que confirmam seu maior medo: pessoas estúpidas mandam no mundo!

Desde tempos imemoriais, uma poderosa força do mal vem prejudicando o bem-estar e a felicidade dos homens. Ela é mais poderosa que a milícia, o tráfico de drogas ou o exército. Seus efeitos são catastróficos e globais. Ela se encontra em salas de reunião e bares de todo o mundo. Essa força gigantesca é a estupidez humana.

Por isso, Carlo M. Cipolla, notável professor de história econômica da Universidade da Califórnia, diante do estado atrapalhado da humanidade, criou um modelo econômico de importância vital que nos permite detectar, conhecer e neutralizar essa ameaça: As leis fundamentais da estupidez humana.

O pequeno clássico do século XX retorna às livrarias para

ajudar todos que se desesperam com a onipresença da estupidez, até entre "intelectuais". Mais relevante do que nunca, este pequeno livro hilário vai ajudá-lo a enfrentar os eventos políticos mais desconcertantes, colegas de trabalho irracionais e o jantar de Natal com os parentes por meio das regras de ouro do primeiro e único modelo econômico da estupidez.

"Em tempos de terraplanismo galopante, este curto tratado de Carlo M. Cipolla, ao mesmo tempo hilário e seríssimo, deveria ser leitura obrigatória de toda a parcela não estúpida da população. (Enquanto ela ainda existe e não foi engolida pela ascensão dos estúpidos.)"
– ANTONIO PRATA

"Este livro afirma que: 1) sempre haverá mais pessoas estúpidas do que você pensa; 2) a proporção de pessoas estúpidas não varia de acordo com o contexto intelectual, social ou geográfico. (...) Mas não vou dar spoiler das demais leis – afinal, este é um livro bem curto."
– NASSIM NICHOLAS TALEB

Compre agora e leia